



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPTO. DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

**CONEXÕES ENTRE PROCESSOS MORFOFONOLÓGICOS E ACENTO EM
MANXINERU: A VARIEDADE YINE (FAMÍLIA ARUÁK) FALADA NO BRASIL**

FÁBIO PEREIRA COUTO

**Brasília
2016**

FÁBIO PEREIRA COUTO

**CONEXÕES ENTRE PROCESSOS MORFOFONOLÓGICOS E ACENTO EM
MANXINERU: A VARIEDADE YINE (FAMÍLIA ARUÁK) FALADA NO BRASIL**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral.

**Brasília
2016**

FÁBIO PEREIRA COUTO

**CONEXÕES ENTRE PROCESSOS MORFOFONOLÓGICOS E ACENTO EM
MANXINERU: A VARIEDADE YINE (FAMÍLIA ARUÁK) FALADA NO BRASIL**

Esta Tese foi julgada e aprovada em sua forma final pelo Curso de Doutorado em Linguística, do Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília.

Brasília, 05 de dezembro de 2016.

Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (Presidente)
Universidade de Brasília

Dr. Didier Demolin (Membro Externo)
Université Libre de Bruxelles

Dra. Josênia Antunes Vieira (Membro interno)
Universidade de Brasília

Dr. Sanderson Castro Soares de Oliveira (Membro Externo)
Universidade Estadual do Amazonas

Dra. Rozana Reigota Naves (Membro interno)
Universidade de Brasília

Dr. Andrébio Márcio Silva Martins (Membro Externo)
Universidade Federal da Grande Dourados

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C871c Couto, Fábio Pereira
Conexões entre processos morfofonológicos e
acento em Manxineru: a variedade Yine (família Aruák)
falada no Brasil / Fábio Pereira Couto; orientador
Ana Suelly Arruda Câmara Cabral . -- Brasília, 2016.
368 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) --
Universidade de Brasília, 2016.

1. Manxineru. 2. Morfofonologia. 3.
Morfofossintaxe. 4. Prosódia . 5. Fonética Acústica
Experimental. I. Cabral , Ana Suelly Arruda Câmara ,
orient. II. Título.

À minha família e ao povo Manxineru.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por permitir que eu desse mais esse passo tão importante na minha vida. Em segundo lugar, a toda a minha família, principalmente, a minha esposa, Michela, que foi a pessoa que me apoiou nos momentos que mais precisei de ajuda, mesmo sacrificando tempos preciosos de nossas vidas. À luz da minha vida, meu filho Arthur, que é a fonte principal que me faz continuar sonhando, trabalhando e buscando um mundo ainda melhor, onde ele e todos nós possamos ser ainda mais felizes.

À minha querida e eterna mestra professora orientadora Ana Suelly Arruda Camara Cabral, por ser a pessoa que mostrou os caminhos que me possibilitaram a elaboração desta Tese, sempre me motivando e acreditando no meu crescimento, tornando o caminho do conhecimento muito mais prazeroso e menos difícil. Para essa pessoa maravilhosa, inteligente e dedicada, eu deixo, de antemão, os meus sinceros agradecimentos.

Ao meu grande e sábio amigo, Lucas Artur Brasil Manchineri, colaborador indígena, que sem a sua grande ajuda jamais conseguiria fazer esta pesquisa.

Ao eterno e inesquecível professor Aryon Rodrigues, por ser a pessoa que foi a essência de pesquisador, cujo legado está espalhado por todo esse mundo.

À Professora Regina Cruz e ao professor Jorge Lucero pela valiosa ajuda nas orientações e considerações na perspectiva da fonética acústica experimental.

Ao Dr. Didier Demolin, cujas orientações sobre fonética acústica experimental foram fundamentais para a realização desta pesquisa.

A todos os colegas do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI-UnB).

Ao CNPq e à CAPES, por concederem a bolsa de estudos, sem a qual tornaria minha trajetória acadêmica mais difícil.

A todos os professores do PPGL, que contribuíram para os meus conhecimentos científicos.

Aos meus colegas de trabalho da Universidade Federal de Rondônia (Unir).

Aos ilustres e renomados membros da Banca de Doutorado da presente Tese.

Enfim, a todos, que de uma forma ou de outra, doaram um pouco do seu tempo e de seu conhecimento, contribuindo, assim, para o meu enriquecimento tanto pessoal quanto profissional.

“As línguas indígenas constituem um dos pontos para os quais os linguistas brasileiros deverão voltar a sua atenção. Tem-se aí, sem dúvida, a maior tarefa da linguística no Brasil. Por outro lado, cada nova língua que se investiga traz novas contribuições à linguística; cada nova língua é outra manifestação de como se realiza a linguagem humana. [...] Cada nova estrutura linguística que se descobre pode levar-nos a alterar conceitos antes firmados e pode abrir-nos horizontes novos para a visualização geral do fenômeno da linguagem humana.”
Rodrigues (2002, p. 5).

RESUMO

A presente tese investiga, pelo viés da fonética acústica experimental, a interface da fonologia e da morfologia da variedade Manxineru (Aruák) da língua Yine (Macho-Piro), falada no Brasil. Essa variedade conta com 1106 falantes que vivem em 12 aldeias na Terra Indígena Mamoadate, localizada no sudoeste do estado do Acre, Brasil. Nesta tese, aprofundamos o estudo fonológico apresentado em Couto (2012), fundamentamos uma hipótese sobre o padrão silábico e acentual da língua. Apresentamos também uma breve discussão crítica dos principais trabalhos sobre a língua Yine (Piro-Manxineru). Descrevemos a morfologia da língua que mostra a sua interação com a fonologia, sobretudo com os princípios e padrões prosódicos da língua. Nessa perspectiva, abordamos a estrutura dos predicados, e com o apoio de metodologias acústico-experimentais, analisamos os principais processos morfofonológicos identificados na língua. Apresentamos em seguida uma descrição da metodologia acústica-experimental utilizada e abordamos a prosódia da língua, demonstrando como os processos morfológicos se dão em consonância com princípios rítmicos que controlam a forma fonológica das palavras Manxineru. A abordagem teórica e metodológica utilizada na construção desta tese, no que diz respeito à fonologia e à prosódia, seguimos Pike (1943, 1947), Jakobson, (1952); Trubetzkoy ([1939] 1976)), Chomsky e Halle (1968), Clements e Hume (1995), Halle e Vergnaud (1987), Nespor e Vogel (1986), Bisol (2010) e Hayes (1995, 1981, 1991). As considerações morfosintáticas seguem Conseriu (1972), Dixon (1979, 1995), Comrie (1976, 1981, 1984), Aikhenvald e Dixon (1999), Rodrigues (1953, 2002) e Aikhenvald (1999a, 1999b). Para questões tipológicas, seguimos Aikhenvald (1999a, 1999b), Rodrigues (1953, 2002), Aikhenvald e Dixon (1999) e Ramirez (2001). Pierrehumbert (1980), Ladd (1996) e Nespor e Vogel (1995) para análise preliminar da entoação. Para uma primeira abordagem da prosódia, utilizamos o Modelo da Teoria Métrica de Hayes (1981, 1995), Selkirk (1978, 1984, 1995) e consideramos o que dizem Matteson (1965) e Lin (1997), sobre a fonologia e prosódia Yine. Para fonética acústica experimental consideramos principalmente Ladefoged (1975, 1995, 2001), Ladefoged e Maddieson (1996), Kent e Read (2015), Stevens (1998), Barbosa e Madureira (2015).

Palavras-chave: Manxineru. Morfofonologia. Morfosintaxe. Prosódia. Fonética Acústica experimental.

ABSTRACT

This PhD dissertation investigates, by means of experimental acoustic phonetics, the interface of phonology and morphology in the Manxineru language, a variant of Yine (Macho-Piro, Aruák family) spoken in Brazil. Manxineru has 1106 speakers living in 12 villages at Mamoadate Indigenous Land, Southwestern of Acre state, in Brazil. This dissertation deepens the study by Couto (2012) on the syllabic and rhythmic patterns of Manxineru. We present a brief discussion of the main works on the Piro variant spoken in Peru (MATTESON, 1965; HANSON, 2010), which have been the main references in our morphological and morphosyntactic analysis of Manxineru. We also present a description of aspects of Manxineru morphology and morphosyntax (syntax), as our focus is their interface with the phonology and the main prosodic patterns of that language. We made use of experimental acoustic methodologies to examine a range of morphophonological processes found in Manxineru. We also analyzed prosodic aspects of the language, demonstrating that morphophonological processes matches rhythmic principles controlling the phonological forms of words. We have based our phonological and prosodic analyzes on Pike (1943, 1947), Jakobson, (1952); Trubetzkoy ([1939] 1976)), Chomsky & Halle (1968), Clements & Hume (1995), Halle & Vergnaud (1987), Nespor & Vogel (1986), Bisol (2010) and Hayes (1995, 1981, 1991). Conseriu (1972), Dixon (1979, 1995), Comrie (1976, 1981, 1984), Aikhenvald & Dixon (1999), Rodrigues (1953, 2002) and Aikhenvald (1999a, 1999b) have been the main references for our morphosyntactic analyses of Manxineru. Other references have been Pierrehumbert (1980), Barbosa & Madureira (2015) and Ramirez (2001). As to the prosodic analysis, the metrical theoretical model by Hayes (1981, 1995), Selkirk (1978, 1984, 1995) and Ladd (1996) have been of great importance. Finally, the works by Matteson (1965) and Lin (1997) on Manxineru phonology have been very useful in the study of Yine phonology and prosody. For experimental acoustic phonetics, we considered mainly Ladefoged (1975, 1995, 2001), Ladefoged & Maddieson (1996), Kent & Read (2015), Stevens (1998) and Barbosa & Madureira (2015).

Key words: Manxineru. Morphophonology. Morphosyntax. Prosody. Experimental acoustic phonetics.

LISTA DE FIGURAS E IMAGENS

Imagem 1 — Mapa da Terra Indígena Mamoadate, Acre	41
Imagem 2 — Mapa da localização das aldeias Manxineru na T.I. Mamoadate e Seringal Guanabara	43
Figura 1 — Molde da sílaba fonética do Manxineru	102
Figura 2 — Molde da sílaba fonológica do Manxineru	105
Figura 3 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra notjiwle ‘meu pulmão’	221
Figura 4 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra tiwi ‘sal’	222
Figura 5 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra notiwne ‘meu sal’	222
Figura 6 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra tjiwle ‘pulmão dela’	223
Figura 7 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra tokanatji ‘voz’	223
Figura 08 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra tokana ‘voz dela’	224
Figura 09 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra ropana ‘fígado’	225
Figura 10 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra noropanate ‘meu fígado’	226
Figura 11 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra panatji ‘casa’	226
Figura 12 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra nopaci ‘minha casa’	227
Figura 13 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra tokanatji ‘voz’	228
Figura 14 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra hatokana ‘voz dele’	228
Figura 15 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra tokana ‘voz dela’	229
Figura 16 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra jima ‘peixe’	230
Figura 17 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra tjimane ‘peixe dela’	230
Figura 18 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra najkata ‘eu mordo’	232
Figura 19 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra rajkata ‘ele morde’	232
Figura 20 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra piwalone ‘seu coelho’	234
Figura 21 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra nijimane ‘meu peixe’	235
Figura 22 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra nimikana ‘eu vou dormir’	236
Figura 23 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra hatjiwle ‘pulmão de vocês’	238
Figura 24 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra pitjiwle ‘seu pulmão’	238
Figura 25 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra pitiwne ‘seu sal’	239

Figura 26 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra pitokana ‘sua voz’...	239
Figura 27 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra tokajonalote ‘pintado (espécie de peixe) dela’	240
Figura 28 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra piçepa ‘seu piolho’..	240
Figura 29 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra çepatji ‘piolho’.	241
Figura 30 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra hakajonalote ‘pintado dele’	242
Figura 31 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra jahatji ‘sobrancelha’.	243
Figura 32 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra jahatjine ‘sobrancelhas’.	243
Figura 33 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra rihofi ‘rosto dele’. ...	244
Figura 34 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra hihofina ‘rosto deles’.	244
Figura 35 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra çiripanatji ‘nariz’...	246
Figura 36 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra hiçiripanana ‘nariz deles.	246
Figura 37 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra reta ‘ver’, ‘ele vê’...	247
Figura 38 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra retana ‘eles veem’...	247
Figura 39 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra wikajonalote ‘nosso pintado’ (esp. de peixe).	249
Figura 40 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra kajonalo ‘pintado’.	249
Figura 41 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra reta ‘ele veem’.....	250
Figura 42 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra retana ‘eles veem’..	251
Figura 43 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra jima ‘peixe’.....	252
Figura 44 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra jimane ‘peixes’.....	252
Figura 45 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra manatji ‘corpo’.....	253
Figura 46 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra manatji ‘corpo’.....	253
Figura 47 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra rimana ‘corpo dele’.	255
Figura 48 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra nika ‘comer’.....	256
Figura 49 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra ni:ka ‘eu como’.....	256
Figura 50 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra wikajunalote ‘nosso pintado’.....	257
Figura 51 — Espectrograma e forma de onda de banda larga do enunciado pitfa hapahastata ‘você boceja’.....	258
Figura 52 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra rapananata ‘ele descansou’.....	258
Figura 53 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra kajonalo ‘pintado (esp. de peixe)’.....	259
Figura 54 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra hatokana ‘voz dele’.	260

Figura 55 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra tokanatŋi ‘voz’.....	261
Figura 56 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra nafi ‘meu coração’.	261
Figura 57 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra hafitŋi ‘coração’.....	262
Figura 58 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra panatŋi ‘casa’.....	262
Figura 59 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra nopaci ‘minha casa’.	263
Figura 60 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra hatŋiwle ‘pulmão dele’.	264
Figura 61 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra wi.tŋiw.le ‘nosso pulmão’.	264
Figura 62 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra witiwine ‘nosso sal’.	265
Figura 63 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra witokana ‘nossa voz’.	266
Figura 64 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra wikajonalote ‘nosso pintado’.....	266
Figura 65 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra nojhale ‘olho’.....	267
Figura 66 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra ihaletŋi ‘olho’.....	268
Figura 67 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra manatŋi ‘corpo’.....	269
Figura 68 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra himana ‘corpo deles’.	270
Figura 69 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra tŋiwle ‘pulmão’.....	270
Figura 70 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra nitŋiwle ‘meu pulmão’	271
Figura 71 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra notiwne ‘meu sal’...272	272
Figura 72 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra rimikana ‘ele vai dormir’.	273
Figura 73 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra rimikanana ‘eles vão dormir’.....	273
Figura 74 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra riwkana ‘eles vai acordar’.....	274
Figura 75 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra riwkanana ‘eles vão acordar’.....	274
Figura 76 — Representação de dados acústicos: pitch, intensidade, frequência e tempo.....	291
Figura 77 — Gravador digital zoom h4.....	298
Figura 78 — Amostra de espectrograma e forma de onda de procedimento de organização metodológica dos arquivos dos textgrids.....	300
Figura 79 — Exemplo de procedimento e organização metodológica dos arquivos dos textgrids	300
Figura 80 — Amostra do espectrograma, forma de onda e modelo de segmentação para obtenção da extensão das vogais.....	301
Figura 81 — Amostra de janela para a seleção de média dos dados no praat.....	302

Figura 82 — Amostra da janela da obtenção da média das vogais no praat.....	302
Figura 83 — Amostra da tela inicial do software python(x,y) 2.7.6.1	304
Figura 84 — Amostra da tela inicial da fórmula de obtenção de média dos dados físicos	304
Figura 85 — Amostra da configuração gráfica padrão	305
Figura 86 — Hierarquia prosódica de Nespor & Vogel (1986).....	324
Figura 87 — Curva do contorno entoacional do enunciado rapokatakana ‘eles chegaram’ na construção de ordem linear sujeito pronominal/verbo.	332
Figura 88 — Curva do contorno entoacional do enunciado honaha ralika hireta ‘ele quer beber água’ na construção de ordem linear objeto/foco-sujeito-verbo 1-verbo 2.....	332
Figura 89 — Curva do contorno entoacional do enunciado ralika hiretali honaha ‘ele quer beber água’ na construção de ordem linear sujeito-verbo-objeto.	333
Figura 90 — Curva do contorno entoacional do enunciado lokas fimani kafita ‘Lucas pegou/pescou o peixe’ na construção de ordem linear sujeito-objeto-verbo.....	333
Figura 91 — Curva do contorno entoacional do enunciado lokas kotfohata ‘lucas pescou’ na construção de ordem linear sujeito-verbo.....	334
Figura 92 — Curva do contorno entoacional do enunciado fima nihikafita lokas ‘o peixe, Lucas pescou’, na construção de ordem linear objeto-verbo-sujeito.....	334
Figura 93 — Curva do contorno entoacional do enunciado hiralika hireta ‘ele não quer beber’, na construção de ordem linear negação-sujeito pronominal-verbo1-verbo 2.....	336
Figura 94 — Curva do contorno entoacional do enunciado hiralika hiretali honaha ‘ele não quer beber água’, na construção de ordem linear negação-sujeito pronominal-verbo 1-sujeito pronominal/verbo 2-objeto.....	336
Figura 95 — Curva do contorno entoacional do enunciado lokas hihiripiratali honaha ‘Lucas não quer beber água’, na construção de ordem linear sujeito-negação/verbo 1-sujeito pronominal/verbo 2-objeto.	337
Figura 96 — Curva do contorno entoacional do enunciado ralika hiretahe? ‘ele quer beber?’, na construção de ordem linear sujeito pronominal-verbo 1-verbo 2-interrogação.....	338
Figura 97 — Curva do contorno entoacional do enunciado lokas lahakafita fima? ‘Lucas pescou/pegou o peixe’, na construção de ordem linear sujeito-verbo-objeto.....	339
Figura 98 — Curva do contorno entoacional do enunciado lokas lahehonaha halika hireta? ‘Lucas quer beber água?’, na construção de ordem linear sujeito-objeto-verbo1-verbo 2.	339
Figura 99 — Curva do contorno entoacional do enunciado lokas hikafita fima? ‘Lucas não pescou/pegou o peixe?’, na construção de ordem linear sujeito-verbo-objeto.....	340
Figura 100 — Curva do contorno entoacional do enunciado fima hikafita lokas? ‘o peixe, o Lucas não pescou?’, na construção de ordem linear objeto/foco-verbo-sujeito.	341
Figura 101 — Curva do contorno entoacional do enunciado hiralika hireta? ‘ele não quer beber?’, na construção de ordem linear objeto-verbo-sujeito.....	341
Figura 102 — Curva do contorno entoacional do enunciado rimakahe? ‘ele dormiu?’, na construção de ordem linear sujeito pronominal/verbo/interrogação.	342
Figura 103 — Curva do contorno entoacional do enunciado lokas honaha pirana ‘Lucas, beba água’, na construção de ordem linear sujeito/vocativo-objeto-verbo.....	343
Figura 104 — Curva do contorno entoacional do enunciado lokas fima kafitana ‘Lucas, pesque o peixe’, na construção de ordem linear sujeito/vocativo-objeto-verbo.	343

Figura 105 — Curva do contorno entoacional do enunciado <i>jima pikaŋitana lukas</i> ‘pesque o peixe, Lucas’, na construção de ordem linear objeto-sujeito pronominal-verbo-sujeito/vocativo.	344
Figura 106 — Curva do contorno entoacional do enunciado <i>lukas hipirana honaha</i> ‘lucas, não beba água’, na construção de ordem linear sujeito/foco-negação-verbo-objeto.....	345
Imagem 03 — Foto minha com o colaborador indígena Manxineru, Lucas Artur Brasil Manchineri, no estúdio da Faculdade de Comunicação da UnB, fazendo gravação para construção de dados para análise acústica experimental.	364
Imagem 04 — Foto dos participantes da oficina pedagógica realizada pelos próprios professores Manxineru na T.I. Mamoadate.	365
Imagem 05 — Foto dos participantes da oficina pedagógica realizada pelos próprios professores Manxineru na T.I. Mamoadate.	366
Imagem 06 — Foto panorâmica da aldeia Extrema, na T.I. Mamoadate, onde vivem o colaborador Artur Brasil Manchineri e sua família.	367
Imagem 07 — Foto do colaborador Artur Brasil Manxineri (falante nativo da língua Yine, variedade Manxineru, falada no Brasil) com sua família: filhas e esposa.	368

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1— Dados demográficos da T.I. Mamoadate	42
Gráfico 2 — Intensidade normalizada ['hõftʃi] e [hõf' tʃĩne].....	307
Gráfico 3 — Pitch normalizado ['hõftʃi] e [hõf' tʃĩne].....	308
Gráfico 4 — Duração normalizada ['hõftʃi] e [hõf' tʃĩne]	308
Gráfico 5 — Intensidade normalizada ['rihĩ] e [hĩĩ' hĩĩne].....	309
Gráfico 6 — Pitch normalizada ['rihĩ] e [,hĩĩ' hĩĩne]	309
Gráfico 7 — Duração normalizada ['rihĩ] e [,hĩĩ' hĩĩne].....	310
Gráfico 8 — Intensidade normalizada ['t°lolo]; [t°lo' lōne]	311
e [n°t° lolo' tēne]	311
Gráfico 9 — Pitch normalizado nas palavras ['t°lolo]; [t°lo' lōne].....	311
e [n°t° lolo' tēne].....	311
Gráfico 10 — Duração normalizada ['t°lolo]; [t°lo' lōne].....	312
e [n°t° lolo' tēne]	312
Gráfico 11 — Intensidade normalizada ['koko]; [ko, koj' maru]	313
e [ko, kōnej' maru].....	313
Gráfico 12 — Pitch normalizado ['koko]; [ko, koj' maru]	314
e [ko, kōnej' maru].....	314
Gráfico 13 — Duração normalizada ['koko]; [ko, koj' maru].....	314
e [ko, kōnej' maru].....	314
‘muitos sapos de chifre’	315
Gráfico 14 — Intensidade normalizada [t°'lahwə]; [,t°la' hwēne].....	315
e [t°la, hwēne' kakə].....	315
Gráfico 15 — Pitch normalizado [t°'lahwə]; [,t°la' hwēne].....	316
e [t°la, hwēne' kakə].....	316
Gráfico 16 — Duração normalizada [t°'lahwə]; [,t°la' hwēne].....	316
e [t°la, hwēne' kakə].....	316
Gráfico 17 — Intensidade normalizada ['tʃpatə] e [hĩ, tʃpa' tēne]	317
Gráfico 18 — Pitch normalizado ['tʃpatə] e [hĩ, tʃpa' tēne]	318
Gráfico 19 — Duração normalizada ['tʃpatə] e [,hĩtʃpa' tēne].....	318
Gráfico 20 — Intensidade normalizada ['nikə]; [ni: 'kajə]	319
e [ni: ,kʃe' wakə].....	319
Gráfico 21 — Pitch normalizado ['nikə]; [ni: 'kajə] e [ni: ,kʃe' wakə].....	320
Gráfico 22 — Duração normalizada ['nikə]; [ni: 'kajə] e [ni: ,kʃe' wakə]	320
Gráfico 23 — Intensidade normalizada [ra' sikə] e [ra, sikēm' kakə]	321
Gráfico 24 — Pitch normalizado [ra' sikə] e [ra, sikēm' kakə]	322

Gráfico 25 — Duração normalizada [ra'sikə] e [ra,sikẽm'kakə]	322
---	------------

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Família Aruák	38
Quadro 2 — Família Aruák no território brasileiro.....	39
Quadro 3 — Palavras de línguas brasileiras que indicam a unidade da família Aruák.....	40
Quadro 4 — Inventário fonológico comparativo das consoantes do Yine (Piro-Panxineru)	60
Quadro 5 — Resumo da variação observada na superfície de realização de /h/, segundo Hanson (2010, p. 22).....	74
Quadro 6 — Média da variação de F1, F2 e da duração dos segmentos vocálicos do Manxineru	87
Quadro 7 — Prefixos pessoais do Manxineru.....	144
Quadro 8 — Prefixos pessoais do Paresi (Aruák)	144
Quadro 9 — Prefixos pessoais do Iñapari (Aruák).....	145
Quadro 10 — Sufixos pessoais do Manxineru	147
Quadro 11 — Estado de existência dos referentes desses nomes: retrospectivo, atual e prospectivo	152
Quadro 12 — Divisão dos nomes Manxineru em duas classes gramaticais: os masculinos e os femininos	155
Quadro 13 — Os numerais básicos do Manxineru	168
Quadro 14 — Pronomes pessoais independentes do Manxineru	174
Quadro 15 — Demonstrativos.....	176
Quadro 16 — Demonstrativos locativos do Manxineru.....	177
Quadro 17 — Pronomes possessivos independentes do Manxineru	178
Quadro 18 — Palavras interrogativas em Manxineru.....	182
Quadro 19 — Propriedades semânticas dos adjetivos do Manxineru.....	184
Quadro 20 — Algumas características morfológicas interna e distintivas entre verbo, nome, adjetivo e advérbio	189
Quadro 21— Projeção estrutural morfológica do verbo	190
Quadro 22 — Temas verbais com marcadores de classe.....	193
Quadro 23 — Corpus que forma os dados analisados	296
Quadro 24 — Phonological constituents and phonological rule types	324
Quadro 25 — Síntese das características prosódicas e de notação fonológica da curva de F ₀ das modalidades do Manxineru, considerando a (ϕ) e/ou a (I).....	346

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Inventário fonético das consoantes do Manxineru	59
Tabela 2 — Inventário fonológico das consoantes do Manxineru	60
Tabela 3 — Inventário fonético das vogais do Manxineru	85
Tabela 4 — Inventário fonológico das vogais do Manxineru	85
Tabela 5 — Inventário fonológico comparativo das vogais do complexo Yine-Piro-Manxineru	86
Tabela 6 — Comparando a ortografia Yine: Piro-Manxineru	363

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Aber.	–	aberto
ABS	–	absoluto
AC	–	alongamento compensatório
AFIR	–	afirmativo
APPL	–	applicative (aplicativo)
AT	–	atual
ATN	–	atenuativo
br.	–	breve
BVD	–	boundary vowel deletion (apagamento da vogal em fronteira)
C	–	consoante
CL	–	compensatory lengthening (AC – alongamento compensatório)
COM	–	comitativo
CMPV	–	completive (completiva)
C.V	–	classe verbal
DECL	–	declarative (declarativa)
DEM	–	demonstrativo
ENF	–	enfático
EXCL	–	exclamative (exclamativa)
Fech	–	fechado
F	–	feminino
FRUST	–	frustrativo
Ft	–	metrical foot (pé métrico)
GEN	–	genérico (não relacional)
Hz	–	Hertz
I	–	intransitivo
IMP. DECL	–	impersonal Declarative (declarativa impessoal)
IMPERF	–	imperfeito
IMPER	–	imperativo
intrans	–	intransitive (intransitivo)
INT	–	intensificador (quantitativo)
INTE	–	interrogação
IPA	–	International Phonetic Alphabet (alfabeto fonético internacional)
LOC	–	locative (locativo)

lo.	–	longo(a)
M	–	masculino
MD.POSS	–	mediador de posse
NEG	–	negativa/negação
NOM	–	nominativo
O	–	objeto
P	–	predicate (predicado)
PERF	–	perfectivo
PL	–	plural
PASS	–	passive (passiva)
POSS	–	possessivo
PL	–	plural
PREP	–	preposição
PROG	–	progressivo
PROSP	–	prospectivo
PWd	–	prosodic word (palavra prosódica)
QUANT	–	quantificador
REC	–	recíproco
REFL	–	reflexivo
RETR	–	retrospectivo
S	–	singular
S _a	–	sujeito ativo
S _o	–	sujeito estativo
So.	–	sonoro
SUJ	–	sujeito
Su.	–	surdo
T	–	transitivo
T.I.	–	Terra Indígena
V	–	vogal
V.A	–	vogal de apoio

PRINCIPAIS SÍMBOLOS UTILIZADOS

Σ	–	pé métrico/zeugma
σ	–	sílaba
ϕ	–	frase fonológica
ω	–	palavra fonológica
C	–	grupo clítico/consoante
I	–	frase entoacional
μ	–	mora
M	–	média
dB	–	decibéis
ms	–	metro por segundo
N	–	quantidade de dados
U	–	enunciado fonológico
x_t	–	entrada de dados
x	–	variável/cabeça do constituinte
~	–	alternância
*	–	agramatical/proibição/acento principal
F ₀	–	frequência fundamental
#	–	silêncio
()	–	separação silábica
?	–	desconhecido/interrogação
/ /	–	transcrição fonológica
[]	–	transcrição fonética
{ }	–	transcrição morfológica
.	–	fronteira silábica/sílaba fraca
+	–	fronteira de morfema/adição
=	–	fronteira sintática
:	–	oposição
:	–	alongamento
†	–	língua morta
1	–	primeira pessoa
2	–	segunda pessoa
3	–	terceira pessoa

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	VI
RESUMO	VIII
ABSTRACT	IX
LISTA DE FIGURAS E IMAGENS.....	X
LISTA DE GRÁFICOS	XV
LISTA DE TABELAS.....	XVIII
PRINCIPAIS SÍMBOLOS UTILIZADOS	XXI
SUMÁRIO	XXII
INTRODUÇÃO	27
CAPÍTULO I.....	30
1. APRESENTAÇÃO DA PESQUISA	30
1.1 O OBJETIVO GERAL.....	30
1.2 OS OBJETIVOS ESPECÍFICOS	30
1.3 JUSTIFICATIVA	31
1.4 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO	32
1.5 METODOLOGIA DE TRABALHO DE CAMPO	32
1.6 O MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO	34
CAPÍTULO II.....	35
2. OS MANXINERU: HISTÓRIA, COSTUMES, LOCALIZAÇÃO, POPULAÇÃO E LÍNGUA	35
2.1 BREVE HISTÓRIA DO POVO MANXINERU: DETALHANDO RELATOS DO POVO MANXINERU	35
2.2 A FAMÍLIA ARUÁK E A LÍNGUA MANXINERU	37
2.3 A ATUAL LOCALIZAÇÃO E POPULAÇÃO DOS MANXINERU	40
2.4 AS PRINCIPAIS ATIVIDADES PRODUTIVAS	44
CAPÍTULO III.....	46
3. PANORAMA DA DESCRIÇÃO LINGÜÍSTICA DE PESQUISAS ANTERIORES SOBRE O COMPLEXO YINE (PIRO-MANXINERU)	46
3.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO	57
CAPÍTULO IV	58
4. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DA FONOLOGIA SEGMENTAL DO MANXINERU	58
4.1 OS FONEMAS DA LÍNGUA MANXINERU	58
4.1.1 Inventário fonético e fonológico das consoantes	59
4.1.2 Demonstrando contrastes consonantais	61
4.1.2.1 Contrastes entre fonemas consonantais.....	61
4.1.2.2 Particularidades alofônicas das consoantes	66
4.1.2.2.1 O fonema /p/	66
4.1.2.2.2 O fonema /t/	67
4.1.2.2.3 O fonema /k/	67
4.1.2.2.4 O fonema /ts/	69
4.1.2.2.5 O fonema /tʃ/	69

4.1.2.2.6 O fonema /s/.....	70
Em posição de coda de sílaba inicial:	70
4.1.2.2.7 O fonema /ʃ/.....	71
4.1.2.2.8 O fonema /ç/.....	72
4.1.2.2.9 O fonema /ç/.....	72
4.1.2.2.10 O fonema /h/	73
4.1.2.2.11 O fonema /r/	77
4.1.2.2.12 O fonema /m/	79
4.1.2.2.13 O fonema /n/	80
4.1.2.2.14 O fonema /w/	81
4.1.2.2.15 O fonema /j/	82
4.1.2.2.16 O fonema /l/	83
4.1.3 Inventário fonético e fonológico das vogais.....	84
4.1.4 Demonstrando contrastes vocálicos.....	86
4.1.4.1 Contrastes entre fonemas vocálicos	86
4.1.4.2 Particularidades alofônicas das vogais	88
4.1.4.2.1 O fonema /i/	88
4.1.4.2.2 O fonema /e/.....	89
4.1.4.2.3 O fonema /a/.....	89
4.1.4.2.4 O fonema /o/	90
4.1.4.2.5 O fonema /i/	91
4.1.4.2.6 Realizações bimoraicas.....	92
4.1.4.2.7 Realizações reduzidas das vogais	92
4.1.4.2.8 Ensurdecimento vocálico em sílaba átona final.....	93
4.1.5 Adaptações fonológicas pelo Manxineru de empréstimos do Português: breves considerações.....	93
4.1.5.1 Empréstimos.....	93
4.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO	95
5. PADRÃO SILÁBICO E ACENTUAL DO MANXINERU.....	97
5.1 O MOLDE SILÁBICO	99
5.1.1 A sílaba fonética	99
5.1.2 A sílaba fonológica.....	103
5.1.3 Restrições Fonotáticas	105
5.2 A ESTRUTURA INTERNA DA SÍLABA	109
5.3 A SÍLABA E A FORMAÇÃO DO PÉ MÉTRICO (Σ): A ESTRUTURA SILÁBICA E MORÁICA DO MANXINERU.....	111
5.4 RESSILABIFICAÇÃO, DESLOCAMENTO DE ACENTO E READEQUAÇÃO RÍTMICA EM MANXINERU 125	
5.5 A TEORIA DE HAYES (1981, 1995) E O PROBLEMA PARA A ANÁLISE DA ESTRUTURA MÉTRICA DO MANXINERU.....	133
5.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO	136
CAPÍTULO VI.....	137
6. ASPECTOS MORFOLÓGICOS DAS PALAVRAS DO MANXINERU.....	137
6.1 AS PALAVRAS EM MANXINERU: PRIMEIROS EXEMPLOS	137
6.1.1 Exemplos de partículas que sempre ocorrem sem morfologia:	137
6.1.2 Exemplos de lexemas que na sintaxe podem ocorrer com morfologia.....	138
6.2 AS CLASSES DE PALAVRAS.....	141
6.2.1 A CLASSE DOS NOMES	142
6.2.1.1 Morfologia nominal	143
6.2.1.1.1 Os prefixos e sufixos pessoais	143
6.2.1.1.2 Os sufixos pronominais.....	147
6.2.1.2 Substantivos	148

6.2.1.2.1 Aspecto existencial no substantivo	152
6.2.1.2.1.1 Aspecto atual {-∅}	152
6.2.1.2.1.2 Aspecto retrospectivo {-ni}:	153
6.2.1.2.1.3 Aspecto prospectivo {-tʃi}:	154
6.2.1.2.2 Gênero no substantivo.....	154
6.2.1.2.3 Gênero e a concordância no substantivo.....	159
6.2.1.3 Classificadores	163
6.2.1.3.1 Classificador {-ha} ‘líquido’	163
6.2.1.3.2 Classificador {-çi} ‘semente’ e/ou ‘caroço’	164
6.2.1.3.3 Classificador {-sire} ‘foliforme’	164
6.2.1.3.4 Classificador {-tsa} ‘linear’	164
6.2.1.3.5 Classificador {-pi} ‘oco’ e/ou ‘côncavo’	165
6.2.1.4 O prefixo privativo {ma-}	165
6.2.1.5 Os clíticos locativos {ja e tʃini}	166
6.2.2 A composição nominal	167
6.2.3 Quantificadores: o número	168
6.2.3.1 O número e a concordância	169
6.2.4 Os quantificadores coletivos.....	170
6.2.4.1 Os quantificadores coletivos e a concordância.....	172
6.2.5 Pronomes pessoais independentes	173
Exemplos:	174
6.2.6 Pronomes demonstrativos: função dêitica	175
6.2.7 Demonstrativos: função locativa	177
6.2.8 Pronomes possessivos independentes.....	178
6.2.9 Palavras temporais.....	179
6.2.10 Palavras interrogativas.....	182
6.2.11 Adjetivos.....	183
6.2.11.1 Adjetivo e a concordância	187
6.2.12 Interjeições	187
6.2.13 Conjunções	188
6.2.14 Verbos.....	189
6.2.14.1 Nominalização.....	191
6.2.14.2 Sufixo de Classe Verbal (C.V).....	192
6.2.14.3 O causativo {-ka}	193
6.3 IDEOFONES	195
6.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO	195
CAPÍTULO VII.....	197
7. PREDICADOS EM MANXINERU.....	197
7.1 PREDICADOS NOMINAIS.....	197
7.1.1 Predicados possessivos	198
7.1.2 Predicados essivos	198
7.1.3 predicados estativos.....	199
7.2 PREDICADOS VERBAIS	200
7.2.1 Voz passiva, voz reflexiva e a redução de valência.....	201
7.3 NOTAS SOBRE ALINHAMENTO EM MANXINERU	204
7.3.1 O alinhamento Ativo-Estativo do Manxineru.....	204
7.4 A NOÇÃO DE TEMPO, ASPECTO, MODO E MODALIDADE	207
7.4.1 A lexicalização do tempo ou o tempo lexical.....	207
7.4.2 Aspecto	209
7.4.2.1 Aspecto perfectivo	211
7.4.2.2 Aspecto Imperfectivo	211
7.4.2.3 Aspecto progressivo	212
7.4.2.4 O imperfectivo e a noção de continuidade	213

7.4.3 Modo e Modalidade.....	214
7.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO	219
CAPÍTULO VIII	220
8. ASPECTOS MORFO-FONOLÓGICOS DOS NOMES EM MANXINERU.....	220
8.1 COMBINAÇÃO DE PREFIXOS PESSOAIS COM NOMES	220
8.1.1 Apagamento vocálico	221
8.1.2 Apagamento e palatização consonantal	227
8.2 MUDANÇA DE QUALIDADE VOCÁLICA	231
8.2.1 A ocorrência aspirada da vogal e o processo de aspiração da consoante	236
8.2.2 Redução vocálica.....	241
8.2.3 Alongamento vocálico.....	248
8.2.4 Enfraquecimento e ensurdecimento vocálico	257
8.3 APAGAMENTO VOCÁLICO E A FORMAÇÃO DE CLUSTERS	259
8.4 SILABIFICAÇÃO/VOCALIZAÇÃO DAS APROXIMANTES /w/ E /j/.....	263
8.5 ALONGAMENTO COMPENSATÓRIO E SILABIFICAÇÃO DA CONSOANTE NASAL /n/.....	268
8.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO	275
CAPÍTULO IX	276
9. ASPECTOS PROSÓDICOS DO YINE (PIRO-MANXINERU)	276
9.1 ACENTO EM MANXINERU: REVISITANDO OS TRABALHOS ANTERIORES	276
9.1.1 Matteson (1954, 1965).....	276
9.1.2 Lin (1997).....	277
9.1.3 Sebastián (2006)	277
9.1.4 Hanson (2010)	278
9.1.5 Couto (2012).....	279
9.2 PAPEL DA ENTAONAÇÃO E DO RITMO EM YINE (PIRO-MANXINERU).....	280
9.2.1 Matteson (1965).....	280
9.2.2 Hanson (2010)	282
9.2.3 Silva (2013)	284
9.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO	285
CAPÍTULO X.....	287
10. TRATAMENTO ACÚSTICO DO NÍVEL PROSÓDICO.....	287
10.1 ESTUDOS ACÚSTICOS DO ACENTO	288
10.2 ESTUDOS ACÚSTICOS DA ENTOAÇÃO.....	288
10.3 PARÂMETROS FÍSICOS CONTROLADOS.....	290
10.3.1 F ₀ - pitch - Hz	291
10.3.2 Duração - ms.....	292
10.3.3 Intensidade - dB.....	293
10.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO	294
CAPÍTULO XI	295
11. ANÁLISE ACÚSTICA DA PROSÓDIA DA LÍNGUA MANXINERU	295
11.1 CORPUS FORMADO	295
11.2 PERFIL DO LOCUTOR	297
11.3 PROTOCOLO DE COLETA DE DADOS	297
11.4 TAMANHO DO CORPUS OBTIDO	298
11.5 SEGMENTAÇÃO DOS DADOS	299
11.6 TOMADAS DE MEDIDAS FÍSICAS	301
11.7 TRATAMENTO ESTATÍSTICO	303
11.8 ANÁLISE PROSÓDICA DO MANXINERU: ACENTO E CONTORNO ENTOACIONAL	305
11.8.1 O ACENTO EM MANXINERU.....	306

11.8.2 Notas iniciais sobre a teoria prosódica da entoação	323
11.8.3 PADRÃO MELÓDICO DO MANXINERU: análise preliminar	328
11.8.3.1 Análise preliminar do contorno entoacional	330
11.8.3.2 Entoação declarativa	331
11.8.3.3 Entoação interrogativa.....	337
11.8.3.4 Entoação imperativa.....	342
11.9 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO	347
CONSIDERAÇÕES FINAIS	349
ANEXO I — ALFABETO FONÉTICO INTERNACIONAL	361
ANEXO II — A ORTOGRAFIA YINE: PIRO-MANXINERU	362
ANEXO III — FOTO DO LOCAL DE GRAVAÇÃO DE ÁUDIO COM O COLABORADOR MANXINERU NO ESTÚDIO DA UNB	364
ANEXO IV — FOTO DE PROFESSORES INDÍGENAS MANXINERU	365
ANEXO V — FOTO DA ALDEIA EXTREMA: LOCAL DE PESQUISA DE CAMPO COM FAMÍLIA DO LUCAS ARTUR BRASIL MANCHINERI	367
ANEXO VI — FOTO DA FAMÍLIA DO LUCAS ARTUR BRASIL MANCHINERI:	368

INTRODUÇÃO

Esta tese de doutorado consiste na análise e na descrição aprofundada de aspectos fonéticos, fonológicos, morfofonológicos e prosódicos que venho desenvolvendo sobre a língua Manxineru¹, desde 2010, vinculado a dois projetos de pesquisa do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da Universidade de Brasília (doravante LALLI) “Parentesco, comparação, mudanças linguísticas, variação, dialetologia e contato linguístico” e “Ensino de Línguas Indígenas Brasileiras e Formação Superior de Professores Pesquisadores Indígenas”. Alguns dos resultados desse estudo apresentei em minha dissertação de mestrado (2012) e em dois artigos científicos, intitulados “Considerações preliminares sobre os processos de vozeamento, nasalidade e dessoantização em Manxineru (Aruák)” (COUTO, 2014) e “Bases culturais para atribuição de gênero em Manxineru” (CABRAL et. al., 2015).

Com a oportunidade de trabalhar com a língua Manxineru no LALLI e de poder conviver como o povo Manxineru, principalmente com Lucas Manchineri e sua família, aprendendo a ouvir a sua língua, ficando fascinado pelos sons e melodias das palavras Manxineru, fui naturalmente levado a focalizar a minha dissertação de mestrado em aspectos fonéticos e fonológicos dessa língua. A dissertação foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UnB.

Desde os primeiros trabalhos de campo, pude conviver com pessoas Manxineru e descobri a riqueza linguística sobre essa língua, o que tem me levado adiante nos meus estudos, cujo principal propósito é o aprofundamento do conhecimento sobre a morfofonologia e a intensa relação com o ritmo e a prosódia do Manxineru, considerando o papel fundamental da morfologia nas mudanças morfofonológicas e prosódicas dessa língua, fato reconhecido anteriormente por Matteson (1965) e Hanson (2010) para a variedade Piro falada no Peru.

A presente pesquisa tem como hipótese a comprovação empírica de que a morfologia interage com a fonologia no acionamento de processos que ocasionam o deslocamento de acento, com consequentes reduções vocálicas, criação de *clusters*, mudanças nos padrões rítmicos das palavras e dos enunciados.

¹ Diferentemente do que Lewis (2009) e outros (MATTESON, 1965; SILVA, 2008, 2013) propõem como forma variante do nome do povo e respectiva língua, como Machineri, Manchineri, Manitenére, Manitenerí, Maxineri, adotamos, já na dissertação de mestrado e mantemos nesta tese de doutorado, o termo Manxineru, por ser este o termo preferido pelos falantes dessa língua. A terminologia Manxienru, adotada para nossa tese, também se diferencia do termo Yine, que foi adotado por Hanson (2010), para se referir tanto ao Manxineru quanto ao Piro.

O aparato fundamental para a comprovação aqui elegida é a contribuição da fonética acústica experimental, que permite uma otimização da visualização dos fatores acústicos, em desenvolvimento e no acionamento da formação de palavras em Manxineru.

Esta tese contribui de forma significativa para os estudos linguísticos, pois abordamos aspectos acústicos do *output* de processos morfofonológicos, de forma a encontrar evidências que podem ajudar a explicar e a formular hipótese acerca dos fenômenos fonéticos/fonológicos/morfológicos e prosódicos da língua, que ainda não foram abordados por esse viés, inclusive por entendermos que a fonética acústica pode proporcionar a verificação de detalhes que não seria possível por meio de outros procedimentos (cf. LADEFOGED, 1975; BARBOSA; MADUREIRA, 2015; STEVENS, 1998 entre outros).

Ressaltamos que os únicos estudos sobre a fonética e a fonologia do Manxineru que fazem uso de análises acústicas são de minha autoria, a saber: a minha dissertação de mestrado “Contribuições para a Fonética e fonológica da língua Manxineru (Aruák)” (COUTO, 2012) e o artigo científico “Considerações preliminares sobre os processos de vozeamento, nasalidade e dessoantização em Manxineru (Aruák)” (COUTO, 2014).

Já o meu interesse em abordar aspectos da morfossintaxe da língua resultou da constatação de que, na língua Manxineru, processos morfológicos e morfossintáticos alteram a estrutura prosódica das palavras, provocando o deslocamento do acento para a penúltima sílaba da palavra, além de outros processos, como evidenciado, entre outros, nos trabalhos de Matteson (1965); Lin (1997), Aikhenvald (1999) e Hanson (2010). Voltarei a este ponto mais adiante.

A presente tese foi estruturada em 11 (onze) capítulos além de uma introdução e uma conclusão. Assim: (i) no Capítulo I, tratamos de aspectos gerais e da estrutura metodológica que utilizamos ao longo da realização da Tese; (ii) no Capítulo II, fizemos breve panorama da cultura e da língua do povo Yine (Piro-Manxineru) com base em literatura, como Couto (2012), Santos (2001, 1991), Haverroth (1999), Ramirez (2001), Rodrigues (2002), Campbell (2012), Campbell e Grandona (2012), Aikhenvald (1999b), Aikhenvald e Dixon (1999a) e também com base nos relatos pessoais dos sábios Manxineru, principalmente do colaborador indígena Lucas Artur Brasil Manchineri; (iii) no Capítulo III, elaboramos breve panorama descritivo e analítico das pesquisas antecedentes sobre o Yine (Piro-Manxineru), destacando principalmente os trabalhos de Matteson (1951, 1953, 1965) e Hanson (2010) sobre a variedade Piro; Silva (2013) e Couto (2012) para a variedade Manxineru; (iv) no Capítulo IV, analisamos, revisamos e descrevemos a estrutura fonológica da língua Manxineru, com (re)elaboração de quadros

fonológicos e ambiente de realização, assim como os contrastes fonológicos com base na fonêmica clássica de Pike (1943) e nos princípios fonológicos propostos por Jakobson (1939, 1952) e Trubetzkoy ([1939] 1976)); (v) no Capítulo V, descrevemos e propomos hipótese para o padrão silábico, rítmico e acentual do Manxineru, à luz, principalmente, de Hayes (1981, 1986, 1991, 1995), Liberman e Prince (1977) e Lin (1997); (vi) no Capítulo VI, descrevemos e analisamos aspectos morfológicos, tendo como base para a metodologia de descrição os trabalhos de Rodrigues (1953, 2002), Rodrigues e Cabral (2005) e Matteson (1965); (vii) no Capítulo VII, descrevemos os principais aspectos da construção dos predicados na língua, para o qual foi importante a fundamentação baseada principalmente em Palmer (1986), Dixon (1979, 1995) e Comrie (1976, 1985); (viii) no Capítulo VIII, descrevemos os principais processos morfofonológicos do Manxineru, tema esse que é foco desta pesquisa, para o qual foi essencial o uso da teoria e da técnica da fonética acústica experimental; (ix) no Capítulo IX, fizemos análise específica sobre os aspectos prosódicos descritos em outros trabalhos sobre a variedade Piro e Manxineru, destacando-se principalmente os trabalhos de Matteson (1965) e Hanson (2010); (x) no Capítulo X, descrevemos, com detalhes, os procedimentos técnicos utilizados para a análise acústica experimental sobre o acento e a entoação e também fizemos o embasamento teórico sobre o tema, principalmente com base em Ladefoged (1975, 1995, 2001), Ladefoged e Maddieson (1996), Kent e Read (2015), Barbosa (1999), Stevens (1998), Barbosa e Madureira (2015), Madureira (1999), Moutinho (2010); (xi) no Capítulo XI, descrevemos o procedimento de análise prosódica do Manxineru, em que propomos uma descrição com base na fonologia prosódica e experimental, tendo como apoio teórico, entre outros, Ladd (1996), Selkirk (1978, 1984, 1995), Nespor e Vogel (1986), Lucente e Barbosa (2010, 2016) e Pierrehumbert (1980). Por fim, postulamos algumas considerações finais.

CAPÍTULO I

1. APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

A nossa pesquisa para a produção da tese de doutorado consistiu em um aprofundamento do estudo fonético, fonológico e morfofonológico iniciado em 2010. Pesquisa essa que se relaciona a dois projetos em desenvolvimento no LALLI: “Parentesco, comparação, mudança linguística, variação, dialetologia e contato linguístico” e “Ensino de línguas indígenas brasileiras e formação superior de professores pesquisadores indígenas” e parte dos resultados dessa pesquisa foi apresentada em Couto (2012).

1.1 O OBJETIVO GERAL

O objetivo geral desta tese é o de aprofundar o estudo da fonologia e da morfofonologia da língua Manxineru (língua Yine falada no Brasil), com foco especial na interação da fonologia com a morfologia e morfossintaxe, presente de forma latente como interação dinâmica dos diferentes subsistemas linguísticos nos atos de enunciação. Procuramos ainda, nesta pesquisa, buscar pistas acústicas da comprovação empírica de um deslocamento de acento com condicionamento morfológico altamente percebido no Manxineru, ou seja, confirmar um hipótese que comprova a forte relação morfofonológica e rítmica e suas implicações na língua.

1.2 OS OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Entre as questões que tratamos nesta tese, destacamos alguns dos tópicos, cuja descrição elegemos como objetivos:

- (i) Analisar e descrever aspectos acústicos dos sons e do ritmo da língua, tais quais: reduções vocálicas, segmentos complexos, mudança rítmica, entre outros.
- (ii) Comprovar empiricamente e por meio de instrumentos acústicos experimentais o deslocamento de acento em Manxineru.
- (iii) Aprofundar os estudos morfológicos, morfofonológicos e morfossintáticos da língua Manxineru.
- (iv) Elaborar hipóteses sobre a forte interação entre a fonologia, a morfologia, a morfossintaxe e o ritmo da língua Manxineru.

- (v) Ampliar o banco de dados da língua Manxineru no Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da Universidade de Brasília (LALLI/UnB), e dele fazer uso para a pesquisa que fundamenta minha tese doutoral, mas também disponibilizá-los aos professores indígenas Manxineru.
- (vi) Disponibilizar os dados e resultados da análise descritiva para uso em benefício do ensino da língua Manxineru nas escolas das aldeias e em benefício da formação de pesquisadores e professores Manxineru.

1.3 JUSTIFICATIVA

A presente tese de doutorado se justifica por vários motivos, sendo o principal deles a importância de se fazer análise e descrição mais aprofundada da fonética acústica, da fonologia, da morfologia, da morfofonologia e de aspectos da morfossintaxe do Manxineru (o estudo desta última, apesar de não ser o foco principal desta tese, se justifica para verificarmos a interface da sintaxe com a morfologia e principalmente com a morfofonologia da língua Manxineru), variedade dialetal da língua falada pelos Yine, no Peru e no Brasil, e que vem sendo mencionada na literatura linguística como Yine-Piro-Manxineru (cf. MATTESON, 1965; HANSON, 2010).

A variedade Manxineru é ainda muito pouco conhecida e sobre ela há poucos trabalhos linguísticos. A descrição da língua Manxineru é importante para o avanço do seu conhecimento linguístico, fundamental não apenas para incrementar, com novos dados, teorias linguísticas, mas também para contribuir com os programas de educação bilíngues voltados para o fortalecimento da língua e da cultura Manxineru no Brasil. Como já fizemos referências nesta tese, a língua Manxineru traz elementos novos para que se amplie a visão sobre a interação entre fonologia, morfologia e morfossintaxe, por exemplo. O Manxineru é também uma língua com classificações nominais e verbais calcadas em critérios ainda não reportados para outras línguas (cf. CABRAL; MANCHINERI; COUTO; MANCHINERY, 2015). Classificadores nominais nessa língua trazem novas luzes para os estudos sobre sistemas classificatórios das línguas Aruák. Por fim, as pesquisas linguísticas sobre a língua Manxineru devem ser ampliadas também para que contribuam para a elaboração de dicionários que sirvam de suporte para educação escolar e para a memória das gerações presentes e futuras dos Manxineru.

1.4 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

A presente tese de doutorado fundamentar-se-á primordialmente na visão de que uma língua é antes de tudo um instrumento de comunicação, de forma que esta é a sua função primordial (cf. LABOV, 1994; HYMES, 1962, 1981). Mas para cada aspecto e para cada fenômeno da língua Manxineru estudado, planejamos nos respaldar em teorias que elucidem as problemáticas focalizadas. Para a descrição fonológica, lançamos mão, principalmente, de suportes teóricos tradicionais como Pike (1943, 1947); Trubetskoy (1969), Jakobson, (1952); Trubetzky ([1939] 1976) e Chomsky e Halle (1968). Para a interação da fonologia e da morfologia, nos reportamos aos modelos teóricos de fonologia não linear como Clements & Hume, (1995); Goldsmith (1995), mas levamos em conta também o conhecimento acumulado pelos foneticistas, principalmente os que consideraram os estudos acústicos como Ladefoged & Maddieson (1996), Ladefoged (1975, 1990b, 2001, 2003), Kent e Read (2015), Barbosa (1999), Barbosa e Madureira (2015), Arantes & Barbosa (2006) e Madureira (1999). Em relação aos estudos prosódicos, baseamo-nos, entre outros, principalmente, em Nespor e Vogel (1986), Hayes (1981, 1989, 1995) Selkirk (1978, 1984a, 1984b, 1995), Clements e Hume (1995), Goldsmith (1995), Ladd (1996).

Para o estudo da formação de palavras e para fenômenos sintáticos e morfossintáticos, como alinhamento, mudança de valência, concordância, aspecto, modo e modalidade, entre outros processos, baseamo-nos em estudos de natureza funcionalista e tipológica como: Comrie (1976, 1985, 1989, 2009); Dixon (1979, 1995); Foley e Van Valin (1984); Coseriu (1972); e Jakobson (1952) entre outros.

Para questões tipológicas específicas da família Aruák, consideramos principalmente Ramirez (2001), Aikhenvald (1999a, 1999b, 2001), Aikhenvald e Dixon (1999a), Rodrigues (2002) e Campbell e Grandona (2012).

Sobre os estudos precedentes sobre Yine (Piro-Manxineru), baseamo-nos principalmente em Matteson (1965), Lin (1997), Sebastián (2006), Hanson (2010), Couto (2012) e Silva (2013) e para estudos específicos de línguas aparentadas ao Manxineru, Brandão (2010), Parker (2008) e Facundes (2000).

1.5 METODOLOGIA DE TRABALHO DE CAMPO

Na metodologia adotada para o trabalho de campo tem importância fundamental a participação dos professores e pesquisadores indígenas na coleta, discussão, análise e aplicação

dos dados. Assim, a coleta de material foi planejada e realizada, privilegiando entrevistas, gravações em diferentes discursos individuais ou em grupos. A transcrição de dados foi feita igualmente em conjunto e com a participação dos falantes.

Sobre a geração dos dados, ressaltamos que parte significativa dos dados para a pesquisa foi coletada durante três pesquisas de campo feitas por mim, em colaboração com Lucas Arthur Brasil Manchineri, sob a orientação da Professora Ana Suelly Câmara Cabral e do professor Aryon Dall'Igana Rodrigues, em julho de 2011, janeiro e julho de 2012, no estado do Acre. Também fizemos mais gravações no LALLI/UnB em mais quatro oportunidades: março e novembro de 2012, setembro de 2014 e por último em maio de 2016. Estas duas últimas com o propósito de formar o *corpus* específico para análise acústica.

No primeiro trabalho de campo, foram gravados dados junto a três colaboradores indígenas, sendo dois do sexo masculino e um do sexo feminino, com idade entre 18 e 32 anos, todos falantes bilíngues (Manxineru-Português), com um bom domínio da língua portuguesa. Nas demais pesquisas de campo, trabalhamos com dois colaboradores, um do sexo masculino e outro do sexo feminino e, por último, fizemos a gravação em estúdio com ambiente controlado para gerar dados com maior qualidade e sem interferência externa para a análise acústica, que é um dos pontos essenciais de nossa pesquisa, porém, por questões de logística e financeira, só foi possível fazer a gravação com o indígena do sexo masculino.

As gravações realizadas – que somam cerca de 36 horas em modo digital – foram feitas por aparelho digital de última geração (Zoom A4) em ambiente específico para a análise acústica, fizemos gravações em local insonorizado (com tratamento acústico). O *corpus* é constituído de palavras soltas, sentenças e narrativas. As palavras soltas foram levantadas com base em uma lista lexical construída especificamente para a pesquisa com aproximadamente 2000 itens – que foram transcritos, revisados e testados com os falantes para confirmação ou não das hipóteses e melhoramento das análises.

Ao longo da pesquisa, foi possibilitada a vinda de falantes (colaboradores indígenas) da língua Manxineru ao LALLI/UnB para minicursos que beneficiaram os pesquisadores e os professores Manxineru e também nos ajudaram nas gravações de dados para análise acústica específica.

Reiteramos que, além da contribuição científica da pesquisa, pretendemos contribuir com a aplicação dos resultados em benefício do fortalecimento do uso da língua e da cultura do povo Manxineru, assim como para o ensino da língua. Pretendemos também contribuir para a visibilidade dos trabalhos linguísticos do PPGL e do LALLI da Universidade de Brasília.

1.6 O MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO

Entre as várias possibilidades de análise, lançamos mão, para esta tese de doutorado, da análise e da descrição linguística e acústica experimental dos dados investigados sob um olhar funcional². Dessa forma, pensamos que o linguista deve se preocupar não só em analisar e descrever dados, mas também em interagir com a cultura de forma a entendê-la o máximo possível (cf. CONSERIU, 1972; FOLEY; VALIN JR., 1984). Assim sendo, não investigamos por investigar, e sim para contribuir, de certa forma, não só para a comunidade linguística acadêmica, mas também para a comunidade indígena Manxineru.

² A noção conceitual de linguística na perspectiva antropológica e/ou funcional é aquela que considera a língua um dos principais constituintes das culturas humanas. Assim, os estudos linguísticos devem ser associados, naturalmente, não somente ao conhecimento dos diversos aspectos dessas culturas, como organização social, conhecimento do respectivo meio ambiente, cultura material e tecnológica, práticas artísticas e lúdicas e tradições históricas, como também devem ser associados aos fatores biológicos e psicológicos dos falantes, e ao meio físico e social em que eles vivem. (Ver: <http://periodicos.unb.br/index.php/ling>).

CAPÍTULO II

2. OS MANXINERU: HISTÓRIA, COSTUMES, LOCALIZAÇÃO, POPULAÇÃO E LÍNGUA

Neste capítulo, apresentamos algumas considerações sobre a cultura do povo Manxineru para o que tomamos como referência relatos de indígenas nativos, assim como a literatura sobre o tema.

2.1 BREVE HISTÓRIA DO POVO MANXINERU: DETALHANDO RELATOS DO POVO MANXINERU

Segundo relatos dos próprios Manxineru, antes da colonização dos espanhóis, ou seja, de eles terem exterminado o povo Inca, o povo Manxineru (povo Yine do território brasileiro, os Manxineru, e povo Yine do território peruano, os Piro) vivia junto e quem o liderava era um único sábio espiritual (*kahontshi* [ka'hũtʃi]) e convivia com a natureza em seus lares e com suas bebidas sagradas tradicionais (*kamalampi* [kama'lõpi]; *kanatshiro* [kanatʃiro]; *kahiwa* [ka'hĩwə] e *ksopa* [kʰsopə] e também fazia o uso de roupa típica (*koshma* [koʃmə]). Então, nessa época, havia uma forte tradição, em que se faziam jogos e brincadeiras tradicionais como: prática de arco e flecha, corrida e caçada. Também havia cerimônia de *pintação* da passagem da menina para a vida adulta. Isso era praticado quase semanalmente, porém durante certo período, essas atividades culturais deixaram de ser prioridades na aldeia, tornando-se mais raras, sendo que, no Brasil, por exemplo, o uso do traje típico denominado de *koshma* quase se extinguiu, voltando a ser revitalizado há pouco tempo.

Quando os espanhóis começaram a exterminar o povo Inca, segundo relatos dos sábios Manxineru, isso afetou os Yine, assim, esse se dividiu e fugiu da região dos Andes para a Amazônia peruana, o que fez surgir vários grupos e isso acarretou denominações diferentes para um mesmo povo (ex.: Manxineru – povo do *inharé* –; *Koshitshineru* – nação do passarinho –; *Hahamluneru* – nação do olho d'água – Piro – nome colocado por antropólogos ao povo –; *Yine*-gente), sendo que atualmente os estudiosos das línguas e dos povos indígenas usam com mais frequência a terminologia Yine para se referirem tanto à língua quanto ao povo, seja o que vive no Peru quanto o que vive no Brasil (cf. COUTO, 2012).

Essa foi a primeira migração (ou correria, como o povo Manxineru gosta de denominar esse fenômeno de migração. Termo que também é bastante usado por outros povos indígenas do Acre) que data aproximadamente dos séculos XVIII e XIX. A segunda migração (ou

correria) ocorreu no final do XIX para o início do XX, quando se travou a guerra entre Brasil, Peru e Bolívia. Segundo relato do povo Manxineru, eles acabaram sofrendo retaliação dos dois lados do rio Iaco. Quando chegou o Coronel brasileiro Avelino de Souza, em uma aldeia Manxineru, o Coronel, que estava verificando o ataque do exército boliviano, pediu para os soldados defenderem os Manxineru. A partir daí, os soldados bolivianos foram derrotados e expulsos do local, assim, o povo Manxineru ficou livre dos ataques tanto dos bolivianos quanto dos peruanos.

Já na década de 40, segundo conta o próprio povo, os Manxineru foram escravizados pelos patrões ‘seringalistas’, para trabalharem na extração do látex e na abertura de campos e estradas nas fazendas acreanas. Nesta época, o povo era proibido, pelos fazendeiros, de falar no idioma nativo, de fazer artesanato, praticar suas cerimônias tradicionais, ou seja, quase o povo Manxineru foi ceifado de toda a sua cultura ancestral, sendo que, somente em 1975, o povo Manxineru conseguiu sua libertação com o apoio da FUNAI.

No ano de 1979, a FUNAI identificou o local onde seria posteriormente demarcada e decretada a Terra Indígena dos Manxineru no ano de 1985, ou seja, a partir desta data, oficialmente o povo Manxineru tinha uma terra (denominada de T.I. Mamoodate) própria para viver, o que facilitou o processo de reativação de algumas práticas culturais tradicionais, que estavam proibidas de serem feitas (cf. COUTO, 2012).

A partir da fixação na T.I., o povo Manxineru fortaleceu a agricultura, pois já havia uma terra para cultivo de plantas como: feijão, arroz, manga, laranja, abacate, café, entre outras; e criação de animais como: gado, cavalo, galinha, porco, pato, carneiro; entre outros.

Como contam os Manxineru, mesmo com toda perseguição que eles sofreram, o povo Manxineru continua praticando a sua língua e costumes. Assim, conforme relato do povo, eles voltaram até a utilizar a sua roupa típica, prática essa que haviam perdido por um bom tempo. Assim, apesar de tudo, o povo Manxineru continua sendo culturalmente tradicional, principalmente no tocante aos costumes, à língua e às tradições historicamente constituídas.

Ainda descrevendo os relatos dos Manxineru, após eles terem sua terra demarcada, eles puderam retomar suas principais atividades econômicas, que consistem principalmente na criação de gado e no cultivo de arroz, de feijão e de farinha. Há ainda alguns Manxineru que recebem bolsa família, como forma de ajuda governamental, o que reforça a economia da aldeia.

2.2 A FAMÍLIA ARUÁK E A LÍNGUA MANXINERU

A língua Manxineru foi classificada como pertencente ao sub-ramo da família Aruák³ (MATTESON, 1965; RODRIGUES, 2002; AIKHENVALD, 1999; CAMPBELL, 2012; CAMPBELL; GRANDONA, 2012 e RAMIREZ, 2001). A língua Manxineru (ISO 639-3 = mpd) é uma das cerca de 180 línguas nativas do Brasil (cf. RODRIGUES, 2002; RAMIREZ, 2001; AIKHENVALD, 1999b; AIKHENVALD; DIXON, 1999; PAYNE, 1991). Mesmo que as estimativas do número de línguas que pertencem à família Aruák variem, em grande medida, os principais estudos de caracteres tipológicos e comparativos modernos sobre a família Aruák (PAYNE, 1991; AIKHENVALD 1999a, 1999b; RAMIREZ, 2001) apresentaram uma classificação muito próximas entre elas, mas existem algumas diferenças relativas à classificação interna. Segundo esses estudos, existem cerca de trinta a quarenta e três línguas Aruák, com uma população estimada de 400.000 (RAMIREZ, op. cit.).

Como informado anteriormente, a família Aruák é constituída por aproximadamente 43 línguas situadas na América Central e na América do Sul, conforme foi descrito por Ramirez (2001, p. 3):

³ Diferentemente de outros trabalhos sobre as línguas Aruák (e/ou Arawak), adotamos essa terminologia, já na dissertação de mestrado, para nos referirmos às línguas dessa família, diferentemente do termo Arawak, de igual denominação, já utilizado por outros autores, entre eles, Ramirez (2001) e Rodrigues (2002).

Quadro 1 — Família Aruák

Línguas não classificadas: Amuesha, † Chamicuro.

A. SUBFAMÍLIA OCIDENTAL (21 línguas vivas + 18 mortas)

I. Divisão Japurá-Colômbia (7 vivas + 5 mortas)

Não classificadas: † Yumana, † Passé (2)

I.1.1. Pipoco, Achagua (2)

I.1.2. Baniwa-Curripaco-Tariano (1)

I.1.3. Warekena, † Mandawaka (2)

I.1.4. Kabiari (1)

I.1.5. Yukuna, † Wainuma-Mariate (2)

I.2. † Kauixana (1)

I.3. Resígaro (1)

II. Divisão Alto Negro (1 viva + 2 mortas)

Baré, † Guinau, † Anauyá-Yabahana (3)

III. Divisão Alto Orinoco (1 viva + 2 mortas)

III.1. Baniva de Maroa, † Yavitero-Pareni (2)

III. 2. † Maipure (1)

IV. Divisão Negro-Roraima (2 vivas + 5 mortas)

IV.1. † Aruã (1)

IV.2. † Manao, † Wirina, † Cahuana, † Cariaí (4)

IV.3. Wapixana-Atorai (1)

IV.4. †! Mawayna (1)

V. Divisão Juruá-Jutaí (2 mortas)

V.1. Marawa (1)

V.2. Waraiku (1)

VI. Divisão Purus-Ucayali (3 vivas)

VI.1. Apurinã, Piro-Kuniba-Camamari-Mantineri (2)

VI.2. Kampa (1)

VII. Divisão Bolívia-Mato Grosso (3 vivas)

VII.1. Bauré, Mojo (2)

VII.2. Terena-Kinikinao (1)

VIII. Divisão Caribe- Venezuela (4 vivas + 2 mortas)

VIII.1 Lokono, Island Carib-Garifuna, † Taino, † Caquetio (4)

VIII.2. Guahiro, Parauhano (1)

B. SUBFAMÍLIA ORIENTAL (4 vivas)

IX. Divisão Amapá (1 viva)

Palikur-Marawan (1)

X. Divisão Xingu- Tapajós (3 vivas)

X.1. Waurá-Mehinaku, Yawalapiti

X.2. Pareci-Saraveka (1)

Para Campbell e Grandona (2012), as línguas da família ⁴Aruák são faladas em: Belize, Bolívia, Brasil, Colômbia, Guiana Francesa, Guatemala, Guiana, Honduras, Nicarágua, Peru, Suriname, Venezuela, e em várias ilhas da América Central. Aikhenvald (1999) afirma ainda que a família Aruák forma a família linguística com maior número de línguas na América do Sul.

No Brasil, a família Aruák é representada por 18 línguas, conforme descreveu Rodrigues (2002, p. 72):

Quadro 2 — Família Aruák no território brasileiro

Língua	Estado
Apurinã (Ipurinã)	– AC, AM
Baníwa do Içana	– AM
Baré	– AM
Kámpa	– AC
Mandawáka	– AM
Mehináku	– MT
Palikúr	– AP
Paresí (Halití)	– MT
Piro	
Manitenéri	– AC
Manxinéri	– AC
Salumã (Enawenê-nawê)	– MT
Tariána (Taliáseri)	– AM
Yuruparí-tapúya (Iemi)	– AM
Teréna (Teréno)	– MS, SP
Wapixána	– RR
Warekéna (Werekéna)	– AM
Waurá	– MT
Yabaána	– AM
Yawalapití	– MT

Fonte: Rodrigues (2002, p. 72)

⁴ Segundo Campbell e Grandona (2012) e Aikhenvald (1999a), as terminologias ‘Arahuacan’, ‘Maipurean’, ‘Maipuran’ são utilizadas também para se referirem à família Aruák.

À luz de Rodrigues (2002), descrevemos o quadro comparativo que mostra o padrão de regularidade entre as línguas da família Aruák.

Quadro 3 — Palavras de línguas brasileiras que indicam a unidade da família Aruák

	Língua	Água	Sol	Mão	Pedra	Anta
Karútana	inene	uni	kamui	kapi	hipa	hema
Warekéna	inene	one	kamoi	kapi	ipa	ema
Tariána	enene	uni	kamoi	kapi	hipada	hema
Baré	nene	uni	kamuhu	kabi	tiba	tema
Mandawáka	nene	uni	gamoui	kahi	iha	ema
Palikúr	nene	une	kamoi	(iwakti)	tipa	(aludpikli)
Wapixána	nenuba	wene	kamoo	kae	keba	(kudoi)
Apurinã	nene	weni	(atukatxi)	(piu)	(kai)	kema
Piro	nu	honu	(tkatxi)	(mio)	(soltlu)	hema
Paresí	nini	one	kamai	kahe	sehali	(kotioi)
Waurá	nei	une	kamy	kapi	typa	teme
Yawalapítí	niati	u	kame	kapi	teba	tsema
Terena	nenê	une	(kaxe)	(vo'u)	kamo

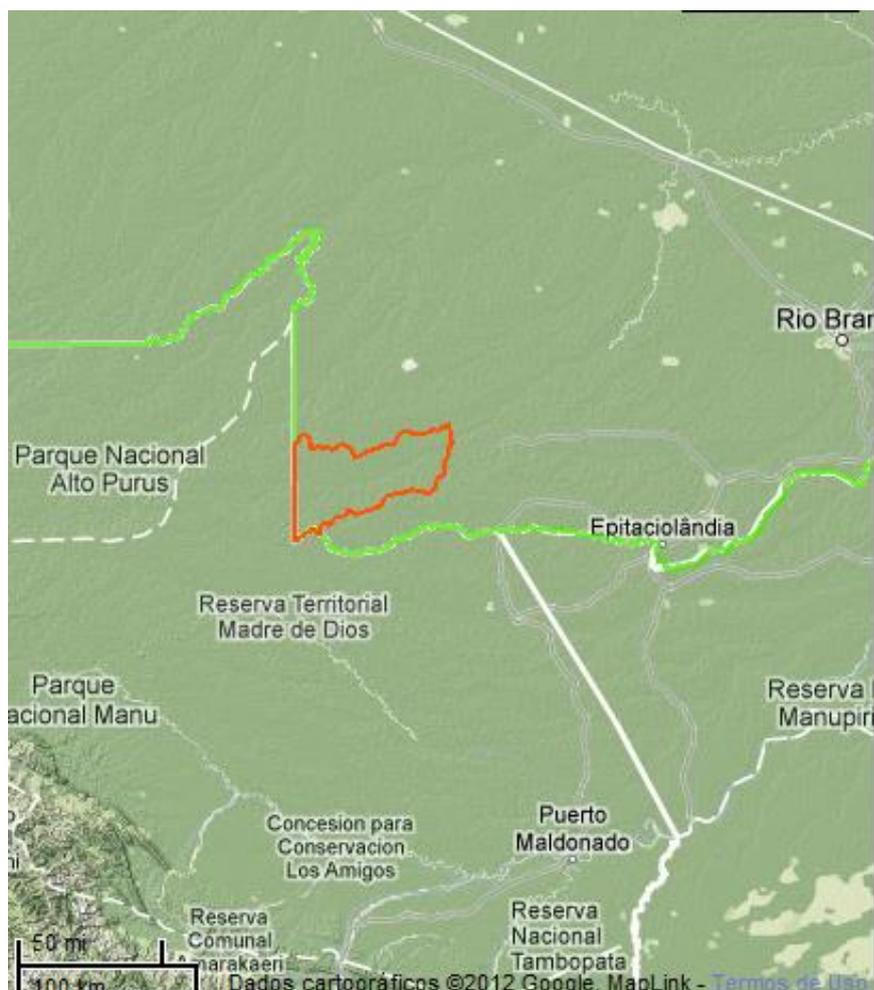
Fonte: Rodrigues (2002, p. 69)

Entre essas línguas, a que tem parentesco mais forte com o Manxineru, pelo menos considerando a literatura linguística sobre as línguas da família Aruák publicadas até o presente, é a língua Apurinã (cf. RODRIGUES, 2002; RAMIREZ, 2001). Sobre essa última língua, há um trabalho gramatical bem aprofundado, desenvolvido por Facundes (2000).

2.3 A ATUAL LOCALIZAÇÃO E POPULAÇÃO DOS MANXINERU

Os Manxineru vivem às margens do rio Iaco, na Terra Indígena (doravante T.I.) Mamoadate, localizada nos municípios de Assis Brasil e Sena Madureira, conforme demonstramos na marcação em vermelho no mapa seguinte.

Imagem 1 — Mapa da Terra Indígena Mamoodate, Acre

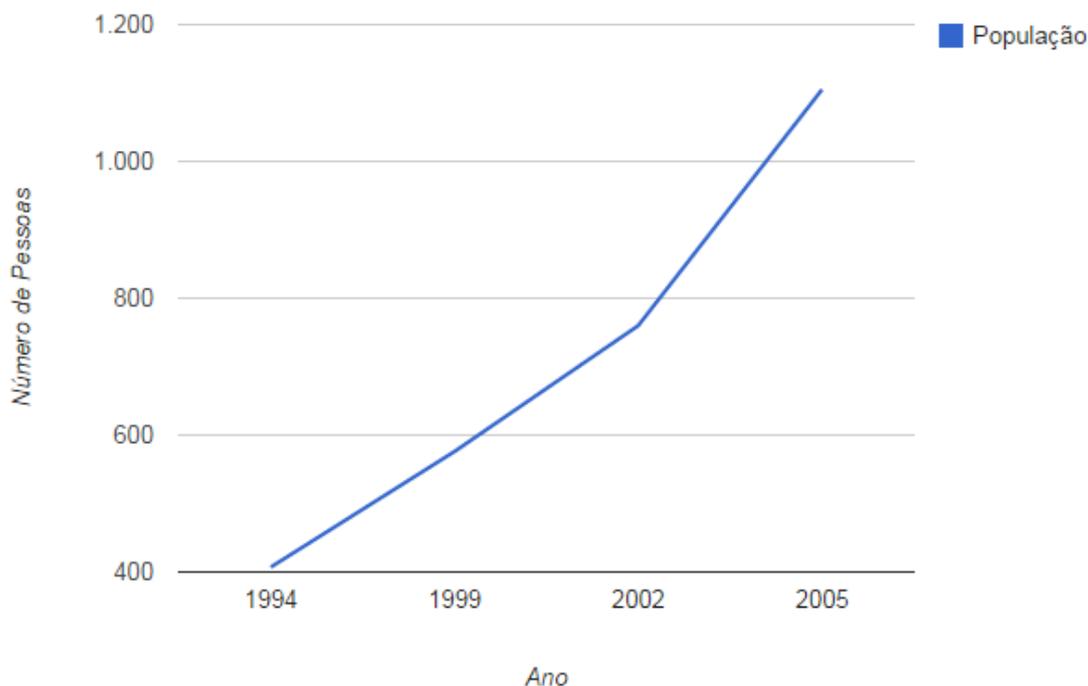


Fonte⁵: Instituto Socioambiental.org

No ano de 1975, a T.I. Mamoodate foi demarcada com uma área de 313.647 hectares (cf. mapa (1)), abrangendo a margem direita e esquerda do rio Iaco, a partir do igarapé Mamoodate até a fronteira do Brasil com o Peru (cf. SANTOS, 2001 apud COUTO, 2012). Essa é a maior T.I. indígena do Acre que abriga o povo Manxineru⁶ e o povo Yaminawá que conta com população em crescimento, conforme demonstramos no gráfico (1).

⁵ Fonte: < <http://ti.socioambiental.org/pt-br/#!/pt-br/terras-indigenas/3752>>. Acesso em: 26 de jun. de 2016. Estes dados também estão disponíveis na página oficial da FUNAI na internet: <<http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>>. Acesso em: 27 de nov. de 2016.

⁶ Estes dados também estão disponíveis na página oficial da FUNAI na internet: <<http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>>. Acesso em: 27 de nov. de 2016.

Gráfico 1— Dados demográficos da T.I. Mamoadate⁷

Fonte: Instituto Socioambiental

A população atual do povo Manxineru no Brasil é de aproximadamente 825 pessoas (cf. o último senso do IBGE, 2010). Segundo senso da ⁸Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI, 2012) são 997 indígenas Manxineru. Campbell e Grandona (2012, p. 182) informam que a população Manxineru é de 937, sendo que, segundo os autores, todos falam a língua nativa. Para Campbell e Grandona (op. cit.), esse número de população coloca a língua Manxineru entre as línguas indígenas brasileiras ameaçadas. Mas para Lucas Arthur Brasil Manchineri, pesquisador do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da Universidade de Brasília e colaborador indígena Manxineru para a minha pesquisa, hoje já são 1106 indígenas que vivem no Brasil.

O povo Manxineru se organiza na T.I. Mamoadate em 11 aldeias: (1) Extrema⁹, (2) Lago Novo, (3) Cachoeira, (4) Camuru, (5) Senegal, (6) Alves Rodrigues, (7) Laranjeira, (8) Santa Cruz, (9) Jatobá, (10) Peri e (11) Betel. Todas essas aldeias se localizam à margem direita do rio Iaco, com exceção de Senegal, como podemos verificar no Mapa seguinte.

⁷ Apesar de os dados desse gráfico serem, de certa forma antigos, pensamos ser viável colocá-los em nossa tese como parâmetro para verificação da crescente população indígena da T.I. Mamoadate, uma vez que não dispomos de outro mais recente, que retrate de mesma forma que esse utilizado nessa tese.

⁸ Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral>>. Acesso em: 26 de jun. de 2016.

⁹ Foto da aldeia extrema e de alguns colaboradores Manxineru está em Apêndice 2-3.

Também há um grupo Manxineru distribuído em 12 aldeias no Seringal Guanabara (também pode ser visto no mapa), que ainda está em fase de estudos para que possa ser reconhecida como T.I. e que se localiza na região noroeste da Reserva Extrativista Chico Mendes. As aldeias são: (1) Altamira, (2) Mamool, (3) Água Boa, (4) Samaúma, (5) Javali, (6) Mutum, (7) Boa Vista, (8) Natal, (9) Paxiubal, (10) Divisão de Guanabara, (11) Mantiqueira e (12) Livramento.

2.4 AS PRINCIPAIS ATIVIDADES PRODUTIVAS

Uma das principais atividades produtivas do Manxineru é a caça, e essa atividade ocorre de várias formas: uma delas é em trilhas de forma mais particular, não por pertencerem a alguém, mas sim por principalmente começar no terreno de alguém, com um uso de certa forma menos restrita, mesmo que ninguém necessite de autorização para utilizá-la. O indígena caçador pode utilizar como arma a espingarda ou apenas o terçado (facão). Conforme afirmam os Manxineru, o pior para um caçador, quando vai caçar, é ficar com *panema* (esta palavra é um empréstimo da Língua Geral Amazônica, que significa azar, azarado, como um rio fraco de peixes ou um mato fraco de caças). Para os Manxineru, quando estão com o *panema*, os bichos fogem, os tiros se perdem, por isso eles acabam voltando à casa de mãos vazias, e, lógico, sem a carne, que é tão apreciada pela família. E para os Manxineru, a forma de tirar o *panema* é passar *tipi* – planta cultivada, também usada como veneno de pesca, por todo o corpo – e tomar *sanango* por dez dias seguidos. Os Manxineru relatam também que a cada realização de vômitos, o organismo do caçador vai se purificando, pondo para fora o que o estava prejudicando (cf. SANTOS, 2001), só assim o caçador terá êxito em sua caçada.

A outra atividade produtiva entre o povo é o mariscar, isto é, pescar de tarrafa, que é outra das grandes fontes de alimentação. Eles utilizam também linha e anzol, além de mergulharem e pegarem os peixes com fisga quando o rio está baixo e a água clara. Mesmo que não se tenha carne para comer, se terá o peixe, tanto do rio Iaco quanto de igarapés e igapós adjacentes.

O extrativismo é outra atividade de extrema importância para os Manxineru e Jaminawa. Praticada desde o tempo dos antigos, esta atividade sempre foi caracterizada por uma grande diversidade de produtos retirados da floresta. Entretanto, com o contato dos Manxineru e Jaminawa com caucheiros peruanos e seringalistas brasileiros, as atividades extrativas sofreram

alterações. Durante décadas os Manxineru produziram borracha nos seringais da região. Quando se deslocaram para a T.I., essa atividade já não era muito lucrativa, tendo sido abandonada paulatinamente. Além do mais, no interior da T.I. existiam poucas estradas de seringa, todas no pequeno seringal Senegal, o que não contribuía para a extração em grande quantidade do leite da seringa (CORREIA; COSTA; VIVAN, 2005, p. 52).

Conforme a tradição, o marido trabalha na roça quando não está caçando, e a mulher o faz a maior parte do tempo, contudo as mulheres que cuidam de filhos menores não trabalham na roça. Logo que começa o verão, em junho, é época de bater o roçado, para que em agosto já esteja seco o suficiente para a queima. Assim, deve-se terminar de colher o arroz (que teve início em agosto). O roçado se queima em agosto, no meio do verão. Após a queima se planta abóbora, macaxeira, milho e arroz, nesta sequência, seguido de mamão e batata (inhame e cará); às vezes cana e amendoim. O aspecto do produto e a sensibilidade do agricultor determinam o ponto da colheita.

O que se pode perceber, sobre o povo Manxineru, é que eles possuem uma cultura riquíssima e que, apesar de toda influência externa que eles tiveram e têm, principalmente os mais velhos, eles procuram manter suas origens e tradição, e lógico, entre elas está a própria língua. O povo Manxineru se autocaracteriza, segundo seus próprios relatos, como povo guerreiro, caçador, pescador e eventualmente agricultor. Na sua cultura tradicional, confeccionavam e usavam uma espécie de camisolão ou poncho bastante comprido, em algodão, costurado nas laterais e com abertura para a cabeça e os braços, os quais os indígenas denominam de *koshma* [kofma] (cf. COUTO, 2012; CORREIA; COSTA; VIVAN, 2005).

CAPÍTULO III

3. PANORAMA DA DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA DE PESQUISAS ANTERIORES SOBRE O COMPLEXO YINE (PIRO-MANXINERU)

A proposta para este capítulo é a de elencar e descrever de forma concisa e crítica os principais trabalhos sobre a variedade brasileira Manxineru e a variedade Peruana Piro. Assim, o nosso propósito não é a descrição exaustiva, mas sim a de proporcionar a memorização e/ou (re)memorização dos trabalhos desenvolvidos e publicados sobre essas duas variedades, com o foco especial nas pesquisas de cunho linguísticos, aos quais tivemos acesso até o presente momento de realização da presente tese. Metodologicamente, para este capítulo, nós descrevemos os trabalhos publicados em linguística ou afins, desde que sejam relevantes em termos de informação sobre o povo Manxineru e o povo Piro. Além disso, salientamos que a ordem da descrição das obras é baseada primeiramente na precedência cronológica e posteriormente pelas autorias. Ou seja, se um autor foi o primeiro a publicar uma obra, descreveremos essa obra com todas as outras que ele tenha publicado e assim sucessivamente.

A maioria desses trabalhos é sobre a variedade Piro, que versam, principalmente, sobre a fonologia da língua, Matteson (1951), Lin (1997) e Sebastián (2006), além de trabalhos mais abrangentes como o de Matteson, (1953, 1954, 1963), que compreendem os primeiros trabalhos sobre a variedade Piro. Matteson produziu ainda uma gramática dessa variedade, que foi publicada em 1965. Há ainda em Piro um dicionário de Steno (1986) e mais recentemente foi publicada uma gramática produzida por Hanson (2010). Na variedade Manxineru, temos poucos trabalhos de caráter linguístico. Há somente duas dissertações de mestrado, Silva (2008) e Couto (2012), que versam sobre fonética e fonologia e uma tese de doutorado de Silva (2013), que trata de fonologia e de alguns aspectos morfológicos e sintáticos. Há ainda dois artigos, Couto (2014) e outro com coautoria com Cabral *et. ali.* (2015). Além desses trabalhos, há a presente tese e um dicionário sendo produzido de autoria de Couto, Manxineru e Cabral (a aparecer) com previsão de publicação no final do ano de 2017.

O protagonismo de estudo sobre o Piro é o trabalho de Matteson (1951), intitulado de “*Piro Myths*”, com 87 páginas. Trata-se de uma descrição linguística com base nas histórias míticas do Piro, que foram transcritas nesse documento. A autora, nessa pesquisa, fala sobre os índios Piro do rio Urubamba, localizados no leste do Peru, em que ela descreve a história dos falcões gigantes. Resumidamente, a história que Matteson descreve nesse trabalho, segundo ela, foi informada à noite por uma mãe para seus filhos e filhas adultos, que ficavam esparramados no chão da casa, enquanto a mãe dramatizava a história. Matteson ainda ressalta

a habilidade do contador de histórias parece dar vitalidade aos velhos mitos familiares. Apesar do título da obra sugerir um trabalho apenas étnico-cultural, na verdade, a partir do texto do mito, Matteson (1965) desenvolve a descrição fonética, onde ela elabora o inventário fonético com 16 consoantes e cinco vogais: /p, t, t^Y, c, č, k, s, š, x, h, l, r, m, n, w, y/ e /i, a, o, i, u/. No tópico sobre morfologia, ela tece análises e descrições acerca das classes de palavras, principalmente sobre o verbo, adjetivo, substantivo e advérbio. Em seguida, são descritos alguns aspectos fonotáticos e morfofonológicos da língua, entre eles, a ocorrência de grupos consonantais com até três consoantes. Neste mesmo capítulo, inclusive com a descrição fonética e ortográfica, a autora também elenca um vocabulário com cerca de trezentas palavras. Esse trabalho é o marco para posteriores pesquisas. O que já mostrava a qualidade de análise da pesquisadora, que é ampliada em outros trabalhos sobre a língua Piro.

No trabalho, intitulado de “*Piro phonemes and morphology*”, de (1954), com 59 (cinquenta e nove) páginas, que é estruturado em 3 (três) partes, Matteson faz a descrição fonológica da língua, na primeira parte, inclusive elencando o quadro fonético de (1951), mas ela amplia a discussão, inclusive elencando um padrão fonotático mais detalhado. Na segunda parte, sobre morfofonologia, Matteson ainda descreve a transitividade e predicação dos verbos, os dividindo em três classes: uma para verbos transitivos, outra para verbos intransitivos e a última para predicados nominais. Na última parte, a autora versa sobre morfologia, em que ela faz a descrição das classes de palavras e suas respectivas estruturas morfológicas.

Entre o trabalho de 1954 e a publicação de 1963, consta, na literatura linguística, outro trabalho de Matteson, o trabalho intitulado de *Analyzed Piro text: a boy and a jaguar*, publicado por Kroeber Anthropological Society Papers de 1955. Porém não tivemos acesso a esse trabalho.

A partir de suas pesquisas e da reunião de trabalhos anteriores (1951, 1954, 1955), Matteson apresenta sua tese de doutorado de 1963, que por sua vez é publicada dois anos depois (1965), mantendo-se o mesmo título “*The Piro (Arawakan) language*” e praticamente a mesma estrutura. Esta obra tem 467 páginas, subdividida em dois capítulos e respectivos subcapítulos.

No Capítulo I, que trata da descrição fonológica, Matteson destina 18 páginas para tratar dos aspectos prosódicos da língua, e nessa parte são abordados temas como ritmo, sequência de grupo de acento, *pitch* e pausa. Também nesse capítulo são tratados temas como sílaba, fonema, classes de fonemas, consoante, alofone consonantal e distribuição dos fonemas.

Em relação ao padrão rítmico da língua Piro, a autora propõe sete classes de ritmo e de contorno de classes (MATTESON, 1965, p. 18). A autora afirma que o ritmo em Piro tem o

acento silábico (que vai do grau 1, mais baixo, passando pelo grau intermediário 2, até o grau máximo 3) intensificado normalmente na penúltima sílaba das sentenças declarativas. Já nas sentenças interrogativas, tem o grau 2 também na última sílaba. Porém o grau 3, normalmente, só acontece nas interjeições/exclamativas como em (1-2) (MATTESON, 1965, p. 20):

- (1) he! ‘choro de surpresa’
 (2) hwu ‘tudo bem’

Ainda neste capítulo, Matteson descreve o padrão de acento silábico, conforme, concisamente, exemplificamos em (3-6):

- (3) 'nso ‘genipapo’
 (4) 'walo ‘coelho’
 (5) ,rutxi' txa ‘ele observa’
 (6) 'iya hata ‘ele chora’

O que se pode depreender dos exemplos acima é que, segundo a autora, independentemente da extensão da palavra ou da sentença, o acento nunca recai sobre a última sílaba, a não ser, obviamente, em palavras monossilábicas.

Matteson (op. cit., p. 23) mostra também que o padrão silábico em Piro possui um núcleo silábico e margem consonantal que pode ter até três consoantes, como em “C¹V [pa] ou [ni]; C²V [mpo] e C³V [nknoyate]”.

Em relação aos fonemas da língua, Matteson (1965) afirma haver cinco vogais curtas e cinco correspondentes longas e 16 consoantes curtas e 4 longas, que ela exemplifica em outra parte do trabalho.

Na descrição fonêmica, Matteson (op. cit., p. 25) apresenta os seguintes segmentos fonológicos consonantais para o Piro: /p, t, k, ts, t̃s, t̃x, s, š, x, h, l, r, m, m̃, m̃:, n, n:, w, w:, y, y:/ e vocálicos: /i, i:, e, e:, a, a:, o, o:, u, u:/.

Fator importante na descrição de Matteson (1965, p. 32) é que sua proposta considera algumas consoantes silábicas “The syllabic consonant may be either a single syllabified segment, as [ʃ] [ŋ], or a complex phoneme with one syllabified segment, as [tʃ] [...]”.

Matteson (op. cit.), em sua gramática, formula importantes detalhes morfológicos. Ela descreve três classes de sentenças em Piro, a saber: (i) CI, sentenças que têm obrigatoriamente sujeito e predicado, pois se trata de sentenças intransitivas, em que a fórmula mínima de estrutura é S (sujeito) + P (predicado), como em *w-palihata* ‘nós vamos rio acima’; (ii) CII, sentenças transitivas cuja fórmula mínima é S + O + P (respectivamente: sujeito, objeto e predicado), como em *n-mexit-lu* ‘eu juntei a pena nele’ e (iii) CIII, sentenças não verbais, em que a fórmula mínima é O + P, onde o objeto e o predicado são obrigatórios, com em *no-prapatka-yi* ‘você é meu animal de estimação’.

Matteson (1965) divide essas três classes de sentenças em outras seis (6) subclasses, que independentemente das sentenças serem transitivas ou intransitivas, todas derivam de uma sentença transitiva básica conforme descrita em CI.

No Capítulo II, Matteson descreve, de forma detalhada, a estrutura morfológica e sintática da língua Piro, abordando questões como as classes de palavras (adjetivos, substantivos, verbos, pronomes, numerais, advérbios, preposições, posposições e partículas); núcleos das sentenças (verbos e nomes); frases simples e frases complexas; frases verbais e nominais; raízes e temas das palavras; frases interrogativas, declarativas e exclamativas.

Além dos capítulos supracitados, a obra de Matteson (1965) possui outras partes, que incluem apêndice fonológico, relatos etnográficos, textos com histórias tradicionais, de forma enfática, com transcrição e tradução do Piro para o Inglês, tendo como *corpus* de pesquisa 21 textos, cujos temas se dividem em etnografia, lendas, histórias pessoais e conversação. Em seguida Matteson (1965, p. 250-412) descreve o conteúdo lexical do Piro-Inglês, em que a autora demonstra também as categorias de gênero das palavras e a transitividade verbal. Por fim, na última parte da obra, Matteson descreve o léxico do inglês para o Piro (*English-Piro Lexicon*).

No artigo, intitulado de “*Syllabic and moraic structures in Piro*”, com 35 (trinta e cinco) páginas, Lin (1997) descreve a estrutura silábica e moraic do Piro, com base nos dados de Matteson (1965). Ele propõe uma análise do padrão silábico da variedade Piro. O autor focaliza o fenômeno de elisão vocálica encontrado em Piro, associando-o a um fato prosódico. Pela organização dos tópicos, pode-se observar que a preocupação do autor está em descrever a prosódia, considerando os encontros consonantais.

Lin (op. cit.) argumenta que em Piro todas as sílabas são abertas e que a posição de *onset* pode ser ocupada apenas por consoantes, sendo que sílabas com padrão CCV e/ou CCCV são consideradas, segundo argumenta o autor, como possuindo um padrão CV, uma vez que as

Em suma, a proposta de Yen-Hwei Lin (1997) é a de que a variedade Piro tem apenas sílabas CV e que as consoantes extrassilábicas são licenciadas pela mora, e a eliminação dessas consoantes pode então levar ao AC, retendo assim o suporte para a conservação da mora. Dessa forma, Lin (op. cit.) sugere que a variedade Piro é uma língua que impõe uma forte conservação da mora em relação a outras línguas.

A conclusão do autor é que a mora é uma unidade prosódica capaz de licenciar um segmento e a silabação exaustiva não é necessária. Ele também propõe que o apagamento pode ser dispensado como um conceito fonológico, pois o licenciamento prosódico sozinho, com a mora como um legítimo licenciador, garante a organização prosódica adequada de uma sequência fonológica e sua realização fonética.

No artigo, intitulado de “*Yine: Ilustraciones fonéticas de lenguas ameríndias*”, com 6 (seis) páginas, Sebastián tece alguns apontamentos importantes, de caráter fonético e fonológico, sobre a variedade Piro, tendo como fonte para a análise os dados de Matteson (1965), os quais ele diz, em grande parte, concordar: “[...] como incluyen a Matteson (1954) y Matteson (1965/1963). Asimismo Nies (1986) contribuye con datos importantes respecto de la lengua. El presente trabajo concuerda generalmente con esos estudios” (SEBASTIÁN, 2006, p.1).

Sebastián descreve um quadro fonológico da língua Piro, afirmando que quase não há restrição de ambiente nas realizações das consoantes, ou seja, as consoantes podem ocorrer no início, no meio ou no fim da palavra; antes de vogal e antes de consoante. O quadro que ele descreve tem os seguintes fonemas consonantais: /p, t, k, ts, tʃ, tɕ, s, ʃ, ç, ɥ̃, m, n, r, w, j, l/ e vocálico /i, e, a, u, o/.

Nesse quadro, como já mencionado em minha dissertação de mestrado (COUTO, 2012), chama atenção a afirmativa de que as vogais podem ocorrer com, certa frequência, alongada, e que esse alongamento, em muitos casos, tem valor distintivo, como em: /ɥ̃aali'piiri/ gaalipiiri “guapo”, /mkeɥ̃ee'katu/ mkegeekatu “saciado”, /'çiitʃi/ jiichi “pie” e /ka poo'ɥ̃ oçru/ kapoohojru “mareado”. Segundo o autor, essa duração tem a ver com a voz passiva, conforme já afirmava Matteson (1965, p. 24), como em: /ra'nik a/ “ele leva” e /ra'niika/ “ele é levado”. É importante destacar também que Sebastián (2006) descreve os fonemas vocálicos /u/ e /a/, os quais não são contemplados pelas outras obras que analisamos neste capítulo. Sebastián (2006) finaliza seu trabalho afirmando que o padrão máximo da sílaba em Piro é CCVV. Padrão esse que só é contemplado no trabalho de Sebastián (op. cit.).

A dissertação de mestrado de Silva (2008), intitulada de “*Fonética e análise fonológica preliminar da língua Manxinéri*”, com 33 páginas apresenta uma descrição da fonética e da fonologia segmental da língua Manxineru. Esse trabalho é dividido em três capítulos: no primeiro ela faz a descrição dos segmentos fonéticos, os quais são /p, t, k, p^h, t^h, k^h, tʃ, çç, s, ʃ, ç, h, l, r, ɾ, m, n, w, j/ vogais /i, ã, i, ã, u, ɪ, ɪ, ʊ, e, ê, v, o, õ, ε, a, ã/; no segundo capítulo, Silva (op. cit.) apresenta a análise e a descrição de elementos fonológicos, elaborando o quadro fonológico das consoantes e das vogais e as realizações contrastivas dos fonemas; no terceiro capítulo, a autora descreve o padrão silábico da variedade Manxineru. No inventário fonético das consoantes, Silva (2008) descreve para o Manxineru 18 fones, sendo que não considera a existência de nenhuma consoante fricativa ou oclusiva sonora.

Em relação à fonologia, Silva (op. cit.) propõe 15 fonemas consonantais e 5 vocálicos para a variedade Manxineru. A diferença entre o quadro fonológico apresentado por Silva e o quadro de Matteson (1965) reside principalmente no fato de que Silva não considera a existência de um fonema /l/, como propôs Matteson (op. cit.), neste caso, para Silva o [l] é um dos alofones do /r/. Já em relação aos fonemas vocálicos, Silva (2008) não descreve, para a variedade Manxineru, nem vogais longas, nem vogais breves, como pode ser visto em seguida /p, t, k, ts, tʃ, çç, s, ʃ, ç, h, r, m, n, w, j/ e /i, e, a, i, o/.

Silva afirma que todas as sílabas são iniciadas por consoantes e todas terminam pela vogal do núcleo, isto é, são de padrão CV ou CCV.

A tese de Silva (2013), intitulada de “*Aspectos gramaticais da língua indígena Manxinéri (Aruák)*”, com 128 (cento e vinte e oito) páginas, sendo que 11 (onze) são de anexos, é estruturada em 4 (quatro) capítulos e seus respectivos subcapítulos. O Capítulo I resume a metodologia e contexto da pesquisa; descreve aspectos socioculturais e localização dos Manxineru e também descreve o quadro ilustrativo das línguas da família Aruák do território brasileiro. O Capítulo II é destinado para a descrição fonológica da língua. O inventário fonêmico dessa tese consta com 14 consoantes /p, t, k, s, ʃ, x, ts, tʃ, çç, m, n, r, w, j/ e cinco vogais /i, e, i, a, o/. Nesse capítulo, a autora descreve a distribuição dos fonemas e também o padrão acentual e métrico. O padrão silábico descrito nesse capítulo é (C₂)(C₁)V(C₃). Ela também descreve, nesse capítulo, alguns aspectos morfofonológicos como a ressilabificação e restrição silábica e alomorfia dos prefixos pessoais. No Capítulo III, Silva (2013) discute aspectos morfológicos, onde ela descreve as principais classes de palavras e os processos derivacionais que acarretam a formação de palavras. Entre os principais processos derivacionais, a autora elenca, entre outros, o sufixo não especificador {-tʃi}, os derivacionais

{-xa}, {-fa} e {-pe}. Ainda nesse capítulo, são descritos os padrões morfológicos das classes do adjetivo, nomes, pronomes, verbos, posição e também o processo de nominalização.

O capítulo IV, e último, é destinado para análise e descrição de aspectos sintáticos. Nesse capítulo, discute-se entre outros pontos: tipos de predicados e predicação, processo de causativização verbal, padrão de alinhamento e tipos de orações.

A Gramática de Hanson (2010), intitulada de “*A grammar of Yine (Piro)*”, com 382 páginas. Esse é um trabalho denso, que trata da variedade da língua Yine (Piro), em que ela analisa e descreve o dialeto Piro do complexo Yine (Piro-Manxineru). A autora organizou o seu trabalho em 13 (treze) capítulos. No capítulo I, a autora descreve a metodologia de sua pesquisa; localização e informações socioculturais do povo Yine (Piro).

O capítulo II da Gramática do Yine trata da fonética e da fonologia do dialeto Piro. Nesse capítulo, Hanson (op. cit., p. 15-16) propõe o inventário fonológico das vogais e das consoantes do Yine (Piro). Os fonemas vocálicos descritos por ela são: /a, e, i, i, o/; os consonantais são /p, t, c, k, ts, tʃ, s, ʃ, ç, ð, m, n, l, r, w, y/ (p. 19).

Diferentemente de Matteson (1965) e de Sebastián (2006), Hanson (op. cit.) não descreve os fonemas /ç/ e /tç/ para o Piro. Hanson (op. cit.) considera também a existência /h̃/ nasal em Piro. Para a autora, esse fonema possui cinco realizações fonéticas, a saber:

- | | |
|------------------------|------------------------------------|
| (8) [tʃiyampotlata] | ‘ele estava soluçando’ |
| (9) [raʃçita] | ‘ele perguntou’ |
| (10) [sah(ə)maneta] | ‘pintar o corpo’ |
| (11) [h̃yaãh̃imni] | ‘então, supostamente’ |
| (12) [serostaŋh̃ãtaa:] | ‘(como) um baú vermelho de sangue’ |

Sobre a sílaba, Hanson (2010), assim como Sebastián (2006), afirma que o padrão silábico mínimo e máximo, respectivamente, em Yine (Piro) é C₁V e C₁C₂V, em raiz lexical. A autora afirma que sílabas com três consoantes acontecem pelo apagamento da vogal em fronteira morfológica quando há junção morfológica, sendo que frequentemente isso ocorre com maior frequência com a consoante nasal /m/ e menos com /n/:

- | | |
|-----------------------|---------------------|
| (13) [rethimamtkanna] | ‘eles foram vistos’ |
|-----------------------|---------------------|

(14) [ninkyarro] ‘eu o atirei lá’

Hanson afirma que esses dados ainda não foram totalmente explorados por ela. Afirma também que sequências com *st* e *ʃf* ocorrem com alguma frequência, mas sequências com consoantes obstruintes não foram atestadas.

Segundo a autora, o acento em Yine (Piro) acontece na penúltima sílaba (HANSON, 2010, p. 36), como nos exemplos seguintes: *ra 'watka* ‘ele estava lá’ e em *,rawa 'tkana* ‘ele estava aqui.’

Nesse capítulo, Hanson (2010) descreve ainda alguns aspectos da morfofonologia, tais como a eliminação de vogais em fronteira morfológica e criação de grupos consonantais com /tk, mtk, kp, nk, tʃr.../.

Hanson (2010) finaliza o capítulo de fonética e fonologia discutindo o padrão entonacional da língua. Em sua análise, ela afirma que contorno em sentenças exclamativas (p. 39-40), o *high pitch* se dá na última sílaba da sentença (exemplo (15-16)) e quando se trata de sentenças interrogativas, o contorno é típico de sentenças declarativas, conforme o exemplo:

(15) Ralnahimamtatnáka walé ‘ele voou um pouco mais longe novamente’

(16) klatahwistetá: richimata ‘estava tudo coberto de pequenas flores brancas’

No capítulo II, Hanson (2010) descreve as classes gramaticais fechadas, tais como artigo definido {sati}, específico {pa} e {wa}; pronomens livres, prefixos demonstrativos, numerais, quantitativos {hico} e {psoli} e também os pronomes interrogativos, intensificador {poti}, extensivo {yaka} e aditivo {koca}.

No capítulo III, Hanson (2010) descreve a classe aberta do adjetivo, tratando principalmente da diferença entre essa classe e as de substantivo e de verbo. Ela também discute a semântica, a estrutura e a concordância destas classes.

No capítulo IV, foi destinado para discussão da classe dos nomes, em que descreve a classe do substantivo, separando-o em alienável e não alienável. Discute ainda a questão do gênero nos nomes.

No capítulo VI, Hanson (2010) inicia a discussão do padrão sintático do Piro, em que discute a estrutura do NP (frase nominal em português), que tem como núcleo o adjetivo ou um

verbo nominalizado. Fala ainda, entre outros aspectos, das nominalizações e da concordância dos constituintes da frase.

No capítulo VII, é disponibilizado só para a questão da nominalizações, tais como: {-li} ‘objeto’, {-tʃri}, ‘sujeito’, {pi-} ‘instrumental’, {-ni} ‘propriedade’, {-waka} ‘locativo’, {-çeri} ‘agente’.

O capítulo VIII, Hanson (2010) discute a classe do verbo, com sua respectiva estrutura. Assim, ela descreve a transitividade e também a noção de aspecto, da causativização com o sufixo {-kaka} e o mandativo {-çica}. Além disso, ela discute o modo verbal, destacando os sufixos {-ha} ‘obrigatório’ e {-ya} ‘aplicativo’, além do ‘neutro’ {-ta}. Por fim ela descreve o padrão da voz verbal.

No capítulo IX, é descrito o padrão dos predicados, em que se discute, entres outros fenômenos, questões como: prefixo e sufixo em função de sujeito e objeto, respectivamente; os sufixos aspectuais, tais, como {-ni} ‘afetado’, {-na} ‘completivo’, {-maka} ‘frustrativo’, {-ka ~ -ko} ‘enfático’, {-tka} ‘perfectivo’, {-tnaka} reiterativo, {-pa} ‘alativo’ e {-wa} ‘imperfecto’.

No capítulo X, descreve-se a estrutura das sentenças com foco em aspectos como: topicalização, negação com o morfema {hi-}, sentenças não verbais, sentenças posicionais e locativas, além de sentenças existenciais.

No capítulo XI, a discussão se dá, entre outros aspectos, sobre: a negação e o foco; a polidez e sentenças declarativas; as sentenças interrogativas com os pronomes *hi* ‘como’, *hiri* ‘quem’, *hinaka* ‘onde’, *kati* ‘como’, *klineri* ~ *kli* ‘o quê’; as sentenças exclamativas; sentenças básicas de comando e de comando indireto. Por fim, nesse capítulo, ela descreve o comando reportativo e comando atenoativo.

No XIII e último capítulo, Hanson (2010) descreve o padrão das sentenças complexas, em que se observa, entre outras propriedades da língua: a subordinação; sentença condicional e temporal; discurso reportativo; sentenças desiderativas; aspectos dos predicados e sentenças aditivas.

Sobre o Manxineru, temos ainda, A minha dissertação de mestrado (COUTO, 2012), intitulada de “*Contribuições para a fonética e fonologia da língua Manxineru (Aruák)*”, com 113 (cento e treze) páginas, estruturada em 6 (seis) capítulos. No primeiro capítulo, descrevi as informações sobre o povo, sobre a língua, sobre as características das aldeias e costumes do povo Manxineru. Ou seja, um resumo das principais características do povo Manxineru no contexto histórico e atual. No capítulo II, descrevi um breve resumo de trabalhos anteriores sobre o Yine (Piro-Manxineru), mais especificamente sobre os aspectos fonéticos e

fonológicos, que eram foco da pesquisa. No capítulo III, descrevi os ambientes de ocorrência dos fones da língua com os respectivos inventários fonéticos. No capítulo IV, fiz as análises fonológicas dos fonemas da língua com respectivos inventários, elencando 16 fonemas para as consoantes /p, t, k, ts, tʃ, cç, s, ʃ, ç, h, m, n, r, l, w, j/ e cinco fonemas para as vogais /i, e, a, i, o/. No capítulo V, descrevi, com a atualização de recursos da fonética experimental, os processos de dessoantização (/r/ ou /l/ → [d] / Č__), vozeamento do /h/ (/h/ → [ɦ] / V__V e o processo de propagação de nasalidade para as vogais adjacentes (/v/ → [ṽ] / [____Č] e/ou /v/ → [ṽ] / [h____]). Para essa análise, foi fundamental a teoria e o aparato da fonética experimental acústica, pois somente assim tivemos concretude das realizações desses fenômenos.

No capítulo VI e último, eu discuti e descrevi algumas análises preliminares sobre o padrão silábico e fonotático; elaborei uma primeira hipótese para o padrão de acento e de restrição de segmentos vocálicos e consonantais da língua Manxineru.

Após a dissertação de mestrado (COUTO, 2012), eu me encantei pela grande relação entre a fonologia, a morfologia e a sintaxe e desses com o ritmo e acento, que verifiquei naquela ocasião. Isso me fez rever e ampliar a pesquisa sobre os fenômenos de dessoantização do tepe e da lateral alveolar; vozeamento do /h/ e propagação de nasalidade, que eu tinha feito de forma inicial. O que cominou em um artigo científico intitulado “*Considerações preliminares sobre os processos de vozeamento, nasalidade e dessoantização em Manxineru (Aruák)*”, com 14 (quatorze) páginas.

A minha última publicação foi um artigo proposto pela minha orientadora, professora Ana Suelly A. C. Cabral. Esse artigo foi desenvolvido com coautorias de Lucas A. B. Manchineri e Mariana S. Manchinery.

Esse artigo foi intitulado de “*Bases culturais para atribuição de gênero em Manxineru*”, com 20 (vinte) páginas. Neste trabalho, com base em relatos dos sábios Manxineru, descrevemos a atribuição de gêneros para os nomes em Manxineru, em que verificamos, com poucas exceções, que seres que vivem na água são classificados como femininos e os que vivem na terra são classificados como masculinos. Além disso, verificamos também que há a atribuição de gênero com base nas características análogas dos animais às atribuições inerentes aos dos homens e das mulheres, como o caso da arara, que pelo critério de atribuição de gênero deveria ser uma palavra masculina, pois é um ser da terra e não da água, mas é feminina, pois, segundo contam os Manxineru, elas falam muito como as mulheres. Já a arraia, que deveria ser feminina, pois pertence à água, é considerada masculina porque tem ferrão, que é coisa, segundo os sábios Manxineru, do ser masculino.

3.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentamos, de forma concisa, os principais trabalhos linguísticos publicados sobre o povo Yine (Piro-Manxineru). Desses trabalhos, destacamos as relevantes e pioneiras obras de Matteson (1951, 1954, 1955, 1965) e o detalhado trabalho de Hanson (2010). Esses trabalhos são sobre o Piro e são gramáticas detalhadas, principalmente os dois últimos. A gramática de Hanson (2010) se destaca ainda por ser muito ampla e com riquezas de detalhes sobre a estrutura gramatical da língua e também sobre vários fenômenos linguísticos. Já as publicações de Lin (1997) e Sebastián (2006) são trabalhos que, criticamente, contribuem para a discussão da fonologia métrica do Piro.

Em relação às publicações sobre o Manxineru, temos a dissertação de Silva (2008), que trata da descrição fonética e fonológica da língua, e também uma tese de doutorado que versa sobre aspectos gramaticais da língua. Também sobre o Manxineru, tem a minha dissertação (COUTO, 2012), os meus artigos, um publicado em (2014) e outro, com coautoria com Cabral, Manchiney e Manchineri, publicado em (2015). Este último, de forma inédita, trata da atribuição de gênero no Manxineru, sendo de fundamental importância para a discussão posterior sobre o gênero na presente tese. O artigo de (2014) trata de alguns fenômenos fonológicos da língua.

Como podemos notar, não há muitos trabalhos em linguística, principalmente, sobre o Manxineru, além da quase ausência de trabalhos que lancem mão da fonética experimental para auxiliar nas pesquisas sobre os recorrentes fenômenos morfofonológicos, morfossintáticos e prosódicos da língua.

Assim, com a presente tese, pretendemos contribuir para trazer novas perspectivas para alguns fenômenos morfofonológicos e prosódicos e para a documentação da língua Manxineru e, conseqüentemente, para o Yine.

CAPÍTULO IV

4. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DA FONOLOGIA SEGMENTAL DO MANXINERU

A primeira versão nossa para a análise e descrição da fonologia da língua Manxineru, como informado no capítulo anterior, foi proposta em minha dissertação de mestrado (2012). Na presente tese, descrevemos a análise fonológica revisada e ampliada, principalmente dando ênfase em processos fonológicos verificados em nossa pesquisa desenvolvida entre esses dois trabalhos (COUTO, 2014, 2015). O quadro fonológico que expomos aqui conta com cinco vogais. Em relação ao quadro das consoantes, identificamos 16 fonemas, entre esses, destacam-se o /l/, pois esse fonema é tratado apenas como fone nos trabalhos de Silva (2008, 2013); o /h/ que é tratado pela mesma autora com /x/ e por Matteson (1995) e Hanson (2010), sobre o Piro, como /h̃/. Além dessas distinções de análise para o sistema Yine (Piro-Manxineru), há várias questões que vão além dos limites da fonologia, pois precisamos de exemplificações morfofonológicas para analisar e descrever vários fenômenos que acarretam alofonia na língua, sendo que muitos desses processos são possíveis de serem comprovados somente com auxílio da fonética acústica experimental, pois de oitiva não seria possível verificar, conforme veremos no Capítulo VIII.

Dessa forma, a proposta para este capítulo é de apresentarmos os inventários de fonemas consonantais e vocálicos da língua Manxineru seguidos de exemplos de pares mínimos e análogos à luz da consagrada análise fonêmica de Pike (1947), que ilustram contrastes entre sons que compartilham propriedades fonéticas e que poderiam levantar suspeitas de serem realizações das mesmas entidades fonológicas. Na seção (4.1.4), mostramos a distribuição das realizações fonéticas dos fonemas ou unidades contrastivas subjacentes.

4.1 OS FONEMAS DA LÍNGUA MANXINERU¹¹

A partir dos dados analisados da língua Manxineru, depreendemos e descrevemos 16 fonemas para formularmos o sistema consonantal do Manxineru – /p/, /t/, /k/, /ts/, /tʃ/, /cç/, /s/, /ç/, /ʃ/, /h/, /m/, /n/, /r/, /l/, /w/, /j/ – e cinco fonemas vocálicos – /i/, /e/, /i/, /a/, /o/, como se pode observar nas tabelas (1) e (2). Acerca das realizações fonéticas dos fonemas consonantais, observa-se que elas se distinguem em seis pontos de articulação – labial, alveolar, alveopalatal,

¹¹ Os segmentos fonéticos utilizados nesta tese têm como referência o Alfabeto Fonético Internacional (AFI) (em Inglês: *The International Phonetic Alphabet* (IPA), versão 2005), que está anexa à Tese.

palatal, velar e glotal – e seis modos de articulação – oclusivo, africado, fricativo, nasal, líquido, aproximante; já a realização dos fonemas vocálicos distinguem dois graus de altura da língua, [+alto e –alto], duas distinções de avanço/recuo da língua [+anterior e –anterior], e arredondamento dos lábios [+arredondado e –arredondado]. Para detalhes de agrupamento por traços naturais, ver tabelas (1) e (2).

4.1.1 Inventário fonético e fonológico das consoantes

Na tabela (1), apresentamos o inventário representativo dos fones consonantais do Manxineru, contendo 23 consoantes.

Tabela 1 — Inventário fonético das consoantes do Manxineru

		Labial	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivo	Surdo	p	t			k	
	Aspirados	p ^h	t ^h			k ^h	
	Sonoro		d				
Africado			ts	tʃ	cç		
Fricativo	Surdo		s	ʃ	ç		h
	Sonoro	β					ɦ
Líquido	Lateral		l				
	Vibrante		(ř)				
	Flepe/Tepe		r				
Nasal		m	n				
Aproximante		w			j		

Fonte: Couto (2012, p. 42)

Na tabela (2), apresentamos o inventário fonológico do Manxineru com 16 fonemas consonantais.

Tabela 2 — Inventário fonológico das consoantes do Manxineru

	Labial	Alveolar	alveopalatal	palatal	velar	glotal
Oclusivo	p	t			k	
Africado		ts	tʃ	cç		
Fricativo		s	ʃ	ç		h
Nasal	m	n				
Líquido		l, r				
Aproximante	w			j		

Em seguida, sumarizamos um quadro fonêmico das consoantes da variedade Manxineru e variedade Piro como forma contrastiva de análise.

Quadro 4 — Inventário fonológico comparativo das consoantes do Yine (Piro-Manxineru)

Variedade	Autores	Fonemas
Piro	Matteson (1965)	p, t, k, \widehat{ts} , $\widehat{t\check{s}}$, \widehat{tx} , s, \check{s} , x, h, l, r, m, m:, n, n:, w, w:, y, y:
	Sebastián (2006)	p, t, k, ts, tʃ, tç, s, ʃ, ç, ħ, m, n, r, w, j, l
	Hanson (2010)	p, t, c, k, ts, tʃ, s, ʃ, ç, ħ, m, n, l, r, w, y
Manxineru	Silva (2008)	p, t, k, ts, tʃ, cç, s, ʃ, ç, h, r, m, n, w, j
	Couto (2012)	p, t, k, ts, tʃ, cç, s, ʃ, ç, h, r, l, m, n, w, j
	Silva (2013)	p, t, k, ts, tʃ, cç, s, ʃ, x, r, m, n, w, j
	Fonemas adotados para esta tese	p, t, k, ts, tʃ, cç, s, ʃ, ç, h, r, l, m, n, w, j

O nosso quadro fonológico se diferencia de outras propostas de análise dos fonemas do complexo Yine-Piro-Manxineru, pois Matteson (1965) descreve consoantes nasais e

aproximantes longas /m:/, n:/, y:(j)/, w:/, enquanto não identificamos, até o presente, essas consoantes longas com valor distintivo, assim como não identificamos a existência de uma africada /tx(tç)/, proposta por essa mesma autora. Também, diferentemente, de Hanson (2010) não descrevemos uma fricativa glotal nasal /h̃/, nem uma oclusiva palatal /c/ para a variedade Piro. Finalmente, diferentemente de Silva (2013), consideramos a existência de um fonema /l/ e um fonema /ç/ para a variedade Manxineru (ver seções 4.1.4-4.1.4.4.8).

Cabe salientar que muitas das distinções existentes entre os trabalhos sobre a fonética e fonologia da língua Yine (Piro-Manxineru) se explica, entre outros fatores, pela escolha da metodologia de análise, pela fundamentação teórica usada, pelos equipamentos utilizados, pela experiência do linguista e pelas escolhas do profissional. Nesta perspectiva, concordo com Ladefoged (1990a), quando ele elabora alguns pensamentos sobre o assunto, afirmando que:

[...] para o foneticista não “existe verdade universal independente” do observador. O que nós escolhemos representar em nossas transcrições fonéticas é um produto dos nossos preconceitos, exatamente como nossa visão total de língua e sociedade depende do nosso ponto de observação (LADEFOGED, 1990a, p. 344-345). (Grifo nosso) (tradução nossa).

Nessa mesma linha de pensamento, nos apropriamos das palavras de Jakobson ([1939] 1972a, p. 17), quando o autor diz: “quanto mais o fonólogo se voltar para a abundância dos dados da fonética, tanto mais frutuoso será o seu trabalho; quanto mais propriedades fonéticas a fonologia experimentar e reelaborar, tanto melhor será”.

4.1.2 Demonstrando contrastes consonantais

Demonstramos, em seguida, por meio de pares mínimos e/ou análogos, contrastes que fundamentam a existência de dezesseis fonemas consonantais e cinco fonemas vocálicos em Manxineru.

4.1.2.1 Contrastes entre fonemas consonantais

Descrevemos para o Manxineru 6 (seis) consoantes obstruintes descontínuas, sendo que as oclusivas se distinguem em três pontos de articulação: labial /p/, alveolar /t/ e a velar /k/; as africadas se distinguem em: alveolar /ts/, alveolpalatal /tʃ/ e palatal /ç/. Apesar de várias

teorias versarem a respeito da fonêmica, os contrastes fonológicos foram desenvolvidos à luz da metodologia e teoria estruturalista de Pike (1947).

/p/ : /w/

(17)	['çɛpʲɨ̃]	/çepiɨ̃/	‘orelha’
	['çɛwʲɨ̃]	/çewɨ̃/	‘pulga’

/p/ : /m/

(18)	['mati]	/mati/	‘sabiá’
	['pati]	/pati/	‘pai’

/t/ : /l/

(19)	[kapa'tɛri]	/kapateri/	‘pessoa vergonhosa’
	[kĩh'leri]	/kihileri/	‘feliz’, ‘bom’

/t/ : /ɾ/

(20)	[ko'tʃiro]	/koɕiro/	‘faca’
	[ma'tʃito]	/maɕito/	‘facão’

/tʃ/ : /t/

(21)	['hĩɕa]	/hiɕa/	‘vocês’
	['hĩta]	/hita/	‘eu’

/tʃ/ : /ʃ/

(22)	['ʃiçi]	/ʃiçi/	‘milho’
	['tʃiçi]	/tʃiçi/	‘terra’

/tʃ/ : /ts/

(23)	[ku'tsi:ɕi]	/kotsiɕi/	‘veia’
	['tʃiɕi]	/tʃiɕi/	‘fogo’

/ʃ/ : /ç/

(24)	[ˈʃiʃi]	/ʃiʃi/	‘fogo’
	[ˈçiʃi]	/çiʃi/	‘pé’

/cç/ : /ç/

(25)	[ˌkisaˈcçeri]	/kisacçeri/	‘traíra’
	[ˌççijoˈçiri]	/ççijoçiri/	‘jacaré’

/ç/ : /s/

(26)	[ˈçiʃi]	/çiʃi/	‘terra’
	[ˈsiʃu]	/siʃo/	‘mulher’

/ts/ : /h/

(27)	[ˈtsapi]	/tsapi/	‘timbó’
	[ˌsaluˈhapi]	/salohapi/	‘remo’

/ts/ : /s/

(28)	[ˈtsa:pi]	/tsapi/	‘agulha’
	[ˈsarti]	/sati/	‘um’ (1)

/ç/ : /ʃ/

(29)	[ˈçepiʃi]	/çepiʃi/	‘orelha’
	[ˈʃepiʃi]	/ʃepiʃi/	‘piolho’

/h/ : /k/

(30)	[ˈhani]	/hani/	‘como’
	[ˈkatɨ]	/kati/	‘quem’

/h/ : /ʃ/

(31)	[ˈhĩhã]	/hiha/	‘pilão’
	[ˈhõʃa]	/hoʃa/	‘mata’

/ç/ : /s/

(32)	['çitʃi]	/çitʃi/	‘pé’
	['sitʃu]	/sitʃo/	‘mulher’

/ʃ/ : /ç/

(33)	['çepitʃi]	/çepitʃi/	‘orelha’
	['ʃepitʃi]	/ʃepitʃi/	‘piolho’

/tʃ/ : /k/

(34)	[,rẽmutʃa:tɛ]	/ramotʃata/	‘ele está mastigando’
	[,rafĩka:tɛ]	/rafĩkata/	‘ele morde’

/m/ : /w/

(35)	[hĩ'mati]	/himati /	‘panela’
	[ʃi'wati]	/ʃiwati /	‘balaio’

/m/ : /n/

(36)	[t ^o kaʃũ'nali]	/tokaʃonari/	‘ariranha’
	[,kasẽ'mali]	/kasamali/	‘pano’

/n/ : /t/

(37)	[,kaʃĩ'noli]	/kaʃĩnoli/	‘dor’
	[,kẽmo'toli]	/kamotoli/	‘abelha arapuã’

/n/ : /s/

(38)	[pĩ'natʃi]	/pinatʃi/	‘ânus de você’
	[pi'satʃi]	/pisatʃi/	‘sua barriga’

/j/ : /ts/

(39)	[ku'tsi:ʃi]	/kotsiʃi/	‘veia’
	[ka'jati]	/kajati/	‘paca’

/j/ : /n/

(40)	[ka'jati]	/kajati/	‘paca’
	[,nokẽ'nati]	/nokanati/	‘eu mando’

/r/ : /n/

(41)	[ra'fĩʃa]	/rafĩʃa/	‘cérebro dele’
	[na'fĩʃa]	/nafĩʃa/	‘meu cérebro’

/r/ : /t/

(42)	[ko'ʃiro]	/kotʃiro/	‘faca’
	[ma'ʃito]	/matʃito/	‘facão’

/l/ : /t/

(43)	[,kapa'terĩ]	/kapaterĩ/	‘pessoa vergonhosa’
	[kĩh'lerĩ]	/kihilerĩ/	‘ele é feliz’, ‘feliz’, ‘coisa boa’

/l/ : /n/

(44)	[pa'nere]	/panere/	‘tribo’
	[kĩh'lerĩ]	/kihilerĩ/	‘ele é feliz’, ‘feliz’, ‘coisa boa’

/l/ : /r/

(45)	[,p ^a ra'ʃine]	/paraʃine/	‘animal de estimação’
	[,p ^a la'tsolĩ]	/palatsori/	‘martim pescador’

Cabe destacar que a fricativa glotal /h/ apresenta um grau importante de variação com motivação especial e que contribui para a nasalização vocálica na língua. A variação [h̃] dá-se ao ocorrer intervocalicamente, quando se realiza vozeada, ao mesmo tempo nasalizando as vogais adjacentes. Exemplo disso é ['hõhĩ] /hohi/. Já o alofone [h] ocorre nos demais ambientes, mas é igualmente fonte de nasalidade para vogais seguintes. A esse respeito, nossa análise se distingue das propostas de Matteson (1965), Sebastián (2006), e Hanson (2010), pois, para estes autores, há um fonema nasal /h̃/ no dialeto Piro, que teria um alofone [ç] (melhores detalhes na seção 4.1.4.3.3.10).

4.1.2.2 Particularidades alofônicas das consoantes

Nesta seção, descrevemos os ambientes de ocorrência dos alofones dos fonemas consonantais do Manxineru.

4.1.2.2.1 O fonema /p/

O fonema oclusivo bilabial surdo /p/ possui dois fones [p] e [p^h]. O [p] ocorre em posição de *onset* em qualquer parte da palavra. O alofone aspirado só ocorre em contexto em que é seguido de consoante [–sonora –contínua]. Isso ocorre porque a vogal sofre enfraquecimento a tal ponto de perder totalmente suas características formânticas, se realizando de forma aspirada, e ele se junta à consoantes obstruintes ([p], [t] ou [k]) em uma única sílaba. Assim, tem-se aspiração dessas consoantes.

Exemplos:

[p] Oclusivo bilabial surdo

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

(46) [pi' hĩmɐ] /pihama/ ‘você tropeçou’

Em posição de *onset* em sílaba medial:

(47) [,kjoçi' pẽnɐ] /kjoçipana/ ‘emborcado’

Em posição de *onset* em sílaba final:

(48) [hĩ ,fatu' kape] /hifatokape/ ‘ele segurou algo’ (algo que caiu)

[p^h] Oclusivo bilabial surdo aspirado

(49) [,p^htu' kẽ:nɐ] /pitokana/ ‘sua voz’

4.1.2.2.2 O fonema /t/

O fonema oclusivo alveolar surdo /t/ possui dois fones: [t] e [t^h]. O [t] ocorre em posição de *onset* em qualquer sílaba da palavra. O alofone aspirado ocorre somente em contexto que seja seguido de consoante [–soante –contínua].

Exemplos:

[t] Oclusivo alveolar surdo

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

(50) [ti'çirɐ] /tiçira/ ‘aquele’

Em posição de *onset* em sílaba medial:

(51) [hĩs'takɐ] /histaka/ ‘ele cortou’

Em posição de *onset* em sílaba final:

(52) ['po:te] /pote/ ‘vários’

[t^h] Oclusivo alveolar surdo aspirado:

(53) [,nosa't^hkapɐ] /nosatakapa/ ‘eu voltei’

4.1.2.2.3 O fonema /k/

O fonema oclusivo velar surdo /k/ possui três fones: [k], [ç] e [k^h]. O fone [k] ocorre em qualquer lugar da palavra em posição de *onset*. O fone [ç] ocorre de forma rara, como alofone posicional, somente em posição de *onset* e interna da palavra, além de ter de ser seguida da vogal alta anterior [i]. O alofone aspirado [k^h] ocorre somente diante de consoante [–sonora –contínua].

Exemplos:

[k] Oclusivo bilabial surdo:

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

(54) [ko'pire] /kopire/ 'no meio (do caminho)'

Em posição de *onset* em sílaba medial:

(55) [tu'kẽntfi] /tokanatfi/ 'voz'

Em posição de *onset* em sílaba final:

(56) ['pikɐ] /pika/ 'só'

O alofone posicional [ç] ocorre com a palatização do /k/ quando imediatamente seguido de [i] em posição medial ou final de palavra sílaba.

Exemplo:

[ç] Fricativo palatal surdo

(57) ['niçja] /nikaja/ 'eu comi lá'

[k^h] Oclusivo bilabial surdo aspirado

(58) [k^htɛw'rɛri] /kitewreri/ 'salgado'

4.1.2.2.4 O fonema /ts/

O fonema africado alveolar surdo /ts/ possui um único fone [ts], que ocorre em posição de *onset* em qualquer posição da palavra, mas não ocorre seguida de [i].

Exemplos:

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

(59) [ˈtsũ:mi] /tsomi/ ‘berne’

Em posição de *onset* em sílaba medial:

(60) [maˈtsawa] /matsawa/ ‘cego’

Em posição de *onset* em sílaba final:

(61) [ˌnoçiˈwitsə] /noçiwitsa/ ‘meu cabelo’

4.1.2.2.5 O fonema /tʃ/

O fonema africado alveopalatal surdo /tʃ/ possui um único fone [tʃ], que ocorre em posição de *onset* em qualquer posição da palavra.

Exemplos:

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

(62) [ˈtʃĩnu] /tʃino/ ‘dor’

Em posição de coda em sílaba medial:

(69) [ˌnokʰiˈsiːstʃi] /nokisistʃi/ ‘minha perna’

4.1.2.2.7 O fonema /ʃ/

O fonema fricativo alveopalatal surdo /ʃ/ possui um único fone [ʃ], que ocorre na posição de *onset* e na posição de coda, mas não ocorre precedendo a vogal /i/.

Exemplos:

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

(70) [ʃapʰiˈlɛʃi] /ʃapilɛʃi/ ‘grito’

Em posição de *onset* em sílaba medial:

(71) [raˈʃiʃa] /raʃiʃa/ ‘cérebro’ ‘cérebro dele’

Em posição de *onset* em sílaba final:

(72) [ˈhɛʃo] /haʃo/ ‘morcego’

Em posição de coda em sílaba inicial:

(73) [haːʃˈkatə] /raʃikata/ ‘ele mordeu’

Em posição de coda em sílaba medial:

(74) [ˌpʰikoˈlaːʃi] /pikolaʃi/ ‘seu queixo’

4.1.2.2.8 O fonema /cç/

O fonema africado palatal surdo /cç/ possui um único fone [cç], que ocorre na posição de *onset* e sempre diante de /i/ ou /e/. Não ocorre em sílaba final.

Exemplos:

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

(75) [ˌcçijo'çiri] /cçijoçiri/ 'jacaré'

Em posição de *onset* em sílaba medial:

(76) [ˌk'sa'cçeri] /kisacçeri/ 'traíra'

4.1.2.2.9 O fonema /ç/

O fonema /ç/ possui um único fone [ç], que ocorre na posição de *onset*, sempre diante de /i/, /e/ ou /a/ e na posição de coda.

Exemplos:

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

(77) [çi'mekə] /çimeka/ 'macaxeira'

Em posição de *onset* em sílaba medial:

(78) a. [ti'çirə] /tiçira/ 'aquele'
 b. [hĩ'çẽ:mə] /hiçema/ 'ele escutou'

Em posição de *onset* em sílaba final:

- (79) a. ['tʃiçi] /tʃiçi/ ‘terra’
 b. ['wiça] /wiça/ ‘nós procurmos’

Em posição de coda em sílaba inicial:

- (80) ['no:çʃi] /noçʃi/ ‘pescoço’, ‘meu pescoço’

4.1.2.2.10 O fonema /h/

Diferentemente do que afirma Hanson (2010) para a variedade Yine, conforme resumido no quadro (5) e exemplificado em (81-86), não confirmamos todas as variações descritas pela autora. Segundo Hanson (*idem ibidem*) o fonema /h/ pode ocorrer na superfície das seguintes formas: (i) quando seguido de vogal, ele ocorre como [h]; (ii) quando seguido de consoante oclusiva/africada, ele possui um alto grau de assimilação, podendo ocorrer como [m], [n], [ŋ], respectivamente exemplos (81, 82 e 83); (iii) quando seguido de fricativa, ele ocorre como a aproximante [j] (exemplo (84)), quando seguido por consoante idêntica (/h/) na posição de C₂, a C₁ é afetado e ocorre nasal [h̃] (conforme exemplo (85)) ou como aproximante velar nasal [ũ] (exemplo (86)). Ou seja, o fonema /h̃/ sofre vários processos assimilatórios, segundo Hanson (2010).

- (81) [tʃiyampotita]
 tʃiyaha-poti-ta
 cry-INTNS-VCL
 ‘He was sobbing.’ (p. 20, ex.: 7)

- (82) [tiçhayentapli]
 t-hic,ha-yehi-ta-pa-li
 3SGF-search.for-VICIN-VCL-ALL-3SGM
 ‘She went to search in his area.’ (p. 20, ex.: 8)

- (83) [çiwsaŋkaka]
 çiwri-sahi-kaka
 thread-ball.of-DISTR
 ‘each ball of thread’ (p. 20, ex.: 9)
- (84) [raḷçita]
 r-hahçita
 3-ask.for
 ‘He asks for (something).’ (p. 20, ex.: 10)
- (85) [ḥīyaāḥīmni]
 hiyaho-hima-ni
 then-QUOT-IMP.DECL
 ‘then, reportedly’ (p. 21, ex.: 14)
- (86) [yopriū himata]
 Ø-yopriha-hima-ta
 3-cut.fringe-QUOT-VCL
 ‘He cut (her) fringe.’ (p. 22, ex.:15)

Quadro 5 — Resumo da variação observada na superfície de realização de /h/, segundo Hanson (2010, p. 22).

Environment	Nasal		Place	Voice
h + Vowel	+	Glottal	Continuant	-(+)
h + Stop/Affr	+	full assimilation	Stop	+
h + Fricative	+	(full?) assimilation	Continuant	+
h + Sonorant	+	Glottal	Continuant	-(+)
h + h	+	vocalic, transitional, velar	vowel, contin, stop	+

Hanson (2010, p. 22).

Para nossa tese, atestamos apenas três alofones para o fonema fricativo glotal /h/, que são os fones: [h], [ḥ] e o raríssimo [ř], o que difere, tanto da análise de Hanson (2010), quanto da análise de Matteson (1965). Além disso, não consideramos o fonema /ḥ̃/ para a variedade

Manxineru, algo que é descrito para a variedade Yine (Piro), conforme postulado pelas duas autoras supracitadas.

O alofone sonoro [ɦ] ocorre em posição de *onset*, mais comumente entre vogais. O fone surdo /h/ ocorre em posição de coda e em posição de *onset* de sílaba inicial ou em sílaba medial desde que não seja precedida de vogal da sílaba anterior. O fone [ɣ] ocorre apenas em posição de *onset*, sendo que só foi encontrado apenas em uma palavra emprestada do português. É importante salientar que /h/ não ocorre diante de /i/.

Exemplos:

[ɦ] fricativo glotal sonoro

Em posição de *onset* em sílaba medial:

(87) [i'ɦĩɣĩ] /ɦiɦĩ/ ‘dente’

Ainda sobre a nasalização engatilhada pelo /h/, Aikhenvald (1999a, p.78) e Ramirez (2001, p. 57), assim como Campbell (2012, p. 267) afirmam que há diversas línguas Aruák que têm vogais nasalizadas quando essas estão nas juntura de /h/ ou de /ʔ/. Entre essas línguas, destaca-se principalmente Bare, Kurripako (Baniwa), Yawalapiti, Yucuna. Contribui ainda para a afirmação desse fenômeno, Aikhenvald e Dixon (1999, p. 354), quando os autores afirmam que em Pirahã, “the vowels may optionally be nasalized following ʔ or h”. Como já apontado por mim (COUTO, 2012, 2014), acerca desse fenômeno. Há também o trabalho de Silva (2013, p. 74), que, na sua pesquisa sobre a língua Paresi-Haliti, pertencente à família Aruák, afirma: “[...] as vogais /i/ e /a/ podem ser realizadas de maneira mais relaxada em posição final átona, o que é comum em muitas línguas. A nasalização, quando ocorre, é espontânea e adjacente à laríngea /h/ [...]”, como o autor exemplifica nas palavras [ɦi.ɦĩ.ma.ni.'ja] ‘mão direita’ e [ki.ɖã.ne.jõ.'ɦĩ] ‘estreito’.

Quintino (2012) corrobora nossa hipótese de que o /h/ não é uma consoante inerentemente nasal, mas sim uma fonte, na variedade Manxineru, de propagação de nasalidade para vogais imediatamente à direita dela. Em seu trabalho sobre o Xavante, o autor afirma que uma das questões centrais na fonologia Xavante:

[...] é o papel das glotais [h, ʔ] na harmonia nasal. Em primeiro lugar, partimos do pressuposto de que há uma relação entre esses segmentos e a nasalidade em Xavante. Em segundo lugar, acreditamos que essa relação seja constitutiva nessa língua [...]. (QUINTINO, 2012, p. 127).

A esse respeito, Matisoff (1975), em sua obra sobre *Rhinoglottophilia*, afirma que a nasalização da vogal é um fenômeno comum nas línguas, pois essa nasalização é tipicamente tratada como um processo de assimilação, em que uma determinada vogal oral é pronunciada com véu palatino abaixado, conforme também afirma Rodrigues (2003), devido a alguma motivação nasal provocada por uma consoante adjacente (por ex.: [h e ʔ]). Isso é o que ele chama de casos de nasalização espontânea. A esse tipo de realização, dá-se o nome de “rinoglotofilia”. Assim, nos parece prudente dizer que a afirmação de Matisoff (op. cit.) confirma nossa hipótese para propagação de nasalidade em Manxineru.

Em posição de *onset* em sílaba final:

(88) [ˈhõfĩ] /hohi/ ‘dia’

[h] fricativo glotal surdo

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

(89) [hẽˈwakɐ] /hawaka/ ‘ele sobe’, ‘ele sobe morro acima’

Em posição de *onset* em sílaba medial:

(90) [pʰiˈfĩ:tɐ] /pihata/ ‘você inventa’

Em posição de coda em sílaba inicial:

(91) [ˈnihmɐ] /nihima/ ‘eu tropecei’

Em posição de coda em sílaba medial:

(92) [hõ'wihkɛ] /howihaka/ 'longe'

[ř] vibrante alveolar sonoro

Em posição de coda de sílaba inicial

(93) ['seřka] /sehka/ 'cerca'

4.1.2.2.11 O fonema /r/

O fonema tepe alveolar sonoro /r/ possui três fones: [r], [l] e [d]. O fone [r] se realiza em qualquer posição da palavra e com qualquer vogal, mas sempre na posição de *onset*. Ele não ocorre precedido imediatamente de consoante nasal. O alofone [l] só ocorre precedida por vogal [– anterior], pois nessa posição há a neutralização entre o aproximante /r/ e o lateral /l/. O [l] não ocorre em sílaba inicial. A alofinia entre [r] e [l] é mais bem atestada no sufixo de terceira pessoa do singular, que marca gramaticalmente o gênero nos nomes e função de objeto direto de verbos ativos, sendo {-ri ~li} masculino e {-ro ~lo} feminino nos nomes, marcando ainda sujeito nos predicados estativos e/ou descritivos. O alofone [d] só ocorre quando imediatamente o /r/ for precedido de consoante nasal, sempre em posição de *onset*, só ocorrendo no interior da palavra. Essa alofonia só é possível pela deleção de vogal da sílaba anterior, o que provoca a junção da nasal com a sílaba seguinte (ex.: 97-98).

Exemplos:

[r] tepe alveolar sonoro

Em posição de coda em sílaba inicial:

(94) ['reřɛ] /reta/ 'ver', 'ele vê'

Em posição de *onset* em sílaba medial:

(95) [pi'rikɛ] /pirika/ ‘de manhã’, ‘manhã’

Em posição de *onset* em sílaba final:

(96) [pa:j'nɛri] /pajneri/ ‘outra pessoa’

[d] oclusivo alveolar sonoro

(97) [tsĩn'diçi] /tsinariçi/ ‘perequitinho’

(98) ['nõndi] /nonari/ ‘minha língua’

[l] lateral alveolar sonoro

(99) [t°'lolo] /toloro/ ‘sapo’

(100) [sotʰli] /sotiri/ ‘pedra’

Sobre o fenômeno de laterização do /r/ (ver também COUTO, 2012, 2014), consideramos a hipótese de que tipos comuns de laterais têm sido agrupados junto com os róticos sob o nome de líquidas, como também observam Ladefoged e Maddieson (2006, p. 183). Segundo esses autores, laterais e róticos são agrupados juntos porque compartilham similaridades fonéticas e fonológicas. Assim, elas estão entre as consoantes foneticamente mais sonoras das consoantes orais. Os autores também ressaltam que as líquidas frequentemente formam uma classe especial na fonotática das línguas por apresentarem grande liberdade de ocorrência em grupos consonantais (op. cit., p. 182).

Nesse diapasão, entendemos que processo parecido ocorre em Manxineru, mas por motivações diferentes, como o descrito por Silva (2013, p. 90), ao analisar a língua Paresi-Haliti (Aruák): a realização de [d], que ocorre somente em fronteira de clítico, tem um ambiente bastante raro (se não único). Raro, pois depende da coexistência de duas peculiaridades do Paresi: /l/ nunca inicia palavra fonológica, como ocorre com o Manxineru, e os adjetivos nunca

podem ocorrer independentes, pois desrespeitam a palavra mínima Paresi, que é dissilábica, e esses são, em sua maioria, monossilábicos. Um elemento complicador é o fato de o *output* [d] não ser um elemento desse sistema, assim como em Manxineru, o que contradiz o que é atestado empiricamente: todo *output* (cf. SILVA op. cit.) de processo morfofonológico deve pertencer ao sistema. Portanto, assim como para os processos mencionados em que não ocorre alteamento vocálico, parece que a explicação para essa realização deve-se a ajustes puramente fonéticos que interagem com a posição do acento lexical e a fronteira morfológica estabelecida (SILVA, 2013, p. 76).

4.1.2.2.12 O fonema /m/

O fonema /m/ possui só um fone [m], que ocorre tanto em posição de *onset* como em posição de coda. Nesta última posição, só em sílaba inicial ou medial, mas nunca final.

Exemplos:

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

(101) [ma'jokɐ] /majoka/ 'latir'

Em posição de *onset* em sílaba medial:

(102) [çi'mɛkɐ] /çimeka/ 'macaxeira'

Em posição de *onset* em sílaba final:

(103) [hĩ'çẽ:mɐ] /hiçema/ 'ele escutou'

Em posição de coda em sílaba inicial:

(104) [hõm'ka:hĩ] /homakahi/ 'continuar'

Em posição de coda em sílaba medial:

(105) [hɛ'põmkɐ] /hepomaka/ 'ele se curou da bebedeira' 'sóbrio'

4.1.2.2.13 O fonema /n/

O fonema nasal alveolar /n/ possui só um fone [n], que ocorre na posição de *onset* e em posição de coda, em qualquer posição da palavra. Cabe salientar que em posição de coda ela não se realiza seguida de silêncio ([__#]).

Exemplos:

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

(106) [na'ʃitʃa] /naʃitʃa/ 'meu cérebro'

Em posição de *onset* em sílaba medial:

(107) [hĩna'pɔle] /hinapale/ 'direção'

Em posição de *onset* em sílaba final:

(108) [ˈrɛt̪nɐ] /retanɐ/ 'eles veem'

Em posição de coda em sílaba inicial:

(109) [ˈpẽntʃi] /panatʃi/ 'casa'

Em posição de coda em sílaba medial:

(110) [ˌtsa'pẽn:ʃi] /tsapanatʃi/ 'bolsa'

4.1.2.2.14 O fonema /w/

O fonema aproximante labial /w/ possui três fones: [w] e [β] e [u]. O alofone fricativo labial ocorre sempre seguido de vogais /i/ e /e/. O alofone silábico [u] ocorre quando o /w/ torna-se silábico e nuclear. Normalmente este último ocorre pelo apagamento da vogal do prefixo pessoal {wi-}, no início de sílaba e de palavra, desde que seja seguida de segmentos [–soante – contínuo – silábico]. O alofone [w] ocorre nos demais ambientes, podendo ocorrer em posição de coda ou de *onset*.

Exemplos:

[β] Fricativo labial sonoro.

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

(111) [βi'çiŋi] /wiçiŋi/ ‘nossos pés’

Em posição de *onset* em sílaba medial:

[,heβire'pukə] /hewirapoka/ ‘ele chegou aqui’

Em posição de *onset* em sílaba final:

(112) ['heβi] /hewi/ ‘aqui’

[u] Posterior alto arredondado em posição de *onset* em sílaba inicial:

(113) [,utu'kẽnə] /witokana/ ‘nossa voz’

[w] aproximante labial sonoro em posição de *onset* em sílaba inicial:

(114) ['wale] /wale/ ‘ele’

Em posição de *onset* em sílaba final:

(115) [kẽ'nawɐ] /kanawa/ 'canoa'

Em posição de coda em sílaba inicial:

(116) ['ʃi:wɐ] /ʃi:wɐ/ 'arrepio'

4.1.2.2.15 O fonema /j/

O fonema aproximante palatal /j/ tem dois fones: [j] e [i]. O fone [i] ocorre quando o /j/ torna-se silábico e nuclear. O fone [j] pode ocorrer nos demais ambientes seja em posição de *onset*, seja em posição de coda.

Exemplos:

[i] Anterior alto não arredondado:

(117) [po'ikili] /pojkiɾi/ 'querer'

[j] Aproximante palatal sonoro:

Em posição de *onset* em sílaba inicial:

(118) [joti'pakɐ] /jotipaka/ 'levantar alguém'

Em posição de *onset* em sílaba medial:

(119) [ma'jokɐ] /majoka/ 'latir'

Em posição de *onset* em sílaba final:

(120) ['se:jo] /sejo/ 'mas'

Em posição de coda em sílaba inicial:

(121) [ˌmaj'ʃakɐ] /majʃaka/ 'erro'

Em posição de coda em sílaba final:

(122) ['poj] /poj/ 'boi'

4.1.2.2.16 O fonema /l/

O fonema lateral alveolar /l/ possui dois fones: [l] e [d]. O fone [l] ocorre sempre em posição de *onset*, desde que não esteja precedido de consoante nasal. O [l] também não ocorre iniciando palavra ou ainda precedido por vogal [+anterior], exceto em nomes próprios, como *lukas* 'Lucas' e em algumas palavras emprestadas do português como *selulari* 'celular', por exemplo, em que o /l/ ocorre em início de palavra ou precedido por vogal [–anterior] (ver seção 4.1.5). O alofone [d] só ocorre quando o /l/ é precedido pela consoante nasal /n/. Isso acontece por causa das junções morfofonológicas, que provocam apagamento vocálico, o que permite que haja encontros consonantais heterossilábicos. Diferentemente do que afirma Silva (2009, 2013), consideramos o /l/ como fonema e não só como alofone do /r/. Análise essa, que também é compartilhada por Hanson (2010, p. 26), quando se refere ao Piro.

Exemplos:

[l] Lateral alveolar sonoro

Em posição de *onset* em sílaba medial:

(123) [hẽ'liʃɐ] /haliʃa/ 'ele tem fé'

Em posição de *onset* em sílaba final:

(124) [ri'jali] /rifari/ 'ele procura', 'ele procura algo'

[d] Oclusivo bilabial sonoro

Em posição de *onset* em sílaba final:

(125) [ˌpila'tëndi] /pilatanali/ 'cozinhar', 'cozinhar algo'

Por fim, é importante salientar que em nossa pesquisa não consideramos as consoantes alongadas /n:, m:, y: e w:/ como postulado por Matteson (1965, p. 25-212) e nem descrevemos a consoante oclusiva palatal /c/, que consta no quadro fonológico de Hanson (2010, p. 16). Em relação à descrição de Matteson (*idem ibidem*), concordamos com o que disse Lin (1997) e Couto (2012) quando esses autores afirmam que a ocorrência alongada é engatilhada por processos morfofonológicos causados pela concatenação morfofonológica/sintática e pela manutenção do acento primário, ou seja, trata-se de variação fonética motivada por esse fenômeno e não como propriedade distintiva intrínseca dessas consoantes.

Nosso inventário fonológico também não corrobora de Silva (2008 e 2013), no que se refere à essência da consoante /l/, pois a autora considera esta consoante como alofone do tepe /t/ e não como um fonema da língua, algo que temos posição diferente.

4.1.3 Inventário fonético e fonológico das vogais

Em seguida, apresentamos, na tabela (3), o inventário dos fones vocálicos da língua Manxineru, contendo 41 fones e, em seguida, apresentamos os fonemas vocálicos na tabela (4), contendo 5 vogais.

¹² Conforme no original de Matteson (1965, p. 28) “The phonetically long consonant is interpreted not as an identical cluster but as a single phoneme, for the following reasons: (1) the long segment occurs within one phonetic syllable in contrast to consonant clusters which are separated into two phonetic syllables [...]; (2) the interpretation of long voiced continuant consonants is analogous to that of the long vowels with which they are sometimes interchanged. [...] (3) Clusters of very similar consonants do not occur [...]”.

Tabela 3 — Inventário fonético das vogais do Manxineru

		Anterior				Central				Posterior						
		não-arredondado				não-arredondado				Arredondado						
		Oral		nasal		Oral		Nasal		Oral		Nasal				
			br.	lo.	br.	lo.		br.	lo.	br.	lo.		br.	lo.	br.	lo.
Alto	Fech. So.	i	i	i:	ĩ	ĩ:	ɨ	ɨ	ɨ:	ĩ	ĩ:	u		u:	ũ	ũ:
	Fech. Su.	ɨ̃					ɨ̃									
	Aber.	ɪ					ɨ					ʊ				
Médio	Fech. So.	e		e:	ẽ	ẽ:	ə	ə		ẽ		o	o	o:	õ	õ:
	Fech. Su.	ɛ̃					ə̃					ɔ̃				
	Aber.	ɛ		ɛ:												
Baixo	Fech. So.						ɐ			ẽ	ẽ:					
	Aber. Su.						a		a:							

Fonte: Couto (2012, p. 49)

Tabela 4 — Inventário fonológico das vogais do Manxineru

	+Anterior	-Anterior	
		-Arredondado	+Arredondado
+Alto	i	ɨ	o
-Alto	e	a	

O sistema vocálico do Manxineru se configura como semissimétrico, com respeito ao traço arredondado. Nossa análise concorda com a proposta de Hanson (2010) e Couto (2012) quanto ao inventário fonológico das vogais, mas discorda da postulada por Matteson (1965, p. 25), pois, para esta autora, há contraste entre vogal longa e vogal breve. Além disso, Matteson (idem ibidem) descreve o inventário fonológico, considerando uma vogal alta posterior arredonda /u/, o que foi considerado por nós, por Hanson (op. cit.) e por Silva (2013), como

forma alofônica de /o/. Também podemos considerar que Mattesson (1965) tenha interpretado a vogal central /i/, como um /u/, o que justificaria esta última ocorrência como parte do quadro fonológico descrito pela autora.

Em relação às vogais alongadas, consideramos a hipótese de que elas não são fonológicas, mas sim realizações fonéticas ocorridas por processos morfofonológicos causados por concatenações morfofonológicas e sintáticas. Assim, consideramos essas realizações como reorganização do sistema da língua para manter o padrão rítmico, principalmente no que se refere à ocorrência do acento principal da palavra (para melhores detalhes, ver capítulos IV e XI). Cabe ressaltar ainda que não há vogais nasais fonológicas, mas, vogais nasalizadas, que não são, obviamente, contrastiva na língua Manxineru. Em seguida, apresentamos, na tabela (5), dados comparativos dos fonemas vocálicos do Yine (Piro-Manxineru), segundo diferentes autores.

Tabela 5 — Inventário fonológico comparativo das vogais do complexo Yine-Piro-Manxineru

Variedades	Autores/trabalhos	Fonemas
Piro	Mattesson (1965)	i, i:, e, e:, a, a:, o, o:, u, u:
	Sebastián (2006)	i, e, a, o, u
	Hanson (2010)	i, e, a, i, o
Manxineru	Silva (2008)	i, e, a, i, o
	Couto (2012)	i, e, a, i, o
	Silva (2013)	i, e, a, i, o
	Fonemas adotados para esta tese	i, e, a, i, o

4.1.4 Demonstrando contrastes vocálicos

Demonstramos, em seguida, por meio de pares mínimos e/ou análogos, contrastes que fundamentam a existência de cinco fonemas vocálicos em Manxineru.

4.1.4.1 Contrastes entre fonemas vocálicos

Descrevemos cinco (5) fonemas vocálicos para o Manxineru: /i/ [+alto + anterior – arredondado], /i/ [+alto –anterior –arredondado], /o/ [+alto –anterior +arredondado], /e/ [–alto

+anterior –arredondado] e /a/ [–alto –anterior –arredondado]. No quadro (6), fornecemos, como informação acústica, a descrição da média de variação de F1, F2 e da duração dos segmentos vocálicos do Manxineru.

Quadro 6 — Média da variação de F1, F2 e da duração dos segmentos vocálicos do Manxineru¹³

FONE	ALTURA DO FORMANTE 1 (F1)	ALTURA DO FORMANTE 2 (F2)	DURAÇÃO
[i]	274.6711 Hz	2176.1112 Hz	0.1088 ms
[e]	354.2943 Hz	1793.7521 Hz	0.1186 ms
[a]	620.8154 Hz	1430.6683 Hz	0.1466 ms
[ĩ]	342.1932 Hz	1637.8354 Hz	0.0946 ms
[o]	383.2002 Hz	909.4782 Hz	0.1172 ms

Em seguida, descrevemos os contrastes dos segmentos vocálicos do Manxineru:

/i/ : /e/

- (126) ['çeçi] /çeçi/ ‘homem’
 ['fiçi] /fiçi/ ‘milho’

/i/ : /ĩ/

- (127) ['tsapi] /tsapi/ ‘timbó’
 ['tsapĩ] /tsapĩ/ ‘agulha’

/ĩ/ : /a/

- (128) [hĩ'pata] /hipata/ ‘casca’
 [hĩ'pĩli] /hipĩli/ ‘galho’

¹³ As médias de variação das vogais foram obtidas com base em dados de 25 palavras, em que as vogais se encontravam em sílabas com consoantes oclusivas, em posição tónica, pretónica e/ou pós-tónica de palavras trissilábicas e tetrassilábicas e sempre em contexto oral, encaixada na frase-veículo ‘isto é _____’.

/i/ : /o/

(129)	['piti]	/piti/	‘vagalume’
	['poti]	/poti/	‘vários’

/a/ : /e/

(130)	['wale]	/wala/	‘ela’
	['wale]	/wale/	‘ele’

/o/ : /a/

(131)	['hẽfo]	/hafo/	‘morcego’
	['hõfẽ]	/hofo/	‘mata’

4.1.4.2 Particularidades alofônicas das vogais

Todas as vogais Manxineru têm variedades fonéticas alongadas e variedades reduzidas, o que nos levou a classificar as suas respectivas realizações fonéticas de monomoraicas, bimoraicas e reduzidas. As variedades fonéticas bimoraicas e reduzidas serão brevemente tratadas no final desta seção (ver seções 4.1.4.4.6 e 4.1.4.4.7), e um estudo mais detalhado sobre elas, apresentamos no Capítulo VIII.

4.1.4.2.1 O fonema /i/

O fonema anterior alto não-arredondado /i/ possui três alofones monomoraicos, dois orais, [i], [ɪ], e um nasal [ĩ].

O alofone [ɪ] flutua com [i] em posição átona pós-tônica.

Exemplos:

(132)	[po'leɾi] ~ [po'leɾɪ]	/poleri/	‘verde’
-------	-----------------------	----------	---------

O alofone [ĩ] ocorre precedendo consoantes nasais e, frequentemente, seguindo /h/.

- | | | | |
|-------|---------------|--------------|------------------------|
| (133) | [hĩçipa'tẽna] | /hiçipatana/ | ‘eles saíram’ |
| (134) | [hã'tĩnɐ] | /haĩna/ | ‘atrás’, ‘atrás deles’ |

O alofone [i] ocorre nos demais ambientes.

Exemplos:

- | | | | |
|-------|-----------|----------|------------|
| (135) | [pi'rikɐ] | /pirika/ | ‘de manhã’ |
| (136) | [ti'çirɐ] | /tiçira/ | ‘aquele’ |
| (137) | [hĩ'tiĩ] | /hitiĩ/ | ‘costas’ |

4.1.4.2.2 O fonema /e/

O fonema /e/ tem três alofones monomoraicos, dois orais [e], [ɛ] e um nasal: [ẽ].

Exemplos:

O alofone [ɛ] varia livremente com [e] em sílabas tônicas:

- | | | | |
|-------|-----------------------|----------|---------|
| (138) | [hĩ'jekɐ] ~ [hĩ'jekɛ] | /hijeka/ | ‘mutum’ |
|-------|-----------------------|----------|---------|

O alofone [ẽ] ocorre precedendo consoantes nasais e/ou seguindo [h]:

- | | | | |
|-------|-----------|----------|--------|
| (139) | [hẽfiẽ] | /hehe/ | ‘sim’ |
| (140) | [wa'lẽnɐ] | /walena/ | ‘dono’ |

4.1.4.2.3 O fonema /a/

O fonema /a/ tem quatro alofones monomoraicos [a], [ɐ], [ɶ] e [ã].

Exemplos:

Os alofones [ɐ] e [ə] variam livremente em sílabas átonas, principalmente, finais:

(141) [hĩm'katɐ] ~ [hĩma'katə] /himakata/ 'ele é capaz'

O alofone [ẽ] ocorre precedendo consoantes nasais e frequentemente seguindo /h/:

(142) [hĩ'pẽnɛ] /hipana/ 'ele morreu'

(143) [ʃĩ'ʃĩp'hẽ] /ʃĩʃĩpiha/ 'fumaça'

O alofone [a] ocorre nos demais ambientes:

(144) [paj'nɛri] /pajneri/ 'outra gente', 'nação'

(145) ['wata] /wata/ 'bambu', 'taboca'

(146) [hĩ'ʃatu'kape] /hiʃatokape/ 'ele aparou', 'ele segurou algo'

4.1.4.2.4 O fonema /o/

O fonema /o/ possui quatro alofones orais monomoráicos, dois orais [o] e [u], e dois nasais, [õ] e [ũ].

Exemplos:

Os alofones [o] e [u] variam livremente:

(147) [to'ko:tɐ] ~ [tu'ko:tɐ] /tokota/ 'queixo dela'

(148) [mi'tsɛru] ~ [mi'tsɛro] /mitsero/ 'pequeno'

Os alofones [õ] e [ũ] ocorrem precedendo consoantes nasais ou, frequentemente, seguindo /h/. Esses dois alofones flutuam livremente.

Exemplos:

- (149) [hõ'wap^əra] ~ [hũ'wap^əra] /howapara/ ‘corujão’
 (150) ['põⁿdo] ~ ['pũⁿdo] /poniro/ ‘centopeia’

Observamos que a palavra para boi, que é empréstimo do Português, nunca ocorre com o alofone [u], e a nossa hipótese é de que não há flutuação alofônica já que se trata de palavra monossilábica:

- (151) ['poj] /poj/ ‘boi’

4.1.4.2.5 O fonema /i/

O fonema /i/ possui cinco alofones, dois monomoraicos, um oral [i] e um nasal [ĩ], um bimoraico e um reduzido. Como já mencionado anteriormente, trataremos das vogais reduzidas e alongadas no final desta seção.

O alofone nasal ocorre precedendo consoantes nasais. O alofone [i] ocorre nos demais ambientes.

Exemplos:

O alofone [ĩ]:

- (152) [ɲ:'di:ɸĩ] /nariɸĩ/ ‘língua’

O alofone [i]:

- (153) ['so:t'i] /sotiri/ ‘pedra’
 (154) [mi'tiri] /mitiri/ ‘criança’

4.1.4.2.6 Realizações bimoraicas

Quando há, em Manxineru, concatenação morfológica, envolvendo certos morfemas e, quando um nome entra em uma relação de posse, combinando-se com prefixos pessoais e sufixo mediador de posse e outros afixos, a língua se manifesta para manter o padrão rítmico e a posição de acento original se desloca para a sílaba seguinte (exemplos 156-158), o que provoca, constantemente, o alongamento compensatório da vogal desta sílaba (para análise mais detalhadas, ver Capítulo VIII).

Exemplos:

- | | | | |
|-------|-----------------|---------------|--------------------|
| (155) | [ma'ʃire] | /matʃira/ | ‘macaco preto’ |
| (156) | [nõ,matʃi'rate] | /nomatʃirate/ | ‘meu macaco preto’ |
| (157) | [ɲ:'di:ʃi] | /nariʃi/ | ‘língua’ |
| (158) | ['nõ:ndi] | /nonari/ | ‘minha língua’ |

4.1.4.2.7 Realizações reduzidas das vogais

Em Manxineru, vogais reduzidas são encontradas em várias palavras e contextos, inclusive em temas não derivados, mas normalmente a redução vocálica se dá pela manutenção de um padrão rítmico da língua e a manutenção do acento na penúltima sílaba da palavra.

Exemplos:

- | | | | |
|-------|---|--------------|--------|
| (159) | [m ^h ẽ' nok ⁱ lu] ~ [m ^h ẽ' nok ⁱ lo] | /mihenokiri/ | ‘onça’ |
| (160) | [t ^o 'lolo] ~ [t ^u 'lolo] | /toloro/ | ‘sapo’ |

Em temas como estes, em que o acento ocorre na penúltima sílaba, quando há concatenação morfológica, envolvendo certos afixos, como o retrospectivo {-ʃi}, o qual não provoca deslocamento de acento, a vogal da sílaba pós-tônica final do tema é normalmente reduzida, conforme exemplificado em (162).

- | | | | |
|-------|------------------|--------------|---------------------------|
| (161) | [,hi-ʃi.ka'mapa] | /hiʃikamapa/ | ‘estômago parte do corpo’ |
|-------|------------------|--------------|---------------------------|

(162) [,hĩ-tʃĩka' map^ə-tʃĩ] /hiʃĩkamapaʃĩ/ ‘estômago fora do corpo’

4.1.4.2.8 Ensurdecimento vocálico em sílaba átona final

Verificamos que as vogais monomoraicas [i, e, a, ɨ, o] variam livremente com as surdas [a, ɨ, ɨ̃, ɔ, ɔ̃] em posição átona de sílabas finais [__#]. Normalmente esse processo ocorre em palavras polissilábicas (tetrassilábicas, pentassilábicas...) e mais percebido com consoantes [–sonora – contínua], em posição de *onset* (ver Capítulo VIII, para maiores detalhes).

Exemplos:

- (163) [ra,t^əla'latə] ~ [rat^əla'latə] /ratalalata/ ‘ele queimou’
 (164) [pi'hẽliʃĩ] ~ [pi'hẽliʃĩ] /pihaliʃĩ/ ‘teu olho’
 (165) [hẽw' rak^ɨɨ] ~ [hẽw' rak^ɨɨ] /hawrakiri/ ‘raio’
 (166) [,hĩçi' rip^htə] ~ [,hĩçi' rip^hto] ~ [,hĩçi' rip^htə] /hiçiripito/ ‘ponta’
 (167) [hĩ,kẽnu'hĩtə] ~ [hĩ,kẽnu'hĩte] /hikanohite/ ‘músculo do braço dele’
 (168) [t^əl^ə,hwãne'kakə] ~ [t^əl^ə,hwẽne'kakə] /talahwanekaka/ ‘vários sapos de chifre’

4.1.5 Adaptações fonológicas pelo Manxineru de empréstimos do Português: breves considerações

Verificamos que características fonológicas da adoção de empréstimos do Português pelos Manxineru podem ajudar a entender aspectos da sua fonologia. Em seguida, apresentamos algumas observações sobre as adaptações fonológicas feitas pelos Manxineru com respeito a empréstimos dessa língua.

4.1.5.1 Empréstimos

Embora não tenhamos aprofundado ainda um estudo sobre empréstimos em Manxineru, considerando empréstimos de outras línguas indígenas além do Espanhol e do Português, verificamos que esses vocábulos sofrem adaptações fonológicas. Os exemplos seguintes evidenciam que todos os empréstimos sofrem adaptações fonológicas (169-188).

Exemplos de palavras emprestadas:

(169)	[pa'ratə]	/parata/	'barata'
(170)	[wa'ɾjə]	/warja/	'farinha'
(171)	[selu'lari]	/selolari/	'celular'
(172)	['poj]	/poj/	'boi'
(173)	['wakə]	/waka/	'vaca'
(174)	[ka'hwalo]	/kahwalo/	'cavalo'
(175)	[ti'ejru]	/tiejro/	'dinheiro'
(176)	['papə]	/papa/	'papai'
(177)	[kẽ'nawa]	/kanawa/	'canoa'
(178)	['set ^o ru]	/setero]	'cedro'
(179)	[,hẽra'pokə]	/harapoka/	'arapuca'
(180)	['seɾkə]	/sehka/	'cerca'
(181)	[hĩ'fatə]	/hiʃata/	'enxada'
(182)	[ti'sira]	/tisira/	'tesoura'
(183)	[ka'çipu]	/kaçipo/	'cachimbo'
(184)	[rẽ'metjo]	/remetjo/	'remédio'
(185)	[hĩs'kolə]	/hiskola/	'escola'
(186)	[pa'pew]	/papew/	'papel'
(187)	[hĩs'keru]	/hiskero/	'isqueiro'
(188)	[hẽ'sukə]	/hasoka/	'açúcar'

As palavras emprestadas do português podem, mesmo que de forma preliminar e não exaustiva, evidenciar e/ou reafirmar algumas hipóteses para o Manxineru, como:

(i) ['set^oru] (do Português 'cedro') nos mostra que não existe em Manxineru fonema oclusivo sonoro /d/, sendo o /d/ do Português percebido como /t/, assim como ocorre com [hĩ'fatə] (do Português 'enxada'). Esta última demonstra também que não há palavras em Manxineru que se inicia com vogal, pois é inserida uma consoante quando no início da palavra do português, formando um padrão CV, para evitar que a palavra começasse com vogal.

(ii) ['wakɐ] (do Português 'vaca') confirma o caráter consonantal de /w/, em *onset*;

(iii) ['poj] (do Português 'boi') reafirma que [ɔ] é inexistente em Manxineru e que o /j/ pode ocorrer em posição de coda. Esse exemplo mostra ainda que não existe, no sistema da língua Manxineru, a consoante oclusiva bilabial sonora /b/, já que essa é ensurdecida, realizando-se como /p/, como ocorre também em [pa'ratə] (do português 'barata') e em [ka'çipo] (do Português 'cachimbo'). Assim, esses exemplos evidenciam que não há contraste de traço [+sonoro] na língua. Já a ocorrência da oclusiva vozeada [d] é realização alofônica de /l/ ou /r/, quando precedidas de consoantes nasais.

(iv) [ti'ejru] (do Português 'dinheiro') e [rẽ'metjo] (do Português 'remédio') reafirmam que não há a consoante nasal palatal /ɲ/, que é eliminada na fala dos Manxineru.

(v) [wa'ɾjə] (do Português 'farinha') confirma que não há a consoante fricativa labiodental surda /f/, pois essa é adaptada ao sistema e se realiza como /w/, formando uma sílaba complexa ou moraicamente pesada.

(vi) [hĩs'kola] (do Português 'escola') e [hĩ'jada] (do Português 'enxada') reforça que não há palavra fonológica iniciada com vogais na língua Manxineru.

(vii) [selu'lari] (do Português 'celular') confirma que o fonema /h/ não pode ocorrer em posição de coda em final de palavra (___#).

(viii) [hẽ'sukɐ] (do Português 'açúcar') há o apagamento da consoante final para que não haja palavra terminada com consoante.

Em termos acentuais, notamos, nos exemplos adaptados do português, o caráter proeminente do acento na penúltima sílaba da palavra, pois as palavras emprestadas do português receberam o acento nesta sílaba.

Em termos silábicos, percebe-se que os exemplos demonstram que a formação de sílabas do padrão CV prevalece (para análise mais detalhadas sobre o padrão silábico, ver Capítulo V).

4.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO

Neste capítulo, descrevemos os quadros fonéticos e fonológicos das consoantes e das vogais do Manxineru, que foi fruto de reanálise após a minha dissertação de mestrado.

Identificamos e descrevemos, neste capítulo, 16 fonemas consonantais, entre esses, destacam-se o /l/, pois esse fonema é tratado como alofone de /r/ nos trabalhos de Silva (2008,

2013); o /h/ que é tratado pela mesma autora como /x/ e por Matteson (1965), Sebastián (2006) e Hanson (2010) sobre o Piro como /h̃/. Silva (op. cit.) também não considera a existência do fonema /ç/ para a variedade Manxineru, como descrito em nossa pesquisa.

A nossa proposta fonológica se diferencia ainda de outros trabalhos sobre a fonologia do complexo Yine-Piro-Manxineru, no que se refere às nasais e aproximantes longas /m:/, n:/, y:(j)/, w:/, pois Matteson (1965) descreve estas consoantes como fonema, enquanto nós, linguisticamente, não as identificamos como tal, pois a nossa hipótese não considera consoantes longas com valor distintivo, assim como não identificamos a existência de uma africada /tx(tç)/, proposta no mesmo trabalho de Matteson (op. cit.).

Em relação às vogais, identificamos cinco fonemas, sendo que Matteson considera 10 fonemas, sendo que cinco são longas, o que vai de encontro a nossa proposta, assim como a proposta de Sebastián (2006), que prevê as vogais /ɑ/ e /u/ como fonemas. Verificamos ainda a realização de vogais muito breves e surdas em determinados contextos.

Descrevemos ainda o fenômeno de *Rhinoglottophilia* que é engatilhado pela fricativa glotal /h/, que promove a propagação da nasalidade para a vogal imediatamente à sua direita.

Com relação aos empréstimos, verificamos que as palavras adaptadas do português nos ajudam a confirmar alguns fenômenos da língua, como, por exemplo, o caráter proeminente do acento na penúltima sílaba da palavra. Os empréstimos também nos permitem identificar a proeminência de sílabas de padrão CV para o Manxineru.

Exemplos de empréstimos nos ajudaram a refutar algumas hipóteses e confirmar outras. Por exemplo, a inserção de consoante no início ou de vogal no fim da palavra pode evidenciar também o padrão CV das sílabas em Manxineru. Isso ocorre também com a palavra ‘cedro’, que, na inserção no léxico do Manxineru, recebe uma vogal, se realizando como *se.te.ro*. As palavras *his.ko.la* de ‘escola’ e *his.kej.ro* de ‘isqueiro’ pode evidenciar a possibilidade de sílaba com consoante em coda de padrão CVC. Todas as palavras, exceto *'set^ero*, têm o acento principal na penúltima sílaba, como é o padrão tipológico canônico do Manxineru.

CAPÍTULO V

5. PADRÃO SILÁBICO E ACENTUAL DO MANXINERU

A língua Manxineru apresenta os seguintes padrões silábicos fonéticos: [V, CV, CCV, CVC]. A realização V não se configura em realização fonológica, pois é, na verdade, realização fonética motivada por questões morfofonológicas e de adequação rítmica, conforme veremos mais à frente. Dessa forma, as realizações tipologicamente fonológicas são as seguintes: /CV, CVC e CCV/. Assim, o molde silábico fonológico representativo da língua Manxineru é C(C)V(C). As realizações CCCV ou CCVC, como descritas em outros trabalho sobre o Yine, não foram confirmadas em nossa pesquisa.

Como podemos verificar no Capítulo III, os trabalhos anteriores sobre a língua Yine (Piro-Manxineru), que analisaram e descreveram a realização da estrutura silábica dessas variedades, como o de Matteson (1965), Lin (1997), Sebastián (2006) propõem para o Piro uma estrutura silábica com os seguintes moldes: CV, CVC, CCV e CCCV. Sebastián (2006) propõe uma estrutura para a variante Piro (C)(C)V(V).

Diferentemente do que foi postulado por Matteson (1965) e Sebastián (2006), Lin (1997) argumenta que em Piro todas as sílabas são abertas e que a posição de *onset* só pode ser ocupada por uma consoante, assim o padrão do Piro, para esse autor, é apenas CV, sendo que sílabas com padrão CCV e/ou CCCV, como o proposto por Matteson (op. cit.), são consideradas, para Lin (op. cit.), como possuindo um padrão fonológico CV. Lin (op. cit.) afirma ainda que as outras consoantes que formam estrutura silábica, na superfície, com mais de uma consoante são extrassilábicas, mas licenciadas pelo pé métrico (Σ).

Em estudos tipológicos sobre as línguas indígenas da América do Sul, Storto e Demolin (1995, p. 340), citando Dixon e Aikenvald (1999), afirmam que a estrutura máxima das línguas da família Aruák pode ser sumarizada como o seguinte padrão (C)V(V)(C), com a ressalva de que a posição de coda é limitada às aproximantes, às nasais, e, raramente, às líquidas e à fricativa glotal. Segundo Lin (1997, p. 415), uma comparação do vocabulário de base do Proto-Arawakan (Aruák) em Noble (1965) e em Matteson (1965) indicam que, historicamente, as consoantes extrassilábicas (*extrasyllabic* em inglês) não derivadas também resultaram de apagamento de vogal, o que permitiu descrição como exemplificadas em (189).

(189) Proto-Arawakan	CV	CVCV (Ex.: 20, p. 415)
Piro	C	CCV

Em minha dissertação de mestrado (COUTO, 2012) propus um padrão preliminar silábico para o Manxineru (C)V(C). O molde silábico descrito por Silva (2013), também para variedade Manxineru, é de estrutura (C)(C)V(C).

Com o avanço da pesquisa e reanálise dos dados, desde a defesa da dissertação de mestrado, propomos a hipótese mais próxima do que afirma Lin (1997) para o Piro, de que o Manxineru contempla o padrão fonológico para sílaba CV, visto ser este mais adequado à descrição das sequências segmentais da língua. Nesta estrutura, todas as consoantes podem ocorrer em posição de *onset*. A posição nuclear fonológica, diferentemente do postulado por Matteson (1965), só pode ser ocupada pelas vogais. Na posição de coda, além de /j/ e /w/, e desde que não estejam na posição final de palavra seguida de silêncio ([__ #]), podem ocorrer fonologicamente as consoantes: glotal /h/, as fricativas /ç/, /s/ e /ʃ/.

Como veremos mais detalhadamente na seção seguinte, postulamos que o Manxineru tem um modelo fonológico silábico canônico mínimo, como ocorre tipologicamente na maioria das línguas do mundo, CV, e máximo C(C)V(C).

Como visto anteriormente, nossa proposta difere de Matteson (1965), que prevê sílabas fonológicas com padrões CV, CCV e até CCCV, inclusive em início de palavras. Lin (1997, p. 405) corrobora nossa hipótese, quando ele afirma que “The distribution of three-consonant clusters is limited, however: they result only from morphological concatenations that involve monoconsonantal affixes”.

A noção de mora, que na versão clássica de Trubetzkoy (1939) se refere a unidades de peso, se faz necessária em nosso trabalho, uma vez que propomos que a mora é um fator importante para a estrutura rítmica, silábica e para a formação do sistema de pé métrico e obviamente para a definição de acento, além de ser importante para a definição de alongamento compensatório (doravante AC¹⁴). A duração como propriedade independente de outras propriedades do segmento é essencial, pois no Manxineru há comumente esse processo.

¹⁴ Alongamento compensatório (AC), em termos moraico, preserva a contagem de mora subjacente (cf. HOCK 1991; HAYES, 1989). Ou seja, o alongamento compensatório preserva o subjacente número de posições esqueléticas. Praticamente todos os casos de alongamento compensatório têm em comum sua origem derivacional de uma perda de peso do segmento potencialmente moraico, isto é, perda de qualquer consoante em posição de coda ou uma vogal (HAYES, 1989).

Conforme dados de nossa pesquisa, o AC ocorre, seguindo a proposta de que a duração pode permanecer inalterada, mesmo quando um segmento é deletado, pois, por regra fonológica, a mora é associada a outro segmento adjacente (HAYES, 1995, 1981, 1989; LIN, 1997), conforme exemplificamos em seguida com dados do Manxineru.

(190)	Ciclo 1		Ciclo 2		Ciclo 3
	ni.ka	→	ni- + ni.ka	→	[ni:.ka]
	‘comer’		1S + comer		‘eu como’

O exemplo supracitado evidencia que a derivação no ciclo 2 (dois), em que ocorre o acréscimo do prefixo pessoal de primeira pessoa do singular {ni-}, que possui uma estrutura homorgânica com a base temática, é deletada, mas a mora não, acarretando, assim, o AC (cf. HAYES, 1989; LIN 1997) da sílaba inicial como recurso rítmico da língua, engatilhado também pela estreita relação morfofonológica dos elementos constitutivos da palavra.

5.1 O MOLDE SILÁBICO

5.1.1 A sílaba fonética

A sílaba (V) pode vir em início de palavra (191-192 e 194) ou em meio de palavra (193), porém, a ocorrência de sílaba de padrão (V) é mais produtiva em início de palavra, principalmente por questões morfofonológicas que provocam a silabificação das aproximantes [w e j] (191-194). Sílabas com esse padrão só ocorre em início e meio de palavra, ou seja, nunca ocorre no final de palavra seguida de silêncio ([/___#]). O exemplos como (191-192) evidenciam que o /j/ da palavra fonológica é considerado extrassilábico, mas licenciado pelo pé-métrico, como afirma também (LIN, 1997), se referindo à variedade Piro.

Sílaba de padrão [V]:

(191)	[ˈĩma]	(V.CV)	/jma/	‘com’
(192)	[i.ˈhõ.li.tʃi]	(V.CV.CV.CV)	/jhaletʃi/	‘olho’
(193)	[hõ.ʃi.ˈu.le]	(CV.CV.V.CV)	/hoʃiwle/	‘gambá’

(194) [u. pa. fũ. 'nẽ.ne] (V.CV.CV.CV.CV) /wipahonene/ 'nossas cuias'

A sílaba mais prototípica do Manxinru é a de padrão CV, como exemplificado em (195-198). Sílaba com essa estrutura ocorre em qualquer posição da palavra.

Sílaba de padrão [CV]:

(195)	['so: .tí.ɬ]	(CV.CV.CV)	/sotɪɬ/	'pedra'
(196)	[ko. 'tʃi.ru]	(CV.CV.CV)	/koʃiɾo/	'faca'
(197)	[pi. 'tʃõ.nɐ]	(CV.CV.CV)	/piʃana/	'seu'
(198)	['sa.p ^õ .nɐ]	(CV.CV.CV)	/sapana/	'banana'

A sílaba de padrão VC (199-201) é pouco produtiva, podendo ocorrer em início e no meio de palavra, mas nunca ocorre na parte final da palavra, seguida de silêncio ([/___#]). No início de palavra esse padrão ocorre pelo apagamento de consoantes iniciais de prefixos pessoais (199-200) ou por processo de ressilabificação (201).

Sílaba de padrão [VC]:

(199)	[is. 'ta.tʃi]	(VC.CV.CV)	/histaʃi/	'tórax'
(200)	[is. 'ki.tɐ]	(VC.CV.CV)	/hiskita/	'gancho'
(201)	[mi. 'uʃ.tʃi]	(CV.VC.CV)	/mjotʃi/	'dedo'

Sílaba de padrão CVC (202-209) ocorre somente em início e na parte interna da palavra, mas não ocorre no final de palavra seguida de silêncio ([/___#]), uma vez que não há palavras com sílaba fechada em contexto final. As consoantes sibilantes [s], [ʃ] e [ç], as nasais [m] e [n], aproximantes /j/ e /w/ e a glotal /h/ são as que podem ocupar a posição de coda em sílabas de padrão CVC.

Sílaba de padrão [CVC]:

(202)	['no:s.pɐ]	(CVC.CV)	/nospa/	‘meu lábio’
(203)	['su:ʃ.tʃi]	(CVC.CV)	/soʃʃi/	‘joelho’
(204)	['noç.pa]	(CVC.CV)	/noçpa/	‘minha sopa’
(205)	[maj.'ʃa.kɐ]	(CVC.CV.CV)	/majʃaka/	‘erro’
(206)	[kih.'lɛ.ri]	(CVC.CV.CV)	/kihileri/	‘bom, bonito’
(207)	[pa.'mɛn:.di]	(CV.CVC.CV)	/pamanari/	‘você colhe’
(208)	[rɔ̃m.'ka.tɐ]	(CVC.CV.CV)	/ramakata/	‘ele mastigou’
(209)	[,mi.tʃi.'kaw.ni]	(CV.CV.CVC.CV)	/miʃikawni/	‘antigamente’

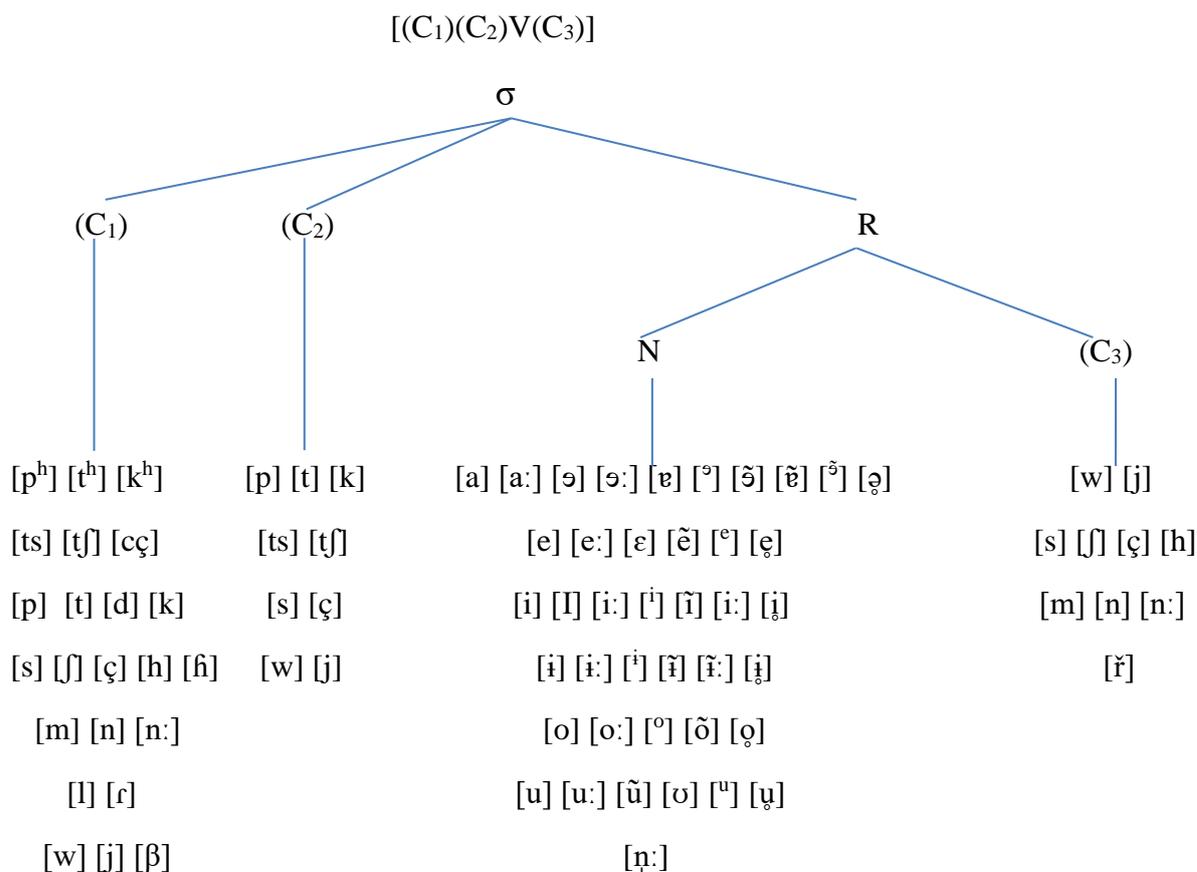
Com a exceção de /j/ e /w/, todas as ocorrências de sílabas de estrutura CCV só acontecem por questões de concatenação morfofonológicas, que provoca a deleção da vogal em fronteira morfofonológica.

Sílaba de padrão [CCV]:

(210)	['tspa.tɐ]	(CCV.CV)	/tsapata/	‘goiaba’
(211)	['no.pçi]	(CV.CCV)	/nopaçi/	‘minha casa’
(212)	[p ^h tu.'kê:.nɐ]	(CCV.CV.CV)	/pitokana/	‘sua voz’

Em seguida descrevemos as possibilidades de estrutura da sílaba fonética do Manxineru.

Figura 1 — Molde da sílaba fonética do Manxineru



O molde silábico fonético (C₁)(C₂)V(C₃) (figura (1)) deve ser entendido da seguinte forma:

C₁ = É representado por qualquer consoante, quando se forma *onset* simples. Quando em *onset* complexo, só as consoantes oclusivas surdas, oclusivas surdas aspiradas, as nasais, a fricativa glotal, o tepe e a fricativa palatal podem ocupar esta posição.

C₂ = É a segunda consoante em *onset* complexo, que só pode ser preenchida pelas obstruentes, pela fricativa palatal, pela fricativa alveolar ou pelas aproximantes.

N = É a posição de núcleo da sílaba, que só pode ser preenchida pelas vogais, com a exceção da nasal alveolar longa [n:], que também pode ocupar essa posição, quando há o apagamento do elemento vocálico da sílaba.

C₃ = É a posição de coda da sílaba, que pode ser preenchida pelas fricativas, nasais, aproximantes e pela vibrante, desde que não esteja em sílaba final, pois nessa posição só ocorre as aproximantes.

5.1.2 A sílaba fonológica

Como evidenciado anteriormente, em Manxineru, há somente as sílabas de padrão CV, CVC e CCV, pois as demais realizações possíveis, como as descritas na seção anterior, são de caráter fonético.

Sílaba de padrão CV:

Assim como ocorre no padrão fonético, a sílaba de padrão fonológica CV é a mais prototípica na estrutura das palavras da língua Manxineru. O padrão silábico CV pode ocorrer em qualquer posição da palavra, tendo em posição de *onset* qualquer consoante pertencente ao sistema fonológico do Manxineru. Nessa estrutura, podemos ter palavras monossilábicas (213), dissilábicas (214) e palavras polissilábicas (215-216), conforme exemplificamos em seguida.

(213)	[ˈja]	(CV)	/ja/	‘já’
(214)	[ˈrɛta]	(CV.CV)	/re.ta/	‘ele vê’
(215)	[raˈsikə]	(CV.CV.CV)	/ra.si.ka/	‘ele corre’
(216)	[,nʰtʰˀloloˈtẽne]	(CV.CV.CV.CV.CV.CV)	/no.to.lo.lo.te.ne/	‘meus sapos’

Sílaba de padrão CVC:

Apesar de pouco produtivo e pouco atestado, há, em Manxineru, evidências fonológicas de sílaba de padrão CVC. Sendo que, juntamente com as consoantes, realização com esse padrão silábico ocorre com maior frequência em sílaba inicial e medial, mas pode ocorrer no final de palavra, principalmente em palavras monossilábicas (217). Além disso, somente as consoantes sibilantes /s/, /ʃ/ e /ç/ e as aproximantes /j/ e /w/ podem ocorrer na posição de coda das palavras, conforme exemplificamos em seguida.

Sílaba de padrão CVC:

(217)	[ˈmuːj]	(CVC)	/moj/	‘anu’
(218)	[ˈtospə]	(CVC.CV)	/tos.pa/	‘lábio dela’

(219)	[ris'takə]	(CVC.CV)	/ris.ta.ka/	‘morder’
(220)	['hĩçpə]	(CVC.CV)	/hiç.pa/	‘sopa’
(221)	['sewtʃĩ]	(CVC.CVC)	/sew.tʃi/	‘pulga’
(222)	[raf'katə]	(CVC.CV.CV)	/raf.ka.ta/	‘ele morde’

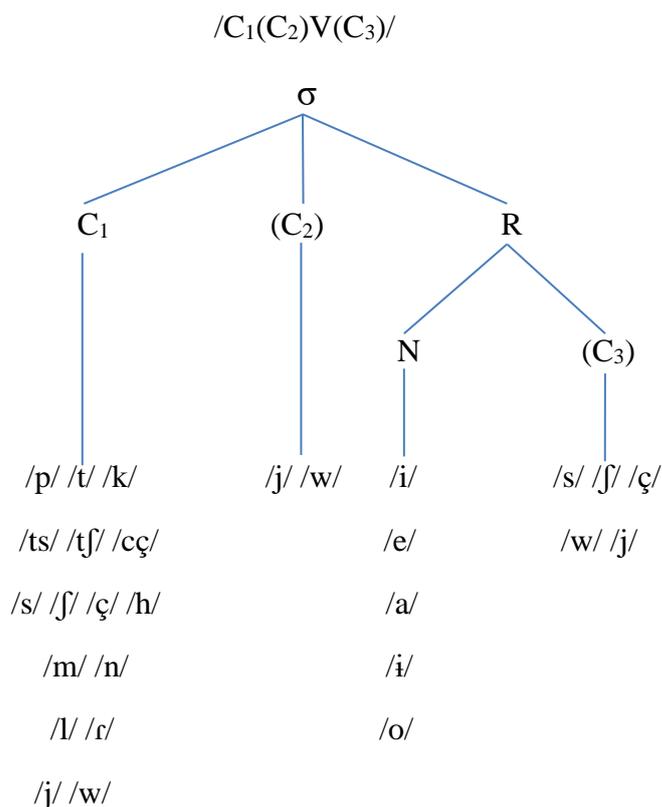
Sílaba de padrão CCV:

A sílaba fonológica mais rara da língua Manxineru é a de estrutura CCV, pois ela ocorre somente com as aproximantes /j/, mais comum, e /w/, mais restrita, na posição de (C₂), juntamente com uma das consoantes /t/, /k/, /h/ ou /ɾ/ na posição de (C₁), o que levou outros trabalhos anteriores, como o meu (COUTO, 2012)', o de Matteson (1965) e o de Lin (1997) não considerá-la como sílaba fonológica no Yine.

(223)	['tje]	(CCV)	/tje/	‘isto’ ‘este’
(224)	[wa' rjə]	(CV.CVC)	/wa.rja/	‘farinha’
(225)	[t ⁹ 'lahwə]	(CV.CV.CCV)	/ta.la.hwa/	‘sapo de chifre’
(226)	[re'metjo]	(CV.CV.CCV)	/re.me.tjo/	‘remédio’
(227)	[,kjoçi'pñə]	(CCV.CV.CV.CV)	/kjo.çi.pa.na/	‘emborcado’

Em seguidas descrevemos as possibilidades de estrutura da sílaba fonológica do Manxineru.

Figura 2 — Molde da sílaba fonológica do Manxineru



O molde silábico fonológico C₁(C₂)V(C₃) (figura (2)) deve ser entendido da seguinte forma:

C₁ = É a posição de *onset* simples, que pode ser preenchida por qualquer consoante. Já na formação de *onset* complexo, só ocorre as oclusivas, nasais, fricativa glotal e tepe desde que na posição de C₂ esteja uma consoante aproximante.

C₂ = É a segunda consoante em *onset* complexo, que só pode ser preenchida pelas aproximantes.

N = É a posição de núcleo da sílaba, que só pode ser preenchida pelos segmentos vocálicos.

C₃ = É a posição de coda da sílaba, que pode ser preenchida somente pelas fricativas e aproximantes, desde de que não esteja seguida de silêncio ([_#]), pois essa posição só pode ser ocupada por uma aproximante.

5.1.3 Restrições Fonotáticas

Em aspectos gerais, as línguas são organizadas por regras fonotáticas que permitem ou não certos arranjos ou sequências de sons em uma mesma sílaba. Assim, compreender as

restrições que regem dada língua permite compreender a organização tanto das sílabas, como das palavras. Dessa forma, neta seção, procuramos descrever o padrão fonotático do Manxineru.

Apesar de trabalhos anteriores (MATTESON, 1965; SEBASTÁN, 2006; SILVA, 2013) preverem a possibilidade fonotática de ocorrência de até três consoantes na mesma sílaba, em nossa pesquisa, argumentamos que isso não ocorre tanto por restrições fonotáticas como rítmicas e fonológicas. Dessa forma, a língua evita encontros entre quaisquer outras consoantes e em qualquer ordem, caso ocorra, assim como afirma Lin (1997), elas são consideradas extrassilábicas.

Em Manxineru, sempre há forte restrição de ocorrência de segmentos idênticos ou homorganicamente muito próximos, salvo nas realizações ideofônicas, inclusive com segmentos vocálicos. Por isso não há a possibilidade de ocorrência de padrão silábico de estrutura *VV, inclusive com vogais com articulações diferentes. Quando isso ocorre, por decorrência de concatenação, uma das vogais é deletada, ou há a dissimilação (cf. HOCK, 1991) e/ou assimilação total, ou, como afirmam Clementes e Hume (1995, p. 261-262), há o Princípio do Contorno Obrigatório (PCO) (em inglês *Obligatory Contour Principle* (OCP)). Nessa perspectiva, muitas línguas não permitem, na mesma sílaba, encontros de segmentos idênticos, inclusive vogais, como é o caso do Manxineru. Por esse ponto de vista, interpretamos os fonemas /j/ e /w/, nesses casos, como consoantes e não como vogais, como se faz, por exemplo, para a língua portuguesa, salvo em raras realizações em que, por questões concatenativas de ordem morfofonológica e rítmica, que força a realização e interpretação dessas consoantes como vogais.

Em Manxineru, não há palavras ou sílabas que se iniciem fonologicamente com segmentos vocálicos, pois o que há são temas iniciados por vogais, mas que não são forma fonologicamente livres. As sílabas são normalmente abertas, ou seja, terminam com um segmento [–consonantal + silábico], com a exceção de realizações que ocorrem principalmente com os aproximantes /j/, /w/ (228-229). Em seguida, exemplificamos as ocorrências com sílabas abertas (228-231).

(228) /ka.pa.jo/ ‘mamão’

(229) /ççi.jo.çi.ri/ ‘jacaré’

(230) /wa.lo/ ‘coelho’

(231) /ka.na.wa/ ‘canoa’

Além das restrições supracitadas, podemos elencar outras restrições importantes evidenciadas em nossa pesquisa, como as que seguem:

- (i) os fonemas /ç/, /cç/, /f/, /h/, /tʃ/, /ts/ não se combinam com a vogal alta central (/ *çɨ/, *cçɨ/, / *fɨ/, / *hɨ/, /tʃɨ/, /tsɨ/);
- (ii) os fonemas /ç/ e /cç/ não se combinam com a vogal /o/ (/ *ço/, / *cço/);
- (iii) o tepe /r/ e a lateral /l/ não podem ocorrer precedidas, de /n/ ou /m/ [*ml, *mr, *nl e *nr], como se verifica abaixo, nos exemplos (232-233).

(232) *[nijla'tõnlɨ], *[nijla'tõnrɨ] → [nijla'tõndɨ] /nijlatanari/ ‘eu vou matá-la (onça)’

(233) *[pi'ra:nlɨ], *[pi'ra:nrɨ] → [pi'ra:ndɨ] /pɨranari/ ‘beba água’

- (iii) a aproximante /j/, mesmo que de forma rara, é a única que ocorre em posição de coda silábica e em final de palavra seguida de silêncio [__ #], conforme exemplificamos em (234-235):

(234) ['poj] /poj/ ‘boi’

(235) ['moj] /moj/ ‘anu’

- (iv) como evidenciado anteriormente, os aproximante /j/ e /w/ e os fricativos /ç/, /s/, /ʃ/, /h/ podem ocupar a posição de coda de sílaba, assim como as nasais /n/ e /m/, sendo que as fricativas ocorrem raramente e normalmente por motivações concatenativas e de ressilabificação das palavras, principalmente o /h/, que só ocorre por questões de deleção (apagamento) de vogais.

Em seguida, descrevemos alguns exemplos desses processos (236-240):

(236) [kas.'ta.ka] /kas.ta.ka/ ‘cortar’

(237) [kih.'lɛ.ri] /ki.hi.le.ri/ ‘bom’, ‘bonito’, ‘coisa boa’, ‘gostoso’

(238)	['ha <u>f</u> .tʃi]	/ha.ʃi.tʃi/	‘coração’
(239)	['hĩ <u>ç</u> .pa]	/hiç.pa/	‘sopa’
(240)	['nos <u>.</u> pa]	/nos.pa/	‘meu rosto’

(v) também, como ocorre com as vogais, sempre vai ocorrer a PCO quando há encontros entre consoantes homorganicamente idênticas ou muito próximas como: /*tt/, /*tp/, /*pp /*ss/, /*tʃt/, /*nn/ entre outras;

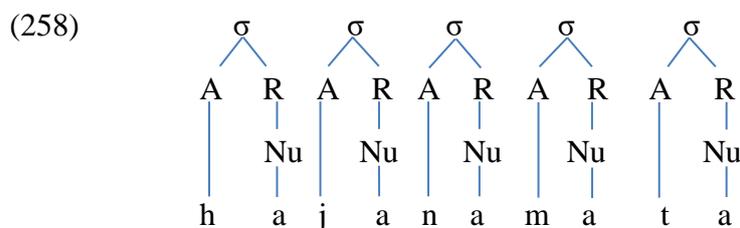
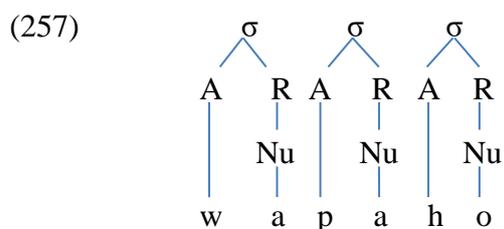
(vii) os encontros evidenciados por nós são motivados, normalmente, por fatores de adequação rítmica e de processos de concatenação morfofonológicas, que, em muitos casos, provocam o apagamento de vogais. Nesse processo, ocorre, com certa frequência, *clusters* heterossilábicos (241-251), como exemplificado em seguida com palavras dissilábicas, trissilábicas e tetrassilábicas em realizações fonéticas, sendo que a separação silábica entre parêntese representa a silabação fonética.

(241)	['no. <u>pci</u>]	(CV.CCV)	/no.pa.çi/	‘minha casa’
(242)	['hĩ <u>ç</u> .pa]	(CVC.CV)	/hiç.pa/	‘sopa’
(243)	['noj. <u>hĩ</u>]	(CVC.CV)	/noj.hi/	‘meu dente’
(244)	['nõ <u>n</u> .dĩ]	(CVC.CV)	/no.na.ri/	‘minha língua’
(245)	['ha <u>f</u> .tʃi]	(CVC.CV)	/ha.ʃi.tʃi/	‘coração’
(246)	['t ^o kẽ <u>n</u> .tʃi]	(CV.CVC.CV)	/to.ka.na.tʃi/	‘voz’
(247)	['nẽ <u>m</u> .ka]	(CVC.CV)	/na.ma.ka/	‘eu dormo’
(248)	['pẽ <u>n</u> .tʃi]	(CVC.CV)	/pa.na.tʃi/	‘casa’
(249)	[poj. <u>tẽ</u> : <u>n</u> .dĩ]	(CVC.CVC.CV)	/poj.ta.na.ri/	‘enrolar algo’
(250)	[ki <u>h</u> . <u>l</u> ε.ri]	(CVC.CV.CV)	/ki.hi.le.ri/	‘bom’, ‘bonito’
(251)	[<u>n</u> : <u>tʃi</u> <u>w</u> .le]	(Ç.CVC.CV)	/no.tʃiw.le/	‘meu pulmão’

Como se pode observar, não comprovamos a existência de *onset* complexo com [l] ou [r], nem com o aparato físico da fonética acústica experimental, pois a aparente ocorrência de *clusters* e/ou sílaba com ataque em CC como /*pl, *tl, *kl, *pr, *tr, *kl/, como descrito em

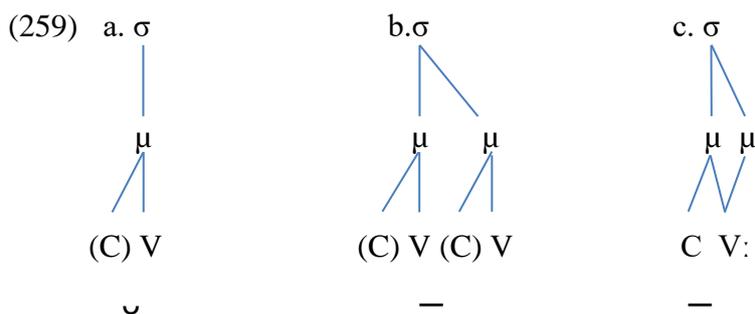
Nessa configuração, a sílaba deve ser constituída no mínimo de núcleo, que normalmente é ocupado por elemento [+silábico].

Usando o modelo arbóreo, aplicado às palavras *wapaho* ‘algodão’ e *hajanamata* ‘ele falou’ do Manxineru, a estrutura fica configurada conforme exemplificado em (257-258).



Como na língua Manxineru não há palavras iniciadas por vogais, a não ser no tema, que não se realiza sozinho, ou por questões de junções morfofonológica e de silabificação e ressilabificação, interpretamos as aproximantes /j/ e /w/ como consoantes. Assim elas não podem ocupar a posição fonológica de núcleo silábico. Porém, ao analisarmos essa estrutura, em termos de mora, verificamos que a melhor configuração para a árvore é considerar os dois como possuidores de mora, pois segundo Hayes (1995), os ditongos e vogais longas possuem duas moras, ou seja, são sílabas pesadas (ver também BISOL, 2010).

Nessa mesma perspectiva, as sílabas de padrão CVC ou CV: (259b e 259c) são consideradas para Hayes (1995, p. 53-54) como sendo sílabas pesadas (—), que contêm, por exemplo, duas moras ($\mu\mu$), enquanto que sílabas de estrutura CV (259a) são consideradas leves (\cup), ou seja, contêm apenas uma mora (μ), conforme exemplificamos em seguida.



5.3 A SÍLABA E A FORMAÇÃO DO PÉ MÉTRICO (Σ): A ESTRUTURA SILÁBICA E MORÁICA DO MANXINERU

A notação clássica da teoria da Fonologia Métrica é a noção de acento que ocorre em relação de proeminência entre as sílabas de uma palavra. Assim, o acento não é mais considerado como uma propriedade intrinsecamente ligada ao segmento.

Nessa perspectiva, a ideia de acento é introduzida a partir dos pressupostos teóricos de Liberman e Prince (1977) (cf. também BISOL, 2010). Esses autores afirmam que o acento, que até então era tido por outros autores, inerentemente algo relacionado apenas às vogais, numa perspectiva linear, passa a ser concebido como uma perspectiva não-linear, como resultado da estruturação hierárquica dos constituintes prosódicos, em que as unidades básicas são as sílabas, os pés e as palavras.

Nesse diapasão, o acento é algo com qual as sílabas se organizam, que são descritos como pés métricos. Nessa nova formulação, o fenômeno de atribuição de acento das línguas fica melhor descrito em termos de estrutura relacional. Um dos objetivos centrais da Fonologia Métrica é determinar e descrever os tipos de pés possíveis nas línguas, de forma que possa formular explicações sobre o acento, buscando, para isso, princípios universais das várias línguas particulares existentes ao redor do mundo.

Com base nos pressupostos teóricos postulados inicialmente por Liberman (1975) e Liberman e Prince (1977), Hayes (1995) formula os princípios da Fonologia Métrica. Nessa perspectiva, o autor propõe dois princípios básicos, a saber: (i) princípio de culminatividade - é aquele em que cada palavra ou frase só possui uma única sílaba portadora de acento principal. Assim, por esse princípio, fica estabelecido que cada sequência só poderá ter um único acento principal; (ii) o segundo princípio proposto é o relacionado à distribuição do ritmo das línguas - esse princípio diz respeito à alternância rítmica no qual os acentos ocorrem em distâncias iguais.

Para a análise da estrutura métrica do Manxineru, lançamos mão de outro princípio importante da teoria de Hayes (1995, p. 105), que é a proposta da extrametricidade (sinalizada com < >). Nas palavras de Hayes (1995, p. 105-106), extrametricidade tem funções em dois níveis prosódicos. No nível segmental, regra de consoante extramétrica descreve o padrão comum pelo qual uma sílaba deve conter mais segmentos para contar como pesada na posição de regra final. No nível autossegmental, extrametricidade é responsável por casos em que um pé é construído adicionalmente a partir das extremidades da palavra do que o esperado, ou onde a regra da camada da palavra seleciona um acento principal na forma final do pé; esses resultam de sílabas ou pé extrassilábicos, respectivamente, conforme exemplificamos nos exemplos (260). Nesse sistema de grade, o (x) marca a sílaba forte e o (•) marca a sílaba fraca (cf. HAYES, 1995).

A noção de extrametricidade nos ajuda a descrever o fenômeno do acento para o Manxineru, evitando interpretações equivocadas, como a de postular que o caso (260) do Manxineru poderia ser tratado de acento lexical, já que o acento, normalmente ocorre na penúltima sílaba da palavra. Porém, quando essa palavra recebe outro afixo, ela tem o acento primário na penúltima sílaba, o que elimina a tese de acento lexical, pois esta sílaba não pode ser mais considerada extramétrica, nos moldes de Hayes (1981, 1991, 1986, 1995) e Selkirk (1984).

A condição de perifericidade extramétrica é uma das formas de se explicar posição canônica de acento na penúltima sílaba da língua Manxineru, como ilustrado em (260b).

(260) /pi.ha.le/ ‘olho’ → [pi.hẽ:.li.tʃĩ] ‘olho’ (absoluto, genérico)

a. (x) (x) (x •) σ σ σ μ μ μ /pi. ha. le/	→	b. (x) (•) (x •) < > σ σ σ μ μμ μ μ /pi. hẽ:. li. tʃĩ]
---	---	--

O exemplo (160b) mostra que, na construção de pé métrico da língua Manxineru, nessa palavra, a última sílaba é invisível para a regra de acento, o que se configura, na teoria de Hayes (1995), como um caso de sílaba extramétrica. Para Lin (1997), esse também é um caso

de licenciamento do pé métrico, pois o sufixo absolutivo {-tʃĩ}, nesse caso específico, é licenciado pelo pé métrico e assim sucessivamente até chegar a domínios hierárquicos mais altos (cf. os moldes de NESPOR; VOGEL, 1986), conforme podemos evidenciar também nos exemplos (261-262).

(261) /-ja.ha-/ tema para ‘sobancelha’ → [ja:.hã.tʃĩ] ‘sobancelha’ (absoluto, genérico)

(x)
 (x •) < >
 σ σ σ
 μμ μ μ
 [ja: . hã . tʃĩ]

(262) /no/ 1S + /-na.ma-/ tema para ‘boca’ [nõ.nõ.mɐ] + /-tʃĩ/ → [nã:.ma.tʃĩ] ‘boca’ (absoluto, genérico)

a. (x) → b. (x)
 (x) (x •) (x •) < >
 σ σ σ σ σ σ
 μ μ μ μμ μ μ
 /no. na. ma/ [nã: . ma. tʃĩ]

Porém, esse mesmo morfema {-tʃĩ}, que é extrassilábico em palavras trissilábicas, se torna silábico em palavras dissilábicas (263) ou com palavras com mais de três sílabas (264).

(263) /-sa.tĩ-/ tema para ‘barriga’ + /-tʃĩ/ ABS → [sa:.tʃĩ] ‘barriga’ (absoluto, genérico)

(x)

(x •)

σ σ

μμ μ

[sa:. tʃĩ]

(264) /-çĩ.ri.pa-/ tema para ‘nariz’ + /-tʃĩ/ ABS → [çĩ.ri.pẽ.na:.tʃĩ] ‘nariz’ (absoluto, genérico)

a. (x) → b. (x)

(x •) (x •)

(•) (x •) (x •)

σ σ σ σ

σ σ σ σ σ

μ μ μ μ

μ μ μ μμ μ

/no. çĩ. ri. pa/

[çĩ. ri. pẽ. na:. tʃĩ]

Além do conceito de extrameticidade, outra proposição postulada por Hayes (1995), que aplicamos ao Manxineru, é a noção de pé degenerado, que conceitualmente é quando uma sequência de sílabas são divididas em pé métrico, onde algumas podem ficar sobrando. Segundo essa teoria, isso acontece com sequências que possuem um número ímpar de sílabas. Assim, se a língua optar por formar pés métricos sobre as sílabas que sobraram, os pés são nomeados como degenerados. Contudo, conforme ressalta o autor, em algumas línguas, este tipo de pé é extremamente proibido.

Realizações de pés degenerados, com palavras do Manxineru, são dadas nos exemplos (265-266). No caso, as sílabas iniciais dos dois exemplos são pés degenerados, pois esses pés são formados por apenas uma sílaba.

(265) rɨfali ‘ele procura algo’

(x)
 (x) (x •)
 σ σ σ
 μ μ μ
 /rɨ. ʃa. li/

(266) mitsawa ‘cego’

(x)
 (x) (x •)
 σ σ σ
 μ μ μ
 /mi. tsa. wa/

Outra questão importante, para a análise da Fonologia Métrica, é a noção de licenciamento prosódico, que prevê, conforme formulado por Itô (1986. p. 2), que todas as unidades prosódicas de um determinado nível devem pertencer a estruturas prosódicas superiores hierarquicamente. Dessa forma, nenhum segmento poderia aparecer em uma estrutura hierárquica, como o pé métrico, sem estar ligado à sílaba, por exemplo. Nessa teoria, a hipótese de licenciamento de consoantes extrassilábicas proposta por Lin (1997) para o Piro estaria rompendo essa regra.

Seguindo a teoria da hierarquia fonológica, há, nesses moldes, duas formas de manter hierarquicamente o sistema. A primeira diz respeito à inserção de vogais na sílaba, fonologicamente denominado de epêntese. A segunda diz respeito ao processo de apagamento de vogais na sílaba. Esse último é o que adotamos para esta tese. Posição essa que difere a de outros trabalhos sobre o Yine (Piro-Manxineru) como Matteson (1965) e Silva (2013), que postulam que o recurso adotado pela língua é a epêntese, como exemplificado pelas autoras, como pode ser verificado em (267-272).

(267)	/pto/	‘grupo’	→	[p ^o to]	(MATTESON, 1965, p. 129)
(268)	/tnika/	‘ela come’	→	[t ^o nika]	(MATTESON, 1965, p. 129)
(269)	/retmaka/	‘ela poderia ver’	→	[ret ^o maka]	(MATTESON, 1965, p. 129)
(270)	/sapna/	‘banana’	→	[‘sap ⁱ na]	(SILVA, 2013, p. 25)
(271)	/troro/	‘sapo’	→	[‘t ^o loro]	(SILVA, 2013, p. 25)
(272)	/patlapa/	‘galinha’	→	[pa‘t ^a lapa]	(SILVA, 2013, p. 25)

A nossa hipótese se diferencia da apresentada por essas autoras, pois postulamos (cf. LIN, 1997) que as vogais sofrem mudanças fonéticas e que elas, fonologicamente, já existem em palavras como as listadas acima, ou seja, as vogais ocupam uma posição fonológica nas palavras, mas podem se realizar, na superfície, de maneiras variadas (aspirada, alongada, surda, reduzida, por exemplo), principalmente pela ralação concatenativa e pela manutenção do ritmo e de acento da língua.

Entre os modelos métricos postulados pela fonologia métrica, lançamos mão principalmente do modelo de estrutura de grade, postulado, entre outros, por Hayes (1991 e 1995). Nesse modelo, de baixo para cima, temos inicialmente o nível da silabificação, e seguida o nível de formação do pé métrico e na parte superior temos a regra final, conforme exemplificamos em seguida com a palavra do Manxineru *ra.po.ka.na* ‘eles chegaram’ (273).

(273)	(x)	Regra final	
	(x)	Nível da palavra fonológica	
	(x	.)	(x	.)	Nível do pé métrico
	/ra.	po.	ka.	na/	Nível da silabificação

Para nossa pesquisa, é de importância fundamental a fonologia métrica que aborda a noção de peso silábico. Nessa perspectiva teórica, há três possibilidades básicas de peso silábico (cf. HAYES, 1991, 1995): (i) sílabas que tenham consoantes na posição de coda; (ii) sílabas com ditongo e (iii) sílabas com vogal longa. Nos moldes da teoria autosssegmental de Clementes e Hume (1995), essas sílabas são as que têm rima ramificada.

Segundo as teorias linguísticas que versam sobre o assunto, sílabas pesadas têm a propriedade de atraírem o acento para elas. Assim, pode-se afirmar que o acento é sensível ao peso silábico.

Na perspectiva gerativa, a noção de peso silábico é discutida, entre outros, por Halle e Vergnaud (1997). Para esses autores, as sílabas pesadas projetam um asterisco sobre a linha (1) antes de se iniciar a formar a grade métrica, sendo que a formulação da grade métrica deve respeitar essa configuração, criando um constituinte para cada cabeça, conforme exemplificadas com a palavra *nopojte*, ‘meu boi’ em Manxineru.

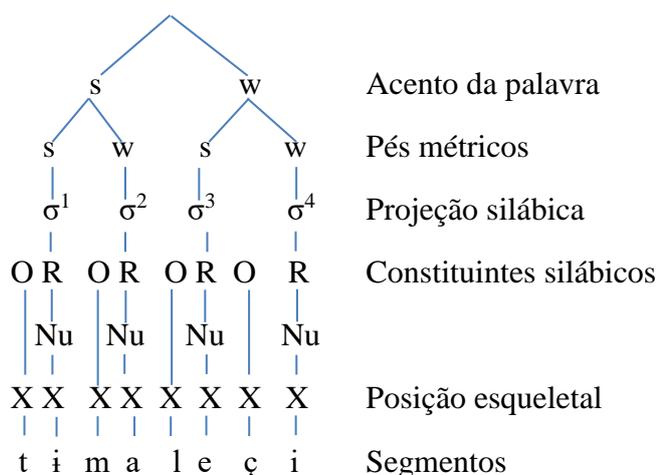
(274) Sílaba pesada	Linha 0	Linha 1
x	x	x •
x	x x x	x x x
/no. poj.te/	→ /no. poj. te/	→ /no. poj.te/

Nos moldes da Fonologia Métrica de Hayes (1995), a configuração acima fica mais bem descrita na forma vertical, conforme o esquema abaixo, cujos limites são indicados por parêntese (cf. HALLE; VERGNAUD, 1987; BISOL, 2010). Em seguida, aplicamos a teoria na análise da palavra do Manxineru *timaleçi* ‘flauta’ (ex.: 275).

(275) a. Modelo em grade:

Linha 2	(x)	Regra final
Linha 1	(x • x •)	Projeção
Linha 0	(x x) (x x)	Formação de constituintes prosódicos
	ti. ma. le. çi	Nível da silabificação
	t i m a l e ç i	Nível segmental

b. Modelo em árvore¹⁵:



Cabe ressaltar que, no modelo de Halle e Vergnaud (op. cit.), a construção da grade métrica das palavras aceita tanto pés binários como terciários, o que não ocorre na análise de Hayes (1981;1995).

No modelo de Hayes¹⁶ (op. cit.), a grade métrica apresentada em (275) pode ser entendida como uma sequência de espaços, um para cada sílaba, em que: (i) na linha 0, tem a indicação de cada espaço feito com o uso de (x), formando-se um constituinte; (ii) na linha 1, estão identificados somente as cabeças de constituinte e (iii) na linha 2, somente a cabeça de toda sequência recebe um (x). Assim, no exemplo (275), as sílabas *tĩ.* e *ma.* formam um constituinte, de mesma forma que *le.* e *çi.* As cabeças destes constituintes são *tĩ.* e *le.* respectivamente (cf. também afirma BISOL, 2010). Assim, na linha (1), forma-se um constituinte, a partir das cabeças *tĩ.* e *le.*, que foram projetados a partir da linha (0), que tem, por sua vez, o sua cabeça projetada na linha (2). A direção dos constituintes, que é fator essencial dessa teoria, pode variar da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita. Essa posição é importante para definir também o tipo de sistema de pé métrico.

Nas palavras de Hayes (1991), podemos definir universalmente o sistema de acento de três tipos, a saber: (i) sistemas insensíveis ao peso silábico; (ii) sistemas sensíveis ao peso, mas

¹⁵ Nesse modelo, o S (sigla para a palavra do inglês Strong) significa uma sílaba forte e o W (sigla para palavra do inglês Weak) significa uma sílaba fraca.

¹⁶ A nossa pesquisa tem como base para a análise métrica do acento em Manxineru o trabalho de Lin (1997) e principalmente a teoria de Hayes (1995, 1981, 1986, 1991), porém, como pretendemos evidenciar a forte interação do peso silábico para composição rítmica do acento e as relações morfofonológicas, fizemos adaptações, inserindo mora (μ) à configuração clássica de Hayes, que é mais comum no modelo de árvore, para ilustrar o peso das sílabas na composição do acento da língua Manxineru.

com constituintes binários de cabeça à esquerda e (iii) sistemas com constituintes binários de cabeça à direita. Hayes (1981, 1991) afirma ainda que cada sistema desses corresponde a um tipo de pé métrico, conforme a teoria clássica, como: (a) iambo (ou iâmbico), (b) troqueu (ou trocaico) silábico e troqueu mórico (ou moráico). Em relação aos pés trocaicos, a diferença entre eles se baseia no fato de que o pé moráico conta as alternâncias rítmicas pela mora, enquanto o pé silábico conta as alternâncias pela sílaba.

Exemplos dos pés métricos nesse modelo teórico:

(i) iâmbico: o elemento mais forte fica à direita, como veremos em seguida.

(276)	a.	(• x)	ou	b.	(x)
		σ σ			σ
		μ μ			μμ
		w s			s

(ii) troqueu silábico: é o sistema de pé dissilábico que ignora a estrutura interna da sílaba para contagem das sílabas, com o elemento mais forte à esquerda, como representamos abaixo:

(277)	(x	•)
	σ	σ
	s	w

(iii) troqueu mórico (ou moraico): é o sistema de pé dissilábico que leva em consideração a estrutura interna da sílaba, como representamos abaixo:

(278)	(x	•)
	σ	σ
	μ	μ
	s	w

Para Hayes (1995, p. 54-55), os parâmetros relevantes para a escolha do tipo de pé métrico incluem: (i) tamanho (único, binário, ternário); (ii) sensibilidade à quantidade de sílaba, onde as sílabas pesadas devem ocupar a posição de núcleo do pé métrico e (iii) posição do núcleo do pé métrico (esquerda/direita).

A definição tipológica de apenas três pés para descrever as línguas do mundo, como o proposto pela teoria de Hayes (1981, 1995), gera certa dificuldade para a nossa análise acerca do Manxineru, pois, apesar do peso silábico (estrutura interna da sílaba) ser importante nesta língua para a atribuição de acento, e obviamente para a constituição do pé métrico, nem sempre o peso é o fator que define o acento principal, pois o acento nem sempre recai em sílabas pesadas, ou seja, há sílabas acentuadas que são leves, o que o diferencia, por exemplo, do que ocorre no sistema métrico do Latim¹⁷, onde as sílabas proeminentes ao acento são mais pesadas, ou seja, o peso é condição atrativa de acento nesta língua. Dessa forma, se em Manxineru tivéssemos acento sempre nas sílabas mais pesadas, a palavra *tij.la.ti* ‘ela a (onça) matou’ deveria ter o acento na antepenúltima sílaba e não na penúltima, ou o sistema deveria compensar o peso, o que não ocorre, conforme exemplificamos abaixo.

(279) (x)
 (x) (x •)
 (x) (x x)
 σ σ σ
 μμ μ μ
 [tij. la. ti]
 w s w

Mesma analogia pode ser aplicada aos exemplos (280) *kow.tfo.ha.ta.ka* ‘pescar’ e (281) *ti.ma.le.çi* ‘flauta’ em Manxineru.

Nesses exemplos, observamos que a língua Manxineru reduz muito a vogal da sílaba pós-tônica, de forma que o sistema ressilabifica essa vogal e a interpreta como sendo *onset* dessa sílaba, ignorando o peso silábico no domínio da sílaba. Porém como as teorias que

¹⁷ Cabe salientar que acento é uma categoria abstrata que pode se realizar de 3 maneiras: (i) intensidade, (ii) tom ou (iii) duração, ou mesmo por combinação desses elementos com um predominando. No caso do Latim, o correlato físico do acento é a duração, expressa no tempo da vogal, conforme veremos com maior detalhes no capítulo XI.

utilizamos não contemplam essa opção, podemos postular que o exemplo (280a) seja mais plausível conforme Hayes (1981, 1995) e Lin (1997). Nesse caso, o exemplo (*280b) não é possível na língua.

(280) a. (x)	ou	*b. (x)			
(x)	(x)	()	(x)		
(x	.)	(x	.)	<	>	(x	.)	(x	.)
σ	σ	σ	σ	σ	σ	σ	σ	σ	σ
μμ	μ	μ	μ	μ	μ	μμ	μ	μ	μμ
[kow.	tʃu.	hã.	tʰ.	ka]	[kow.	tʃu.	hã.	tʰka]	
s	w	s	w	w	s	w	s	w	

(281)	(x)
(x	.)	(x	.)
(x	x)	(x	x)
μ	μ	μ	μ
[tĩ.	ma.	le.	çi]
s	w	s	w

Como a teoria não prevê um sistema misto ou que abarque as duas possibilidades para a mesma língua, assumimos a hipótese de que o sistema, no caso específico do Manxineru, de pé métrico da língua é o troqueu silábico não coerente e binário, com possibilidade de sílabas extrassilábica e pé degenerado, mas com a ressalva de que o peso (mora) é muito importante para a definição de acento, pois o contraste entre sílabas pesadas, principalmente no que se refere às vogais longas, e sílabas leves é muito importante, assim como a posição do acento que, da direita para esquerda terá sílabas leves e pesadas sequencialmente, conforme exemplificamos abaixo, com a projeção da palavra dissilábica *ni.ka* ‘comer’ > *ni.ka.li* > *ni:.ka*. Esta última é formada pela junção do prefixo *ni-* (1S) + *ni.ka* ‘comer’ que resulta em uma única sílaba com vogal alongada *ni:.ka* ‘eu comi’, conforme exemplificado em (282).

(282) a. (x)	b. (x)	c. (x)
(x •)	(•) (x •)	(x •)
σ σ	σ σ σ	σ σ
μ μ	μ μ μ	μμ μ
/ni. ka/	[ni. ka. li]	[ni:. ka]
s w	w s w	s w

Observamos que na primeira e segunda palavras dos exemplos supracitados (282a e 282b), temos uma mora apenas na posição de acento, enquanto que na terceira (282c) a estrutura interna da sílaba conta com duas moras na sílaba que tem o alongamento compensatório (ver também KAGER, 1995, p. 396-398).

Com base em nossa análise, sugerimos que em Manxineru, a contagem de mora tem sido mantida, ou seja, as moras só são perdidas, como diz Lin (1997, p. 21), se referindo ao Piro, quando a consoante for ressilabificada no início de um palavra, como *p-* (de *pi-* ~ *pa-* 2S) + *pa.wa.ta* ‘fazer fogo’ > *pa.wa.ta* ‘você faz fogo’.

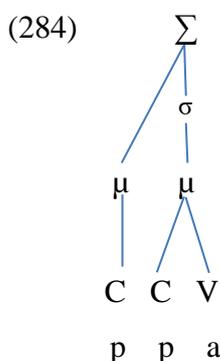
(283) *a. (x)	→	b. (x)
(x •) (x •)		(•) (x •)
σ σ σ σ		σ σ σ
μ μ μ μ		μ μ μ
/pi. pa. wa. ta/		/pa. wa. ta/
s w s w		w s w

Nesse caso (283a), com elisão da vogal criaria um *cluster* não permitido. Assim a consoante é eliminada no início da palavra, pois não há mais a vogal para preservar a mora da sílaba.

Outro ponto importante é verificar como as consoantes moraicais são organizadas em níveis prosódicos maiores, como o proposto por Nespor e Vogel (1986). Devemos verificar ainda se todas as unidades fonológicas devem ser prosodicamente licenciadas ou se as moras extrassilábicas (cf. HAYES, 1995, p. 105) serão dominadas pelas unidades prosódicas maiores.

Propomos para esta análise que as moras extrassilábicas estão mais intimamente ligadas com o pé ou palavra fonológica do que propriamente com a sílaba. Uma vez que elas parecem ter uma ligação sistemática com a sílaba, mas constituem parte do pé e da palavra

prosódica que desempenham um papel na determinação do acento e do agrupamento rítmico frasal. Assim, no exemplo (284), uma mora não silabificada é licenciada pelo pé métrico (cf. também afirma Lin, 1997).



Pelo exposto, parece viável nossa proposta de que o sistema acentual da língua Manxineru sinaliza estar também governado por fatores morfológicos e cíclicos. Dessa forma, temos no ciclo 1, o acento se manifestando inicialmente na raiz, no ciclo 2, há o deslocamento em direção à borda direita da palavra, quando se acrescenta sufixos moraicos e silábicos como {-li, -lo, -ri, -ro, -na, -ka, -kaka, -taka, -ne, -ni entre outros} e por fim há sufixos, ciclo 3, como o {-tʃi} que é, em algumas palavras, normalmente com três sílabas, extrassilábico. Nespor e Vogel (1986, p. 17) corroboram nossa proposta quando elas afirmam que “um dos aspectos centrais da fonologia prosódica é a interação entre a fonologia e os outros componentes da gramática.”¹⁸

Outro ponto importante em nossa pesquisa é a noção de mora, pois, constantemente, movimentos de alongamento compensatório (AC) ocorre na língua, o que se configura (cf. CLEMENTES; HUME, 1995) como processo de ramificação de núcleo da sílaba. Nesses termos, uma sílaba pesada é formada para se ajustar ao padrão rítmico da língua, principalmente por questões de concatenação morfofonológica, como já evidenciado anteriormente.

Também é importante verificar como as consoantes moraicais são organizadas em níveis prosódicos maiores, como o proposto por Nespor e Vogel (1986). Devemos verificar ainda se todas as unidades fonológicas devem ser prosodicamente licenciadas ou se as moras extrassilábicas (cf. HAYES, 1995, p. 105) serão dominadas pelas unidades prosódicas maiores.

¹⁸ Tradução nossa.

Propomos para esta análise que as moras extrassilábicas estão mais intimamente ligadas com o pé ou palavra fonológica do que propriamente com a sílaba, conforme afirma também Lin (1997) para o Piro, uma vez que elas parecem ter uma ligação sistemática com a sílaba, mas constituem parte do pé e da palavra prosódica que desempenham um papel na determinação do acento e do agrupamento rítmico frasal.

Assim, podemos postular que a língua Manxineru possui um pé métrico troqueu silábico, pois possui o pé dominante à esquerda (cf. HAYES, 1991, 1995), mas com forte interação, em muitos casos, com a estrutura interna e moráica da sílaba.

Sustentamos ainda que em Manxineru há licenciamento prosódico como postulado por Selkirk (1984), Nespor e Vogel, (1986) e principalmente por Lin (1997), em que cada unidade fonológica é licenciada por uma unidade prosódica superior, por estarem hierarquicamente interligadas, assim: (i) cada segmento é licenciado por uma mora (μ); (ii) cada mora é licenciado por uma sílaba (σ); (iii) cada sílaba é licenciada por um pé (Σ); (iv) cada pé é licenciado por uma palavra fonológica (ω); e (v) cada palavra fonológica é licenciada por uma frase fonológica (ϕ) e assim sucessivamente. Nessa configuração, temos em Manxineru a seguinte representação com *wa.le re.ta* ‘ele vê’ (285):

(285) (x)	ϕ
(x) (x)	ω
(x •) (x •)	Σ
(x x) (x x)	σ
μ μ μ μ	μ
/wa. le. re. ta/	Silabificação
w a l e r e t a	Segmento

Observamos que, em Manxineru, só há um acento principal na palavra (ω) e na frase fonológica (ϕ). Esse é um padrão prosódico e rítmico inerente ao Manxineru (como veremos com mais detalhes no Capítulo XI). Isto é, os elementos mais baixos da hierarquia prosódica se juntam para formar elementos de domínios mais altos na hierarquia prosódica, formando, assim, um só grupo prosódico (cf. NESPOR; VOGEL, 1986), (ver também HAYES, 1995, p. 367-388; LIN, 1997).

5.4 RESSILABIFICAÇÃO, DESLOCAMENTO DE ACENTO E READEQUAÇÃO RÍTMICA EM MANXINERU

Diferentemente do postulado por Matteson (1965) e Sebastián (2006) para o Piro e por Silva (2013) para o Manxineru, sustentamos a hipótese, como já mencionada anteriormente, de que há mudança na qualidade do segmento vocálico, pois ela já existe na palavra, ao contrário do que foi postulado por esses outros autores, uma vez que eles afirmam que há inserção de vogais nas sílabas, configurando-se em caso de epêntese.

Assim, a nossa hipótese é de que fatores morfofonológicos e morfossintáticos, assim como a manutenção do padrão de acento provocam fenômenos como: apagamento, ensurdecimento, redução, enfraquecimento, alongamento compensatório, vocalização e harmonização dos segmentos vocálicos. Em alguns casos, esses fenômenos provocam a ressilabificação e deslocamento de acento nas palavras do Manxineru.

A junção morfofonológica provoca, entre outros fenômenos, a ocorrência de vogais muito reduzidas, como uma vogal bem curta, ou como uma aspiração, em algumas ocorrências, principalmente em contexto que as vogais estejam entre e/ou seguida de consoantes obstruintes surdas, conforme veremos mais detalhadamente no Capítulo VIII. Por enquanto, daremos exemplos dentro dos moldes da Fonologia Métrica (HAYES, 1995, 1981).

Descrevemos em seguida, algumas palavras que evidenciam o processo de ressilabificação, adequação rítmica e deslocamento de acento na língua Manxineru à luz de Hayes (1981, 1995). Processos esse que são muito comuns nessa língua, principalmente pela sua tipologia polissintética e aglutinante (cf. AIKHENVALD, 1999b; CAMPBELL; GRANDONA, 2012).

Nesse sentido, verificamos que:

- (i) os fonemas /j/ e /w/ se ressilabificam, se realizando como núcleo silábico da sílaba seguinte, respectivamente, como [i] (295), ou da sílaba precedente [u] (296);
- (ii) os fonemas /j, h, m, n, ç, ʃ/ passam da posição de *onset* para a posição de coda silábica da sílaba anterior (287-290, 292, 293 e 297);
- (iii) o fonema nasal /n/ se alonga e se torna núcleo de sílaba (294);
- (iv) consoante oclusiva /t/ se funde à sílaba seguinte (291);

(v) o fonema /w/ passa da posição de *onset* simples para *onset* complexo superficial (298).

Exemplos:

(286) /ha.po.ka/ ‘chegar’, ‘ele chegou’ + /-na/ PL → *[ra.pu.k^ãnə] ‘eles chegaram’ → [ra.pu.k^ã.nə] ‘eles chegaram’

Assim temos:

a. (x)	b.* (x)	c. (x)
(•) (x •)	(•) (x •)	(•) (x •) < >
σ σ σ	σ σ σ	σ σ σ
μ μ μ	μ μ μμ	μ μ μ μ
/ha. po. ka/	[ra. pu. k ^ã na]	[ra. pu. k ^ã . na]

(287) /ni-/ ‘1S’, + /-ni.ka/ ‘comer’ + /ja/ LOC → [ni:kja] ‘eu comi lá’

Assim temos:

a. (x) →	b. (x)
(x •)	(x •)
σ σ	σ σ
μ μ	μμ μμ
/ni. ka/	[ni:. kjə]

(288) /ka.na.ma.ta.ʃa/ ‘magro’ + /ka.ka/ intesificador ‘muito’ → [ka.nõm.taʃ.ka.kə] ‘muito magro’, ‘magérrimo’

Assim temos:

a. (x)	b. (x)
(.)	(x	.)	(x	.)	(.)	(x	.)	(x	.)
σ	σ	σ	σ	σ	σ	σ	σ	σ	σ
μ	μ	μ	μ	μ	μ	μμ	μμ	μ	μ
/ka.	na.	ma.	ta.	ʃa/	[ka.	nãm.	taʃ.	ka.	kə]

(289) /hi-/ 3S.M + /-makahi-/ tema do verbo ‘continuar’ → [hõm.kɑ.hĩ] ‘ele continua’

Assim temos:

a. (x)	b. (x)
(.)	(x	.)		(.)	(x	.)	
σ	σ	σ		σ	σ	σ	
μ	μ	μ		μμ	μ	μ	
/ma.	ka.	hi/		[hõm.	ka.	hĩ]	

(290) /ha.hɑ.mi.nɑ/ ‘árvore’ + /çε.pi-/ tema para ‘orelha’ → [hõh.mĩ.nɑ.çε.pi] ‘orelha-de-pau’

Assim temos:

a. (x)	b. (x)	
(x	.)	(x	.)	(x)	(x	.)	(x	.)
σ	σ	σ	σ	σ	σ	σ	σ	
μ	μ	μ	μ	μμ	μ	μ	μ	
/ha.	ha.	mi.	na/	[hõh.	mĩ.	na.	çε. pi]	

O exemplo (286) serve para demonstrarmos, não necessariamente um processo de ressilabificação, mas sim que a realização de vogais reduzidas poderia nos levar a interpretação e/ou configuração descrita em (286b), como postulado em outros trabalhos, por exemplo, Matteson (1965), Hanson (2010) e Silva (2013), que consideram essas realizações invisíveis para a formação da sílaba. Entretanto, à luz da teoria métrica que adotamos, pensamos

que é melhor interpretar essas realizações como descrito em (286c) (cf. também afirma LIN, 1997).

O exemplo (287) mostra que o acréscimo do morfema locativo {ja} à base verbal, acarreta a queda da vogal /a/ da última sílaba da palavra base, formando, assim, uma sílaba complexa (kja.). Além disso, há o alongamento da vogal da primeira sílaba, que aumenta o seu peso como forma de se manter o acento nesta sílaba.

No exemplo (288), ocorreram duas ressilabicações, pois há o apagamento da vogal da sílaba (ma.). O que faz o /m/ deixar de ser *onset* da sílaba da palavra base para ser coda da sílaba anterior, provocando a realização de uma sílaba de padrão superficial (CVC). O mesmo processo ocorre com a consoante /f/ da sílaba (fa.). A palavra derivada, por regra morfológica e rítmica, cria um pé degenerado (cf. HAYES, 1995, 1981). O mesmo processo ocorre no exemplo (289) com a consoante /m/, porém o que provoca essa mudança é o acréscimo do prefixo pessoal monossilábico {hi-} e não o acréscimo de um sufixo dissilábico, como em (289). O exemplo (290) mostra que a junção de dois temas provoca a queda da vogal /a/, da primeira palavra, acarretando a ressilabificação do /h/, que passa de *onset* da segunda sílaba para coda da primeira sílaba, formando, assim, um pé métrico degenerado. Como se trata de palavras com acento próprio, na composição, o acento principal se mantém na penúltima sílaba da segunda palavra, pois o sistema prosódico do Manxineru não permitiria acento em sílaba antes da penúltima sílaba, pois mesmo que a última sílaba fosse invisível para Métrica, o acento não ficaria na penúltima sílaba.

(291) /to-/ ‘3S.F’ + /ʃi.ma/ ‘peixe’ + /-ne/ PL → *[t.ʃi.m[̃].ne] → [tʃi.m[̃].ne] ‘peixe dela’

Assim temos:

a. *(x)	b. (x)	<	>
(x	.)	(x	.)	(x	.)	
σ	σ	σ	σ	σ	σ	σ
μ	μ	μ	μ	μ	μ	μ
[t.	ʃi.	m [̃] .	ne]	[tʃi.	m [̃] .	ne.]

(292) /pa.na.tʃi/ ‘casa’ + /ja/ Locativo que indica ‘direção a’ → [pɔ̃n.tʃjɐ] ‘em direção a casa’

Assim temos:

a. (x)	b. (x)
(x •) < >	(x •)
σ σ σ	σ σ
μ μ μ	μμ μμ
/pa. na. tʃi/	[pɔ̃n. tʃjɐ]

O exemplo (291) mostra que, ao acrescenta dois afixos (prefixo e sufixos) simultaneamente, acarreta, no caso específico, a queda da vogal da sílaba inicial do prefixo possessivo (genitivo), o que promove a fusão da obstruinte /t/ com a soante /ʃ/ da sílaba seguinte, formando assim um som africado, em posição de *onset* da sílaba, promovendo ainda um pé métrico com sílaba extrassilábica, pois o acento permanece na sílaba inicial. A posição nesta sílaba também é possível pela redução do tempo da vogal da penúltima sílaba, que normalmente tem a preferência para receber o acento principal.

No exemplo (292), podemos verificar que duas sílabas são ressilabificadas. Há o apagamento da vogal [a] da segunda sílaba (na.), que é ressilabificada, tornado o /m/ como coda da sílaba anterior. O apagamento do [i] da terceira sílaba (tʃi.) provoca a ressilabificação de duas sílabas simples (tʃi. e ja.) que se tornam uma única sílaba complexa e/ou pesada (tʃja.).

(293) a. /hi-/ NEG + /-hi-/ 3S.M + /kow.tʃwa.ʃɛ.ta/ ‘pescar’ → [hĩh.kow.tʃwa.ʃɛ:.tɐ] ‘ele não pescou/pegou’

Assim temos:

a. (x)	b. (x)
(x)	(x	•)		(x)	(x	•)	(x	•)
σ	σ	σ		σ	σ	σ	σ	σ
μμ	μμ	μ		μμ	μμ	μμ	μμ	μ
/kow.	tʃwa.	ʃe/		[hĩh.	kow.	tʃwa.	ʃɛ:.	tɛ]

O exemplo (293), ao derivar uma nova palavra com o acréscimo de dois morfemas, a língua cria mecanismos de ressilabificação, provocados principalmente pelas junções afixais e pela manutenção de ritmo e de acento, assim, o /h/ da segunda sílaba, no caso específico de (293), é ressilabificada, ao se elidir à vogal /i/ do morfema de 3S.M {hi-}, o que acarreta a perda de mora e também a dependência silábica, passando /h/ a ser coda da primeira sílaba por regra rítmica. Outro ponto importante é que, na palavra derivada, há a manutenção do acento principal na penúltima sílaba, porém, para evitar o choque de acento, pois a palavra base tem três sílabas pesadas em posição pretônica, o que acarreta o recurso de AC (LIN, 1997; HAYES, 1995) da vogal /e/ da penúltima sílaba, que era inicialmente uma sílaba leve e, monomoraica (μ), passa a ser também uma sílaba pesada e bimoraica (μμ) (e/ou ramificada) para que se possa receber o acento principal pela regra de ritmo. Esse é um recurso produtivo na língua Manxineru. Os exemplos de (293) mostra também que nem sempre a sílaba que sobra na formação do pé degenerado é fraca, mas, em alguns casos, são sílabas pesadas e fortes.

(294) /no-/ 1S + /kafiritwa/ ‘arco’ + /-ne/ PL + /-te/ POSS → [n:ka.ʃi.ri.tu.ẽ.'ne.te]
 ‘meus arcos’

Assim temos:

a. (x)
(x	•)	(x	•)	(x	•)	(x	•)
σ	σ	σ	σ	σ	σ	σ	σ
μ	μ	μ	μ	μ	μ	μμ	μ
[n:.	ka.	ʃi.	ri.	tu.	ẽ.	ne:.	te]

Podemos verificar em (294) que a vogal /o/, da primeira pessoa possessivo do singular, é eliminada na juntura da fronteira morfológica, o que promove a passagem do /n/, que de coda, para a posição nuclear ([n:]) da nova sílaba.. Também, com o acréscimo de dois sufixos à palavra base, ocorre a ressilabificação do /a/, que formava na sílaba precedente o padrão (CV), que passa agora a compor um outra sílaba sozinha de padrão (V). Há ainda não só a vocalização da consoante /w/, que se realiza como /u/, mas agora na posição nuclear da sílaba, como também o deslocamento do acento para a penúltima sílaba da palavra derivada, provocando ainda o alongamento da vogal ([e:]) dessa sílaba, o que evidencia que as sílabas em posição de acento tendem a serem mais longas que em outras posições. Ou seja, o sistema tende a manter o acento nessa sílaba, e para isso ele aumenta a mora nessa posição para marcar esse padrão (cf. LIN, 1997).

(295) /-mjo-/ tema para ‘mão’ + /no-/ 1S.POSS → [nõ.mju] ‘minha mão’ + /-tʃi/ → [mi.oʃ.tʃi]

Assim temos:

a. (x)	b. (x)
(x •)	(•) (x •)
σ σ	σ σ σ
μμ μμ	μ μ μ
[nõ: . mju]	[mi. oʃ. tʃi]

No exemplo (295), ao se juntar morfemas à base, ocorre a ressilabificação, evidenciado em (295b), em que o ditongo é desfeito, assim a sílaba que era ramificada (cf. CLEMENTS; HUME, 1995), ou seja, padrão CVC passa a se realizar como CV, na primeira sílaba e o segmento [o] forma uma nova sílaba juntamente com a inserção da consoante [ʃ] para evitar que ocorra uma sílaba (V), que foneticamente tem realização muito restrita e que inexiste fonologicamente. Assim, essa consoante assume a posição de coda da sílaba (VC), formando, ainda, na derivação, um encontro consonantal heterossilábico. Além disso, a ressilabificação promove uma estrutura silábica em (VC), que é raro na língua, como podemos verificar na penúltima sílaba de (295b). Também podemos verificar que o /j/ da sílaba (mjo) do exemplo (295a) passa de posição de coda para a posição nuclear da palavra

ressilabificada, se realizando foneticamente como [i]. Verificamos ainda, no exemplo (295a), que há o alongamento do [o:] da primeira sílaba para manter o acento em sílaba pesada, uma vez que a última sílaba também é pesada, assim é possível manter o acento canônica do Manxineru.

(296) /kaj.we/ ‘cachorro’ + /ho.ʃa.ha/ ‘floresta’ → [ka.ju.hõ.ʃa.hã] ‘lobo’

Assim temos:

a. (x)	b. (x) < >
(x •)	(x •) (x •)
σ σ	σ σ σ σ σ
μμ μ	μ μ μ μ μ
/kaj. we/	[ka. ju. hõ ʃa hã]

O exemplo (296) mostra que, com a junção de duas palavras livres, ocorre a mudança de /j/, em posição de coda, para posição de *onset* da sílaba seguinte. Além disso, a consoante /w/, em posição de *onset*, que compõe a estrutura da última sílaba da primeira palavra, no processo de ressilabificação, passa a compor, agora em posição de núcleo, a sílaba imediatamente à esquerda. Esse processo provoca ainda uma sílaba invisível para a contagem métrica.

(297) /ra-/ ~ /ha-/ 3S.M + /-ʃi-/ tema para ‘coração’ → [ra.ʃi] ‘coração dele’. Porém na formação /-ʃi-/ + /-tʃi/ ABS + /-ne/ PL → [hãʃ.tʃi.ne]

Assim temos:

a. (x)	b. (x)
(x •)	(•) (x •)
σ σ	σ σ σ
μ μ	μμ μ μ
/ra. ʃi/	[hãʃ. tʃi. ne]

O exemplo (297a) evidencia que o acréscimo do prefixo não altera a sílaba do tema na derivação, porém, ao se acrescentar os sufixos {-tʃi} e {-ne} (297b), há o processo de ressilabificação da sibilante /ʃ/, que se une à sílaba imediatamente anterior, formando com ela uma sílaba pesada, mas agora em posição de coda e não de *onset*. Além disso há o deslocamento do acento para a penúltima sílaba da palavra, para manter o padrão acentual canônico da língua.

(298) /re.ta/ ‘ele vê’ + /-wi/ 1PL.O → [rɛ:.twi] ‘ele nos vê’

Assim temos:

a. (x)	b. (x)
(x •)	(x •)
σ σ	σ σ
μ μ	μ μμ
/re. ta/	[rɛ: twi]

No exemplo (298), à base /re.ta/, é acrescentado o sufixo com função de objeto direto de primeira pessoa do plural {-wi}, provocando, dessa forma, a ressilabificação de (ta.), em decorrência do apagamento da vogal, resultando em uma sílaba com *onset* ramificado (cf. CLEMENTS; HUME, 1995), formando um padrão superficial CCV.

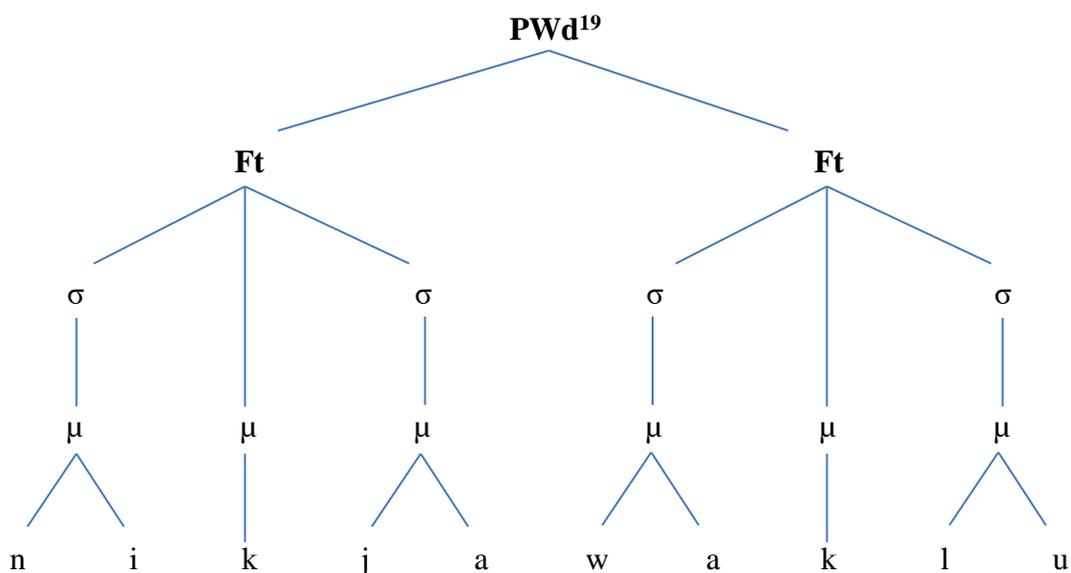
5.5 A TEORIA DE HAYES (1981, 1995) E O PROBLEMA PARA A ANÁLISE DA ESTRUTURA MÉTRICA DO MANXINERU

Como já apontado anteriormente, a teoria métrica proposta por Hayes (1981, 1995) nós traz dois problemas a serem solucionados: o primeiro diz respeito ao caráter geral de apenas três pés métricos como únicos para descrever as línguas do mundo, como sendo um tipo de universal linguístico; o segundo diz respeito tanto ao conceito de extrametricidade e licença métrica. Pois, como já postulado anteriormente, Hayes (1995) afirma que só pode haver sílabas extrassilábicas nas margens. O que dificulta, por esse viés, a descrição e explicação de alguns fenômenos que ocorrem com o Manxineru.

Uma solução encontrada para esse empasse, pelos menos para a extrametricidade, está em Lin (1997), pois o autor elabora, para a variedade Piro, uma análise de licenciamento do pé

métrico. Como exemplificado em (299) com palavra da variedade Piro *ni.kja.wa.klu* ‘local onde se come’.

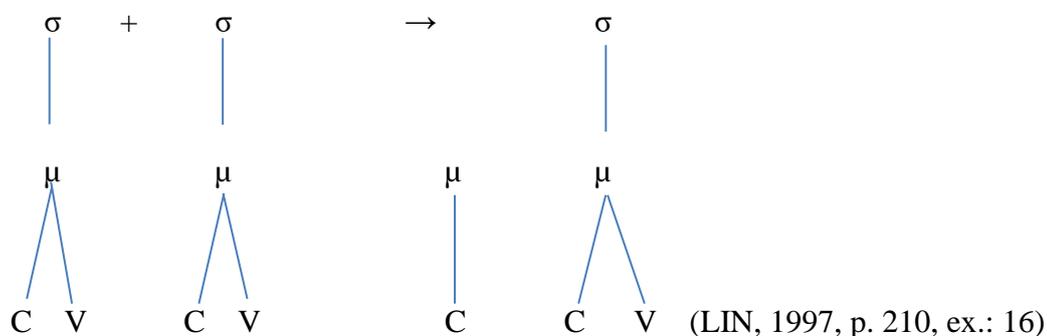
(299)



(LIN, 1997, p. 215, ex.: 21)

Essa representação arbórea é a solução encontrada pelo autor para que não haja sílabas fechadas e/ou para manter o padrão canônico CV. Estrutura defendida pelo autor para o Yine (variedade Piro). Nesse contexto as consoantes conservam a mora, mas não são ligadas ao domínio da sílaba, mas sim ao pé-métrico, como exemplificado em (300).

(300)



(LIN, 1997, p. 210, ex.: 16)

¹⁹ PWd (prosodic word); Ft (foot). Em português, respectivamente: palavra prosódica e pé métrico.

Como se pode observar, o pé métrico licencia a ocorrência de consoantes extrassilábicas. O que, segundo Lin (1997), evita a construção de sílabas do tipo CCV, CVC e/ou CCCV, como postulado por Matteson (1965) e Hanson (2010), por exemplo.

Outro ponto importante na investigação, na perspectiva de Lin (1997), acerca da estrutura silábica do Yine (Piro), é a consideração de consoantes silábicas nessa língua, como descrito por Matteson (1954, 1965) e Sebastián (2006). A nossa hipótese a respeito dessa afirmação vai ao encontro de que foi postulado por Lin (1997), quando o autor afirma que:

²⁰[...] É claro que Matteson considera que a silabidade das consoantes é diferente das vogais fonêmicas. Baseado em um levantamento de várias línguas do mundo exibindo vogais excrescentes, Levin (1987) argumentou que a consoante de Piro, a silabidade envolve coarticulação universal de baixo nível e efeitos. Eu também sugeri em outro lugar (1993) que estas consoantes “silábicas” não constituem picos silábicos fonológicos, uma vez que nunca são sensíveis a quaisquer sílabas relacionadas com os processos fonológicos [...]. Portanto, o que é descrito como uma consoante “silábica” é melhor tratado como fenômeno fonético. (Tradução nossa).

A nossa hipótese é de que não há consoantes fonologicamente silábicas, mas sim realizações fonéticas motivadas por juntura morfofonológicas e sintáticas e estas com a adequação acentual da língua Manxineru.

Dessa forma, o sistema trocaico do Manxineru se configura, hipoteticamente, como não tendo coesividade métrica, uma vez que em alguns casos o que parece definir o acento principal, e conseqüentemente a estrutura do pé métrico, é o peso silábico. Assim, a nossa análise sugere que o Manxineru tem o padrão de sistema métrico trocaico silábico, mas, de certa forma, sensível à quantidade, isto é, em alguns casos se configura como trocaico-moraico, o que o configura, em muitos casos, como um sistema misto.

²⁰Do original: “It is clear that Matteson considers syllabicity of consonants to be different from that of phonemic vowels. Based on a survey of various languages exhibiting excrescent vowels, Levin (1987) has argued that Piro consonant syllabicity involves low-level universal and language-particular coarticulation effects. I have also suggested elsewhere (1993) that these ‘syllabic’ consonants do not constitute phonological syllabic peaks, since they are never sensitive to any syllable-related phonological processes [...]. Therefore, what is described as a ‘syllabic’ consonant is best treated as a phonetic phenomenon (LIN, 1997, p. 406).”

5.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO

Os dados analisados neste capítulo nos possibilitaram verificar e demonstrar algumas realizações da fonologia métrica do Manxineru, entre elas destaca-se o processo de ressilabificação das palavras na língua em análise. Processo esse que é comum a essa língua, pois a característica tipológica aglutinante e polissintética possibilita a ocorrência desse fenômeno.

Outro fator muito importante, que foi discutido neste capítulo, é o ritmo da fala e a posição de acento da palavra, que ocorre na penúltima sílaba, caso isso não ocorra, o sistema métrico da língua, normalmente, considera a última sílaba como extrassilábica, ou há ressilabificação do fonema nas derivações das palavras, formando, por exemplo, sílabas complexas (ramificada, cf. CLEMENTS; HUME, 1995). Dessa forma, concordamos com Lin (1997), quando o autor propõe, com base em Hayes (1991, 1996), que em Piro as sílabas com vogais breves mantêm a mora, se tornando extrassilábica, mas sendo licenciadas pelos domínios mais altos da Hierarquia Fonológica, conforme proposto por Nespor e Vogel (1986). Porém acrescentamos que na ressilabificação, advinda da juntura morfofonológica e sintática, há reestruturação silábica motivada por regra rítmica e morfofonológica da língua.

Assim, a nossa hipótese é a de que, em Manxineru, o padrão fonológico canônico é C(C)V(C). Outros padrões superficiais (fonéticos) são possíveis, mas isso ocorre principalmente em situações de ressilabificação e/ou de junção morfofonológica, como já postulado no início deste Capítulo. Também propomos que o pé métrico para a língua Manxineru é o troqueu (ou trocaico) silábico, mas ressaltando a forte interação da mora (peso) para formação do pé e do acento, ou seja, a mora tem forte influência na construção rítmica do Manxineru, o que configura a língua como um sistema incoerente em relação ao padrão do pé métrico.

Cabe salientar que, no Capítulo XI, abordamos, com o auxílio da fonética acústica experimental, os correlatos acústicos do acento e da entoação (duração, *pitch* e intensidade), como forma de verificar com melhor riqueza de detalhes a interação entre esses parâmetros e a marcação de acento em Manxineru.

CAPÍTULO VI

6. ASPECTOS MORFOLÓGICOS DAS PALAVRAS DO MANXINERU

Neste capítulo, descrevemos as principais características do sistema morfológico da língua Manxineru, com foco especial nos processos morfológicos que desencadeiam mudanças fonêmicas e prosódicas nas formas fonológicas das palavras, para lançamos mão de recursos da fonética acústica, de modo a fornecer uma descrição mais acurada e fiel dessas mudanças.

A presente análise teve como ponto de partida, uma primeira descrição da morfologia da língua Manxineru, realizada pela Profa. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral e os alunos Manxineru do Curso de Formação de Professores Indígenas Organizado pela CPI-ACRE, em 2007 e 2008, a qual foi aprofundada por Cabral; Manchineri e Couto em 2010.

6.1 AS PALAVRAS EM MANXINERU: PRIMEIROS EXEMPLOS

Na língua Manxineru, há lexemas monomorfêmicos, que não sofrem derivação e/ou flexão, lexemas que podem sofrer processos derivacionais e lexemas que, obrigatoriamente, sofrem processos de flexão e derivação. Os lexemas que podem ocorrer na sintaxe sem nunca sofrer derivação ou flexão são as partículas, as quais são também sintaticamente caracterizadas como tendo posições específicas na estrutura sintática. Entre os lexemas que podem ocorrer na sintaxe, sem sofrer processos derivacionais e flexionais, estão os lexemas que na sintaxe não entram em relações de determinação nominal, enquanto núcleo; já os lexemas que sofrem processos de derivação e flexão são os dependentes de determinantes.

6.1.1 Exemplos de partículas que sempre ocorrem sem morfologia:

- | | |
|------------|-------------------|
| (301) hehe | ‘sim’ |
| (302) hike | ‘não’ |
| (303) hewi | ‘aqui’ |
| (304) ja | ‘já chega’, ‘ali’ |

(314) hinatalitfa poroto-ne
 verde(não maduro) feijão-PL
 ‘os feijões estão verdes’

(315) ha-ramaha-na n-imate-ne
 3S.M-sumir-ENF 1S-panela-MD.POSS
 ‘minhas panelas sumiram’

6.1.3 Exemplos de lexemas que sempre vão ser base de processos morfológicos

Nomes:

(316) hipaçi ‘casa (de alguém)’, ‘casa dele’

(317) rĩfĩrota ‘testa (de alguém)’, ‘testa dele’

(318) rĩfeko ‘rede (de alguém)’, ‘rede dele’

Exemplos desses nomes em realização sintática:

(319) kihile-ri hi-piçi
 bonito-3S.M 3S.POSS-casa
 ‘a casa dele é bonita’

(320) tsi-ri ĩĩrota-li
 grande-3S.M testa-3S.M
 ‘a testa dele é grande’

(321) kihile-ri ri-feko
 bonito-3S.M 3S.M.POSS-rede
 ‘a rede dele é boa’

Verbos:

- (322) reta ‘ver’, ‘ele vê’
 (323) rasika ‘correr’, ‘ele corre’
 (324) nika ‘comer’, ‘eu como’
 (325) rapoka ‘chegar’, ‘ele chega’
 (326) tiçata ‘ela procura’

Exemplos desses verbos com morfologia em realização sintática:

- (327) kanawa r-e-ta
 canoa 3S.M-ver.C.V
 ‘ele viu a canoa’
- (328) kanawa ti-ça-ta
 canoa 3S.F-procurou-C.V
 ‘ela procurou a canoa’
- (329) rosana r-apo-ka
 roçado 3S.M-chegar-C.V
 ‘ele chegou no roçado’

Adjetivos:

Os adjetivos, assim como a maioria dos nomes, recebem a marcação de gênero masculino {-ri ~ -li ~ ti} ou feminino {-ro ~ -lo ~ -to}, assim, descrevemos abaixo palavras com sufixo que marca o masculino.

- (330) kihile-ri ‘bonito’, ‘bom’, ‘belo’, ‘feliz’, ‘algo bom’
 (331) hitfowaka-li ‘gordo’, ‘forte’
 (332) hekati-ti ‘feio’, ‘coisa ruim’
 (333) mitse-ri ‘pequeno’

- (334) tsi-ri ‘grande’
 (335) hiŋfiko-li ‘forte’
 (336) nitŋikota-li ‘fraco’

Exemplos desses adjetivos em realização sintática:

- (337) lokas kihile-ri
 Lucas bonito-3S.M
 ‘Lucas é bonito’

- (338) fabio hitŋowaka-li
 Fábio gordo-3S.M
 ‘Fábio é gordo’

- (339) mitseri-ti kaçipo
 pequeno-3S.M cachimbo
 ‘cachimbo pequeno’

Depois desses exemplos introdutórios, trataremos em seguida das classes de palavras em Manxineru, com ênfase nos processos flexionais e derivacionais que os afetam.

6.2 AS CLASSES DE PALAVRAS

Nesta seção, descrevemos as classes de palavras da língua Manxineru. Para Coseriu (1972), um estudo que se propõe descrever as classes de palavras pode e/ou deve se iniciar de forma que constituam seu único objeto. Mas, enquanto se ignora o significado, só pode comprovar esquemas e chamá-los, eventualmente, com nomes convencionais.

Na definição das classes de palavras postuladas para a língua Manxineru nos concentramos principalmente, mas não exclusivamente, naquelas que nos serão foco de investigação mais profundo em outros capítulos, mas também damos atenção máxima ao significado de cada um dos seus elementos.

As categorias de substantivo, adjetivo, verbo e advérbio foram referências fundamentais nesse estudo, mas como observa Coseriu (1972), as categorias podem justificar a constituição de classes, porém não podem definir-se como classes, pois, segundo o autor, pode-se constituir a classe dos objetos triangulares, mas isso não significa definir a triangularidade, que não é a classe desses objetos, senão, ao contrário, a razão pela qual se constitui a classe, posto que corresponde a um modo de ser dos objetos que nela se incluem.

Nesse sentido, cabe salientar que:

[...] As línguas diferem na medida em que elas dependem da morfologia flexional para marcar distinções e relações gramaticais. Em essência, línguas variam de analítica (praticamente sem morfologia flexional, como em chinês) para ‘sintética’ (com amplo recurso às flexões, alguns para as relações gramaticais e várias distinções de uma vez, como em espanhol), para ‘aglutinantes’ (com flexões sistemáticas, cada uma marcando uma distinção separada, como em turco). Na formação de palavras, não há assim muita variedade, pois algumas línguas dependem quase exclusivamente da composição para formar novas palavras, outras baseadas principalmente sobre a origem, e muitas outras que dependem de alguma mistura dos dois [...]. (CLARK, 2007, p. 276). (Tradução nossa).

A língua Manxineru é classificada tipologicamente como sendo aglutinante e polissintética, exatamente por permitir que uma palavra, fonologicamente, possa ter vários morfemas gramaticais e também por junções e funções diferenciadas nela. Dessa forma, as palavras em Manxineru são normalmente extensas.

Lembramos ainda que procuramos ser detalhistas e cuidadosos ao observar os significados das formas lexicais e de identificar as suas respectivas formas categoriais, como também a forma de ser das palavras Manxineru dentro das realizações concretas de discurso.

6.2.1 A CLASSE DOS NOMES

Nesta seção, analisamos e descrevemos as palavras que constituem a classe dos nomes em Manxineru. Pertencem a essa classe todas as palavras cujos referentes são [+humano] ou [-humano], [+feminino] ou [-feminino] e, dos [-humanos], os que são [+animado] ou [-animado]. Nomes podem ser possuídos, porém essa posse sempre deve ser feita com mediadores de posse, que em Manxineru pode ser feita por pronomes possessivos (genitivos) pessoais e/ou com sufixo, ou, em alguns casos, com os dois afixos. Esses nomes podem ainda

ser intensificados ou atenuados, e os seus respectivos referentes possuem existência atual, retrospectiva ou prospectiva. Palavras que se encaixam e/ou apresentam tais traços são, dessa forma, as que descrevemos como pertencentes à classe dos nomes.

Salientamos que a relação de posse e/ou a definição de gênero e as construções das palavras em Manxineru possuem bases culturais e pragmáticas muito importantes. Nesse sentido, entende-se, conforme afirma Kiefer (2007, p. 205), que o estudo que leva em consideração a pragmática é aquele que compreende que as línguas relacionam estruturas linguísticas a fenômenos contextuais. Isto é, pode ser pragmaticamente definida como a perspectiva funcional da linguagem. Pragmática pode ser concebida, ainda, como o estudo dos mecanismos e motivações por trás de qualquer uma das escolhas feitas pelo uso da linguagem (em nível de fonologia, de morfologia, de sintaxe, de semântica, que sejam opções de variedades-internas ou se elas envolvem tipos: regional, social, ou funcionalmente distribuídas de variação). Para o autor, fenômenos contextuais relevantes incluem: o tempo, a localização, o ambiente social e os papéis dos participantes, por um lado; e as estratégias discursivas, os planos, os objetivos e as intenções, por outro.

6.2.1.1 Morfologia nominal

Nomes em Manxineru se distinguem das demais classes de palavras por serem referenciais e, como tal, seus referentes podem naturalmente ser atenuados ou intensificados; ser marcados de acordo com sua existência atual, retrospectiva ou projetiva. Os referentes dos nomes podem também ser pluralizados. Mas, a principal distinção que deve ser feita em uma descrição linguística dos nomes em Manxineru é a que distingue nomes relativos de nomes absolutos, ou seja, nomes que requerem obrigatoriamente um determinante e nomes cujos referentes são naturalmente independentes de um determinante.

Tratamos, nas seções seguintes, dessas características dos nomes em Manxineru, e, em seguida, descrevemos os processos derivacionais que são comuns a esses dois tipos de nomes nessa língua.

6.2.1.1.1 Os prefixos e sufixos pessoais

Na língua Manxineru, os prefixos pessoais indicam a relação de posse, nos nomes e em predicados nominais; e a função de sujeito, nos verbos, em predicados verbais.

A nossa hipótese para descrever a distribuição dos prefixos pessoais em Manxineru difere de outros trabalhos para língua Yine (Piro-Manxineru), como, por exemplo, os de Matteson (1965), Hanson (2010) e Silva (2013), pois assumimos, conforme dizem Payne (1991), Ramirez (2001), Aikhenvald (1999) e Campbell e Grandona (2012) que o aspecto histórico e tipológico mais notável gramaticalmente partilhado pelas línguas pertencentes à família Aruák é que essas línguas apresentam o prefixo possessivo {nu-} e privativo {ma-}. Assim, a língua Manxineru está inserida no agrupamento das *nu-arawak* (cf. RAMIREZ, 2001; CAMPBELL, 2012; AIKHENVALD, 1999; PAYNE, 1991).

Assim como ocorre em Manxineru, em Paresi e em algumas outras línguas Aruák (Terena e Iñapari, por exemplo), o conjunto de prefixos pronominais denota possuidores de substantivos e estão sujeitos à referência cruzada em verbos. Apresentamos, em seguida os prefixos pessoais do Manxineru, seguidos dos quadros de pronomes, respectivamente do Pareci e do Iñapare, respectivamente. Esta última, segundo Ramirez (2001), Aikhenvald (1999) e Rodrigues (2002), é uma língua com parentesco muito próximo do Manxineru.

Quadro 7 — Prefixos pessoais do Manxineru

Pessoa	Singular	Plural
1	no-	wi-
2	pi-	hi-
3M	ri-	hi-...-na
3F	to-	

Quadro 8 — Prefixos pessoais do Paresi (Aruák)

Pessoa	Singular	Plural
1	no-, na, n-	wi-, wa-, w-
2	hi-, ha-, h-	xi-, za-, z-
3	∅-, (e-/i- só em nomes)	∅-...-h (pl)

Fonte: Brandão (2010, p. 15).

Quadro 9 — Prefixos pessoais do Iñapari (Aruák)

		Singular	Plural
Primeira pessoa		no-	a-
Segunda pessoa		pi-	isá-
Terceira pessoa	Masculina	i-	anáwa-
	Feminina	ru-	anáwa-

Fonte: Parker (2008, p. 179).

Ao observarmos os quadros de distribuição dos prefixos pessoais do Paresi e do Iñapari, podemos verificar a semelhança entre eles. Assim, observamos a ocorrência de primeira pessoa do singular {no-} nas duas línguas. Como, por exemplo, temos, para a palavra ‘minha casa’, em Paresi *no-ha-ni* e em Manxineru *no-pçi*. Ou ainda em Paresi *no-tera* e Manxineru *no-rari*, correspondentes a ‘eu bebo’.

Então, como já verificamos no Capítulo III e como verificaremos mais detalhadamente no Capítulo VIII, processos como elisão, enfraquecimento, redução e harmonia vocálica são algumas das questões que levam ao alto grau de alomorfia dos pronomes em Manxineru, os quais detalharemos.

A grande variação que os prefixos pessoais do Manxineru apresentam se explica porque as vogais desses prefixos se harmonizam com a vogal da sílaba inicial do tema da palavra base a qual eles se juntam (ver Capítulo VIII).

Outro fator importante, que deve ser levado em consideração para nossa hipótese de distribuição dos prefixos pessoais, é que a língua Manxineru é classificada como polissintética e aglutinante (cf. AIKHENVALD, 1999b; AIKHENVALD; DIXON, 1999a; CAMPBELL, 2012), o que proporciona alto grau de mudanças nas formas fonológicas dos morfemas, por ser uma língua de alto grau de aglutinação, suas formas são geralmente longas, diferentemente das línguas tipologicamente isolantes como, por exemplo, o Xokleng/Laklãnõ (Macro-Jê). Os exemplos seguintes evidenciam contraste entre o Manxineru, que é uma língua aglutinante e polissintética, e Xokleng/Laklãnõ, que é uma língua isolante e analítica.

Exemplos do Manxineru:

- (340) ni-ka-li=hita=ri-ni-ka-ni
 comer-C.V-NMLZ=carne de caça=3S.M-comer-C.V-PROG
 ‘ele comerá carne de caça’

Exemplo do Xokleng/Laklãnõ:

- (341) kózej vũ ãn te ban kabág tẽ
 flor MS casa ESPEC POSP ADV IMPERF
 ‘as flores estão ao redor da casa’

Ademais, essa característica concatenativa do Manxineru cria fenômenos como: (i) alongamento compensatório de vogais e consoantes, (ii) redução vocálica, haplogogia; (iii) aspiração das consoantes oclusivas surdas; (iv) enfraquecimento vocálico; (v) nasalização vocálica; (vi) dessoantização da consoante lateral e do rótico tepe; (viii) criação de grupos consonantais; (ix) vozeamento da glotal surda; (x) harmonia vocálica; (xi) dissimilação, (xii) assimilação; (xiii) ressilabificação, entre outros fenômenos, os quais veremos detalhadamente no Capítulo VIII. Esse alto grau de mudanças morfofonológicas produz uma gama grande de alofones.

Esses fatores afetam, de maneira muito significativa, os pronomes. Dessa forma, a lógica de distribuição desses pronomes pessoais depende muito do ambiente em que eles se encontram. Nessa distribuição, nos predicados nominais é fácil de prever a ocorrência dos pronomes, pois ela é obrigatória. Nesses predicados, os pronomes marcam não só a pessoa e o gênero (na terceira pessoa do singular) como também a posse, conforme evidenciamos nos exemplos seguintes:

- (342) tjiene no-kanawa-te
 esta 1S-canoa-MD.POSS
 ‘esta é a minha canoa’

- (347) wale r-e-ta-no
 ele 3S.M-ver-C.V-1S.O
 ‘ele me viu’
- (348) ti-jla-ta-ri
 3S.F-matar-C.V-3S.M.O
 ‘ela o (onça) matou’
- (349) no-kotj̃ipi-ta-na
 1S-bater-C.V-3.PL.O
 ‘eu bati neles’
- (350) kihile-ro mariana
 bonito-3S.F Mariana
 ‘Mariana é bonita’
- (351) mitse-ri wale
 grande-3S.M ele
 ‘ele é grande’
- (352) lokas fabio-ni hi-jro-ka-kaka
 Lucas Fábio-3S.O 3S.M-cair-C.V-CAUS
 ‘Lucas fez Fábio cair’, ‘Lucas derrubou Fábio’

Observa-se, que no exemplo (352), o prefixo {-ni} ocorre em ‘Fábio’ para marcar o termo afetado pela causa e não o causador ‘Lucas’.

6.2.1.2 Substantivos

Como é fato conhecido, as línguas da família Aruák distinguem nomes de referentes alienáveis (absolutos) de nomes de referentes inalienáveis (relativos). Os primeiros, ao entrarem em relação de posse requerem um mediador de posse, que em Manxineru tem os alomorfes

{-te}, {-ne} e mais raramente o {-re}. Por outro lado, os nomes de referentes inalienáveis entram em relação de posse sem nenhuma marca mediadora dessa relação, e como são inerentemente relativos, para ocorrerem em função absoluta requerem um mediador absolutivo sufixal {-tʃi}.

Assim, iniciamos a descrição das características dos nomes, pondo em foco os traços ‘relativo e absoluto’. A classe dos nomes apresenta, dessa forma, três subclasses de elementos fundadas na possibilidade de serem ou não núcleo em uma relação de determinação nominal, que, em Manxineru é uma relação de posse. Conseqüentemente, há que se distinguir um nome cujo referente é [+relativo –absoluto], de um nome [–relativo –absoluto], de um nome [+absoluto, –relativo].

Um nome [+relativo, –absoluto] pode ser possuído diretamente, mas um nome [–relativo, –absoluto] só pode ser possuído por meio de um mediador de posse {-te ~ -ne ou -re}; já um nome [+absoluto e –relativo] nunca pode ser possuído, como ocorre com certos nomes cosmológicos e representantes da natureza.

Nome [+relativo –absoluto]:

A classe dos nomes [+relativo, –absoluto] são aqueles cujos referentes são partes de um todo, como, por exemplo, parte do corpo, parentesco e certos elementos que indicam uma relação íntima com o dono, que o faz ser [+relativo, –absoluto]. Esses nomes são marcados pelos pronomes possessivos, mas quando assumem a forma absoluta, eles, conforme já mencionamos, recebem o sufixo absolutivo {-tʃi}.

Exemplos:

(353) no-mjo

1S.POSS-mão

‘minha mão’

(354) ri-hale

3S.M.POSS-olho

‘olho dele’

(355) no-hanana-ro
 1S.POSS-esposa-3S.F
 ‘minha esposa’

(356) no-ti-ri
 1S.POSS-filho-3S.M
 ‘meu filho’

(357) no-paçi
 1S.POSS-casa
 ‘minha casa’

Exemplos de nomes [+relativo –absoluto] na forma absolutiva:

(358) miof-tji
 mão-ABS
 ‘mão’

(359) pihali-tji
 olho-ABS
 ‘olho’

Nome [–relativo –absoluto]:

A classe dos nomes [–relativo, –absoluto] contém nomes, que para serem possuídos, necessitam de um mediador de posse, que é expresso pelos sufixos {-te e -ne}.

Exemplos:

(360) no-kanawa-te
 1S-canoa-MD.POSS
 ‘minha canoa’

6.2.1.2.1 Aspecto existencial no substantivo

Os nomes em Manxineru são marcados pelo estado de existência dos seus respectivos referentes, ou seja, estado retrospectivo, estado atual e estado prospectivo. O retrospectivo é aquele no qual o estado em que o referente já não existe, recebendo a marca {-ni}. O estado atual é aquele que expressa existência de referente que está atualizado, isto é, que tem existência em um momento dado, recebendo a marca{-∅}. Por fim, temos o estado prospectivo que é aquele em que se projeta a existência de um referente, o qual é marcado como sufixo {-tʃi}. Os exemplos do quadro seguinte ilustram três estados de existência dos referentes dos nomes, os quais descrevemos de forma mais detalhadas nas seções seguintes (ver quadro (11)).

Quadro 11 — Estado de existência dos referentes desses nomes: retrospectivo, atual e prospectivo

Retrospectivo	Glosa	Atual	Glosa	Prospectivo	Glosa
nopaçi-ni	‘minha ex-casa’	nopiçi-∅	‘minha casa’	pana-tʃi	‘minha futura casa’ ou ‘casa genérica’
kaçiri-ni	‘meu ex-arco’	kaçiri-∅	‘arco’	kaçiri-tʃi	‘meu futuro arco’ ou ‘arco genérico’
nohanıro-ni	‘minha ex-esposa’	hanıro-∅	‘esposa’	nohanaro-tʃi	‘minha futura esposa’

6.2.1.2.1.1 Aspecto atual {-∅}

Em Manxineru, o morfema {-∅} é usado para marcar o aspecto ‘estado de existência atual’.

Aspecto atual {-∅}:

(365) no-paçi-∅

1S.POSS-casa-AT

‘minha casa’

- (366) no-pamalo-te-∅
 1S.-arara-POSS-AT
 ‘minha arara’
- (367) no-kaʃretwa-∅
 1S.POSS-arco.flecha -AT.
 ‘meu arco e flecha’
- (368) no-kanawa-te-∅
 1S.POSS-esposa-MD.POSS-AT
 ‘minha canoa’

6.2.1.2.1.2 *Aspecto retrospectivo {-ni}*:

- (369) no-paçi-ni
 1S.POSS-casa-RETR
 ‘minha ex-casa’
- (370) no-pamalo-te-ni
 1S-arara-MD.POSS-RETR
 ‘minha ex-arara’ (quando morta)
- (371) pi-kaʃretwa-ni
 2S.POSS-arco-RETR
 ‘seu ex-arco e flecha’
- (372) no-kanawa-te-ni
 1S-canoa-MD.POSS-RETR
 ‘minha ex-canoa’

6.2.1.2.1.3 *Aspecto prospectivo {-tʃi}*:

(373) no-piçi-tʃi

1S.POSS-casa-PROSP

‘minha futura casa’

(374) no-kaʃ-retwa-tʃi

1S.POSS-arco.flecha-POSS-PROSP

‘meu futuro arco e flecha’

(375) hi-kanawa-te-tʃi

3S.M-canoa-MD.POSS-PROSP

‘futura canoa dele’

Salientamos, ainda, que, em Manxineru, há nomes que se combinam com os morfemas existenciais e há nomes que não se combinam com esses morfemas. Assim, nomes de animais e certos nomes de parentesco formam uma subclasse de nomes que não se combinam com o morfema de aspecto prospectivo.

6.2.1.2.2 *Gênero no substantivo*

Conforme inicialmente discutido em artigo publicado em 2015²¹, argumentamos neste estudo que a noção de gênero é uma das principais bases de classificação das entidades na cultura Manxineru. Uma consequência dessa importância é a obrigatoriedade com que é marcada a concordância nos verbos e adjetivos. Nesse caso, trata-se, como veremos, de uma classificação complexa, que não pode ser percebida como um fenômeno meramente gramatical e/ou estrutural.

A língua Manxineru nos mostra que, mesmo entidades inanimadas são classificadas em um ou outro gênero, em que há uma estreita correlação entre categorização gramatical e

²¹ Trata-se de artigo publicado na Revista Brasileira de Linguística Antropológica, v. 7, n. 2, dez. 2015. De autoria de Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, LALLI, UnB; Lucas Artur Brasil Manchineri, Comissão Pró-Índio do Acre, LALLI, UnB; Fábio Pereira Couto, LALLI, UnB, Unir e Mariana Souza Samarra Manchineri, Comissão Pró-Índio do Acre, LALLI, UnB.

categorização biológico-cultural, de forma que uma não pode ser entendida sem referência a outra. Mostramos que a classificação dos seres em geral em um gênero ou outro se dá, muitas vezes, por associações dessas entidades a características e papéis socioculturais do ‘macho’ *çeçi* e da ‘fêmea’ *sitfo*, estabelecidos desde a origem dos Manxineru, em que se passava naturalmente de um estado de *ineri* ‘humanidade’ a um estado *heçnune* ‘animalidade’.

Os dados da língua Manxineru mostram que a sua noção de gênero lastreia-se em sexo biológico – ‘macho’ *çeçi* e ‘fêmea’ *sitfo*, situados no âmbito da humanidade *ineri* - e que todas as entidades são classificadas em um ou outro gênero mediante analogias comportamentais ou a partir de outras semelhanças que as entidades compartilham com as duas categorias da humanidade.

Assim, os referentes dos nomes em Manxineru são divisíveis em duas classes, de acordo com o gênero do referente: podem ser masculinos ou femininos. Desta forma temos:

(i) nomes de partes do corpo, de elementos da natureza não aquáticos, com poucas exceções, nomes de animais não aquáticos, com raras exceções, nomes de partes do corpo, de plantas, de animais e de partes destes, nomes de sensações, humores, doenças e a maior parte dos nomes de artefatos pertencem à classe do gênero masculino;

(ii) Nomes de animais, plantas aquáticas, elementos da natureza e artefatos aquáticos, com pouquíssimas exceções são do gênero feminino (ver quadro (12)).

Quadro 12 — Divisão dos nomes Manxineru em duas classes gramaticais: os masculinos e os femininos

Seres	Masculino	Glosa	Seres	Feminino	Glosa
Animais não-aquáticos	mihenoko-ri	‘onça’	Animais aquáticos	sipi-ro	‘tracajá’
	çema	‘anta’		fima	‘peixe’
	tjiko-ti	‘macaco prego’		kopaçi	‘lambari’
	majo-ri	‘urubu’		joto-lo	‘caranguejo’
	pitso-ti	‘poraquê’		tolo-lo	‘sapo’
	jotolota-ri	‘lontra’	Animal não aquático	jawo	‘bicho preguiça’
				mapio-ro	‘jiboia’

Partes do corpo	çiwɬĩ	‘cabeça’			
	mjotĩ	‘mão’			
	jhalitĩ	‘olho’			
	hopina	‘fígado’			
Plantas não aquáticas	koni-ri	‘seringueira	Plantas aquáticas	hisperi	‘açai’
	peçi	‘jatobá’		seropirofa	‘sororoca d’água’
	ksiriopate	‘jenipapinho’		hiçiçipifa	‘tipo de cipó’
	haso	‘jenipapo’		tolokana	‘pau de fazer canoa, cerejeira’
	tsipata	‘goiaba da mata’		hisini	‘samaúma’
	karapi-ri	‘ingá’		jopo	‘mogno’
	manatĩ	‘iaré’ (‘fruta bem vermelhinha’)		jlopo	‘cajá’
	tsoçiri hoçi	manite árvore frutífera		kanika	‘cacau’
Elementos da natureza não aquáticos	tikatĩ	‘sol’	Elementos da natureza	katahiri	‘estrela’
	hipohafa	‘lagoa’			
	weni	‘rio’			
	ksi-ri	‘lua’			
	soti-li	‘pedra			
	himiriçi	‘morro’		ksatiçi	‘areia do rio’
	tĩçi	‘terra’			
	hokani	‘cachoeira’			
Sensações	pojko-ri	‘alegria’			
	katĩkile-ri	‘frio’			
Humores	hiçiniĩtĩ	‘peido’			

	tsinahatjĩ	‘urina’			
Doenças	kapoha-ri	‘gripe’			
	tseriha-ri	‘diarreia’			
Artefatos	katjĩra-ri	‘flecha’	Artefatos		
	hima-tĩ	‘panela’		kanawa	‘canoa’
	salowhapi	‘remo’		naftimita	‘pulseira’
	tsapanatjĩ	‘bolsa’		naftjĩ	‘colar’
	jetjĩ	‘rede’		tsapitjĩ	‘cinto’

A atribuição de gênero em Manxineru, como dito anteriormente, não se explica somente por marca morfológica, mas principalmente por relações pragmáticas, ou seja, são as bases culturais que definem se um dado nome tem o referente masculino ou feminino, como por exemplo, ocorre com os nomes celestiais, e certos nomes da natureza, tais como: *ksiri* ‘lua’; *katahiri* ‘estrela’ *hahamina* ‘árvore’. Assim, nomes como esses, por questões culturais, não recebem os afixos existenciais de aspecto retrospectivo e projetivo.

Há sempre, em Manxineru, bases culturais para atribuição de gêneros, apesar que, em alguns casos, não conseguimos essa explicação, pois os colaboradores indígenas não lembraram da explicação histórica, mas afirmam que todos os nomes da língua, que possuem a distinção de gênero, os têm com base na relação cultural.

Em seguida, descrevemos alguns nomes com respectivas explicações sobre a determinação cultural de gênero para eles, pois há vários casos em que nomes que deveriam pertencem à classe dos nomes femininos são considerados da classe masculina e vice versa. Dessa forma, somente com as explicações funcionais e culturais dos usos dessas palavras que se pode saber por que essas exceções ocorrem.

Seres da água:

(376) pitso-tĩ ‘porquê’ (É masculino, porque tem poderes de macho, pois manda no seu território)

(377) jotoloto-ri ‘lontra’ (É masculino, pois vai à água, mas não vive nela)

Seres não aquáticos:

- (378) mapio-lo ‘jiboia’ (é feminino, porque vive nas nascentes dos igarapés)
- (379) pama-lo ‘arara’ (é feminino, porque ela grita muito, como a mulher)

Plantas e animais:

- (380) jsino ‘samaúma’ (é feminino, pois quando está perto de chover ela flora e ela está nos baixos do rio)
- (381) jopo ‘mogno’ (nambu sempre faz o seu ninho no tronco dela, e como o nambu vive nos baixos do rio e nas beiras das lagoas, então ele é feminino)
- (382) jlolo ‘cajá’ (é feminino, já que só dá frutos na época da chuva)
- (383) kanika ‘cacau’ (é feminino, porque se sobe o barranco do rio para colher seus frutos)
- (384) kiçijoçiri ‘jacaré’ (é masculino, pois domina o poço e é violento)
- (385) mihenokolo ‘onça vermelha’ (vermelho é feminino, pois está ligado à menstruação, que é coisa de mulher)

Em seguida, descrevemos uma entrevista com o indígena Manxineru, que contou uma história, mostrando histórica e culturalmente a atribuição de gênero para alguns nomes da língua.

Foi um menino muito bonito, chamado Poerono Katu. Antes ele era perebento e sua cunhada tinha nojo de dar caisuma de paloha para ele na cuia (paho), mas ele fingia que era doente, na realidade ele era um homem sagrado e muito bonito. Então, um dia a mãe ficou com vergonha da nora dele e fingiu passar o leite da guariúba pioçi (masc.). Aí um dia ele saiu todo pintadinho, com a kofma, então ela se interessou nele, a cunhada. Então ele falou: você não achava eu feio, todo perebento, aí ela aperreou tanto ele para fazer sexo que ele deu um susto nela e os passarinhos carregaram ela para longe e o irmão ficou brabo com ele e pediu para o irmão bonito ir atrás dela. O irmão disse, já que você fez ela ir embora, você agora tem que buscá-la de volta. Os passarinhos haviam colocado ela na casa de João de Barro (potsjwa (masc.))

aí quando ele foi atrás, ele a achou, mas deu um sopro nela e disse que a descendência que vem atrás vai chamar ela de moça (caboré, pássaro (fem.)) que anda de noite). Ele não trouxe mais ela de volta e, com vergonha do irmão dele ele virou beija-flor e ela continuou caboré e ele ficou como um Beija-flor. Por isso que ele é masculino. Para o conhecimento do povo Manxineru. (Lucas Artur Brasil Manchineri, indígena Manxineru).

6.2.1.2.3 Gênero e a concordância no substantivo

Embora Aikhenvald (1999a, p. 83) tenha dito que a atribuição de gênero não é semanticamente transparente nas línguas da região do sul da Amazônia centradas na bacia do rio Purús, em Manxineru, a concordância de gênero está bem determinada e clara, seja semântica ou gramaticalmente. Essa concordância é realizada entre o determinante adjetivo e o núcleo substantivo, sendo desempenhada por meio de sufixos de terceira pessoa, {-ro ~ -lo} para o feminino e {-ri ~ -li} para o masculino, conforme descrevemos em seguida.

- (386) a. kihle-ro miti-ro
 grande-3S.F criança-3S.F
 ‘criança’
- b. kihle-ri miti-ri
 bonito-3S.M criança-3S.M
 ‘criança bonita’
- c. miti-ri ʃiʃownatʃ-ri
 criança-3S.M gordo-3S.M
 ‘criança gorda’
- d. miti-ro hiʃownatʃihi-ro
 criança-3S.F gordo.3S.F
 ‘criança gorda’
- (387) a. maki-**li**-çi kihile-ri
 rapaz/jovem-3S.M-? bonito-3S.M
 ‘rapaz/jovem bonito’

b. kihile-ri maki-**li**-çi
 bonito-3S.M rapaz/jovem-3S.M-?
 ‘rapaz/jovem bonito’

(388) a. kihile-ri ts-**ri**-tsoleçi
 bonito-3S.M velho
 ‘velho bonito’

b. tso-**li**-tsoleçi hiʃownatʃi-ri
 velho-3S.F gordo-3S.M
 ‘velho gordo’

(389) a. tso-**ro**-tsoleçi
 velha-3S.F
 ‘velha’ (mulher velha)

b. kihile-ro tso-**ro**-tsoleçi
 bonito-3S.F velha
 ‘velha bonita’

c. tso-**ro**-tsoleçi hiʃownatʃi-ro
 velha-3S.F gordo-3S.F
 ‘velha gorda’

(390) a. miti-**ri**-çiçi
 bebê-3S.M-?
 ‘bebê’ (em geral)

b. kihile-ri miti-**ri**-çiçi
 bonito-3S.M bebê-3S.M-?
 ‘bebê bonito’ (em geral)

(391) a. $\text{f}\bar{\text{i}}\text{-ro-ma}\check{\text{c}}\text{i}$

bebê

‘bebê’ (quando F)

b. kihile-ro $\text{f}\bar{\text{i}}\text{rima}\check{\text{c}}\text{i}$

bonito-3S.F bebê

‘bebê bonito’ (quando F)

(392) a. $\text{f}\bar{\text{i}}\text{-ri-me}\check{\text{c}}\text{i}$

bebê

‘bebê’ (quando M)

b. kihile-ri $\text{f}\bar{\text{i}}\text{-ri-me}\check{\text{c}}\text{i}$

bonito-3S.M bebê

‘bebê bonito’ (quando M)

(393) a. tini-ha

leite-CLASS

‘leite’

b. $\text{sit}\check{\text{f}}\text{o}$ tini-ha kalata-lo

mulher leite-CLASS branco-3S.M

‘leite da mulher é branco’

c. waka tini-ha kalata-lo

vaca leite-CLASS branco-3S.F

‘leite da vaca é branco’

(394) a. waka

vaca

‘vaca’

b. kalata-ro waka
 branco-3S.F vaca
 ‘vaca branca’

c. waka hiʃownatʃi-ro
 vaca gorda-3S.F
 ‘vaca gorda’

(395) a. poj

 boi
 ‘boi’

b. kihile-ri poj
 bonito-3S.M boi
 ‘boi bonito’

c. poj hiʃownatʃi-ri
 boi gordo-3S.M
 ‘boi gordo’

(396) a. hona-ha

 água-CLASS
 ‘água’

b. kihile-ri hona-ha
 bonito-3S.M água-CLASS
 ‘água bonita’

(397) a. tsina-ha-tʃi

 xixi-CLASS-ABS
 ‘xixi’

b. kihile-ha-li	tsina-ha-tʃi
bonito-CLASS-3S.M	xixi-CLASS-ABS
‘xixi bonito’	

Sobre a temática, cabe salientar que nenhum trabalho anterior, seja para a variedade Piro, seja para a variedade Manxineru, utilizou de explicações de base cultural para a atribuição de gênero na língua.

6.2.1.3 Classificadores

Certos nomes em Manxineru trazem, em todos os seus usos, uma marca classificatória de alguma propriedade ou forma do referente do nome, como ‘líquido’, ‘semente’, ‘foliforme’, ‘linear’ e ‘côncavo’. Pelo menos essas foram, até o presente estágio de nossa pesquisa, as expressões de classificadores nominais encontradas em Manxineru.

6.2.1.3.1 Classificador {-ha} ‘líquido’

Usa-se morfema {-ha} para designar os referentes com propriedade líquida. Os exemplos dessas realizações estão em (398-406).

(398) hona-ha	‘água’
(399) konri-ha	‘líquido da seringueira’
(400) ra- ha ²² -tʃi	‘sangue’
(401) potswa- ha -li	‘suco’
(402) sapana-ha	‘mingau de banana’
(403) katsihikile- ha -li	‘água fria’
(404) hami-ha-li	‘água quente’
(405) ʃimahiwla- ha -le	‘caldo de peixe’
(406) ɕij-ha	‘caldo de milho’

²² Assim como fizemos para marcação de gênero, destacamos com negrito o classificador que não ocorreu na posição mais prototípica que é no final de palavra, como forma de identificá-lo de forma mais clara.

6.2.1.3.2 *Classificador {-çi} ‘semente’ e/ou ‘caroço’*

Em Manxineru, o morfema {-çi} designa o elemento que tem forma de semente e/ou caroço, como podemos conferir em (407-413).

(407)	tata-çi	‘semente’
(408)	hapi-çi-ri	‘urucum’
(409)	kanika-çi	‘cacau’
(410)	içperi-çi	‘açai’
(411)	tjiretji-çi	‘pachiúba’
(412)	çitjıtji-çi	‘patoá’
(413)	kore-çi	‘pupunha brava’

6.2.1.3.3 *Classificador {-sire} ‘foliforme’*

Esse morfema classificador é usado para referentes que se caracterizam pela forma de foliáceos, conforme exemplos (414-419).

(414)	ka-sire-ri	‘folha’
(415)	jıçi-sire	‘folha de milho’
(416)	çimeka-sire	‘folha de mandioca’
(417)	papew-sire	‘folha de papel’
(418)	hjiri-sire	‘folha de tabaco’
(419)	sapana-sire	‘folha de bananeira’

6.2.1.3.4 *Classificador {-tsa} ‘linear’*

O morfema {-tsa} é utilizado quando os referentes possuem a propriedade de elementos lineares, como podemos verificar nos dados de (420-424).

(420)	jokolo-tsa	‘corda’
(421)	noko-tsa	‘minha veia’

- (422) hija-**tsa**-hile ‘teia (de aranha)’
 (423) ka-**tsa**-ri ‘barbante’
 (424) **tsa**-pi ‘agulha’

6.2.1.3.5 Classificador {-pi} ‘oco’ e/ou ‘côncavo’

O morfema {-pi} emprega-se para indicar referentes que possuem cavidade e/ou forma oca, como nos seguintes dados de (425-428).

- (425) hira-pi ‘tigela’
 (426) kawa-pi ‘vasilha’, ‘vaso’
 (427) nika-pi ‘prato’, ‘vasilha de comer’
 (428) hitfirika-pi ‘peneira’

6.2.1.4 O prefixo privativo {ma-}

Conforme Ramirez (2001), Aikhenvald (1999a) e Campebell (2012), uma das principais características das línguas da família Aruák é a existência do morfema privativo {ma-}.

Nomes que se combinam com o morfema ‘privativo’ {ma-} são aqueles que expressam o referente de um nome que é destituído de uma determinada propriedade.

Exemplos:

- (429) ma-jhi-ri
 PRIV-dente-3S.M
 ‘sem dente’
 (430) ma-piçi-ti
 PRIV-casa-3S.M
 ‘sem casa’

- (431) ma-kano-ti
 PRIV-braço-3S.M
 ‘sem braço’
- (432) ma-jhene-ti
 PRIV-filho-3S.M
 ‘sem filho’
- (433) ma-mjoçi-ti
 PRIV-dedo-3S.M
 ‘sem dedo’
- (434) wala ma-jhi-ti
 ela PRIV-dente-3.S.M
 ‘ele está sem dente’, ‘ele não tem cabelo’
- (435) ma-çiwi-tsa-to
 PRIV-cabelo-CLASS-3S.F
 ‘ela está sem cabelo’, ‘ele não tem cabelo’

É importante salientar que, quando se trata de referentes masculinos, há a marcação de gênero masculino {-ti} e quando o referente é do gênero feminino recebe o morfema {-to}, como em *majhi-to* ‘sem dente’, que tem o referente de gênero feminino.

6.2.1.5 Os clíticos locativos {ja e tʃini}

Em nossa pesquisa, identificamos dois clíticos locativos: {ja} e {tʃini}. Esses clíticos, por não terem acento fonológico, se juntam fonologicamente a outra palavra, conforme exemplificamos em seguida.

- (436) witʃa ha-waka=ja
 nós água/rio-ir=LOC
 ‘nós subimos o rio’, ‘nós fomos rio acima’

- (437) pana-tʃi ha=tʃini
 casa-ABS 3S.M=LOC
 ‘ele está atrás da casa’
- (438) hikinahaʃiripa wi-ta-ka=ja
 depois 1PL-ir-C.V=LOC
 ‘depois nós fomos’, ‘nós fomos embora’ (em direção a)

6.2.2 A composição nominal

A composição é um processo lexical que cria novas palavras na língua. Dessa forma, o processo de composição consiste na combinação morfológica de duas ou mais palavras para compor uma nova. Alguns nomes, raízes ou temas, em Manxineru são resultados desse processo composicional, como verificamos nos exemplos de (439-447).

- (439) tʃitʃi ‘fogo’ + pata ‘pau’ → tʃitʃipata ‘fogueira’
 (Literalmente: ‘fogo-pau’)
- (440) tʃitʃi ‘fogo’ + pihale ‘ar’, ‘vento’ → tʃitʃipiha ‘fumaça’
 (Literalmente: ‘fogo-vento’, ‘fogo-ar’)
- (441) tʃitʃi ‘fogo’ + hameri ‘quente’ → tʃitʃimeri ‘brasa’
 (Literalmente: ‘fogo-quente’)
- (442) hahamina ‘árvore’ + çepi ‘orelha’ → hahaminaçepi ‘orelha-de-
 pau’ (Literalmente: ‘orelha-árvore’)
- (443) tsapi ‘cipó’ + ʃtʃi ‘cintura’ → tsapitʃi ‘cinto’
 (Literalmente: ‘cipó-cintura’)
- (444) tsapi ‘cipó’ + panatʃi ‘casa’ → tsapanatʃi ‘bolsa’
 (Literalmente: ‘cipó-bolsa’, ‘ninho’)
- (445) tʃitʃi ‘fogo’ + kanotʃi ‘braço’, → tʃitʃikano ‘espingarda’
 (Literalmente: ‘fogo-braço’)

- (446) nika ‘comer’ + -li- NMLZ + hita ‘caça’ → nikalihita ‘carne de caça’
(Literalmente: ‘comer-caça’)
- (447) kajwe ‘cachorro + hoʃaha ‘floresta’ → kajuhoʃaha ‘lobo’
(Literalmente: ‘cachorro-floresta’)

6.2.3 Quantificadores: o número

Em Manxineru, a forma de expressar número é feita lexicalmente por palavras utilizadas para contar normalmente até dez, conforme descrevemos em seguida no quadro (13).

Quadro 13 — Os numerais básicos do Manxineru

Numeral	Glosa
sati	‘um’
hepi	‘dois’
mapa	‘três’
çepirere	‘quatro’
pamjo	‘cinco’
patsirere	‘seis’
jokipire	‘oito’
merereʃi	‘nove’
pamore	‘dez’

O número um em Manxineru literalmente significa ‘um só’. O numeral cinco, conforme já evidenciado por Matteson (1965), é formado com base metafórica ao tema {mjo-} ‘mão’, juntamente com a afixação do prefixo {pa-} ‘outro’, assim temos o significado literal ‘mão do outro’. O número seis é formado pelo prefixo {pa-} ‘outro’ mais {tsi-} ‘grande, maior’ e o sufixo genitivo duplicado {-re}, que literalmente significa ‘outro dedo grande’. O dez é formado pelo prefixo {pa-} ‘outro’ mais {-more} ‘membro da tribo’, que literalmente significa ‘outro membro’.

Não é muito produtivo usar os numerais para representar contagem com mais de dez, porém quando o fazem, eles utilizam a repetição (ex.: 448-449).

- (448) *sati hepi* ‘doze’, (Literalmente ‘um e dois’)
 (449) *hepi hepi* ‘vinte e dois’, (Literalmente ‘dois e dois’)

Exemplos desses numerais em realização sintática:

- (450) *sa-ti himana ri-tfwaha-ta*
 um- cobra 3S.M-pegar/pescar-C.V
 ‘ele pegou uma cobra’

- (451) *sa-ti kanawa na-li-ka*
 uma- canoa 1S-querer-C.V
 ‘eu quero uma canoa’

- (452) *pamjo sapana-ne na-kafi-ta*
 duas banana-PL 1S-pegar-C.V
 ‘eu peguei duas bananas’

- (453) *pamore fima-ne ri-jla-ta*
 dez anta-PL 3S.M-matar-C.V
 ‘ele matou dez antas’

6.2.3.1 O número e a concordância

Somente o numeral um ‘*sati*’ faz a concordância de gênero em Manxineru e sempre na terceira pessoa, conforme exemplificamos em seguida.

- (454) a. *sa-ti maki-li-çi*
 um-3S.M filho-3M-?
 ‘um rapaz’

b. sa-to maki-lo-çi
 uma-3S.M filho-3S.F-?
 ‘uma filha’

(455) a. sa-ti totita ne-ta-li
 um-3S.M jacu 1S-ver-3S.M.O
 ‘eu vi um jacu’

b. sa-to pole-ro tolo-lo n-e-ta-ro
 uma-3S.F verde-3S.F sapo-3S.F 1S-ver-C.V-3S.M.F
 ‘eu vi um sapo verde’

Diferentemente do adjetivo, que pode vir tanto à direita quanto à esquerda do nome, o numeral sempre vem à esquerda do nome que determina.

6.2.4 Os quantificadores coletivos

Outra forma de quantificar em Manxineru é por meio dos quantificadores coletivos. Assim, identificamos nessa língua, dois quantificadores coletivos derivacionais {-kaka} e {-na} e quatro quantificadores coletivos independentes *kakiçeri*, *petowri*, *miñiti* e *petowri*.

O quantificador {-kaka} é usado de forma enfática, quando se quer expressar quantidade exagerada. Ele pode ser usado juntamente com o morfema de plural {-ne}, como se verifica em (456). Já o sufixo de plural {-na} se junta ao verbo para dar a ideia de mais de um em relação à terceira pessoa, como em (457).

(456) mitse-ro tolo-lo-ne-kaka r-e-ta
 grande-3S.M sapos-3F-PL=QUANT 3S.M-ver-C.V
 ‘ele viu muitos sapos grandes’

(457) hi-ni-ka-na
 3PL-comer-C.V-QUANT.PL
 ‘eles (todos) comemos’

- (458) wineja kakiçe-ro tolo-lo
 aqui vários-3S.F sapo-3S.F
 ‘vários sapos estão aqui’, ‘vários sapos aqui’
- (459) petow-ri pana-tfĩ ri-çiri-ka
 toda-3S.M casa-ABS 3S.M-cair-C.V
 ‘toda a casa caiu’
- (460) wala miƒĩ-ti ni-ka-li=hita=∅-ni-ka
 ela pouco-3M comer-C.V-NMLZ=carne de caça=3S.F-comer-C.V
 ‘ela comeu pouca carne’, ‘ela comeu pouca carne de caça’
- (461) hiƒĩ-ri ƒima-ne n-ikaçi-ta
 muitos-3M.O peixe-PL 1S-pescar-C.V
 ‘eu pesquei muitos peixes’

Observamos que, assim como os adjetivos, as palavras quantificadoras precedem o nome núcleo. Em seguida ilustramos a ocorrência de palavras quantificadoras em contextos sintáticos.

Exemplos:

- (462) hitƒĩ-ri pana-tfĩ-ne
 muito-3S.M casa-ABS-PL
 ‘muitas casas’
- (463) mitƒĩ-ti hahamina-ne
 pouco- 3S.M árvore-PL
 ‘poucas árvores’
- (464) petow-ri warja ti-çiri-ka
 ‘todo-3S.M farinha 3S.M-cair-C.V
 ‘caiu toda a farinha’

- (465) kakiçeri pa-neri n-e-ta-na
 muitas outra gente/pessoa 1S-ver-C.V-3PL.O
 ‘eu vi muitas pessoas’

O adjetivo normalmente precede a expressão nominal que o modifica, mas pode também segui-la, porém essa última ocorrência é menos comum na língua, conforme exemplificado em (466-467).

- (466) waka hiçownatfi-ro
 vaca gordo-3S.F
 ‘vaca gorda’, ‘a vaca é gorda’

- (467) waka tini-ha kalata-lo
 vaca leite-CLASS branco-3S.F
 ‘o leite da vaca é branco’

6.2.4.1 Os quantificadores coletivos e a concordância

Assim como os numerais, em Manxineru, as palavras quantificadoras concordam com o gênero do substantivo que os modificam:

Concordância como o gênero masculino:

- (468) kakiçe-ri poj-ne
 QUANT-3F boi-PL
 ‘muitos bois’
- (469) mitfi-ti hahamina-ne
 QUANT-3M.S árvore-PL
 ‘poucas árvores’

- (470) petow-ri hijeka-te
 QUANT-3S.M mutum-PL
 ‘todos os mutuns’
- (471) hitʃi-li pa-ne-ri
 QUANT-3S.M outro-índio-3S.M
 ‘muitos índios’

Concordância com o gênero feminino:

- (472) kakiçe-ro tolo-lo-ne
 QUANT-3S.F sapo-3S.F-PL
 ‘muitos sapos’
- (473) matʃi-to pamo-lo
 QUANT-3S.F arara-3S.F
 ‘pouca arara’
- (474) petow-ro pane-ro
 QUANT-3S.F índio-3S.F
 ‘toda as índias’
- (475) hitʃi-lo waka-ne
 QUANT-3S.F vaca-PL
 ‘muitas vacas’

6.2.5 Pronomes pessoais independentes

Conforme já mencionado anteriormente na seção (6.2.1.1.2), há em Manxineru prefixos pronominais, os quais se juntam às bases verbais, e pronomes possessivos, que se juntam a bases nominais. Há também pronomes pessoais independentes e/ou livres. Em seguida apresentamos (quadro (14)) esses pronomes.

Quadro 14 — Pronomes pessoais independentes do Manxineru

Pessoa	Singular	Glosa	Pessoa	Plural	Glosa
1	hita	‘eu’	1 Inclusivo ½	wiṭfa	‘nós’
2	piṭfa	‘você’	1 Exclusivo 1/3	hiṭṭiḥa	‘nós’
3 M	wale	‘ele’	2	hiṭfa	‘vocês’
3 F	wala	‘ela’	3	wana	‘eles/elas’

Exemplos:

(476) wala t-apo-ka

ela 3S.F-chegar-C.V

‘ela chegou’

(477) wale ri-hjeka-te

ele 3S.M-mutum-MD.POSS

‘mutum dele’

(478) wana pala-na

eles/elas levantar-C.V

‘eles levantaram’

(479) hitfa ni.ka-li=hita=∅-ni-ka

vocês comer-C.V-NMZL=carne de caça=1S-comer-C.V

‘vocês comem carne’

(480) hita h-apo-ka

eu 3S.M-chegar-C.V

‘eu cheguei’

O uso desses pronomes nas sentenças nem sempre ocasiona a omissão dos prefixos pronominais. Nesse caso, a língua Manxineru se comporta de forma redundante, como se pode verificar nos exemplos seguintes.

- (481) wala ʃima to-ni-ka-taka
 ela peixe 3S.F-comer-C.V-PERF
 ‘ela comeu o peixe’
- (482) wale ri-maki-ro-çi r-asi-ka-taka
 ele 3S.M.POSS-esposa-3S.F-? 3S.M-ver-C.V-PERF
 ‘ele viu a sua esposa’

6.2.6 Pronomes demonstrativos: função dêitica

Os pronomes demonstrativos em Manxineru são aqueles que constituem um sistema tripartido, no qual o espaço e, de certa maneira, o tempo estão divididos em três zonas de distância +/-perto do falante, +/-visível e, na maioria deles, com distinção de gênero masculino e feminino +/-masculino.

Os demonstrativos *tʃie* ‘este’; *twi* ‘esta’; *tʃo* ~ *toʃra* ‘essa’ e *sitʃo* ‘essa’, *tʃiene* ‘este/esta’, *tika* ‘esse/aquele’ funcionam como demonstrativos discursivos. Além disso, salientamos ainda que esses pronomes sempre ficam à esquerda do núcleo do sintagma nominal a que ele se refere, especifica, conforme sumarizamos no quadro (15), seguido de exemplos.

Quadro 15 — Demonstrativos

Centro dêitico em relação ao falante	Pronome	Glosa
+perto +visível +masculino	tʃje	‘este’
+perto +visível +feminino	twi	‘esta’
–perto –visível –feminino	sitʃo	‘essa’
–perto –visível +/-masculino	‘tika’	‘esse’, ‘aquele lá’
–perto +visível –masculino	‘toʃra’ ~ ‘tʃo’	‘essa’, ‘aquela lá’
+perto +visível +/-masculino	tʃjene	‘este/esta’

Os demonstrativos, quando ocorrem modificando uma expressão nominal, precedem imediatamente o núcleo, ou o atributo destes.

Exemplos:

+perto do falante +visível +masculino:

(483) tʃje sati himani
 esse um cobra
 ‘essa é uma cobra’

+perto +visível +feminino:

(484) twi wala-na hima-to
 este 3S.F-POSS panela-3S.F
 ‘esta é a panela dela’

–perto do falante –visível –masculino:

(485) toʃra kihile-ro sitʃo
 essa bonito-3S.F mulher
 ‘essa mulher é bonita’, ‘essa mulher bonita’

+perto do falante +visível +/-masculino:

- (486) tʃiene no-paçi
 esta 1S.POSS-casa
 ‘está é minha casa’

+perto do falante +visível +/-masculino:

- (487) toʃra sa-ti kiçijoçiri
 esse um-3S.M jacaré
 ‘esse é um jacaré’

-perto do falante -visível +/-masculino:

- (488) tika ni-çiʃo
 aquele 1S.POSS-filho
 ‘aquele é meu filho’

6.2.7 Demonstrativos: função locativa

Identificamos, em Manxineru, os demonstrativos com função locativa sem distinção de gênero masculino e feminino.

Esses demonstrativos podem ficar tanto na perífrase direita quando na perífrase esquerda da sentença.

Quadro 16 — Demonstrativos locativos do Manxineru

Centro dêítico	Demonstrativos	Glosa
+perto do falante, +visível	hewi ~ hje ~ wanere	‘aqui’
-perto do falante, +visível	waneja ~ ja	‘lá’
-perto do falante, -visível	hawla	‘ali, lá’

+perto do falante +visível:

- (489) hewi r-*apo-ka*
 aqui 3S.M-*chegar-C.V*
 ‘ele chegou aqui’

–perto do falante +visível:

- (490) tʃje çeci waneja
 aquele homem lá
 ‘aquele homem lá’

–perto do falante –visível:

- (491) hahamina no-kasta-ka-ni hawla
 árvore 1S.M-*cortar-C.V-PROG* lá
 ‘eu vou cortar pau/árvore lá’ (se sabe o lugar, mas não pode visualizá-lo)

6.2.8 Pronomes possessivos independentes

Em Manxineru, é muito produtivo o uso de prefixos pronominais com a função genitiva, porém, mesmo que pouco produtivo, há sete pronomes possessivos independentes. Sumarizamos esses pronomes no quadro (17), seguido de exemplos explicativos.

Quadro 17 — Pronomes possessivos independentes do Manxineru

Pessoa	Singular	Glosa	Plural	Glosa
1	hitana	‘meu’	wiʃfana	‘nosso’
2	piʃfana	‘seu’	piʃfana	‘de vocês’
3 M	walena	‘dele’	wanana	‘deles’
3 F	walana	‘dela’		

Os pronomes possessivos são formados por meio do sufixo {-na}, que funciona como ‘mediador de posse’.

Exemplos:

(492) wala-na hima-to
 ela-MD.POSS panela-3S.F
 ‘panela dela’

(493) pitfa-na kanawa
 vocês-MD.POSS canoa
 ‘canoa de vocês’

(494) hita-na hosana
 meu-MD.POSS roça
 ‘minha roça’

6.2.9 Palavras temporais

Identificamos, em Manxineru, nove palavras temporais: *ɸawakini*, ‘agora’, *wa* ‘já’, *hiɸikawa* ‘antigamente’, *kapetihone* ‘ontem’ e *jeɸikawa* ‘amanhã’, *ɸehohone* ~ *hohone*, ‘hoje’, *ɸawakiniriti* ‘atualmente’ *naritsi* ‘futuramente’, *hikinahaɸiripa* ‘depois’.

Exemplos:

Nomes:

(495) ɸawakini Ø-ni-ka-ri no-kale-ta
 agora 1S-comer-C.V-3S.M.O 1S-querer-C.V
 ‘eu quero comer agora’

- (496) ri-po-ka-taka=he? wa
 3S.M-chegar-C.V-PERF=INT já
 ‘ele já chegou? já.’
- (497) hiŋikawani ra-wapa hanisa-li wipokitŋi=ja
 antigamente 3S.M-ter festa-3S.M aldeia-LOC
 ‘antigamente tinha/existia festa na aldeia’
- (498) kapetehone Ø-ni-ka
 ontem 1S-comer-C.V
 ‘eu comi ontem’
- (499) jetŋikawa ŋima Ø-ni-ka-ni
 amanhã peixe 1S-comer-C.V-PROG
 ‘eu vou comer peixe amanhã’
- (500) tŋje-hohone Ø-ni-ka-ri
 este-dia 1S-comer-C.V-3S.M.O
 ‘eu comi hoje’

Advérbios:

- (501) ŋawakiniriti hepi miteri-ne n-wapa-ka
 atualmente dois filho-PL 1S-ter-C.V
 ‘atualmente eu tenho dois filhos’
- (502) naritsi miti-ri na-li-ka
 futuramente filho-3S.M 1S-querer-C.V
 ‘futuralemente eu quero um filho’

- (503) hikinahaʔiripa wi-ta-ka=ja
 depois 1PL-ir-C.V=LOC
 ‘depois nós vamos para lá’
- (504) hiʔikawa maʔi-neri hapi-ri hi-ni-ka
 antigamente irandé (esp. de árvore)-povo papagaio-3S.M 3S.M-comer-C.V
 ‘antigamente os Manxineru (povo do irandé (uma esp. de árvore)) comia papagaio’
- (505) ʔawakiniriti hi-wi-kasta-ka-ri hahamina-ne
 atualmente NEG-1PL-cortar-C.V-3S.M.O árvore-PL
 ‘atualmente nós não cortamos árvores’
- (506) hinaʔiripa-ʔi sa-ti selolari ra-li-ka
 ‘futuramente-PROG um-3S.M celular 3S.M-querer-C.V
 ‘futuramente ele vai querer um celular’
- (507) hikinahaʔiripa nika-li=hita=pi-ni-ka-ni
 depois comer-3S.M=carne de caça=2S-comer-C.V-PROG
 ‘depois eu como carne de caça’

O advérbio monossilábico {ja} é usado somente para resposta, como podemos verificar nos exemplos seguintes (cf. comunicação oral de Lucas Manchineri, falante nativo indígena).

- (508) ri-jika=he ja
 3S.M-acordar=INT já
 ‘ela já acordou?’ já’

- (509) to-kata-ka=he ja
 3S.F-chegar-C.V=INT já
 ‘ele já chegou?’ Já’

6.2.10 Palavras interrogativas

Identificamos, na língua Manxineru, cinco palavras interrogativas, sendo que todas elas fazem concordância de gênero com o nome ao qual elas se referem. Nesse caso, as palavras interrogativas têm as terminações {-ri ~ -ni, ~ -ti}, para masculino e {-ro, ~ -no, ~ -to}, para as referências femininas. O quadro (18) sumariza a ocorrência dessas palavras interrogativas.

Quadro 18 — Palavras interrogativas em Manxineru

Palavras interrogativas masculinas	Palavras interrogativas femininas	Glosa
kati	kato	‘quem’
hani	hano	‘como’
haniri	haniro	‘qual’
hikari	—	‘quando’
hanija	hanoja	‘onde’

Exemplos dessas palavras na sintaxe:

- (510) kati=he kasta-kari hahamina
 quem=INT cortar-C.V-3S.M.O pau/madeira
 ‘quem cortou o pau/madeira?’

- (511) hani=he wale kasta-ka-ri hahamina
 como=INT ele cortar-C.V-3S.M.O pau/madeira
 ‘como ele cortou o pau/madeira?’

- (512) hani-ro=he hi-waka-ri?
 qual-3S.M=INT 3S.M.POSS-nome-3S.M
 ‘qual é o nome dele?’
- (513) hikali=he hi-kasta-ka-ri hahamina?
 quando=INT 3S.M-cortar-C.V.3S.M.O pau/árvore
 ‘quando ele cortou o pau/árvore?’
- (514) hani-ja=he hi-kas-ta=ja-ri hahamina?
 onde-LOC=INT 3S.M-cortar-C.V=LOC-3S.M.O pau/árvore
 ‘onde ele cortou o pau/árvore?’

Cabe ainda pontuar que essas palavras, quando na sintaxe, recebem a partícula interrogativa {he}, que normalmente se juntam, cliticamente, a palavra fonológica de classe verbal.

6.2.11 Adjetivos

Em Manxineru, diferentemente dos nomes, há palavras que funcionam como núcleo de sintagmas nominais e/ou como núcleo de predicados nominais.

Adjetivos normalmente precedem, mas podem seguir o núcleo do sintagma nominal, e um mesmo núcleo nominal pode ser modificado por mais de um adjetivo. Adjetivos não funcionam como complemento e quando são núcleos de predicados vêm necessariamente combinados com marcas aspectuais: continuativas, progressivas e imperfectivas.

Conforme Dixon (1994, p.15), há um grande número de línguas no mundo em que os adjetivos têm a possibilidade de constituir um sintagma nominal inteiro, sem a presença de nome, embora, ressalva o autor, o núcleo, que é um nome, possa estar intrinsecamente omitido em certas condições discursivas. Rodrigues (2002) corrobora essa afirmativa, quando diz que há línguas em que nomes predicam, como ocorre amplamente nas línguas da família Tupi.

Apesar de os adjetivos compartilharem algumas propriedades com verbos e substantivos, constituem uma classe de palavra diferente. Em seguida, apresentamos um quadro que ilustra os adjetivos em Manxineru.

Quadro 19 — Propriedades semânticas dos adjetivos do Manxineru

Propriedade semântica	Adjetivo (tema)	Glosa
Dimensão	tsiri- mitseri- pole-	‘grande’, ‘alto’ ‘pequeno’, ‘fino’, ‘baixo’, ‘estreito’ ‘maduro’
Cores	sero- pole- kalata- popini- pwalo-	‘vermelho’ ‘verde’, ‘laranja’ ‘branco’, ‘claro’, ‘transparente’ ‘roxo’ ‘amarelo’, ‘pálido’
Consistência e textura	popitji- pokite-,	‘mole’, ‘fofo’ ‘duro’, ‘firme’
Outras propriedades: físicas e humanas	tsiri- tsori- potjwa- katahi- minote- hino- poha- kapisa- kapate- kihile- pojki- kamatji- hipopirika-	‘novo’ ‘velho’ ‘doce’ ‘brilhante’ ‘leve’ ‘pesado’ ‘rico’ ‘amargo’ ‘tímida’ ‘feliz’ ‘alegre’ ‘bravo’ ‘calmo’

Exemplos de adjetivos que expressam dimensões:

- (515) tsiri-ri pana-tji
grande-3S.M casa-ABS
‘casa grande’, ‘a casa é grande’

(516) mitseri-ti ĩima
 pequeno-3S.M peixe
 ‘peixe pequeno’, ‘o peixe é pequeno’

(517) mitseri-to to-kana-te
 fino-3S.F 3S.F-voz-MD.POSS
 ‘a voz dela é fina’, ‘voz fina dela’

Exemplos de adjetivos que denotam cores:

(518) sero-ri pana-tĩ
 vermelho-3S.F casa-ABS
 ‘casa vermelha’, ‘a casa é vermelha’

(519) pole-ri kahwa-ri
 verde-3F flor-3F
 ‘flor verde’, ‘a flor é verde’

Exemplos de adjetivos que denotam consistência e textura:

(520) popitĩ-ri tĩçi
 mole-3S.F terra
 ‘terra mole’, ‘a terra é mole’

(521) pokite-ri soti-ri
 duro-3S.M pedra-3S.M
 ‘pedra dura’, ‘a pedra é dura’

Exemplos de adjetivos que denotam outras propriedades:

(522) tsiri-ro sitfo
 novo-3S.F mulher
 ‘a mulher é nova’, ‘mulher nova’

- (523) potfwa-li çiçi
doce-3S.M milho
'o milho é doce', 'milho doce'
- (524) hino-ri kanawa
pesado-3S.M canoa
'a canoa é pesada', 'canoa pesada'
- (525) pohā-ri wale
rico-3S.M ele
'ele é rico'
- (526) kapisa-ri tiwi
amargo-3S.M sal
'sal é amargo', 'sal amargo'
- (527) wala kapate-ro
ela tímida-3S.F
'ela é tímida', 'ela está tímida'
- (528) wale kihile-ri
ele feliz-3S.M
'ele está feliz', 'ele é feliz'
- (529) lokas pojki-li
Lucas alegre-3S.M
'Lucas é alegre', 'Lucas está alegre'
- (530) kamafji-ro mariana
brava-3S.F Mariana
'Mariana é brava', 'Mariana está brava'

6.2.11.1 Adjetivo e a concordância

Assim como o verbo, o adjetivo funciona como núcleo de predicados. Nessa função, há concordância de gênero e número com o sujeito.

(531) tʃiene mitse-ro tolo-lo
 este pequeno-3S.F sapo-3S.F
 ‘este sapo é pequeno’

(532) kasire-ri sero-li
 folha-3S.M vermelho-3S.M
 ‘a folha é vermelha’

(533) kihile-ri-ne hi-piha-li-ne
 bonito-3S.M-PL 3S.M.POSS-olho-3S.M-PL
 ‘os olhos deles são bonitos’

(534) lukas pojki-li
 Lucas alegre-3S.M
 ‘Lucas está alegre’, ‘Lucas alegre’

6.2.12 Interjeições

As interjeições são expressões de sentimentos, estados emotivos ou físicos dos falantes. Até o presente, identificamos em Manxineru um número reduzido de interjeições, conforme exemplificamos em seguida.

Expressão de surpresa:

(535) he! tʃitʃi!
 INTERJ fogo
 ‘oh! Fogo!’

Expressão de medo:

- (536) ha! sati himana
 INTERJ uma-3S.M cobra
 ‘oh! Uma cobra’

Expressão de ciência/afirmação:

- (537) hehe!

INTERJ
 ‘ok’, ‘certo’

- (538) he!

INTERJ
 ‘sim’, ‘certo’

6.2.13 Conjunções

Em nossa pesquisa, só possível atestar, até o presente, apenas duas conjunções {kise ~ kse ~ sejni} que correspondem ao significado adversativo de ‘mas’. Não havendo, como atestar outras ocorrências.

- (539) ni-çiri-ka-maka kise ni-hi-çiri-ka-na
 1S-cair-C.V-FRUST CONJ 1S-NEG-cair-C.V-ENF
 ‘eu ia cair, mas não caí’

- (540) no-jaha-ka-pa sejni hike no-jla-ta
 1S-caçar-C.V-2S.O CONJ não 1S.matar-C.V
 ‘eu fui caçar, mas não matei (nada)’

6.2.14 Verbos

Os verbos distinguem-se das demais classes de palavras por expressarem eventos e processos e por se combinarem com morfemas marcadores de classe; morfemas aspectuais próprios; morfemas que expressam modo e modalidade e morfema de negação próprio, conforme sumarizado no quadro (20).

Quadro 20 — Algumas características morfológicas interna e distintivas entre verbo, nome, adjetivo e advérbio

Atributo	Verbo	Nome	Adjetivo	Advérbio
Sufixos de aspecto	✓	✓		
Sufixos de modo/modalidade	✓			
Gênero intrínseco		✓		
Gênero de concordância	✓		✓	
Prefixo pessoal de sujeito	✓			
Prefixo possessivo		✓		
Sufixo categorizador verbal	✓			
Sufixo de objeto	✓			
Prefixo privativo		✓	✓	
Sufixo de plural	✓	✓		

Como se pode observar no quadro (20), o verbo é a classe de palavras que recebe, em seu tema, o maior número de morfemas, com as mais variadas funções.

Em Manxineru, existem verbos intransitivos e verbos transitivos. Os transitivos se dividem em bivalentes (dois argumentos obrigatórios) e trivalentes (três argumentos obrigatórios). Em seguida, projetamos a estrutura morfológica do verbo como forma ilustrativa no quadro (21).

Quadro 21 — Projeção estrutural morfológica do verbo

NEG	PREFIXO PRONOMINAL	TEMA	C.V	MODO/MODAL.	VOZ	ENF.	ASPEC.	PL	OBJ/CONCOR.	LOC.	INT
hi	1S no- ~ ni- ~ Ø- ~ nV- 2S pi- ~ Ø- pV- 3S.M ni- ~ hi- ~ rV- 3S.F to- ~ Ø- ~ tV- 1PL wi- ~ u- ~ wV- (*wo-) 2PL hi- ~ hV- (*hi) 3PL hi-...-na ~ Ø- ~ hV- (*hi-)...-na		-ka -ta -na	-ma -ni	-ka ~ -kaka -nawa ~ -wa	-na	-taka -na -ni -tji -çeta ~ -ççeta -maka	-na	-no -pi ~ -po -li ~ -ni -lo ~ -ni -wi -na	ja	he

6.2.14.1 Nominalização

Identificamos, até o presente, os seguintes nominalizadores: os sufixos {-ri ~ -li}, como exemplificamos em seguida.

(541) a. wale ra-li-ka ri-pita-ka-na
 ele 3S.M-querer-C.V 3S.M-plantar-C.V-ENF
 ‘ele quer plantar’

b. kihile-ri pita-ka-li
 bonito-3S.M plantar-C.V-NMLZ
 ‘a plantação está bonita’

(542) a. ni-jma-ka-le-wa-ta
 1S-ensinar-C.V-?-escrever-C.V
 ‘eu ensino’

b. jma-ka-li
 ensinar-C.V-NMLZ
 ‘professor’ (Lit. ‘ensinador’)

c. ka-sire-karewa-ka-li
 papel-CLASS-escrever-C.V-NMLZ
 ‘professor’ (Lit. aquele que ensina a escrever no papel)

(543) a. wale ri-çiwitsa ri-maçi-ta-na-taka
 ele 3S.M.POSS 3S.M-pentear-C.V-ENF-PERF
 ‘ele penteou seu cabelo’

b. tʃiene no-maçi-li-te
 este 1S-pente-NMLZ-MD.POSS
 ‘este é meu pente’

- (544) a. wale ri-ni-ka
 ele 3S.M-comer-C.V
 ‘ele comeu’
- b. hitʃa Ø-ni-ka-li ra-li-ka
 eu 1S-comer-C.V-NMLZ 3S.M-querer-C.V
 ‘eu quero comida’
- (545) a. ri-nipiha-ta
 3S.M-respirar-C.V
 ‘ele respira’
- b. piha-li ra-li-ka-ri
 ar/vento-NMLZ 3S.M-precisar-C.V-3S.M.O
 ‘ele precisa de ar’

6.2.14.2 Sufixo de Classe Verbal (C.V)

Em Manxineru, os morfemas sufixais {-ta} ou {-ka} marcam a categoria de verbo na língua Manxineru. Além desses dois, há o {-na}, que é de rara ocorrência, conforme descrito no quadro (22).

Quadro 22 — Temas Verbais com marcadores de Classe

Pronome pessoal ri- 3S.M	Raiz verbal	C.V	Tema	Verbo	Trans.	Tradução
ri-	-apo-	-ka	-apoka-	ripoka	I	‘ele chegou’
ri-	-kasta-	-ka	-kastaka-	rikastaka	T	‘ele corta’
ri-	-ni-	-ka	-nika-	rinika	T	‘ele come’
ri-	-mo-	-ka	-moka-	rimoka	I	‘ele dorme’
ri-	-çiri-	-ka	-çirika-	riçirika	I	‘ele cai’
ri-	-pote-	-ka	-poteka-	ripoteka	I	‘ele pula’
ri-	-sa-	-ta	-sata-	risata	I	‘ele dança’
ri-	-tsiko-	-ta	-tsikota-	ritsikota	I	‘ele sobe’
ri-	-salua-	-ta	-saloaka-	risawata	I	‘ele brinca’
ri-	-kaçi-	-ta	-kaçita-	rikaçita	T	‘ele pega’
ri-	-tji-	-ta	-tjita-	ritjite	I	‘ele geme’
ri-	-jla-	-ta	-jlata-	rijlata	T	‘ele mata’
ri-	-pala-	-na	-palana-	ripalana	I	‘ele voa’, ‘ele levanta’

6.2.14.3 O causativo ²³{-ka}

Em Manxineru, o sufixo {-ka} funciona como causativizador. O que promove o aumento de valência dos verbos.

Segundo Whaley (1997), as línguas possuem vários mecanismos para alterar a valência dos verbos. Assim, quando há a causativização do verbo, automaticamente, há o acréscimo de

²³ No Manxineru, alguns afixos são extremamente produtivos. Entre esses, destacam-se: (i) o morfema sufixal {-ka}, que pode representar o categorizador verbal (C.V), o causativo (CAUS), a voz passiva (PASS) e o reflexivo (REFL); (ii) o sufixo {-tji} pode representar aspecto progressivo (PROG) ou modalidades nos verbos ou ainda absolutivo (ABS) e progressivo (PROG) nos nomes; (iii) o morfema {-ni} pode representar tanto aspecto progressivo (ASPEC.PROG) como modalidade deontica nos verbos; (iv) o sufixo {-na} representa o coletivo e/ou plural (PL) nos nomes, pode representar ênfase (ENF) e também posse (POSS) nos pronomes interrogativos, progressivo (PROG) e, de forma menos produtiva, o categorizador verbal (C.V) nos verbos além de marcar o modo imperativo; (v) {-li} representa o objeto de terceira pessoa nos verbos e sujeito nos nomes além de representar o gênero masculino nos nomes e a função de objeto nos verbos estativos. Além disso, o {-li}, combinado com a ausência de prefixos pronominais, tem a propriedade de nominalizador (NMLZ) na língua.

argumento. O que altera a valência do verbo. Em Manxineru pode se encontrar mecanismos de aumento e de diminuição da valência verbal. O mecanismo que engatilha esse aumento é o morfema causativo. Já o processo de diminuição de valência incluem a voz passiva, que é marcada pelo morfema sufixal recíproco {-ka} e a voz reflexiva, que é marcada pelos sufixo {-nawa}. Ressaltamos que os exemplos em (a) encontram-se na voz ativa.

Exemplos de causativização:

(546) a. fabjo r-asi-ka

Fábio 3S.M-correr-C.V

‘Fábio correu’

b. fabjo lukas-ni r-asi-ka-ka

Fábio Lucas-3SM.O 3S.M-correr-C.V-CAUS

‘Fábio fez Lucas correr’

(547) a. lukas ri-mi-ka

Lucas 3S.M-dormir-C.V

‘Lucas dormiu’

b. lukas hi-wihe-ni ri-mi-ka-ka

Lucas 3S.M.POSS-filho-3SM.O 3S.M-dormir-C.V-CAUS

‘Lucas fez seu filho dormir’

(548) a. lukas hi-jri-ka

Lucas 3S.M-cair-C.V

‘Lucas caiu’

b. lokas fabio-ni hi-jri-ka-ka

Lucas Fábio-3SM.O 3S.M-cair-C.V-CAUS

‘Lucas fez o Fábio cair’

- | | |
|--------------------------|------------------------|
| (549) a. ni-ka-li=hita | ∅-ni-ka-li |
| comer-C.V-NMLZ=caça | 1S-comer-C.V-3S.M.O |
| ‘eu comi carne’ | |
| b. ni-ka-li=hita | hi-nika-ka-no |
| comer-C.V-NMLZ=caça | 3S.M-comer-CAUS-3S.M.O |
| ‘ele me fez comer carne’ | |

6.3 IDEOFONES

Existe em Manxineru uma classe de palavras constituída de elementos que associam ideias a sons que as simbolizam. Esses, são denominados de ideofones e/ou palavras onomatopaicas que, em Manxineru, expressam sons associados a processos e eventos, como os sons produzidos por animais, sons produzidos por fenômenos da natureza, entre outros. Exemplificamos em seguida alguns ideofones, que ilustram esta classe.

- | | |
|-----------------------|-----------------------------------|
| (550) hohoho | ‘imitação do som de cachorro’ |
| (551) hehehe | ‘imitação do som de macaco’ |
| (552) hu...hu...hu... | ‘imitação do som de macaco prego’ |
| (553) hilalala | ‘imitação do som de onça’ |
| (554) kihihhi | ‘imitação do som de cutia’ |

6.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO

Neste capítulo, tratamos, mesmo que não exaustivamente, das classes de verbo, adjetivo, advérbio, pronomes, numeral, preposição e conjunção.

Uma das características principais do nome em Manxineru é a propriedade de separar nomes absolutos de relativos. Os relativos, em alguns casos, podem ser alienados, mas para isso ocorrer, ele receberá o sufixo {-tjĩ}. No movimento contrário, para tornar um nome [+absoluto] em relativo, se faz por intermédio de sufixos mediadores de posse {-te} ou {-ne}. Esses nomes também se diferenciam de outras classes (verbo, advérbio entre outros) de palavras por

funcionarem como referência de seus referentes. Dessa forma, eles podem ser atenuados ou intensificados; ser marcados de acordo com sua existência atual, retrospectiva ou progressiva. Os referentes dos nomes podem também ser pluralizados.

Além disso, os adjetivos do Manxineru têm a propriedade de constituir o núcleo do sintagma em sentenças de características estativas/descriptivas.

CAPÍTULO VII

7. PREDICADOS EM MANXINERU

Neste capítulo, nossa preocupação é a de demonstrar a estrutura básica da sintaxe da língua Manxineru, pois o foco de nossa tese é a morfofonologia e a prosódia, e não propriamente dita, a sintaxe.

Em Manxineru, há dois tipos principais de predicados, os de natureza nominal e os de natureza verbal. Essa distinção está relacionada ao tipo de núcleo, se nome, adjetivo ou verbo, mas também ao aspecto ou relação de dependência entre orações, à negação, entre outros. Assim, neste capítulo, descrevemos os tipos básicos de predicados nominais e verbais da língua Manxineru.

7.1 PREDICADOS NOMINAIS

Os predicados nominais são dos seguintes tipos: possessivos, essivos, existenciais/estativos. Esses predicados têm por núcleo um nome, exceto os estativos que têm por núcleo um adjetivo. Não há em Manxineru verbos com função copulativa. Essa função de núcleo do predicado é preenchida normalmente por um adjetivo, nos predicados nominais, conforme verificamos em seguida.

(555) tʃie hi-kaʃiri
 este 3S.M.POSS-arco
 ‘este é o arco dele’

(556) tʃie no-retʃi-ne
 este 1S.POSS-pai-PL
 ‘estes são nossos pais’

(557) tʃiene no-hifata-te
 esta 1S-enxada-MD.POSS
 ‘esta é minha enxada’

7.1.1 Predicados possessivos

Há outro tipo de predicado nominal que chamamos possessivo, mas, na realidade, são construções em que o sujeito está em uma realização de posse com respeito ao predicado.

(558) kihile-ri no-paçi
 bonito-3SM 1S.POSS-casa
 ‘minha casa é bonita’

(559) ri-kanawa-te
 3S.M-canoa-MD.POSS
 ‘canoa é dele’

(560) wanere wi-harapoka-te
 LOC 1PL-arapuca-MD.POSS
 ‘minha arapuca está lá’

7.1.2 Predicados essivos

Outro tipo de predicado de natureza nominal é o “essivo” inclusivo que incluem o sujeito em uma classe determinada. Esse predicado se caracteriza pela noção que expressa um estado ou uma condição e/ou um estado contingente.

(561) wale kahotjĩ
 ele pajé
 ‘ele é pajé’

(562) hita maka-li
 eu ensinar-NMLZ
 ‘eu sou professor’

Os predicados essivos atributivos têm como núcleo um adjetivo, como demonstramos em seguida.

Exemplos:

(563) mitse-ro hitʃa
 alto/ser alto-3SF eu
 ‘eu sou alto’

(564) wala ma-kihile-ro .
 ela PRIV-bonito-3S.F
 ‘ela é feia’

7.1.3 predicados estativos

Predicados estativos denotam estado de existência relativo ao sujeito. Nesse caso, a existência é construída com predicados nominais. O sujeito é marcado e a predicação vem marcada por sufixo de aspecto ou por um verbo posicional.

(565) to-piri-ka ana
 3S.F-parada/estar parada-C.V Ana
 ‘Ana está parada’

(566) hawla-li wale
 LOC-3S.M.SUJ ele
 ‘ele está ali’

(567) hi-fowna
 3S.M-gordo/estar gordo
 ‘ele está gordo’

(568) weno-ha-ri
 rio-CLASS-3S.M.SUJ
 ‘ele está no rio’

- (569) no-paçi-ri
 1S.POSS-casa-3S.M.SUJ
 ‘ele está na minha casa’

7.2 PREDICADOS VERBAIS

Os predicados verbais em Manxineru são de dois tipos: transitivos e intransitivos. Os intransitivos exigem um argumento externo. O predicado construído com verbos transitivos pode ser de duas formas: (i) uma que tem um argumento interno e outro externo e (ii) uma que possui argumento externo e dois argumentos internos. A posição de argumento externo pode ser ocupada tanto por palavras independentes, quanto por prefixos pessoais ou ainda, de forma redundante, pelos dois.

Exemplos contendo predicados intransitivos:

- (570) no-tepala-ta
 1S-sentar-C.V
 ‘eu sentei’
- (571) ri-pala-na
 3.-levantar-C.V
 ‘ele levantou’
- (572) ti-mi-ka
 3S.F-dormir-C.V
 ‘ela dormiu’
- (573) ri-pi-ka-na
 3PL-chegar-C.V-PL
 ‘eles/elas chegaram’

Exemplos contendo predicados transitivos que exigem dois argumentos, um interno outro externo:

(574) ni-ka-li=hita=∅-ni-ka
 comer-C.V-NMLZ=carne de caça-3S.M-1S.M.comer-C.V
 ‘eu como carne de caça’

(575) hona-ha ni-ra-ni
 água-CLASS 1S-beber-IMPERF
 ‘eu vou beber água’

(576) wale hahamina kasta-ka-ni
 ele árvore/madeira cortar-C.V-IMPERF
 ‘ele vai cortar árvore/madeira’

(577) wala to-foti-li
 ela 3S.F-soltar-3S.M.O
 ‘ela o soltou’, ‘ela soltou ele’

Exemplos contendo predicados transitivos que possuem três argumentos (os chamados bitransitivos), um externo e dois internos:

(578) ŷima ne-ne-ka-li
 peixe 1S-dar-C.V-3M.O
 ‘eu dei o peixe (para) ele’

7.2.1 Voz passiva, voz reflexiva e a redução de valência

Em Manxineru, a vozes passiva e reflexiva são marcadas gramaticalmente por meio de morfemas presos. Assim, o sufixo {-ka} marca a voz passiva e o {-nawa} marca a voz reflexiva. Tanto a voz reflexiva como a passiva resultam na redução de valência do verbo, conforme evidenciaremos em seguida. Ressaltamos que os exemplos em (a) encontram-se na voz ativa.

Exemplos de voz passiva:

(579) a. r-e-ta-lo

3S.M-ver.C.V-3S.F.O

‘ele viu ela’

b. t-eta-ka-ka

3SF.ver.C.V-PASS

‘ela foi vista’

(580) a. r-asika-ta-lo

3S.M-morder-C.V-3S.F.O

‘ele mordeu ela’

b. t-asika-ta-ka

3S.F-morder-C.V-PASS

‘ela foi mordida’

(581) a. hi-otʃika-lo

3S.M-queimar-3S.F.O

‘ele queimou ela’

b. t-jotʃi-ka-ka

3S.F-queimar-C.V-PASS

‘ela foi queimada’

(582) a. ni-kali=hita

comer-C.V-NMLZ=carne de caça

‘eu comi carne (de caça)’

∅-ni-ka

1S-comer-C.V

Nos exemplos descritos acima, mostramos a realização tanto da voz passiva e voz reflexiva como também da redução de valência dos verbos transitivos, que exigem dois argumentos na voz ativa e passam a ter apenas um argumento na voz passiva e na voz reflexiva, como é registrado para a maioria das línguas do mundo.

7.3 NOTAS SOBRE ALINHAMENTO EM MANXINERU

À luz dos estudos sobre alinhamento de Dixon (1979, 1994) e Comrie (1981), descrevemos, nesta seção, aspectos do padrão de alinhamento em Manxineru.

De acordo com Dixon (1979) e Comrie (1981), a marcação de caso no predicado verbal se refere às relações gramaticais estabelecidas entre o verbo e seus argumentos. Em função sintática, a marcação de caso diz respeito aos argumentos que preenchem a função de sujeito e de objeto, e na semântica, possuem ou não o controle do processo expresso pelo verbo.

Dixon (1994, p. 6) considera que todas as línguas trabalham com três relações primitivas, conforme descritas em seguida.

S - sujeito intransitivo

A - sujeito transitivo

O - objeto transitivo

Conforme postulado pelo autor, uma língua com alinhamento Nominativo-Acusativo agrupa (S) e (A). A língua Manxineru alinha (A) e (Sa), portanto apresenta um alinhamento nominativo. Por outro lado, alinha o objeto dos verbos transitivos (O) e os sujeitos de predicados estativos (So), ou seja, argumentos pronominais que não possuem o controle da predicação. Esta distribuição de marcação argumental, por distinguir argumentos ativos de estativos, tem sido chamado de um sistema de alinhamento ativo-estativo, que é comum à maioria das línguas da família Aruák.

7.3.1 O alinhamento Ativo-Estativo do Manxineru

Os prefixos pessoais marcam o sujeito de predicados intransitivos e transitivos ativos.

Sistema Ativo-Estativo



Exemplificando o sistema de alinhamento Ativo-Estativo do Manxineru.

Alinhamento (A) e (Sa):

(586) hi-tepala-ta

3S.M-sentar-C.V

‘ele sentou’

(587) ri-jo-ka-taka

3S.M-acordar-C.V-PERF

‘ele já acordou’

(588) n-asi-ka-taka

1S.M-correr-C.V-PERF

‘eu corri’

(589) ri-jla-ta-lo

3S.M-matar-C.V-3S.F.O

‘eu a (jiboia FEM) matei’

(590) ti-jla-ti

3S.F-matar-3S.M.O

‘ela o (onça) matou’

(591) hahamina

ri-kasta-ka

pau

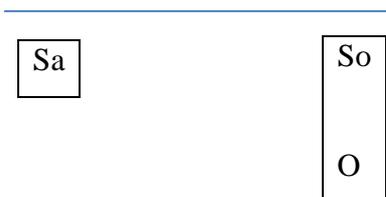
3S.M-cortar-C.V

‘ele cortou pau’

- (592) ri-kasta-ka-li
 3S.M-cortar-C.V-3S.M.O
 ‘ele o (pau) cortou’

Como pode ser visto nos exemplos dados, os verbos transitivos (589-592) e os verbos intransitivos (586-588) se combinam com prefixos pessoais de terceira pessoa {ri- e ti-}, que marcam o sujeito, configurando um alinhamento que corresponde a um alinhamento nominativo. Por outro lado, o sujeito de predicados de natureza nominal, assim como o objeto de predicados estativos, é marcado com a mesma série de sufixos pessoais. Entretanto, por distinguir atividade versus estatividade, o alinhamento em Manxineru configura-se como um alinhamento Ativo-Estativo.

Sistema Estativo



Exemplificando o sistema de alinhamento Ativo-Estativo do Manxineru.

Alinhamento (So) e (O):

- (593) honana-ha-lo
 sede-CLASS-3S.F.SUJ
 ‘ela está com sede’

- (594) mitse-ri
 grande-3S.M.SUJ
 ‘ele é grande’

(595) ma-jhi-ti

PRIV:sem-dente-3S.M.SUJ

‘ele não tem dente’, ‘ele está sem dente’

Os exemplos (593-595) evidenciam, que em predicados estativos, os morfemas de terceira pessoa {-lo, -ri e -ti} marcam o sujeito da sentença (So), enquanto que nos predicados ativos transitivos (589, 590 e 592), esses mesmos morfemas marcam o objeto (O), o que caracteriza o Manxineru como uma língua de alinhamento Ativo-Estativo. Ou seja, em predicados ativos o objeto recebe a mesma marcação de caso que sujeito de predicados estativos.

7.4 A NOÇÃO DE TEMPO, ASPECTO, MODO E MODALIDADE

O propósito dessa seção, mesmo que de forma não exaustiva, é o de descrever alguns aspectos, identificados em nossa pesquisa, das expressões de tempo, aspecto e modalidade em Manxineru.

7.4.1 A lexicalização do tempo ou o tempo lexical

Diferentemente do que é descrito para línguas ocidentais, a maioria das línguas indígenas sul-americanas não apresenta a categoria de tempo marcada morfologicamente. Dessa forma, a distinção entre presente e passado é percebida pelo contexto de uso (relação pragmática). Nesse sentido, Comrie (1976, p. 9) corrobora essa premissa, quando diz que muitas línguas ao redor do mundo não possuem uma categoria temporal marcada gramaticalmente, contudo, possivelmente, todas essas línguas possuem uma referência temporal expressa lexicalmente, ou seja, faz-se o uso de advérbios e/ou outra classe que localizam uma dada situação no tempo.

Comumente, a ideia de categoria de tempo é descrita como aquela que situa os eventos de fala na linha temporal. Comrie (op. cit, p. 4) relaciona o tempo da situação referida a algum outro tempo, normalmente o momento da fala. Cabe salientar, ainda, segundo o autor, em uma proposta genérica, que a categoria de tempo não é expressa por meio de flexão em todas as línguas.

No caso específico do Manxineru, a noção de tempo não é marcada gramaticalmente na morfologia da palavra, mas sim é construída utilizando-se de advérbios e de nomes. Essa realização fica evidenciada nos exemplos seguintes.

Presente:

- (596) tʃawakini Ø-ni-ka no-kale-ta
 agora 1S-comer-C.V 1S-querer-C.V
 ‘eu quero comer agora’

Passado:

- (597) kapetehone Ø-ni-ka
 ontem 1S-comer-C.V
 ‘eu comi ontem’

- (598) tʃehohone Ø-ni-ka
 hoje 1S-comer-C.V
 ‘eu comi hoje’

Futuro:

- (599) jetʃikawa ʃima Ø-ni-ki-li-ni
 amanhã peixe 1S-comer-C.V-3S.M.O-IMPERF
 ‘eu vou comer o peixe amanhã’

- (600) hikinahatʃiripa wi-ta-ka=ja
 depois 1PL-ir-C.V=LOC
 ‘depois nós vamos parar lá’

- (601) naritsi siti mati-ri n-ali-ka
 futuramente um filho-3M 1S-querer-C.V
 ‘futuramente eu quero um filho’
- (602) f̄awakiniriti hepi miteri-ne no-wapa
 atualmente dois filho-PL 1S- ter
 ‘atualmente eu tenho dois filhos’
- (603) hinaf̄iripaŋi hepi miteri-ne no-li-ka
 futuramente dois filho-PL 1S-querer-C.V
 ‘futuramente eu quero dois filhos’

Diferentemente do que afirma Hanson (2010, p. 224), com respeito à variedade Yine do Peru, não encontramos um morfema {-ini} ‘tempo futuro’ na variedade do Brasil. Um dos exemplos apresentados por Hanson (2010) é *pihijolika-ini-ko* “apenas quando você for caçar”.

Assim, diferentemente do que afirma Hanson (2010, p. 224), não verificamos marcação de tempo no verbo como em *pihijolika-ini-ko* ‘apenas quando você for caçar’, onde a autora considera que o morfema {-ini} marca tempo futuro. Algo que não verificamos na presente pesquisa, pois não verificamos a ocorrência desse morfema na variedade Manxineru.

7.4.2 Aspecto

Em uma perspectiva geral, tanto aspecto como tempo têm sido associados ao verbo e não ao nome ou ao adjetivo, por exemplo. Por outro lado, há autores que estendem a noção de aspecto também a predicados mais nominais. Para Comrie (1976, p. 6), o aspecto pode ser entendido como ‘referência à estrutura interna de uma dada situação’.

Considerando essa visão, aspecto relaciona-se com a estrutura interna dos eventos e processos, mas também pode relacionar-se a um estado ou a uma situação estática. Há línguas em que nomes predicam, como as línguas indígenas da família Tupí-Guaraní (cf. RODRIGUES, 2002). Em línguas como essas, pode-se dizer ‘comecei a ficar branco’, em que o tema para branco pode combinar-se com o sufixo inceptivo.

Comrie (op. cit.) afirma ainda que é comum a confusão de entendimento acerca de *aspect* (aspecto em português) e *tense* (tempo em português). Segundo o autor, isso se faz, entre outros fatores, porque conceitualmente a terminologia tempo é mais difundida que a terminologia aspecto.

Nas concepções de Vendler (1967, p. 143), a distinção de aspecto tem a ver com processos verbais, tais como: processos, estados, disposições, ocorrências, tarefas, *achievements*, entre outros e não pode ser feita somente em termos de tempo, embora o tempo seja uma categoria crucial. Outros fatores, segundo o autor, devem ser considerados, como a presença ou ausência de um objeto, condições, estado da arte das coisas. Em sua classificação, Vendler (1967, p. 49) distingue estado, atividade, *accomplishment* e *achievement*. Para o autor, o conceito de atividades é relacionado por períodos de tempo que não são únicos ou definitivos. Assim, *accomplishment* se refere à noção de tempo original e definitivo em um determinado período. De forma análoga, *achievement* se refere a realizações que envolvem momento único e definitivo; estados envolvem instantes de tempo em um sentido indeterminado e não exclusivo.

Com base nas discussões dos autores, essas definições destinam-se a incluírem dois tipos de relação: (i) primeiramente, mudança. Predicados descrevem estados, situações, propriedades entre outros, que podem permanecer ou não constantes, ao longo do tempo. Nesse sentido, a noção de mudança é central ao aspecto. (ii) segundo, um evento é composto de um predicado e de algum intervalo de tempo selecionado por falantes, que qualificam as bordas do evento. Comrie (1976, p. 9) considera o aspecto como uma categoria gramatical que pode ser expressa por meio da morfologia flexional ou por meio de perífrases. Contudo, esse autor estabelece duas distinções para as noções de *Aktionsart* (modalidade de ação) e de aspecto, segundo os autores que as utilizam como categorias distintas.

Então, com nas discussões até aqui realizadas, assumimos, para esta tese, que a noção de aspecto está relacionada à categoria semântica que expressa detalhes qualitativos ou quantitativos internos de uma determinada ação, processo, estado ou evento como uma ação prolongada ou momentânea, acabada ou não. Dessa forma, o aspecto diz respeito à noção de contínuo, durativo ou pontual, por exemplo, que em muitas línguas pode estar marcado lexicalmente na semântica ou gramaticalmente na palavra, por meio de conjugação perifrástica com verbo auxiliar ou por outros meios lexicais e/ou sintáticos. No caso específico do Manxineru, o aspecto é marcado morfologicamente no verbo.

Nesse sentido, o aspecto expressa um evento como momentâneo, desprovido de duração temporal, não tendo a referência ao momento da fala, como ocorre na categoria tempo. Nesse sentido, o aspecto diferencia-se ainda do modo, que exprime a avaliação subjetiva do falante em relação ao fato relatado.

7.4.2.1 Aspecto perfectivo

Em nossa análise da realização de aspecto em Manxineru, consideramos que o morfema {-taka} contribui com o significado de algo concluído, porém ressalvando que nada é dito sobre o fato de que o processo ou estado foi esgotado ou não, mas sim apenas realizado. No Manxineru, esse aspecto é marcado pelo sufixo {-taka}.

(604) no-ji-ka-taka

1S-acordar-C.V-PERF

‘eu já acordei’

(605) r-içeri-ka-taka

3S.M-cair-C.V-PERF

‘ele já caiu’ (não está mais em pé)

7.4.2.2 Aspecto Imperfectivo

O imperfectivo marca o núcleo de predicados verbais, nominais ou adjetivais, mas nestes dois últimos casos, em situações bem específicas. O morfema {-ni ~ -nitʃi} marca uma ação como inacabada, cujo término não está delimitado. Esse é um processo verbal que pode nem mesmo ter iniciado, porém está apenas previsto.

(606) ri-jo-ka-ni

3S.M-acordar-C.V-IMPERF

‘ele vai acordar’

(607) to-jo-ka-nitʃi

3S.F-ir-C.V-IMPERF

‘ela ainda vai acordar’

(608) hi-pala-na-nitʃi

3PL-levantar-PL-IMPERF

eles/elas vão levantar

Embora a tradição linguística interprete, em português, esses exemplos como correspondentes ao futuro, na maioria das línguas indígenas (cf. RODRIGUES, 2002) e também em Manxineru, não se trata de tempo, mas de um processo que se iniciou ou que foi projetado, mas cuja realização não foi concluída.

7.4.2.3 Aspecto progressivo

Para Timberlake (2007, p. 287), o aspecto progressivo é um aspecto que se refere a um processo que está em desenvolvimento, que está acontecendo na ocasião contextual do momento da fala. Ou seja, a noção de aspecto progressivo é aquela que corresponde ao aspecto que marca um processo verbal como estando ainda em desenvolvimento. Nas palavras de Comrie (1976), o aspecto progressivo é como uma subcategoria de aspecto imperfectivo. Timberlake (2007, p. 24) afirma que sempre existe uma fronteira tênue entre as categorias de aspecto.

Nesses termos, entendemos o processo progressivo como um estado em plena realização ou existência, tendo sido iniciado antes do momento da fala e podendo não ter um término definido, configurando-se em um intervalo. No Manxineru, os morfemas {-çeta ~ -ççeta} marcam esse aspecto, como podemos evidenciar, de forma contrastiva, nos dados abaixo.

(609) a. ri-mi-ka-na

3S.M-dormir-C.V-PL

‘eles dormiram’

b. ri-mi-ka-ççeta-na

3PL-dormir-C.V-PROG-PL

‘eles/elas estão dormindo’

(610) a. to-jo-ka

3S.F-acordar-C.V

‘ela acordou’

b. to-jo-ka-çeta-maka

3S.F-acordar-C.V-PROG.FRUST

‘ela está acordando’ (quando não se tem a certeza do fato)

(611) a. ha-pala-na

3S.M-voar-C.V

‘voar’, ‘ele voa’

b. ha-pala-na-çeta

3S.M-voar-C.V-PROG

‘ele está voando’

(612) a. ri-jo-ka-na

3S.F-acordar-C.V-PL

‘elas acordaram’

b. ri-jo-ka-çeta-na

3S.F-acordar-C.V-PROG-PL

‘elas quase acordaram’ (no sentido de está acordando)

7.4.2.4 O imperfectivo e a noção de continuidade

O imperfectivo, com noção de continuidade, é o aspecto que transmite a noção de evento que se projeta para um determinado momento, mas que pode estar em andamento, como exemplificamos em (613).

- (613) to-po-ka-ni
 3S.F-chegar-C.V-IMPERF
 ‘ela vai chegar’ (a pessoa ainda vai chegar, mas já está a caminho)

No exemplo (613), a interpretação pragmática é de que o sujeito está andando para depois chegar. O processo está em pleno desenvolvimento, estando, assim, inacabado.

7.4.2.5 Aspecto Frustrativo

O aspecto Frustrativo lusivo é aquele em que o objeto da ação não é alcançado, ou seja, o que era esperado não ocorre. No Manxineru, esse aspecto é expresso por meio do sufixo {-maka}.

- (614) ri-jo-ka-çeta-maka
 3S.M-acordar-C.V-PROG.FRUST
 ‘ele está acordando’ (não se sabe se vai acordar, não há certeza)
- (615) ni-çiri-ka-maka kise hi-ni-çiri-ka-na
 1S-cair-C.V-FRUST CONJ NEG-1S-cair-C.V-ENF
 ‘eu ia cair, mas não caí’
- (616) wale r-eta-maka
 ele 3S.M-ver-FRUST
 ‘ele poderia ver’ (poderia, mas não conseguiu)

Quando, no imperativo, se quer marcar uma fala atenuativa, polida, educada, faz-se o uso do sufixo {-ni}, como evidenciaremos mais a frente.

7.4.3 Modo e Modalidade

O modo é visto de uma maneira geral como uma categoria que expressa distinções sintáticas e semânticas associadas aos paradigmas verbais, enquanto as modalidades são

consideradas como de caráter mais subjetivo e com a função de indicar contrastes em verbos e categorias associadas a eles (CRYSTAL, 1988, p. 174). Comrie (1976, p. 3) afirma que a modalidade preocupa-se com o estado das proposições de que se descreve o evento. Para Dubois (et. al. 2006, p. 413), modalidade e modo são sinônimas, sendo que estas terminologias costumam ser entendidas, em uma análise lógica da frase, como uma série de elementos que indicam toda a intenção do falante. Assim, o processo é julgado realizado ou não; desejado ou não; aceito ou não, em suma, são todas as intenções do falante na hora da enunciação. Por esse prisma, todas as frases são marcadas por modalidade aparente ou implícita. Dubois (op. cit.) acrescenta ainda que “os modos gramaticais são apenas um dos meios utilizados para exprimir a modalidade que toma frequentemente a forma de uma oração”.

Já Chung e Timberlake (1985, p. 241) definem modo como caracterizador da atualidade (isto é, da realidade). Para Timberlake (2007), modalidade é a noção das realidades alternativas mediada por autoridade. Dessa forma, para o autor, a modalidade pode se tornar algo mais gramatical (morfológica) e essa gramaticalização da modalidade pode ser entendida e/ou chamada de modo.

Já na concepção de Palmer (1986, p. 21), o que difere modalidade de modo é que este é uma categoria gramatical expressa na morfologia verbal, e aquela não. Outra afirmação de Palmer (op. cit.), de certa forma, corrobora as concepções de Timberlake (op. cit.), pois Palmer (1986) definiu a modalidade como a gramaticalização das atitudes e opiniões do falante.

Ainda sobre o tema, Palmer (op. cit.) afirma que há dois tipos principais de modalidade, a epistêmica e a modalidade denominada de deôntica e suas respectivas categorias. Assim, resumidamente, a modalidade epistêmica relaciona-se com as noções de possibilidade e necessidade e envolve também o grau de comprometimento do falante com o que ele diz, incluindo, dessa forma, os juízos próprios e o tipo de garantia que ele tem para o que ele diz (PALMER, 1986, p. 51). Já a modalidade deôntica relaciona-se às modalidades que contemplam um elemento de vontade, ou seja, as atitudes do autor-falante para o valor de verdade ou de estado factual da proposição, que, de certa maneira, pode ser resumida como modalidade proposicional (PALMER, op. cit. p. 96).

Outro ponto de vista, que deve se observar, é o de Jespersen (1924, p. 313), que, ao tratar sobre o tema, distingue as categorias de modo e de modalidade. Assim, para o autor, modo é uma categoria sintática (+gramatical), enquanto modalidade é uma categoria semântica.

Apesar da dificuldade de diferenciar modo e modalidade em Manxineru, procuramos fazer a distinção entre esses domínios, mesmo que seja comum se usar o termo modalidade, como uma forma genérica para se referir às duas classificações.

O modo imperativo indica um comando direto, que é percebido pela inflexão do contorno entoacional, mas que pode ser marcado gramaticalmente na morfologia do verbo por meio do sufixo {-na} (618). Assim, no primeiro caso só se pode conferir o modo, verificando o aumento da curva de F₀ no início, com queda na última sílaba do enunciado, com pausa maior entre a penúltima sílaba e a última (para análise mais detalhadas, com auxílio da fonética acústica, ver Capítulo XI).

Modo imperativo:

(617) lukas ʃima kaʃi-ta-ni
 Lucas peixe pegar-C.V-3S.F.O
 ‘Lucas, pegue o peixe’

(618) pi-jla-ta-na-li
 2S.M-matar-C.V-IMPER.ENF-3S.M.O
 ‘matem a (onça)’

(619) pi-jane
 2S-ir
 ‘vá’

Modo afirmativo:

(620) lukas sati ʃima kowtʃoha-ta-ka
 Lucas um peixe pescar-C.V-PERF
 ‘Lucas pescou um peixe’

(621) kihile-ri hona-ha ni-ra-na
 boa-3S.M água-CLASS 1S-beber-ENF
 ‘eu vou beber água boa’

Modalidade interrogativa:

(622) pi-ni-ka-li=he?

2S.comer-C.V-3S.M.O=INT

‘você o (o jacaré) comeu?’

(623) kihile-ri hona-ha ri-ri pira-ta=he?

boa-3S.M água-CLASS 3S.M-beber querer-C.V=INT?

‘ele quer beber água boa?’

(624) lukas ʃima kowtʃoha-ta=he?

Lucas peixe pescar-C.V=INT

‘Lucas pescou o peixe?’

Para marcar gramaticalmente a fala interrogativa, se faz o uso da partícula {he} na margem direita da sentença ou na junção de frases que tenham adjetivos como núcleo. Além disso, há a inflexão do tom (*pitch*), no início das orações, como verificaremos detalhadamente no Capítulo XI. Porém há casos em que a partícula interrogativa não aparece, e só pela entoação e contexto que será possível saber se se trata de uma sentença interrogativa (a esse respeito, ver seção 11.8.2.3 para discussões mais detalhadas).

Modalidade de polidez:

Além das modalidades já descritas, também há a Modalidade de tratamento enunciativa, ou seja, como o falante se relaciona discursivamente com o interlocutor. Essa atitude é que estamos denominado aqui de modalidade de polidez (e/ou de cortesia), conforme evidenciado nos exemplos (625b, 626b e 627b).

(625) a. pi-ʃihalo-ka

2S-entrar-C.V

‘entre!’

7.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO

Com o exposto até aqui, podemos dizer que, em Manxineru, há dois tipos principais de predicados: o nominal e o verbal, sendo que a distinção principal está no tipo de núcleo, ou seja, se se trata de adjetivo ou de verbo, sendo que os predicados nominais podem ser subdivididos em apresentativos, possessivos, essivos, existenciais e estativos. Já os predicados verbais são de dois tipos: os transitivos e os intransitivos. A principal diferença entre eles é a exigência de um objeto com respeito aos verbos transitivos.

Argumentamos, ainda, que em Manxineru, a voz passiva e reflexiva são marcadas gramaticalmente, sendo que {-ka} marca a voz passiva e o {-nawa} marca a voz reflexiva e que as duas vozes provocam a redução de valência do verbo.

Acerca da noção de tempo, apoiamo-nos em Comrie (1976, p. 9), quando o autor afirma que muitas línguas ao redor do mundo não possuem uma categoria temporal marcada gramaticalmente, e que essas línguas possuem uma referência temporal expressa lexicalmente. Essa também é a nossa visão, o que diferencia o nosso trabalho de outros, que estudaram a língua Manxineru, é que, diferentemente, de Silva (2013), Matteson (1965) ou Hanson (2010), não postulamos que há marcas gramaticais de tempo nos verbos, mas de aspecto e/ou de modo e modalidade.

Apesar dos vários posicionamento distintos sobre a noção de aspecto, o que provoca certa dificuldade para a análise, em nossa pesquisa, identificamos, para o Manxineru, quatro tipos de aspecto: aspecto progressivo, perfectivo, imperfectivo, frustrativo, sendo que este último pode ter ainda a noção acumulativa de continuidade

Vimos ainda que o modo é, de uma maneira geral, conceituado como uma categoria que expressa distinções sintáticas e semânticas associadas aos paradigmas verbais, enquanto as modalidades são consideradas como de caráter mais subjetivo e com a função de indicar contrastes em verbos e categorias associadas a eles (CRYSTAL, 1988, p. 174). De forma geral, Comrie (1976, p. 3) afirma que a modalidade preocupa-se com o estado das proposições de que se descreve o evento, o que a torna menos gramatical e mais pragmática.

CAPÍTULO VIII

8. ASPECTOS MORFO-FONOLÓGICOS DOS NOMES EM MANXINERU

Neste capítulo descrevemos alguns dos processos fonológicos que ocorrem na formação de nomes em Manxineru, com o apoio de instrumentos e técnicas da fonética experimental, como forma de melhor explicar os fenômenos em tela.

Salientamos aqui a importante interface da fonologia com a morfologia e essas com sintaxe. Essa interação, muito se explica, porque, como já afirmamos anteriormente, o Manxineru é uma língua polissintética e aglutinante.

Para esta análise, lançamos mão da fonética experimental, com o uso de espectros do *software PRAAT* como um recurso metodológico e técnico de análise de dados, pois é uma forma de tornar a nossa descrição mais clara e concreta, uma vez que, segundo Ladefoged (1990a, p. 343-344), mesmo os mais experientes foneticistas poderão não reconhecer auditivamente distinções para as quais eles estão totalmente desacostumados. O autor diz ainda que nós podemos compreender o que observamos apenas reconhecendo que nós somos parte do que estamos observando.

Ladefoged (op. cit.) afirma ainda que é na linguística que essa premissa se faz mais ainda necessária, pois não existe um modo pelo qual se possam responder questões com quais sons da fala são mais semelhantes, ou quais articulações são mais difíceis de ser feitas, sem sermos amplamente afetados pelas próprias inclinações linguísticas. O que queremos justificar aqui é que usamos da acústica experimental para tornar mais visíveis, concretas e claras as análises e explicações dos fenômenos morfofonológicos da língua Manxineru.

Como forma metodológica, quando necessário, informamos as medidas de F1, F2 e a duração das vogais em destaque no espectrograma e também a de F3, quando se tratar de consoantes.

8.1 COMBINAÇÃO DE PREFIXOS PESSOAIS COM NOMES

Os prefixos pessoais, conforme demonstraremos adiante, sofrem mudanças fonológicas em fronteira de morfema – apagamento vocálico, mudança na qualidade vocálica e na duração ou silabificação vocálica, além da harmonização e da vocalização. Essas mudanças promovem um alto grau de alofonia desses prefixos.

8.1.1 Apagamento vocálico

Entre as várias mudanças fonológicas que ocorrem nas junções morfológicas, há o apagamento (ou perda) vocálica das vogais dos morfemas pessoais, o que acarreta uma série de alomorfes desses prefixos. Demonstramos, em seguida, alguns desses processos, por meio de recursos acústicos para melhor evidenciar os fenômenos em questão, principalmente aqueles que afetam a fronteira entre os prefixos pessoais e a raiz. Nos exemplos seguintes, mostraremos a deleção da vogal envolvendo os prefixos pessoais {no-} e {to-}.

$$\text{Regra fonológica: } \begin{bmatrix} -\text{consonantal} \\ +\text{soante} \\ +\text{sonoro} \end{bmatrix} \rightarrow [\emptyset] / [+consonantal] \text{ ___ } + \begin{bmatrix} -\text{soante} \\ -\text{contínuo} \\ -\text{sonoro} \end{bmatrix}$$

/V/ → [∅]:

Altura dos formantes de [n:]: F1 = 256.35162 Hz, F2 = 2032.6215 Hz, F3 = 2525.3782 Hz

Duração de [n:] = 0.2336 ms

(630) /no.tʃiw.le/ ‘meu pulmão’

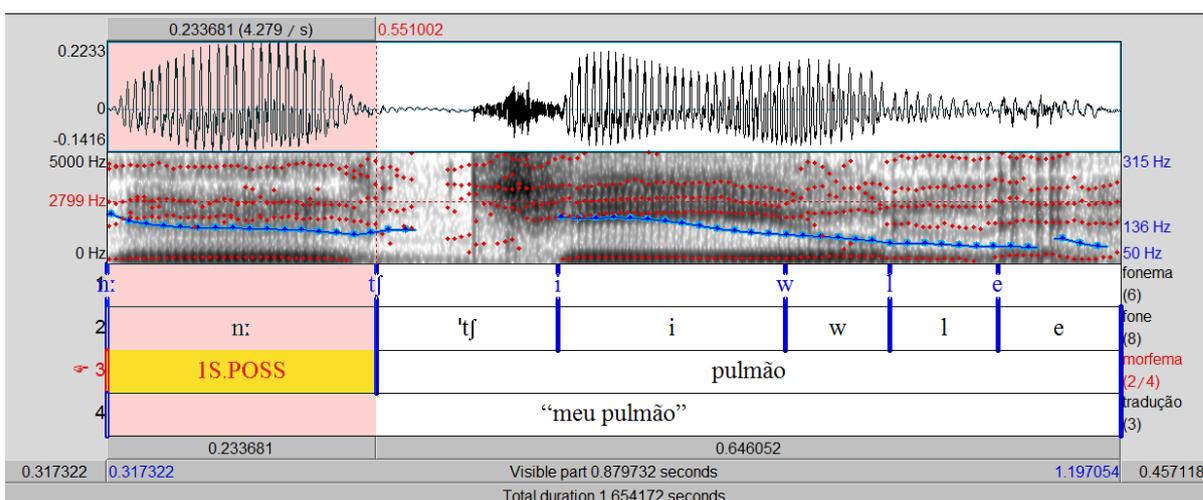
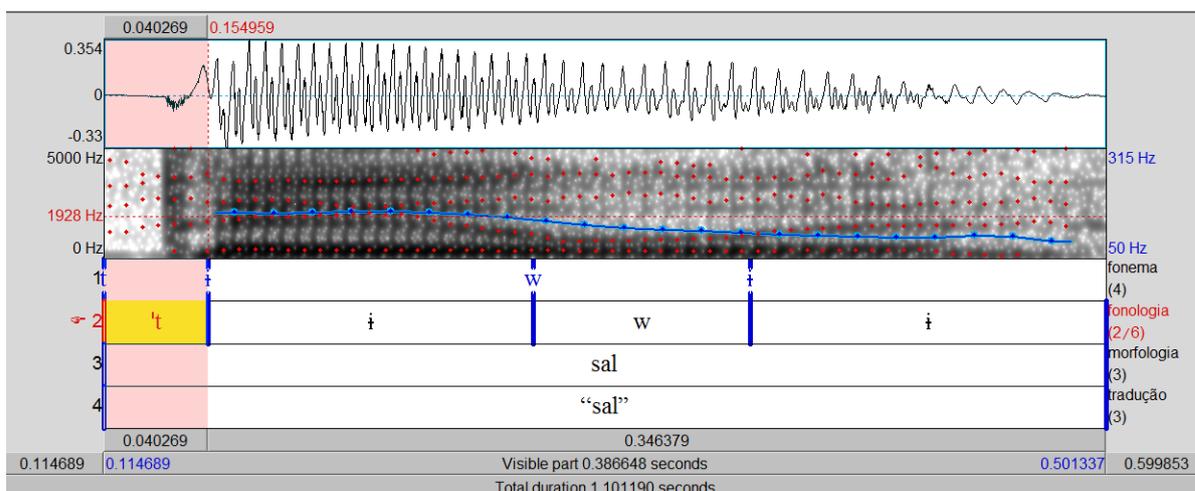


Figura 3 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *notfiwle* ‘meu pulmão’.

No exemplo precedente e no seguinte, a queda total da vogal é possível porque o som [n] pode se tornar silábico. Essa foi uma das razões que levaram Matteson (1965) a descrever corretamente certas ocorrências de /n/, em Piro, como silábicas.

(631) a. /ti.wi/

'sal'

Figura 4 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *tiwi* 'sal'.

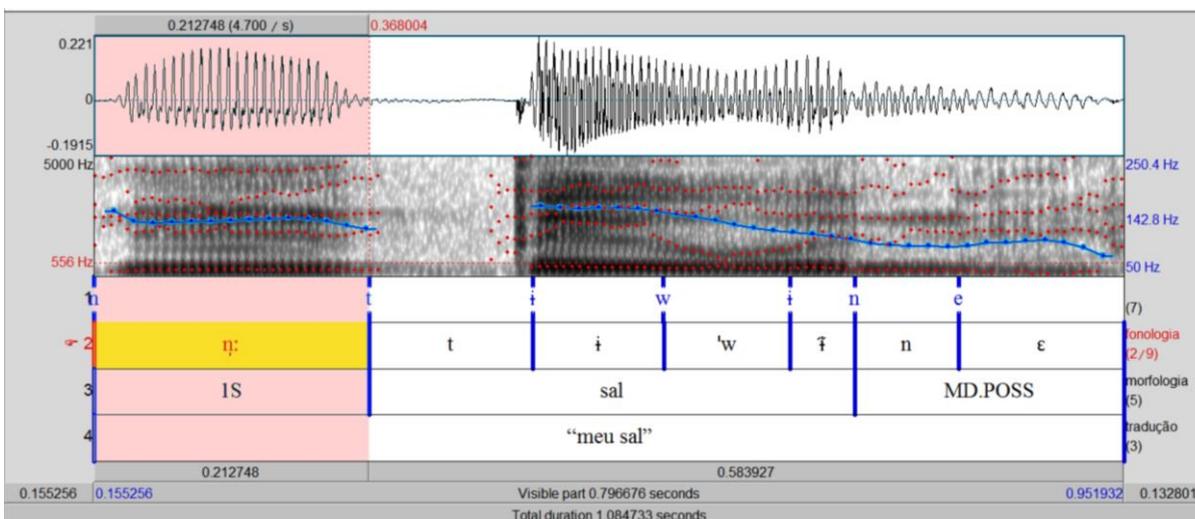
/V/ → [Ø]:

Altura dos formantes de [n:]: F1 = 258.4182 Hz, F2 = 1806.0814 Hz, F3 = 2502.8129 Hz

Duração de [n:] = 0.2127 ms

b. /no.ti.wi.ne/

'meu sal'

Figura 5 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *notiwine* 'meu sal'.

Como forma ilustrativa e contrastiva, o exemplo seguinte (632) mostra a palavra base, que em (632a) se realiza com a presença do sufixo absolutivo {-tʃi} e que no exemplo (632b), vemos, claramente, a queda da vogal /o/ da terceira pessoa feminina {to-}, que é apagada, resultando na sequência [*tt] como [t]. À primeira vista o processo parece se configurar de

Princípio de Contorno Obrigatório (PCO), conforme postulado por Clements e Hume (1995, p. 262), ou ainda mais especificamente, um caso de haplogia (*haplogy* em inglês), como afirma Hock (1991, p. 109). Ou seja, trata-se realmente da fusão de [**t+tʃ*], causada pela queda da vogal /o/ em região fronteiriça.

(632) /tʃiw.le/ “pulmão dela”

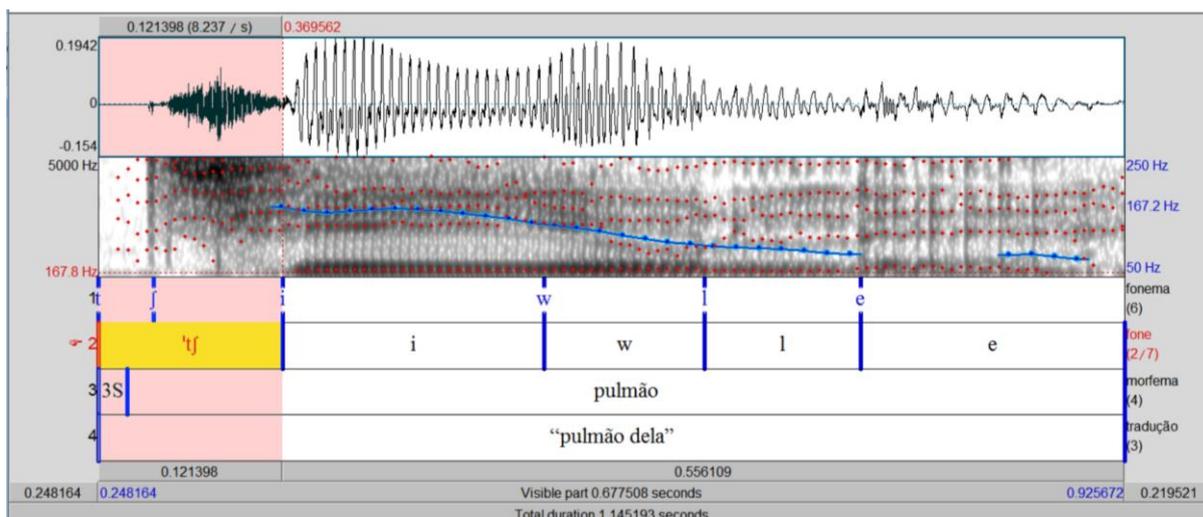


Figura 6 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *tʃiwle* ‘pulmão dela’.

(633) a. /to.ka.na.tʃi/ ‘voz’

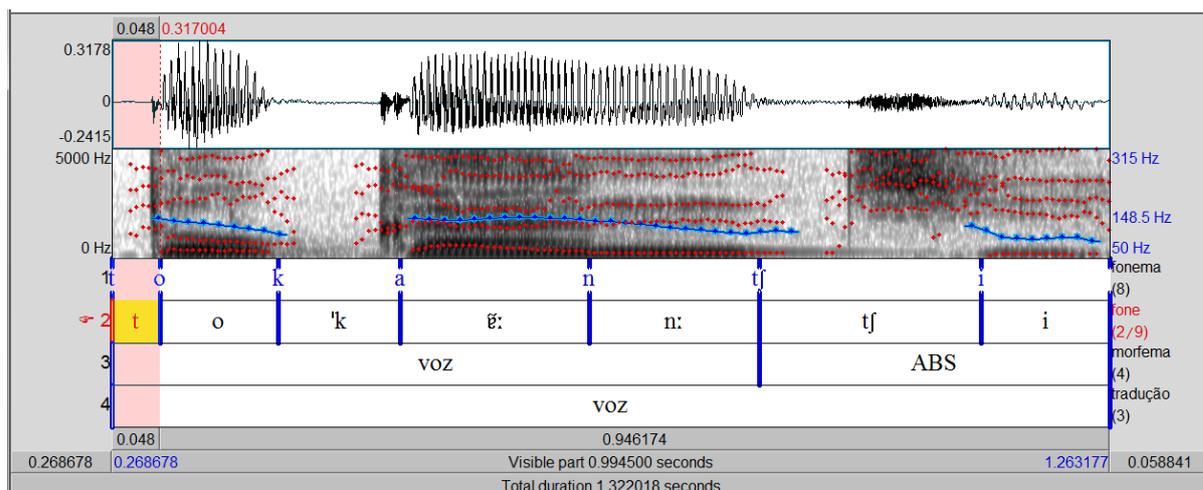


Figura 7 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *tokanatʃi* ‘voz’.

/toto/ → [tu] ~ [to]:

b. /to.to.ka.na/ ‘voz dela’

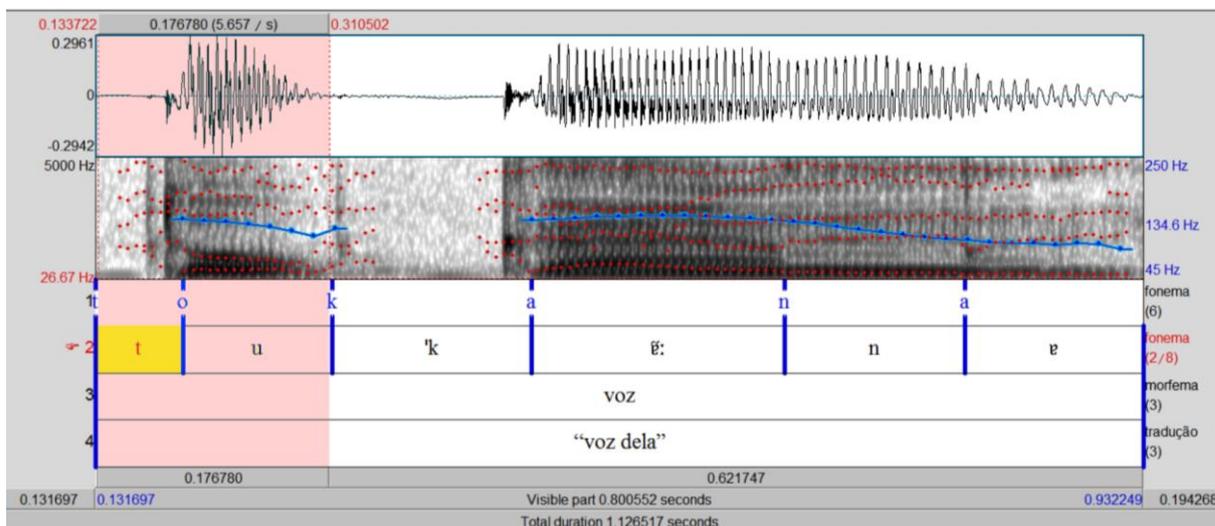


Figura 08 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *tokana* ‘voz dela’.

Os exemplos evidenciam que os pronomes pessoais sofrem queda de suas respectivas vogais e, às vezes, também de suas consoantes (para este último fenômeno, ver seção posterior (8.1.2)) ao se juntarem aos temas iniciados pelas consoantes /t/ ou /tʃ/, que são [–contínuo –soante –sonoro].

(634) a. /ro.pa.na/²⁴

'fígado'

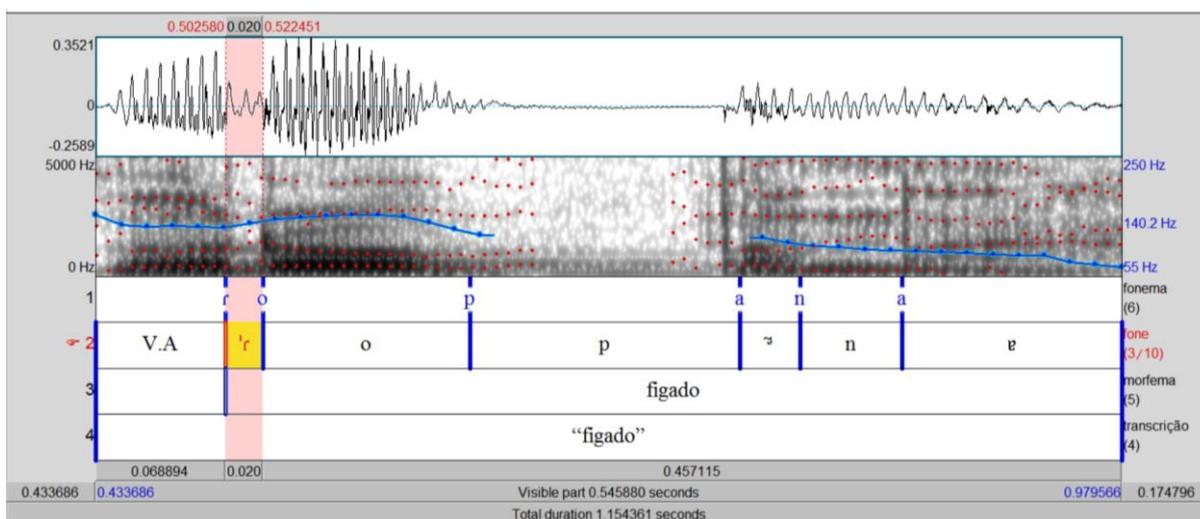


Figura 09 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *ropana* 'fígado'.

/V/ → [∅]:

Altura dos formantes de [n:]: F1 = 242.1526 Hz, F2 = 1649.7856 Hz, F3 = 2777.5661Hz

Duração de [n:] = 0,4249 ms

Altura dos formantes de [d]: F1 = 219.6395, F2 = 1082.3940, F3 = 2474.5066

Duração de [d] = 0,5657 ms

²⁴ Em Manxineru, quando a palavra se inicia pelo tepe [r], há a ocorrência de uma vogal que o precede para dar apoio fonético ao fonema /r/. As características formânticas dessa vogal de apoio são semelhantes às características da vogal nuclear, porém com duração menor. A realização da vogal de apoio (V.A) tem sua estrutura formântica condicionada pela qualidade da vogal nuclear da sílaba seguinte. Nesse sentido, a V.A ao tepe é um elemento vocálico que é reflexo de parte da vogal nuclear situada à direita do tepe [r]. A forma de onda do exemplo (634) e seu respectivo espectrograma indicam a região que corresponde ao bloqueio rápido executado na produção do rótico /r/. Apesar de não ser foco de nosso trabalho, a nossa análise acerca dos dados nos permitiu postular que as vogais de apoio são de natureza essencialmente fonética e, assim, não têm status fonológico e não se configuram nem em fonemas, nem mesmo em alofones.

b. /no.ro.pa.na.te/

'meu fígado'

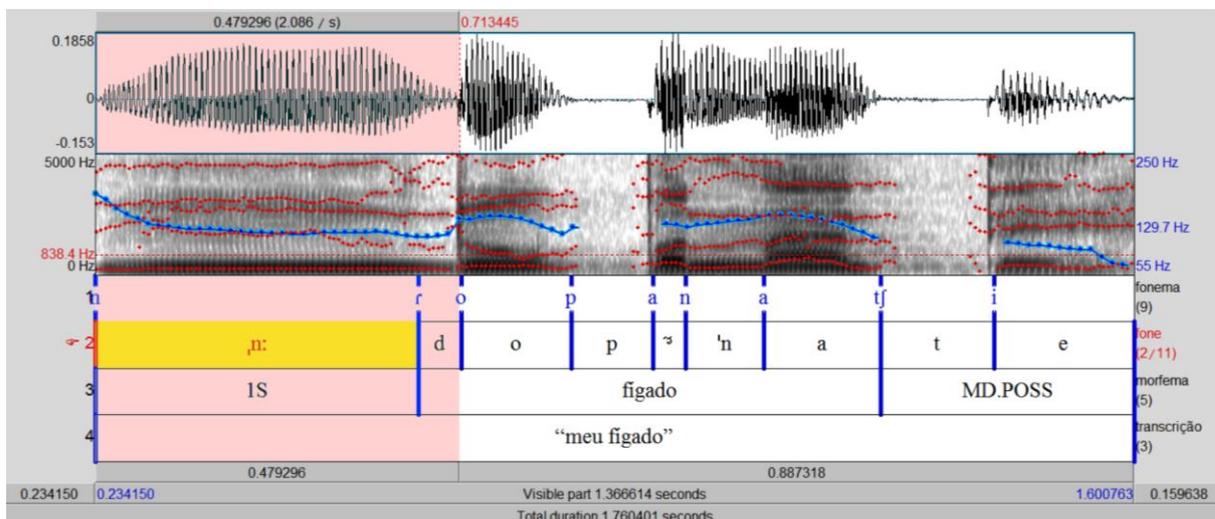


Figura 10 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *noropanate* 'meu fígado'.

Observe que o exemplo (634b) evidencia que a relação morfofonológica e sintática cria um encontro heterossilábico entre [n e d], motivado pelo apagamento da vogal [o] da sílaba inicial da palavra base /ropana/. Esse apagamento faz com haja a dessoantização do /r/, pois esse fonema não ocorre, em Manxineru, precedido por consoantes nasais /n/ ou /m/.

Alturas dos formantes de [ẽ]: F1= 608.8809 Hz, F2 =1316.0415 Hz

Duração de [ẽ] = 0.1319 ms

(635) a. /pa.na.tʃi/

'casa'

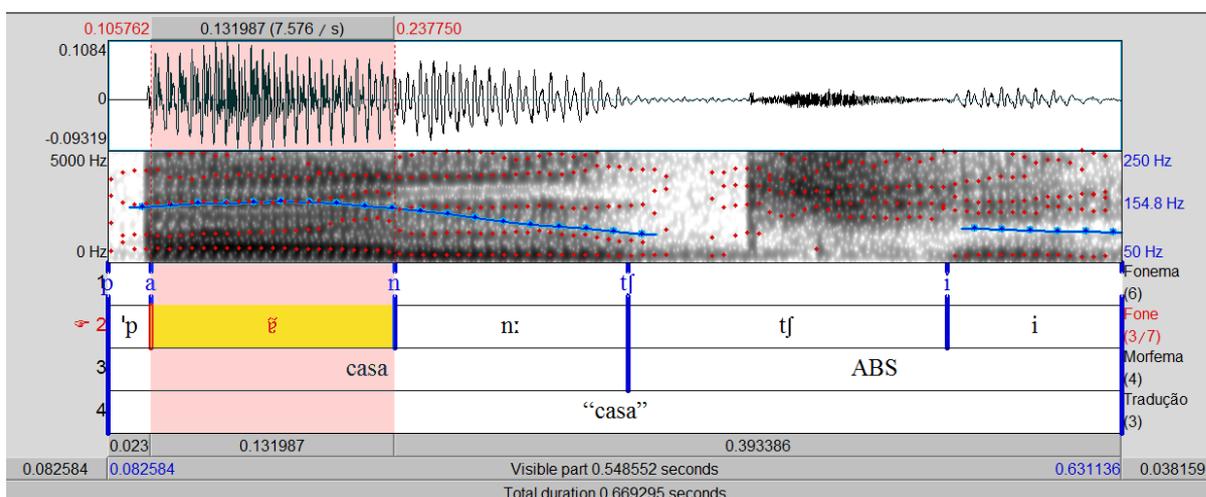


Figura 11 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *panatʃi* 'casa'.

/V/ → [∅]:

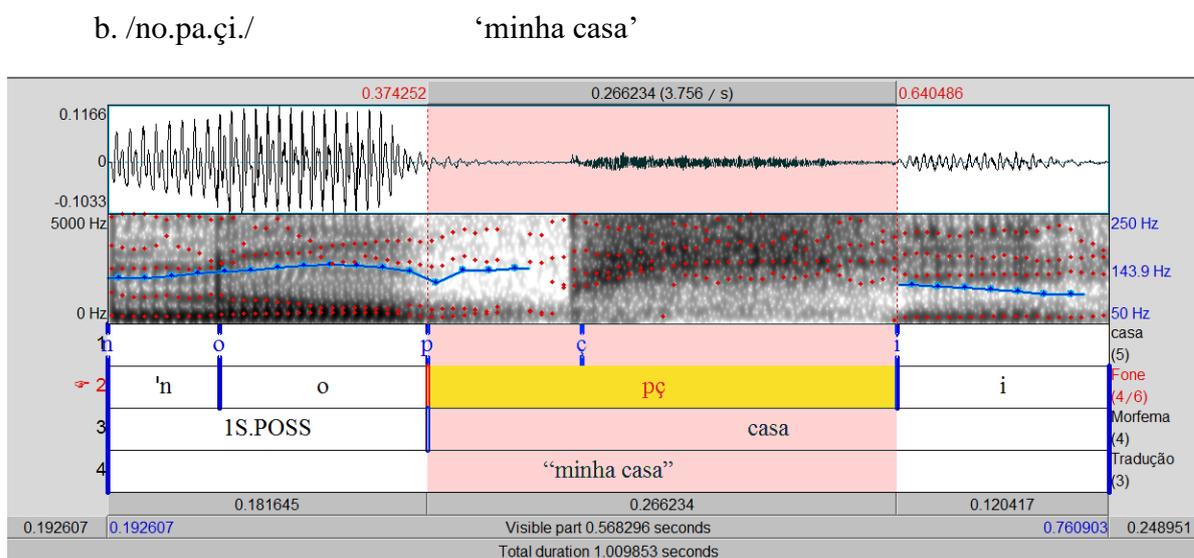


Figura 12 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *nopaçi* ‘minha casa’.

O exemplo de (635b) mostra que a vogal /a/ da penúltima sílaba é deletada no processo de derivação, assim a junção morfológica provoca também a formação de *cluster* (encontro consonantal) tautossilábico na palavra. Assim, a junção de /ç/ com a consoante obstruente /p/, promove a realização de uma consoante com articulação complexa [pç].

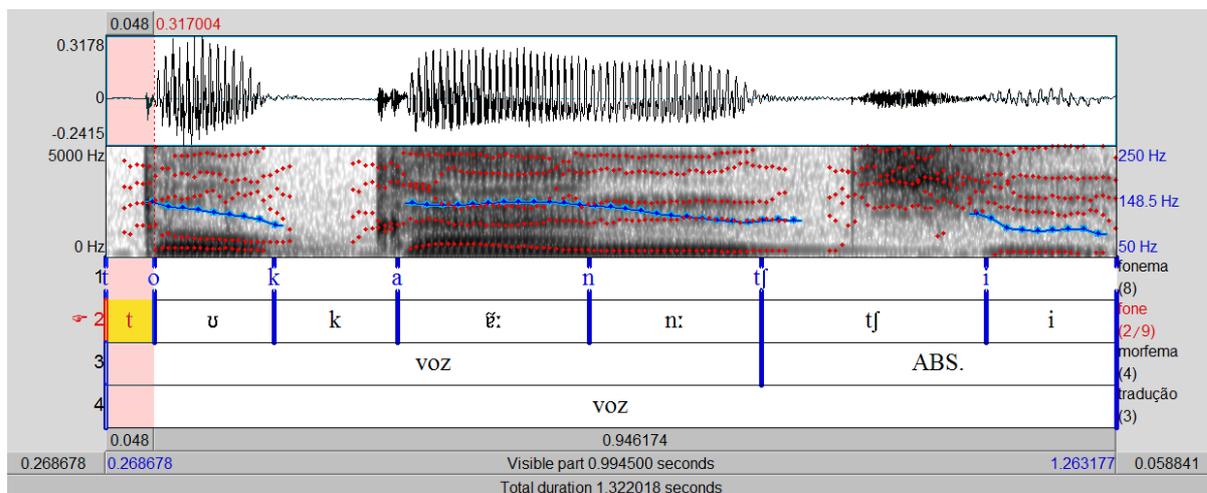
8.1.2 Apagamento e palatização consonantal

Em Manxineru, a junção morfológica, como visto na seção anterior, pode provocar a deleção da vogal, o que acarreta, em muitos casos, a perda consonantal. Esse processo é muito comum com os prefixos pessoais, principalmente, o da terceira pessoa feminino do singular, como veremos em seguida em (636c). Nessa junção, ao contrário de ocorrer a deleção da consoante homorgânica, há casos, como o descrito em (636b), em que ocorre a fusão da consoante do tema a que ele se junta.

Exemplos:

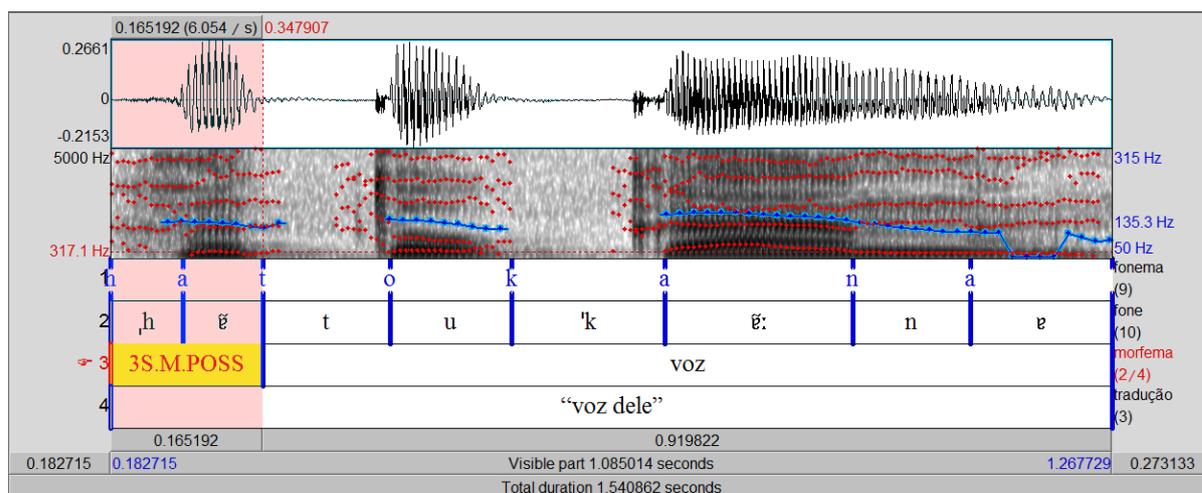
(636) a. /to.to.ka.na.tʃi/

‘voz’

Figura 13 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *tokanatfi* ‘voz’.

b. /ha.to.ka.na/

‘voz dele’

Figura 14 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *hatokana* ‘voz dele’.

Note-se que, quando o tema {-tokana-} recebe o prefixo de terceira pessoa feminino, a sequência inteira [toto] é reduzida a [to], como se verifica em (636c).

Regra fonológica: /to/ → Ø / #___+ [sílabas idênticas].

/toto/ → [to]:

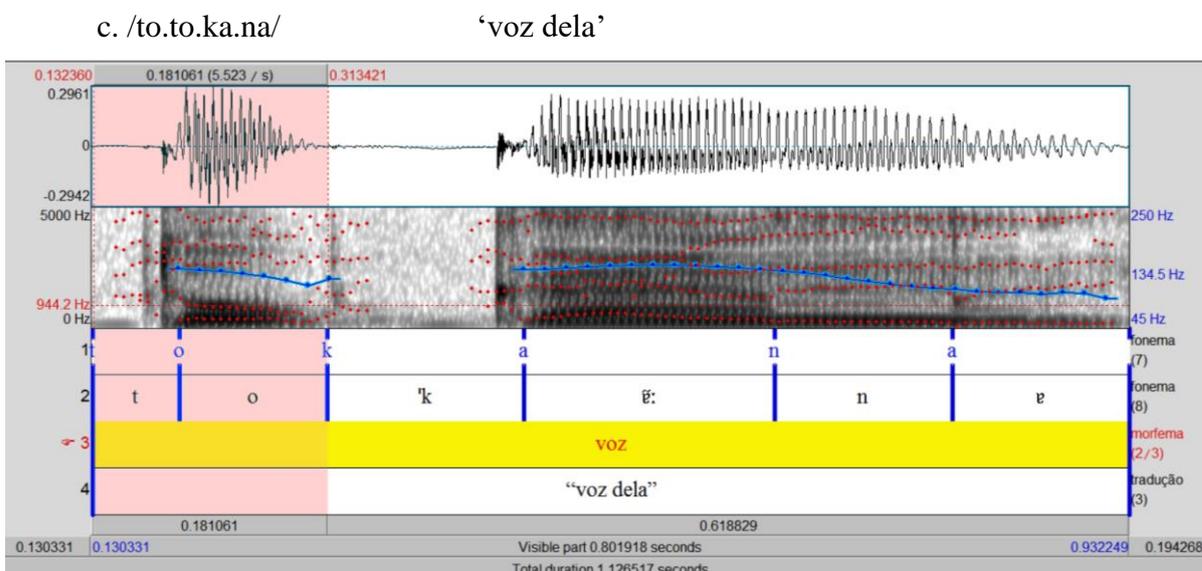


Figura 15 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *tokana* ‘voz dela’.

Note-se que o apagamento da vogal do prefixo pessoal ocorre também diante de /ʃ/, resultando no encontro de /t/ e /ʃ/, que evidencia a formação de uma consoante palatalizada e complexa → [tʃ], como mostra o exemplo (637b).

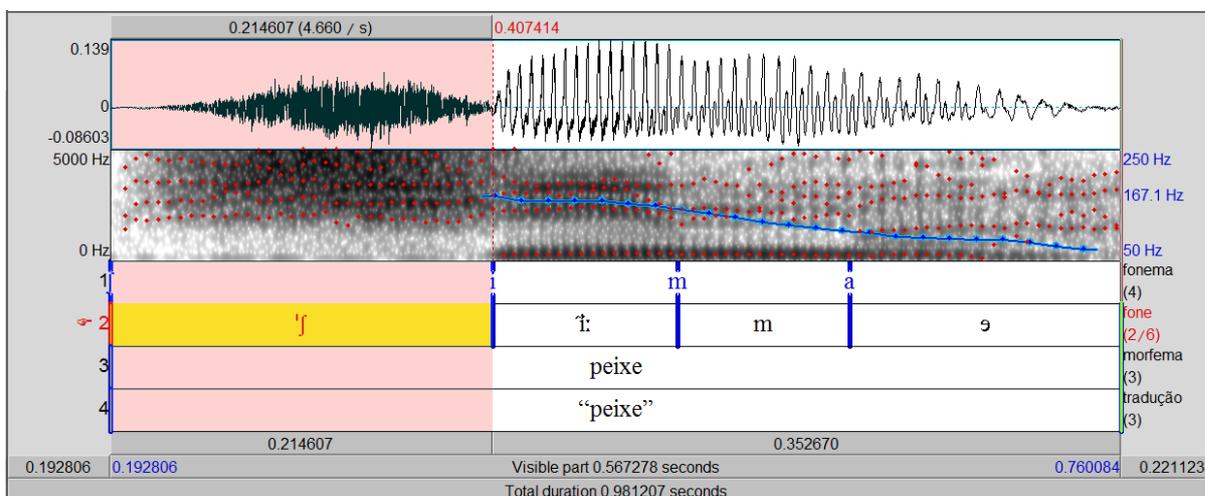
Regra fonológica: $\left[\begin{array}{l} +\text{cosonantal} \\ +\text{anterior} \\ -\text{soltura retardada} \end{array} \right] \rightarrow \left[\begin{array}{l} -\text{anterior} \\ +\text{soltura retardada} \end{array} \right] / \# _ _ _ + \left[\begin{array}{l} +\text{coronal} \\ -\text{anterior} \\ +\text{contínuo} \end{array} \right]$

Altura dos formantes de [ʃ]: F1= 2341.3859 Hz, F2 = 3127.7664 Hz, F3 = 3448.3346 Hz

Duração de [ʃ] = 0.2146 ms

(637) a. /ʃi.ma/

‘peixe’

Figura 16 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *ʃima* ‘peixe’.

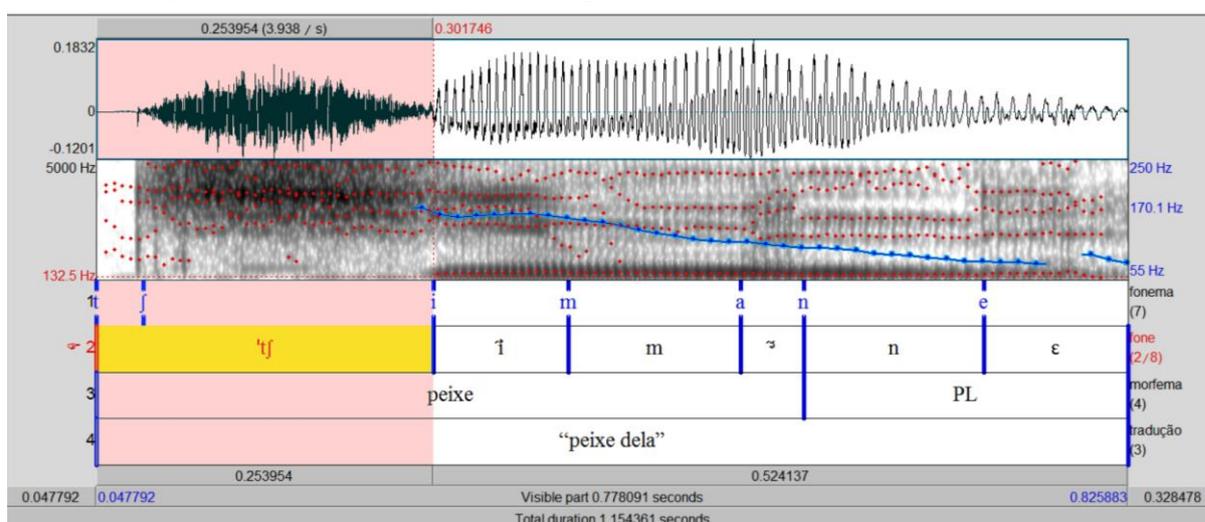
/t/ → [tʃ]:

Altura dos formantes de [tʃ]: F1= 2395.9800 Hz, F2 = 3200.1270 Hz, F3 = 3612.7715 Hz

Duração de [tʃ] = 0.2539 ms

b. /to.ʃi.ma.ne/

‘peixe dela’

Figura 17 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *tʃimane* ‘peixe dela’.

Os exemplos mostrados nesta seção fundamentam as seguintes generalizações:

Os sufixos mediadores de posse {-ne} e {-te} não afetam o acento do tema, mas criam um padrão de acento na antepenúltima sílaba. Esse padrão acarreta a perda vocálica da vogal dos prefixos iniciados pelas consoantes oclusivas, tanto nasais quanto orais, quando o tema se inicia por uma consoante [-continua - soante - vozeada].

8.2 MUDANÇA DE QUALIDADE VOCÁLICA

Em Manxineru, a concatenação morfofonológica pode produzir mudança na qualidade das vogais, o que gera, por exemplo, um grande número de alomorfia no paradigma de pronomes pessoais, uma vez que, em muitos casos, há assimilação total ou parcial da vogal do prefixo pessoal com a vogal da sílaba inicial do tema ao qual ele se junta como forma de harmonização vocálica.

Os espectrogramas seguintes (639-640) descrevem a realização da harmonia vocálica das vogais dos prefixos pessoais com a vogal do tema. Nestes exemplos, os pronomes pessoais {no-, pi-, to-, ri-, wi-, hi- e ri-..na} sofrem alterações, criando um alto grau de alomorfia do paradigma de pessoa dos pronomes, como evidenciamos em seguida nos espectrogramas, em que os pronomes se harmonizam com a vogal [a] do tema {-apuka-} ao qual os pronomes se afixam.

Regra fonológica: $\begin{bmatrix} +\text{soante} \\ +\text{contínuo} \\ -\text{baixo} \end{bmatrix} \rightarrow [+baixo] / [+consonantal] \text{ ______ } + \begin{bmatrix} +\text{soante} \\ +\text{contínuo} \\ +\text{baixo} \end{bmatrix}$

- | | |
|------------------|--------------------|
| (638) a. -ɟkata- | tema para ‘morder’ |
| b. na-ɟkata | ‘eu mordei’ |
| c. pa-ɟkata | ‘você moerdeu’ |
| d. ta-ɟkata | ‘ele mordeu’ |
| e. ta-ɟkata | ‘ela mordeu’ |
| f. ha-ɟkata | ‘vocês morderam’ |
| g. wa-ɟkata | ‘nós mordemos’ |
| h. ra-ɟkata-na | ‘eles morderam’ |

/o/ → [a]:

Altura dos formantes de [a]: F1 = 570.0450 Hz, F2 = 1467.8523 Hz

Duração de [a] = 0.1363 ms

(639) /noʃkata/ ‘eu morde’

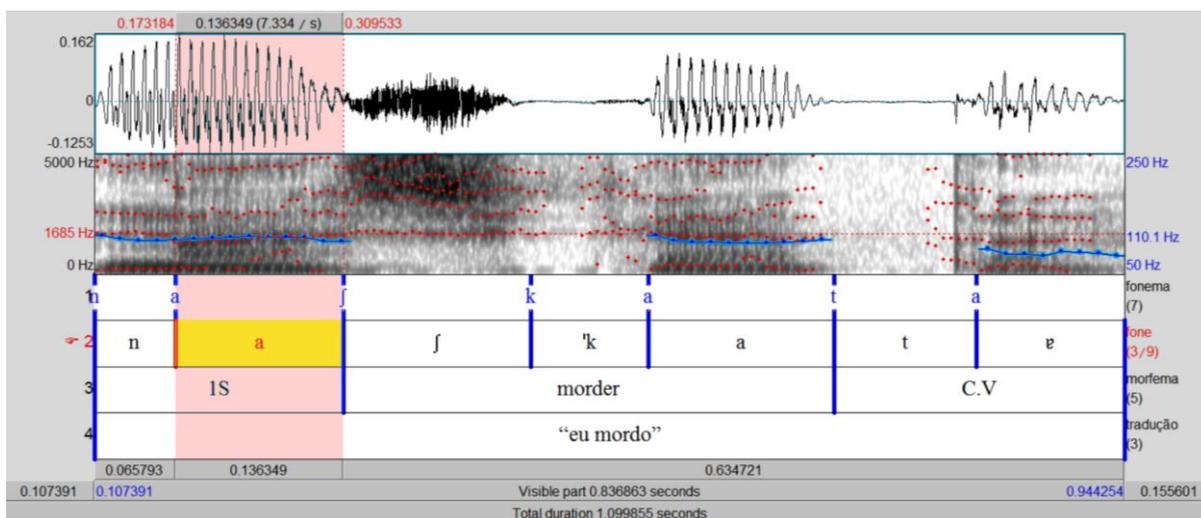


Figura 18 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *naʃkata* ‘eu morde’.

/i/ → [a]:

Altura dos formantes de [a]: F1 = 571.2669 Hz, F2 = 1618.4495 Hz

Duração de [a] = 0.1513 ms

(640) /raʃkata/ ‘ele morde’

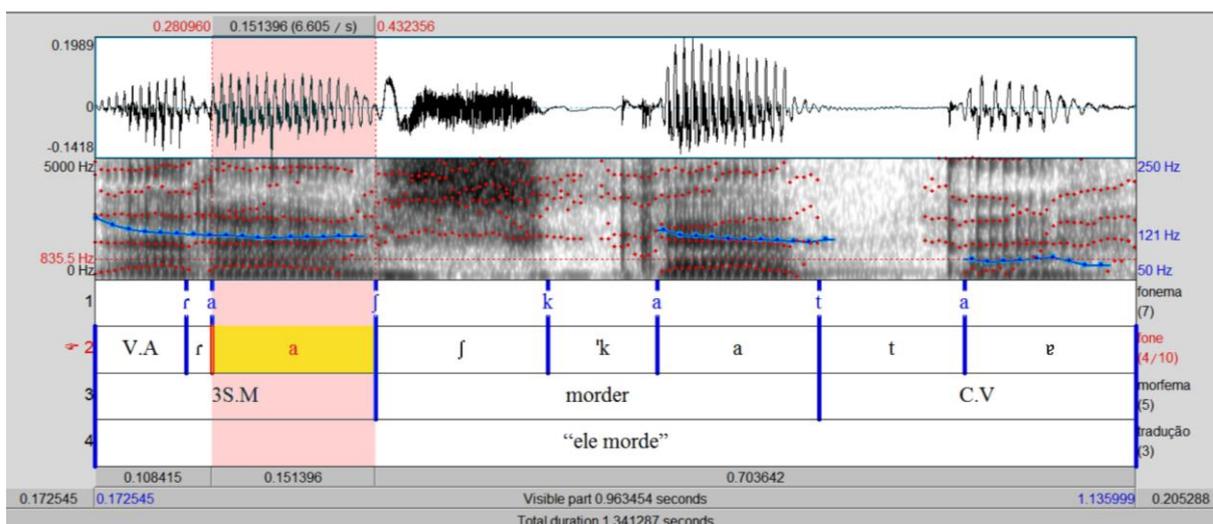


Figura 19 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *raʃkata* ‘ele morde’.

Nos exemplos seguintes, descrevemos e evidenciamos que a vogal /i/ dos morfemas pessoais {pi-}, {ri-}, {hi-} e {hi-...na} se realiza, em todos os prefixos, na superfície, como [w], quando precedem, em fronteira morfológica, um segmento [+contínuo +soante +arredondado], conforme simplificamos na regra abaixo:

Regra fonológica:

$$\begin{bmatrix} +\text{alto} \\ +\text{anterior} \\ -\text{arredondado} \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} -\text{anterior} \\ +\text{arredondado} \end{bmatrix} / [+consonantal] ____ + \begin{bmatrix} +\text{arredondado} \\ +\text{soante} \\ +\text{contínuo} \end{bmatrix}$$

(641) a. walo	‘coelho’
b. nwalo-ne	‘meu coelho’
c. pwalo-ne	‘seu coelho’
d. rwalo-ne	‘coelho dele’
e. twalo-ne	‘coelho dela’
f. walo-ne	‘seu coelho’
g. hwalo-ne	‘coelho de vocês’
h. hwalo-ne-na	‘coelho deles/delas’

/i/ → [w]:

Altura dos formantes de [w]: F1 = 411.1013 Hz, F2 = 887.6628 Hz, F3 = 2705.4823

Duração de [w] = 0.0957 ms

(642) a. /piwalone/

‘seu coelho’

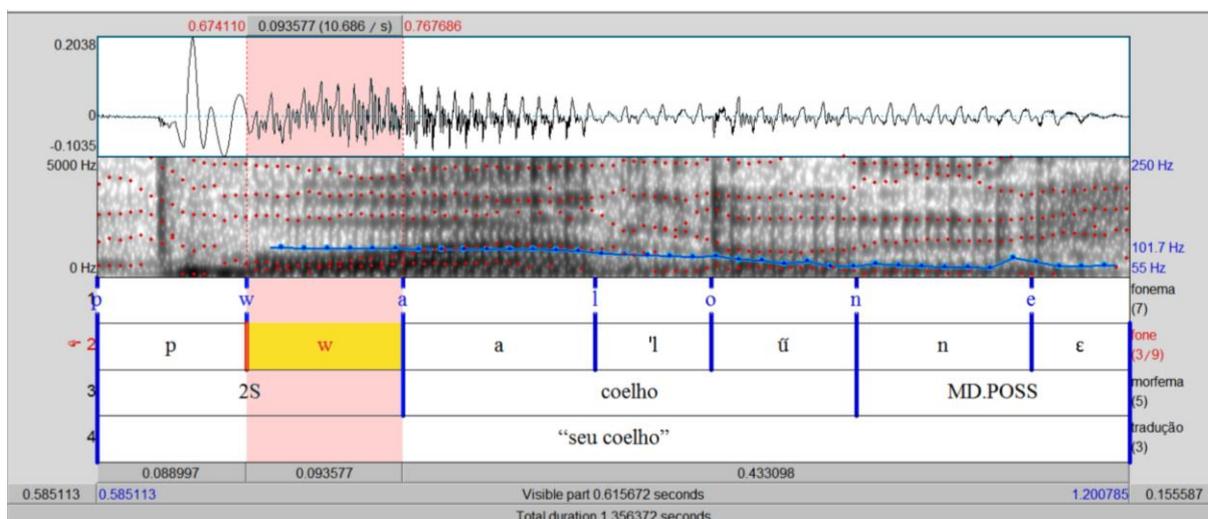


Figura 20 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *piwalone* ‘seu coelho’.

Já no exemplo (641f), observa-se que a vogal do prefixo pessoal de primeira pessoa do plural {wi-} é apagada e a consoante [w] do tema se funde à consoante do prefixo.

$$\text{Regra fonológica: } \left[\begin{array}{l} +\text{anterior} \\ -\text{arredondado} \\ +\text{silábico} \end{array} \right] \rightarrow \left[\begin{array}{l} +\text{silábico} \\ +\text{arredondado} \end{array} \right] / \# \text{---} + \left[\begin{array}{l} +\text{arredondado} \\ -\text{anterior} \\ +\text{contínuo} \end{array} \right]$$

Note-se que o esperado seria que /i/ mudasse para [o], entretanto a regra que levaria à assimilação de /i/ para [o] diante de /w/ é desconsiderada, pois teve prevalência a regra de queda da vogal /i/ entre duas consoantes com o mesmo ponto de articulação, no caso /w_w/. Houve, nesse caso, um processo de *bleeding* (cf. HOCK, 1991), isto é, a regra da assimilação vocálica foi impedida pela regra de queda de vogal entre duas consoantes de ponto de articulação idêntico.

O exemplo seguinte ilustra outro processo que afeta, principalmente, os prefixos pessoais {no-} e {to-}. A vogal subjacente do prefixo de 1ª pessoa do singular {no-} se harmoniza, não com a vogal imediatamente adjacente inicial, mas com a vogal da sílaba seguinte do tema em um processo inverso do exemplo (599), pois a vogal subjacente é /o/. Assim, conforme mostramos na sequência paradigmática de (643) e mais especificamente no espectrograma do exemplo (644-645), há a harmonização vocálica identificada no processo de assimilação total dos traços da vogal da sílaba inicial do tema.

- (643) a. *fĩma* ‘peixe’
 b. *niĩma-ne* ‘meu peixe’
 c. *piĩma-ne* ‘teu peixe’
 d. *riĩma-ne* ‘peixe dele’
 e. *tĩma-ne* ‘peixe dela’
 f. *wiĩma-ne* ‘nosso peixe’
 g. *hiĩma-ne* ‘peixe de vocês’
 h. *hiĩma-ne-na* ‘peixe deles/delas’

/o/ → [i]:

Altura dos formantes de [i]: F1 = 243.5326 Hz, F2 = 1923.1630 Hz

Duração de [i] = 0.0588 ms

- (644) /ni.ĩi.ma.ne/ ‘meu peixe’

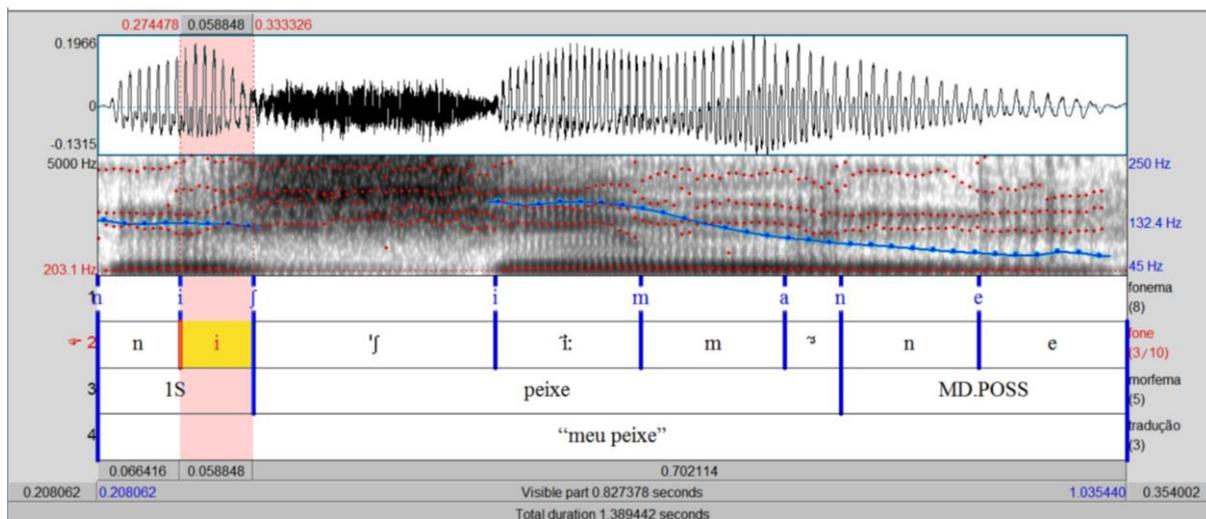


Figura 21 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *niĩmane* ‘meu peixe’.

Podemos verificar, ainda, que no exemplo seguinte (645), mostra que a vogal do prefixo pessoal se harmoniza com a vogal da primeira sílaba do tema ao qual eles se agregam. Isso ocorre em todo o paradigma. Assim, por exemplo, /o/ → [i] nos pronomes de primeira e segunda pessoa feminino; o /i/ → /ĩ/ nos pronomes de segunda pessoa do singular plural, terceira e primeira do plural (645).

Regra fonológica:

$$\begin{bmatrix} +\text{arredondado} \\ -\text{alto} \\ -\text{anterior} \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} -\text{arredondado} \\ +\text{alto} \end{bmatrix} / [+consonantal] \text{ ______ } + \begin{bmatrix} -\text{arredondado} \\ +\text{alto} \end{bmatrix}$$

/o/ → /i/:

Altura dos formantes de [i]: F1 = 372.1812 Hz, F2 = 1674.7390 Hz

Duração de [i] = 0.1215 ms

(645) /nimikana/

‘eu vou dormir’

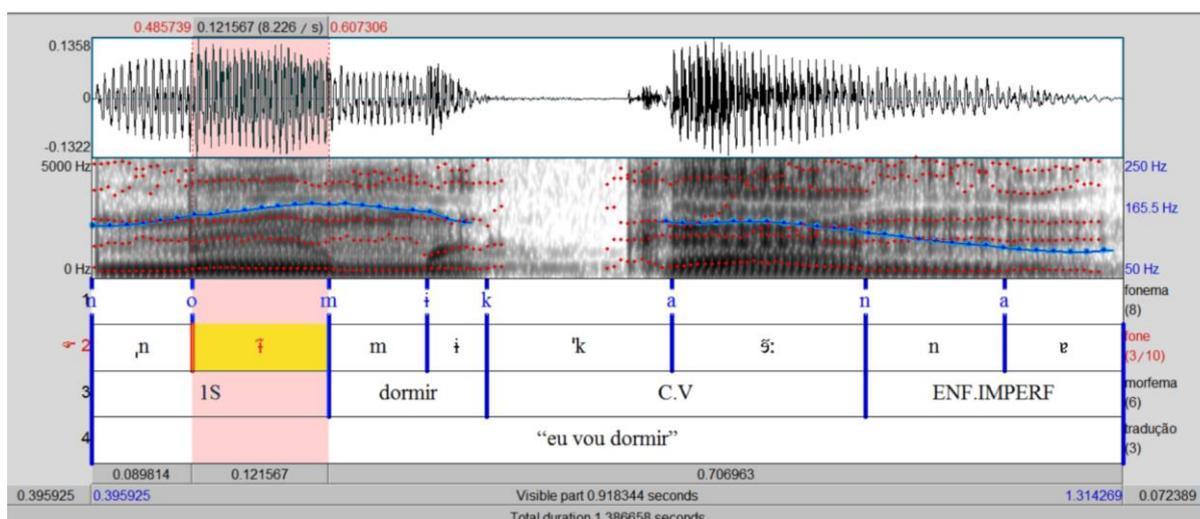


Figura 22 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *nimikana* ‘eu vou dormir’.

Além das modificações exemplificadas acima, as vogais adquirirem outras propriedades, que podem ser: silabificação/vocalização, aspiração, redução e aumento de duração, como trataremos nas seções subsequentes.

8.2.1 A ocorrência aspirada da vogal e o processo de aspiração da consoante

Em Manxineru, algumas vezes, na fronteira morfológica e/ou morfossintática não ocorre o apagamento total da vogal, mas ela se realiza em forma de aspiração. Esse processo só ocorre em fronteira morfológica quando a vogal se encontra entre consoantes [–contínua –soante –sonora], mais comumente em início de palavra. Dessa forma, a vogal perde suas qualidades articulatórias e formânticas de vogal, ou seja, sofre uma espécie de enfraquecimento,

o que acarreta, na superfície, a produção de uma vogal de forma de uma aspiração. Esse fato levou outros autores (MATTESSON, 1965; HANSON, 2010; SILVA, 2013) a descreverem esse fenômeno somente como consoantes aspiradas [p^h, t^h, k^h], mas não como um fenômeno de enfraquecimento da vogal.

Sobre o fenômeno de aspiração, Aikhenvald (1999a, p. 76) postula que as línguas Aruák contam com um máximo de 7 pontos de articulação e a fricativa bilabial /ɸ/ seria um estágio intermediário do processo de lenição /p/ → /h/, que é, segundo a autora, bastante comum nas línguas Aruák, como nas línguas: Yawalapiti, Achagua, Mandawaka e Manao. No caso da língua Manxineru, não há a fricativa bilabial, assim postulamos que processo semelhante ocorre em Manxineru, porém com algumas diferenças, a saber: (i) a aspiração só ocorre com consoantes oclusivas e não fricativas e (ii) a aspiração se dá pela perda de qualidade formânticas da vogal, causada em fronteira morfológica, como exemplificaremos em seguida.

Os espectrogramas (646a-646b) evidenciam o processo de ocorrência aspirada da vogal. Podemos ver (na área em destaque nos espectrogramas), que em (646a) temos a vogal [a] realizando-se na sua forma natural, com todas as propriedades inerentes à vogal [a], mas em (646b), a vogal se realiza de forma aspirada ²⁵[^h]. Nessa configuração, a vogal em forma aspirada se junta à consoante da sílaba anterior, que é sempre [– soante – contínua – vozeada], formando com ela uma única sílaba, assim os fonemas /p/, /t/ e /k/ se realizam respectivamente como [p^h], [t^h] e [k^h], conforme descrito em outros trabalhos sobre o Yine. A vogal que se realiza com um aspiração pode ser observada com base na onda em formato aperiódico, na ausência de *pitch* e no embranquecimento dos espectros descritos, como descrito nos exemplos (646b e 647-649).

$$\text{Regra fonológica: } \begin{bmatrix} +\text{silábico} \\ +\text{contínuo} \\ +\text{sonoro} \end{bmatrix} \rightarrow [^h] \quad / \quad \begin{bmatrix} -\text{silábico} \\ -\text{contínuo} \\ -\text{sonoro} \end{bmatrix} \text{ — } + \begin{bmatrix} -\text{silábico} \\ -\text{contínuo} \\ -\text{sonoro} \end{bmatrix}$$

²⁵ Cabe salientar que as versões do programa Praat que utilizamos para a análise da fonética acústica experimental não reconheceram o diacrítico [^h], assim, quando descrevemos a aspiração nos espectrogramas, fizemos com o [h] junto à consoante [–contínua –sonora] contígua a ele, conforme destacado no exemplo (646b).

(646) a. /ha.tʃiw.le/ ‘pulmão de vocês’

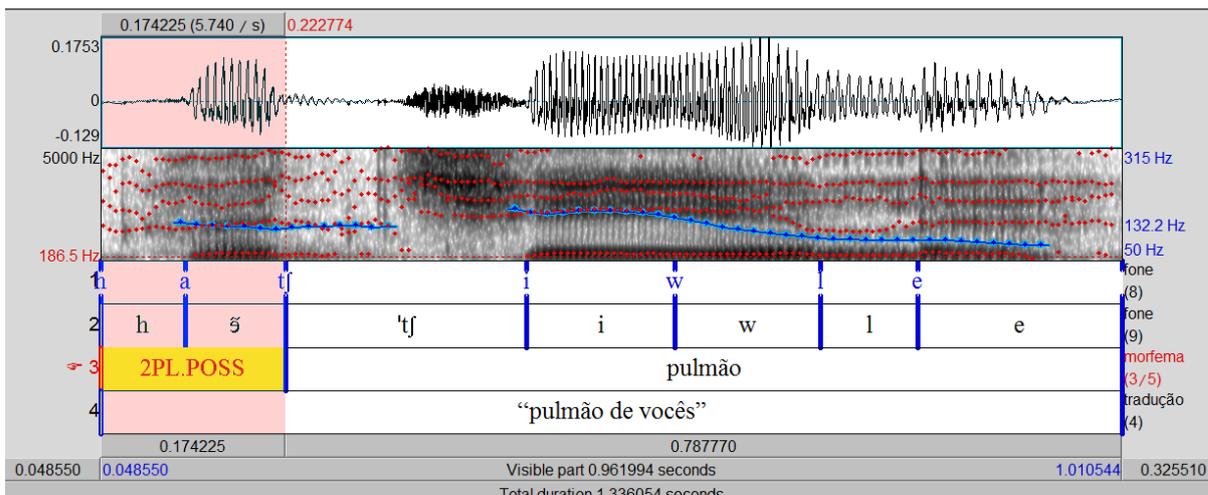


Figura 23 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *hatʃiwle* ‘pulmão de vocês’.

/i/ → [h]:

b. /pi.tʃiw.le/ ‘seu pulmão’

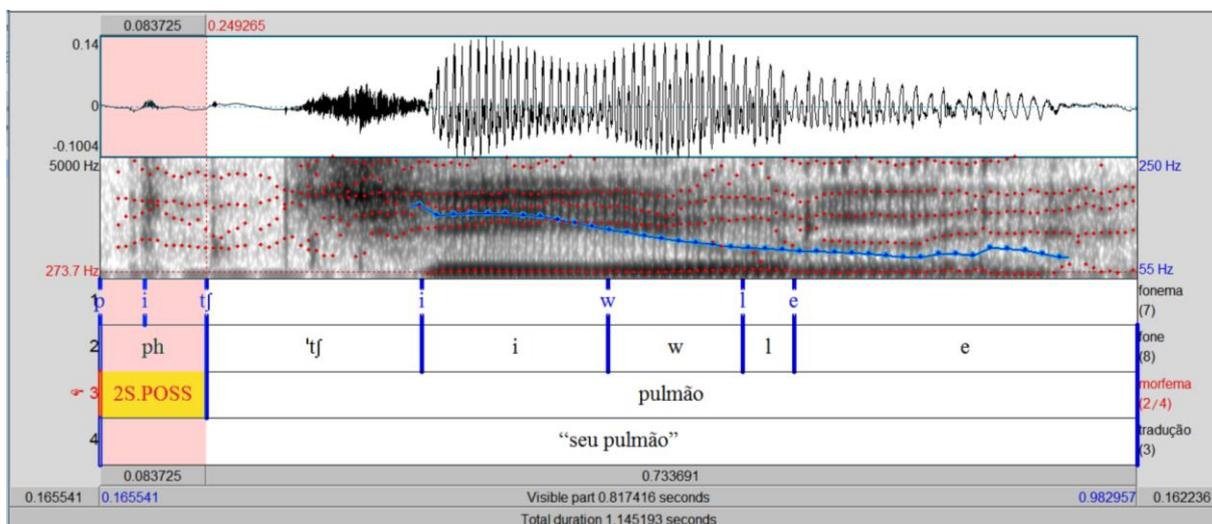
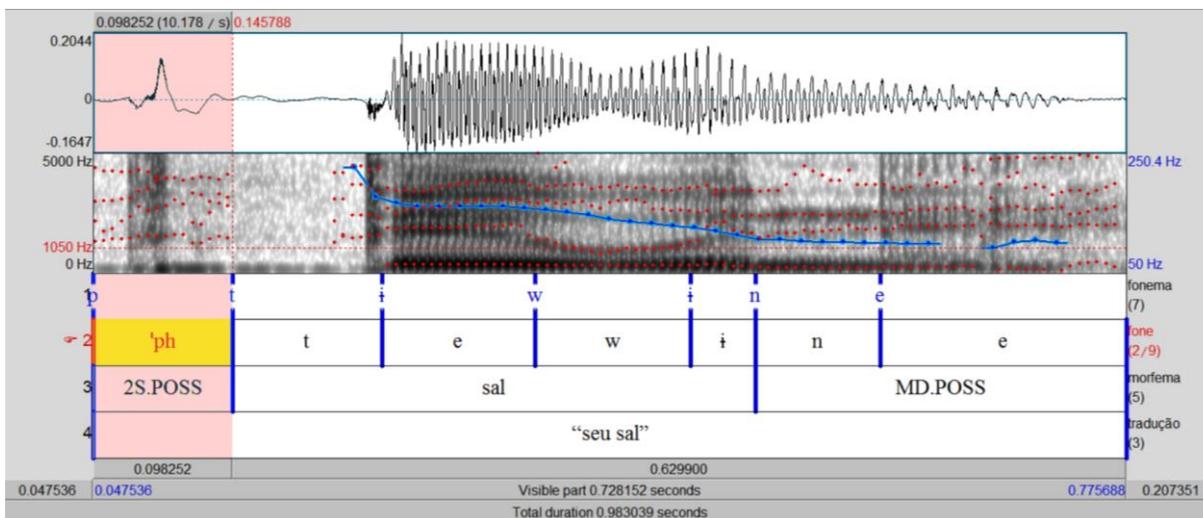


Figura 24 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *pitʃiwle* ‘seu pulmão’.

Essa aspiração é muito comum no processo de concatenação da língua Manxineru, motivado também pela simetria rítmica do sistema. Assim, o mesmo processo pode ser visto nos exemplos (647-649b). Ou seja, a vogal se realiza foneticamente na superfície como uma aspiração, o que permite que, fonologicamente, a vogal continue existindo.

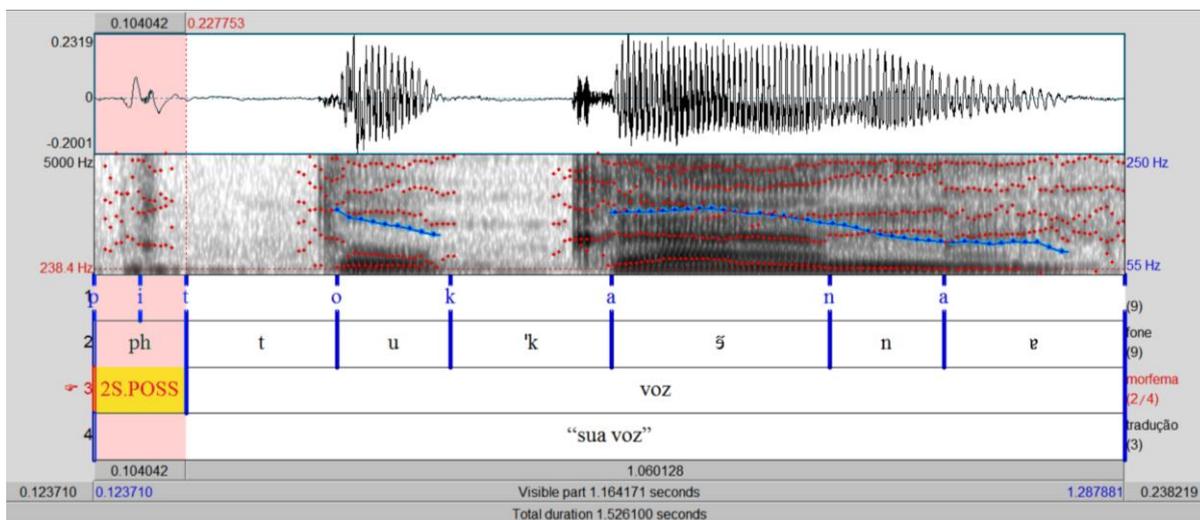
/i/ → [h]:

(647) /pi.ti.wi.ne/ ‘seu sal’

Figura 25 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *pitiwine* ‘seu sal’.

/i/ → [h]:

(648) /pi.to.ka.na/ ‘sua voz’

Figura 26 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *pitokana* ‘sua voz’.

/o/ → [h]:

(649) /to.ka.jo.na.lo.te/

‘pintado (espécie de peixe) dela’

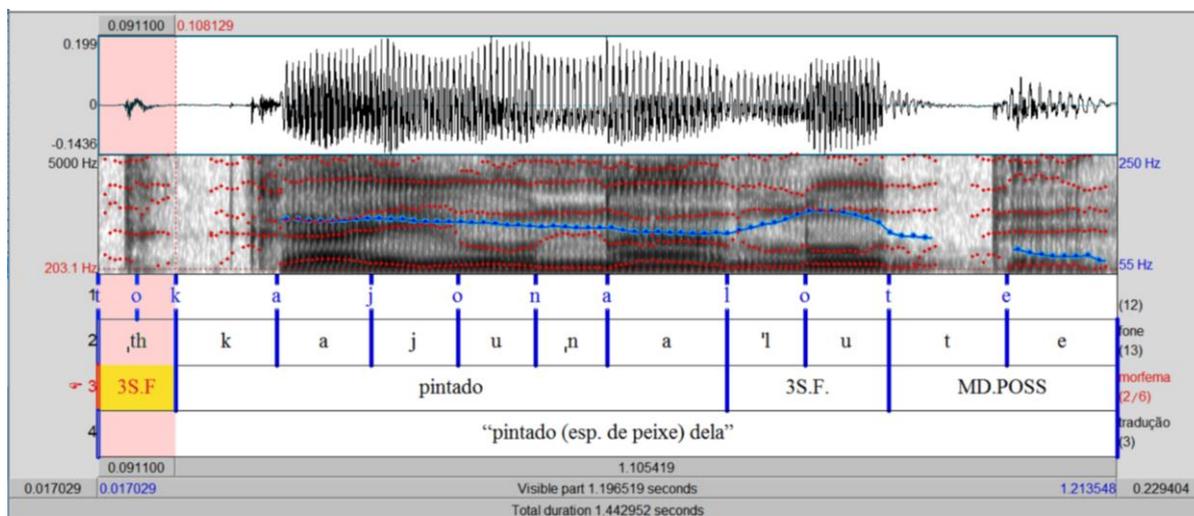


Figura 27 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *tokajonalote* ‘pintado (espécie de peixe) dela’

Os exemplos supracitados demonstram que a vogal do morfema pessoal ocorre como uma aspiração em fronteira com o tema, conforme ambiente descrito, mas o processo de uma vogal ocorrer como uma aspiração pode ser observado em outros ambientes da palavra, como exemplificamos, em seguida, em (650b).

(650) a. /pi.çe.pa/

‘seu piolho’

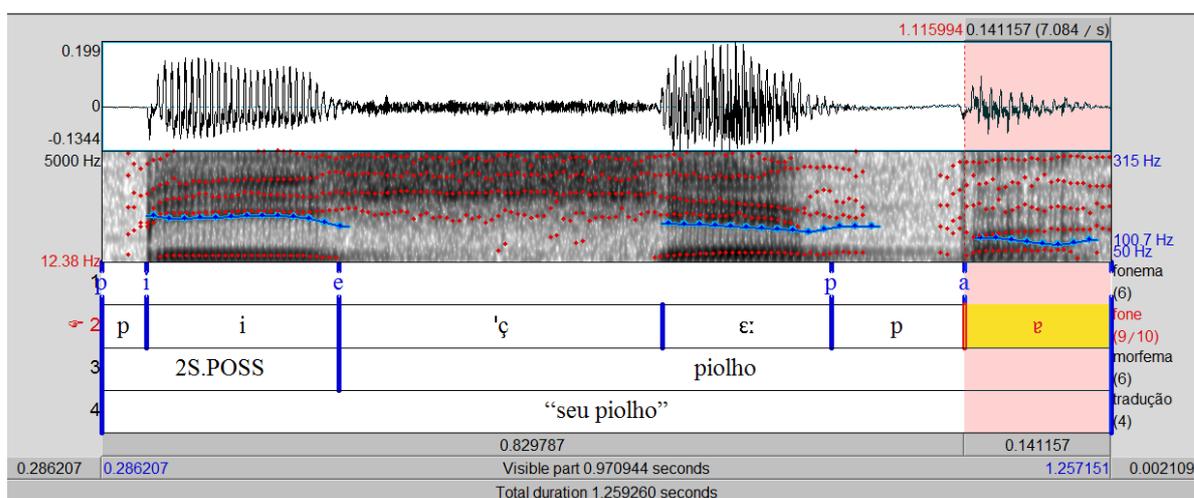


Figura 28 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *piçepa* ‘seu piolho’.

Regra fonológica: $\left[\begin{array}{l} +\text{vocálico} \\ +\text{soante} \\ +\text{contínuo} \end{array} \right] \rightarrow [ʔ] / [+consonantal] \text{ ____ } + \left[\begin{array}{l} -\text{soante} \\ -\text{contínuo} \\ -\text{sonoro} \end{array} \right]$

/a/ → [ʔ]:

Altura dos formantes de [ʔ]: F1= 323.9318 Hz, F2 =1479.3315 Hz

Duração de [ʔ] = 0.0467 ms

(651) /hi.ka.jo.na.lo.te/ ‘pintado (esp. de peixe) dele’

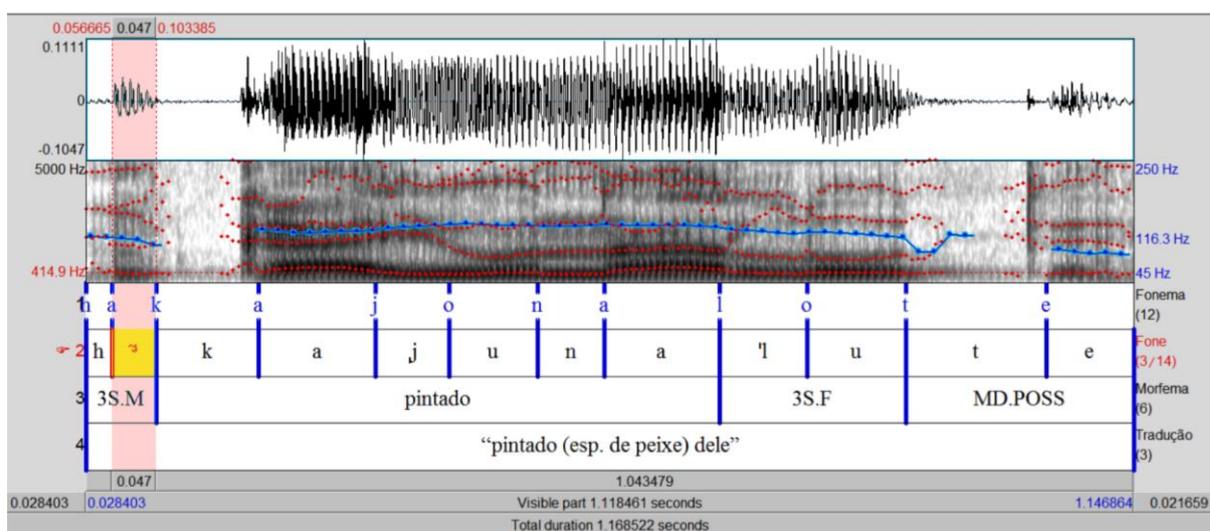


Figura 30 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *hakajonalote* ‘pintado dele’.

Em (652a) e (652b), podemos observar que a vogal /a/, pertencente ao tema, quando em fronteira morfológica com o sufixo genérico (absoluto) {-tʃi}; e com o acréscimo do segundo morfema sufixal indicador de plural {-ne}, ela perde duração, se tornando mais curta, se comparada à realização dessa vogal em (652a). Observe que a vogal em (652a) tem duração = 0.1083 ms, enquanto a vogal em (652b) tem duração = 0.0513 ms, ou seja, esta última mede quase a metade da duração da vogal que ocorre em (652a).

Altura dos formantes de [ẽ]: F1= 307.3841Hz, F2 = 1575.1363 Hz

Duração de [ẽ] = 0.0693 ms

(652) a. /ʃa.ha.tʃi/ ‘sobrancelha’

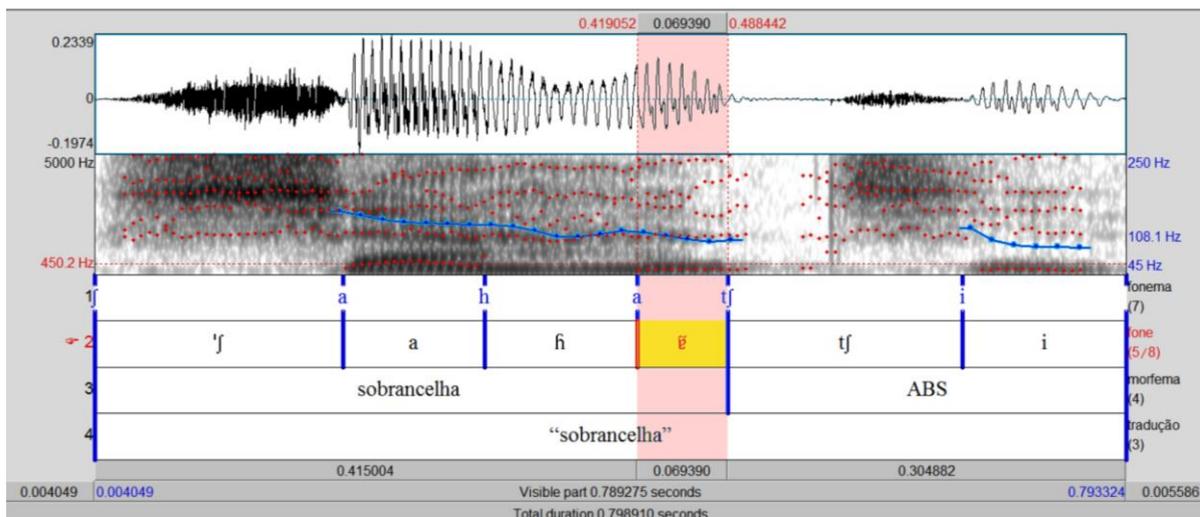


Figura 31 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *ʃahatʃi* ‘sobrancelha’.

/a/ → [ʔ]:

Altura dos formantes de [ʔ]: F1 = 138.3613 Hz, F2 = 1731.6523 Hz

Duração de [ʔ] = 0.0513 ms

b. /ʃa.ha.tʃi.ne/ ‘sobrancelhas’

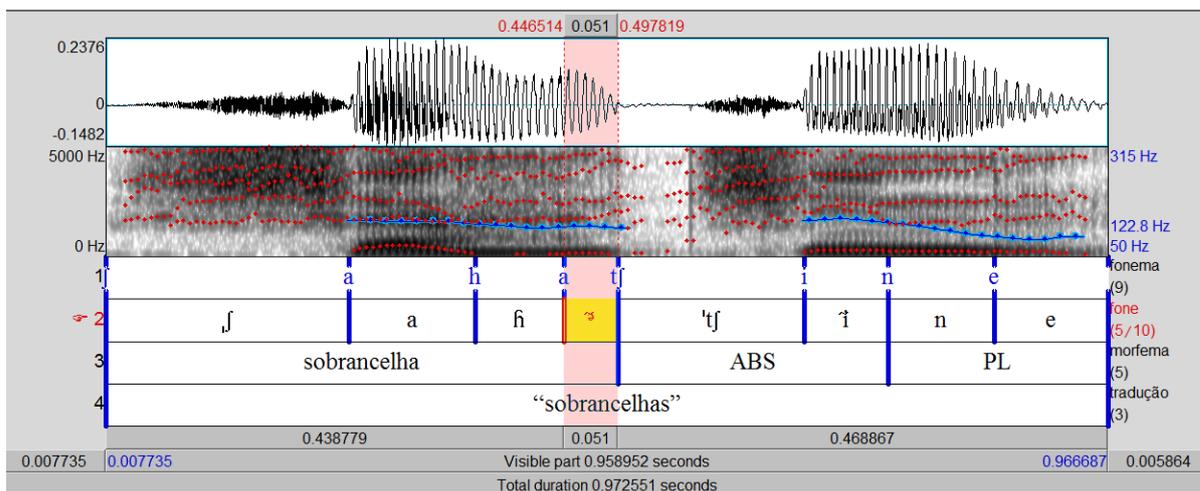


Figura 32 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *ʃahatʃine* ‘sobrancelhas’.

Observamos que em (652b) o /a/ se realiza de forma mais curta [ʔ]. A fronteira para marcar a duração da vogal, se observada com base em F1, que ocorre na vogal, mas não em /h/. Além disso, podemos verificar as rainhuras do espectrogram de forma mais clara, quando se trata da vogal. Mesmo fenômeno pode ser evidenciado nos exemplos de (653).

Altura dos formantes de [i]: F1 = 247.4812 Hz = F2 2327.2214 Hz

Duração de [i] = 0.1426 ms

(653) a. /ri.ho.fi/

“rosto dele”

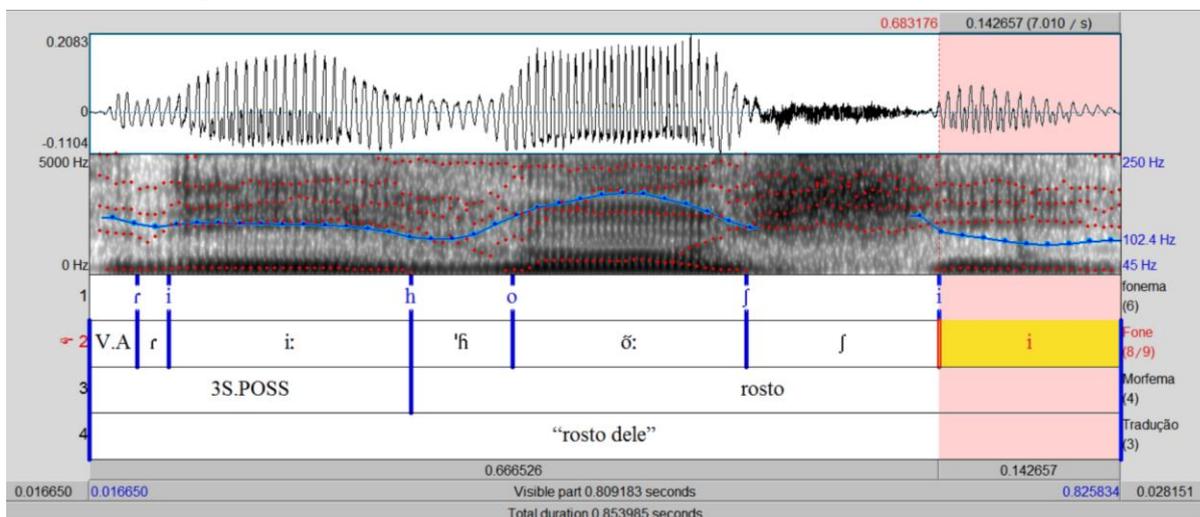


Figura 33 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *riho.fi* ‘rosto dele’.

/i/ → [ĩ]:

Altura dos formantes de [ĩ]: F1= 344.858 Hz, F2 =1931.8913 Hz

Duração de [ĩ] = 0.0374 ms

b. /hi.ho.fi.na/

‘rosto deles’

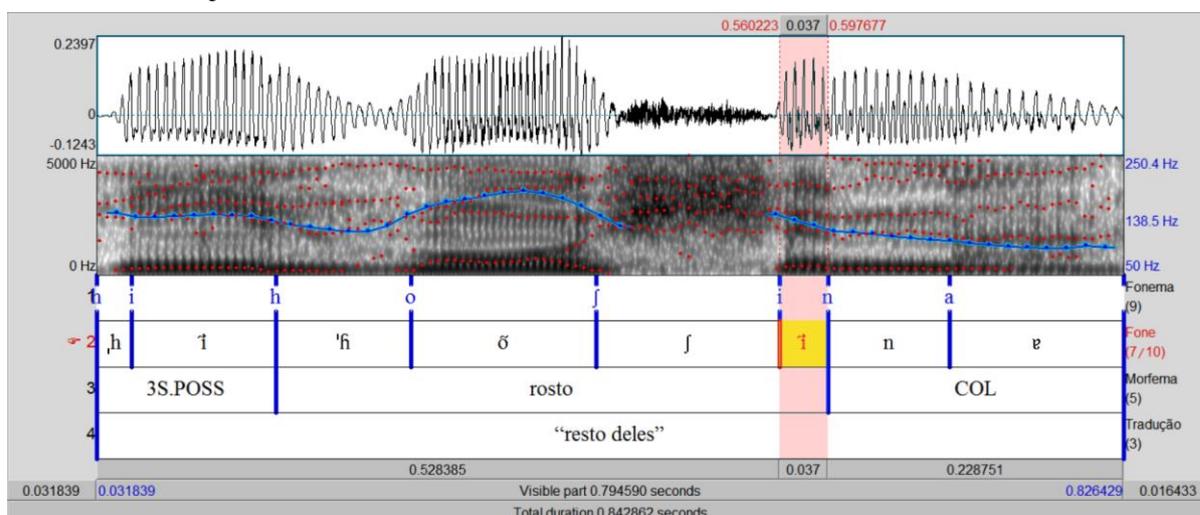


Figura 34 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *hiho.fi.na* ‘rosto deles’.

Os exemplos (453a) e (653b) evidenciam a redução vocálica, em fronteira morfológica, pois em (462a), a vogal [i] se realiza com duração = 0.1426 ms, mas quando ocorre o acréscimo de um novo morfema na derivação, a vogal [i] se realiza reduzida, ficando como a duração de = 0.0374 ms. Isso também acarreta o deslocamento do acento para antepenúltima sílaba, pois a realização brevíssima do /i/ é um recurso rítmico da língua, que de certa forma, diminui a mora da penúltima sílaba para que seja possível a realização do acento na sílaba anterior, deixando o [i] como, nos moldes de Lin (1997), extrassilábico. Caso semelhante ocorre em (654b). Dessa forma, a sequência de padrão CV.C^V.CV cria um padrão de ressilabificação. Assim, a vogal muito breve (enfraquecida) ocorre para que seja possível esta estrutura com o acento na antepenúltima sílaba, tornando extrassilábica e/ou coda da sílaba precedente, para que se tenha o padrão acentual e rítmico na penúltima sílaba. Neste caso, conforme os moldes de Hayes (1981 e 1995), a última sílaba /-na/ é considerada extrassilábica.

Apesar de a redução vocálica ocorrer com mais frequência em fronteira morfológica (e/ou morfossintática), há casos em que a redução se dá por uma adequação prosódica da palavra, quando se acrescenta outros morfemas ao tema, conforme verificamos em (654b) e em (455b), que descrevemos em seguida.

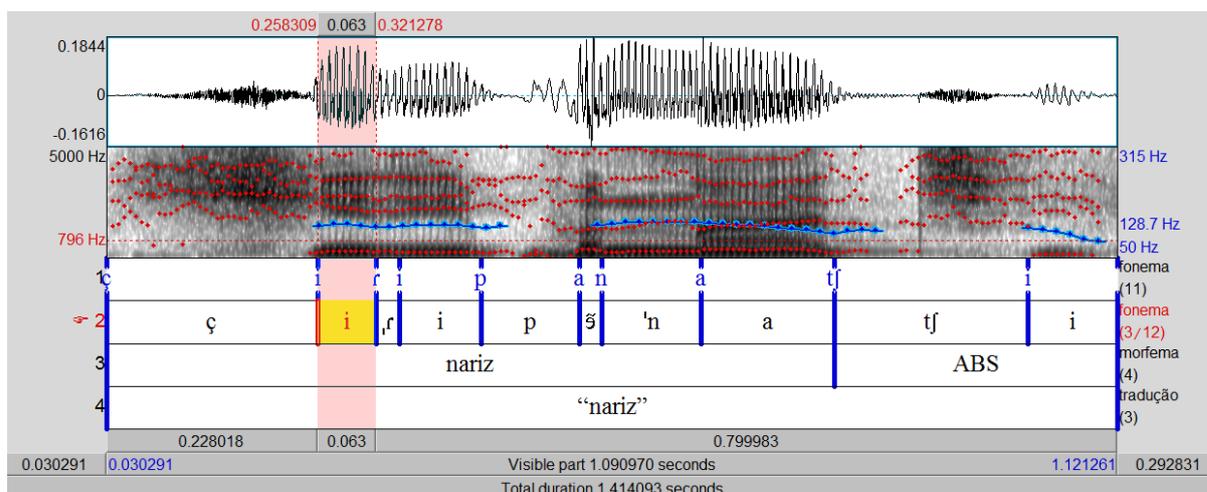
Regra fonológica: $\left[\begin{array}{l} +\text{silábico} \\ +\text{soante} \\ +\text{contínuo} \end{array} \right] \rightarrow [v] / [+consonantal] \text{ ___ } [+consonantal]$

Altura dos formantes de [i]: F1= 299.4695 Hz, F2 = 2268.5516 Hz

Duração de [i] = 0.0633 ms

(654) a. /çi.ri.pa.na.tʃi/

‘nariz’

Figura 35 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *çiripantʃi* ‘nariz’.

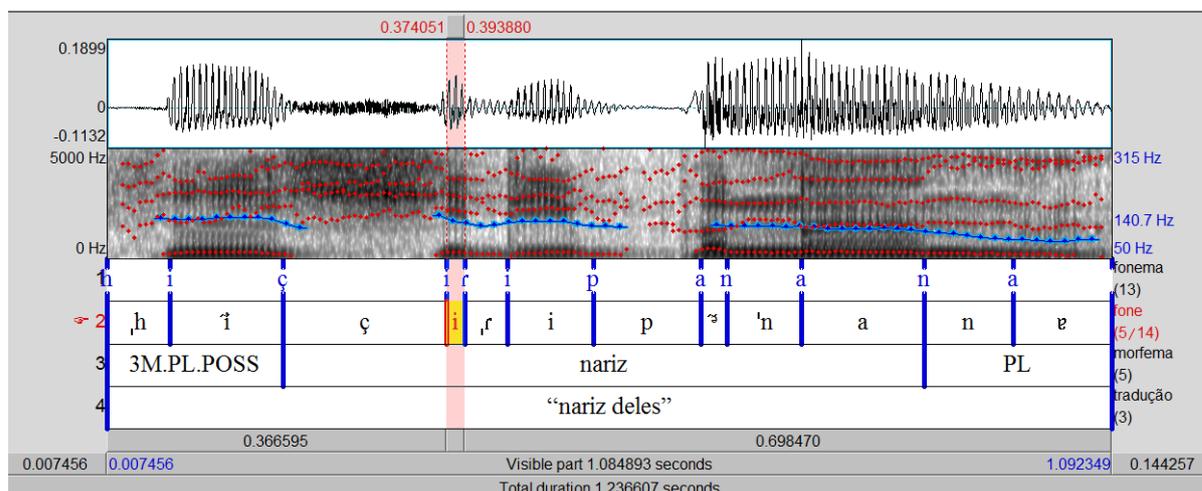
/i/ → [i]:

Altura dos formantes de [i]: F1 = 260.4361 Hz, F2 = 2161.3816 Hz

Duração de [i] = 0.0198 ms

b. /hi.çi.ri.pa.na.na/

‘nariz deles’

Figura 36 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *hiçiripanana* ‘nariz deles’.

Cabe salientar, que no exemplo (655b), a realização muito reduzida da vogal é explicada ainda pela manutenção rítmica da palavra, pois a vogal está em posição em que normalmente a sílaba é acentuada, então para que o acento possa ocorrer na antepenúltima sílaba da palavra, o sistema reduz ou até deleta a vogal para que seja possível acentuar a palavra em posição diferente da penúltima sílaba.

Altura dos formantes de [ɐ]: F1 = 319.6934 Hz, F2 = 1461.8324 Hz

Durção de [ɐ] = 0.1361ms

(655) a. /re.ta/

‘ver’, ‘ele vê’

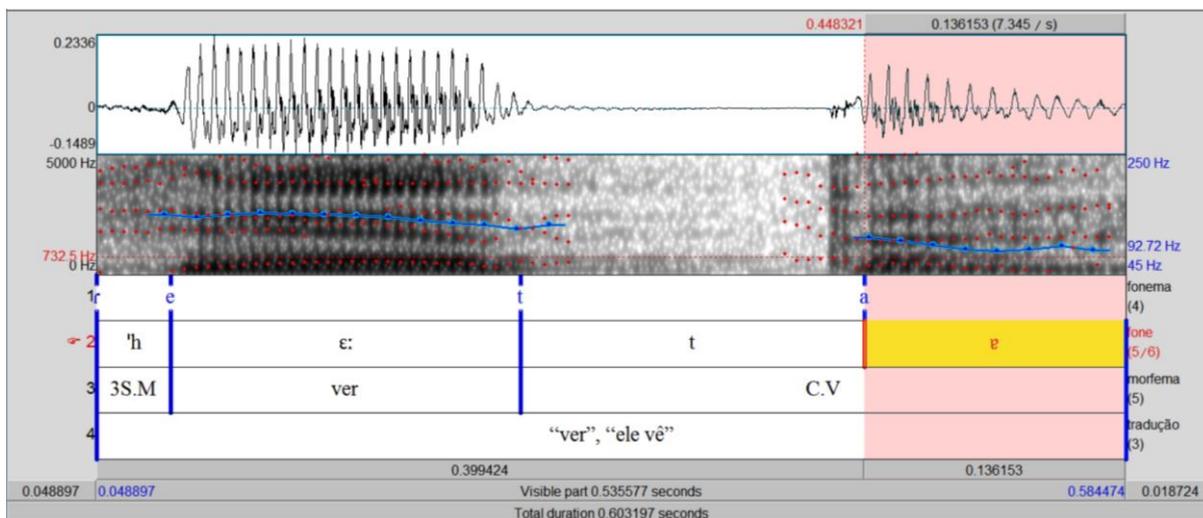


Figura 37 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *reta* ‘ver’, ‘ele vê’.

/a/ → [ʌ]:

Altura dos formantes de [ʌ]: F1= 392.4395 Hz, F2 = 1251.7426 Hz

Duração de [ʌ] = 0.0368 ms

b. /re.ta.na/

‘eles veem’

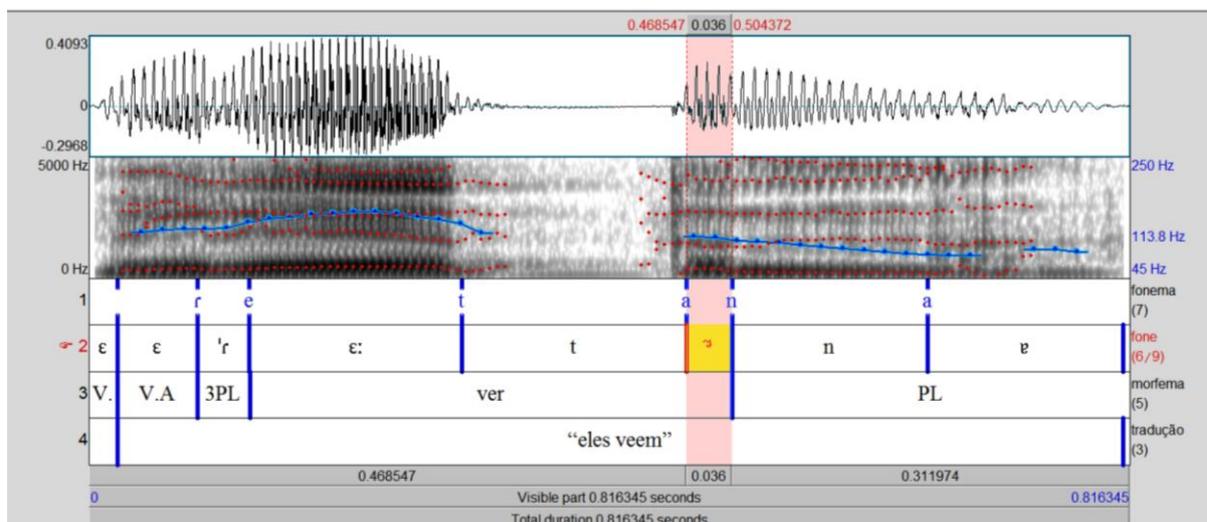


Figura 38 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *retana* ‘eles veem’.

É importante salientar que trabalhos anteriores sobre o Manxineru e sobre o Piro, respectivamente (MATTESON, 1965; HANSON, 2010) e (SILVA, 2013) descrevem, em muitos casos, palavras que têm vogais muito reduzidas (enfraquecidas) como se elas não se realizasse foneticamente naquela palavra. Assim, eles, em muitos casos, descrevem tais ocorrências como *clusters* (grupo consonantal). Esse foi um dos motivos que nos levou a analisar os fenômenos desta língua por meio de recursos acústicos, já que nem sempre é fácil ou possível verificar a realização de vogais reduzidas apenas de oitiva (por percepção auditiva). Ou seja, só temos melhor clareza desses fenômenos, como os descritos neste capítulo, com parâmetros da fonética experimental.

8.2.3 Alongamento vocálico

O alongamento das vogais, em Manxineru, como em grande parte das línguas do mundo, normalmente se dá em sílabas acentuadas, mas também pode ocorrer de forma compensatória (AC) motivado pela junção morfofonológica, que engatilha reorganização fonológica, morfológica e rítmica nas palavras.

Regra fonológica: /V/ → [V:] / [_____]

+acento

No exemplo (656a), visivelmente o [a] em posição tônica é maior que o [a] da sílaba inicial da palavra que não está em posição tônica. Agora se comparamos o [a] em posição de sílaba tônica no exemplo (656a), verificaremos que ela se realiza mais curta quando ocorre fora da sílaba acentuada, principalmente pela derivação da palavra, pois podemos verificar que em (656a) a mesma vogal já se realiza mais curta, com duração = 0.1368 ms , enquanto que em posição de acento (656b) ela tem duração = 0.1778 ms. Ou seja, a língua Manxineru sempre procura alongar as vogais de sílabas acentuadas. Assim , elas tendem a serem mais longas na posição de sílaba tônica, mas também podem ser alongadas para marcar e/ou compensar a deleção de um ou mais segmentos da palavra.

Altura dos formantes de [a]: F1 = 568.7987 Hz, F2 = 1353.2000 Hz

Duração de [a] = 0.1368 ms

(656) a. /wi.ka.jo.na.lo.te/

“nosso pintado”

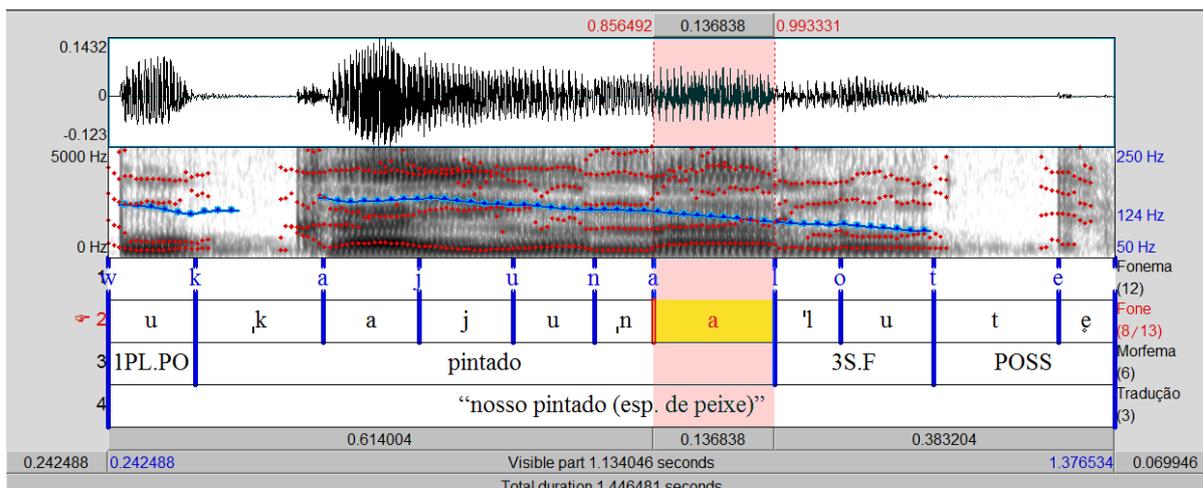


Figura 39 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *wikajonalote* ‘nosso pintado’ (esp. de peixe).

/a/ → [a:]

Altura dos formantes de [a:]: F1 = 598.9203 Hz, F2 = 1408.8794 Hz

Duração de [a:] = 0.1778 ms

b. /ka.jo.na.lo/

‘pintado’ (‘espécie de peixe’)

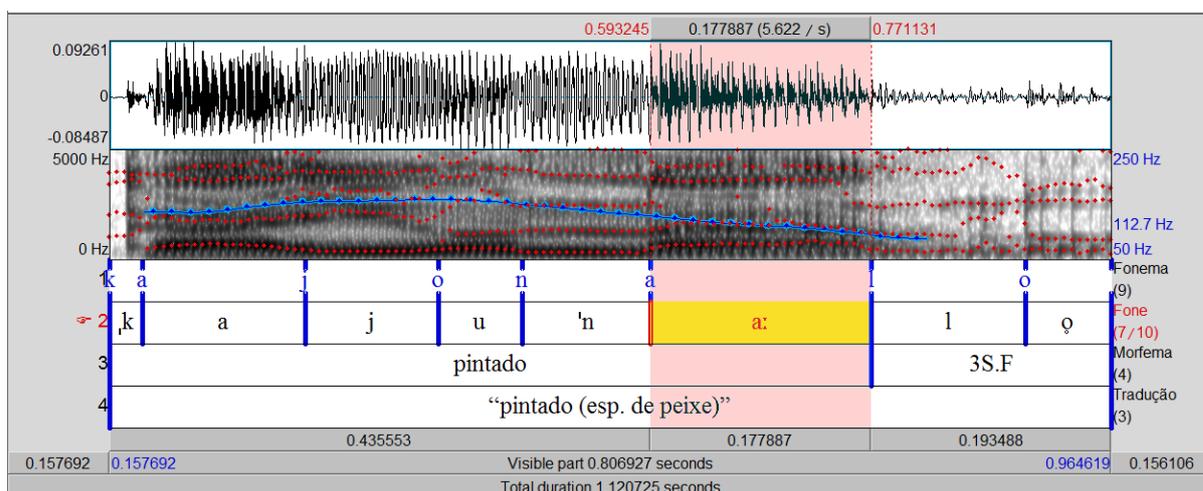


Figura 40 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *kajonalo* ‘pintado’.

Os exemplos em (657) mostram que a vogal em posição de acento é bem mais longa que a vogal em outra posição. É importante observar ainda, que em (657b) a vogal se alonga ainda mais como uma forma de AC, uma vez que há o acréscimo de mais um morfema, o PL {-na}, na palavra, o que deveria provocar o deslocamento do acento para a sílaba seguinte (ta),

mas o sistema alonga a vogal da antepenúltima sílaba para aumentar a mora desta sílaba como forma de manter o acento nessa posição, o que provoca ainda uma sílaba extramétrica na palavra.

/e/ → [ɛ:]

Altura dos formantes de [ɛ:]: F1 = 501.8307 Hz, F2 = 2057.7975 Hz

Duração de [ɛ:] = 0.1711 ms

(657) a. /reta/

‘ele vê’

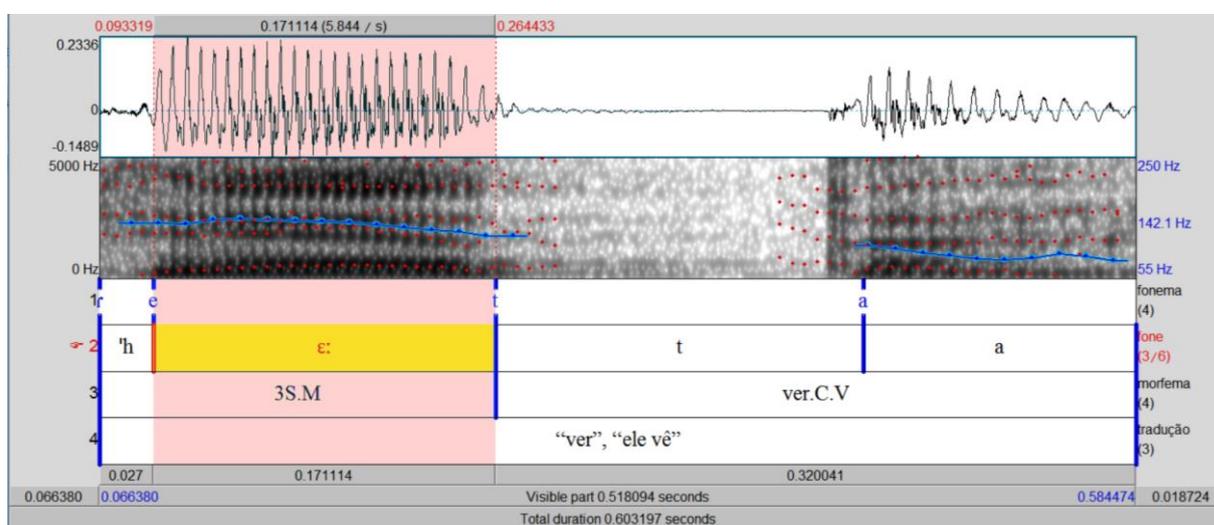


Figura 41 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *reta* ‘ele vê’.

/e/ → [ɛ:]

Altura dos formantes de [ɛ:]: F1 = 441.1998 Hz, F2 = 501.8307 Hz

Duração de [ɛ:]: 0.1651 ms

b. /retana/

'eles veem'

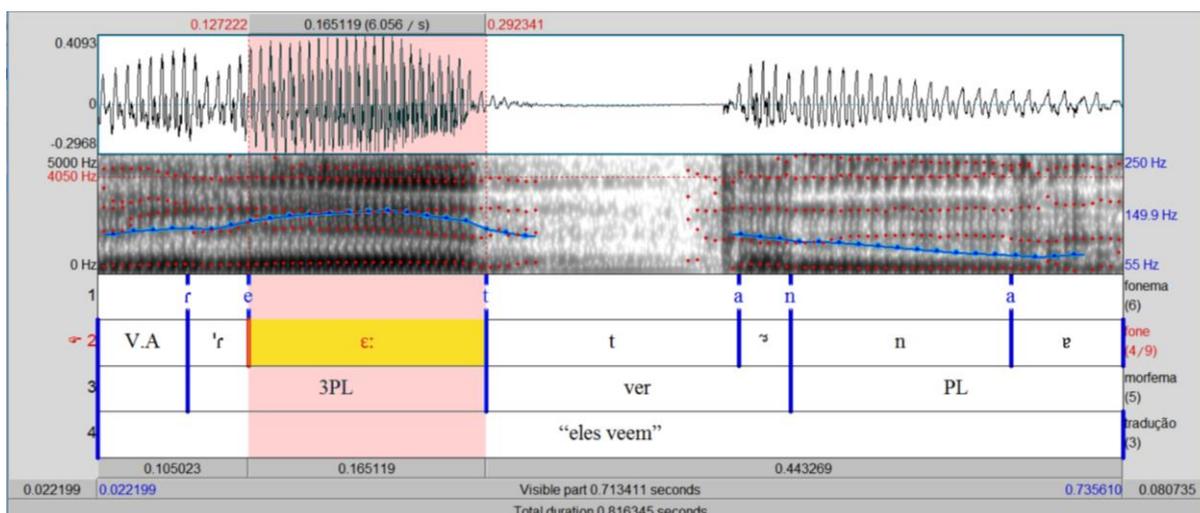


Figura 42 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *retana* 'eles veem'.

Em (658a), verificamos também que a vogal [i], que está em posição tônica na palavra, tem a duração = 0.1036 ms, enquanto no exemplo (658b), o [i] já não configura a posição de acento na derivação e sua realização na superfície é bem reduzida, pois ele tem a duração = 0.0499 ms. Isso não corresponde nem a metade da duração de quando ele está em posição de acento.

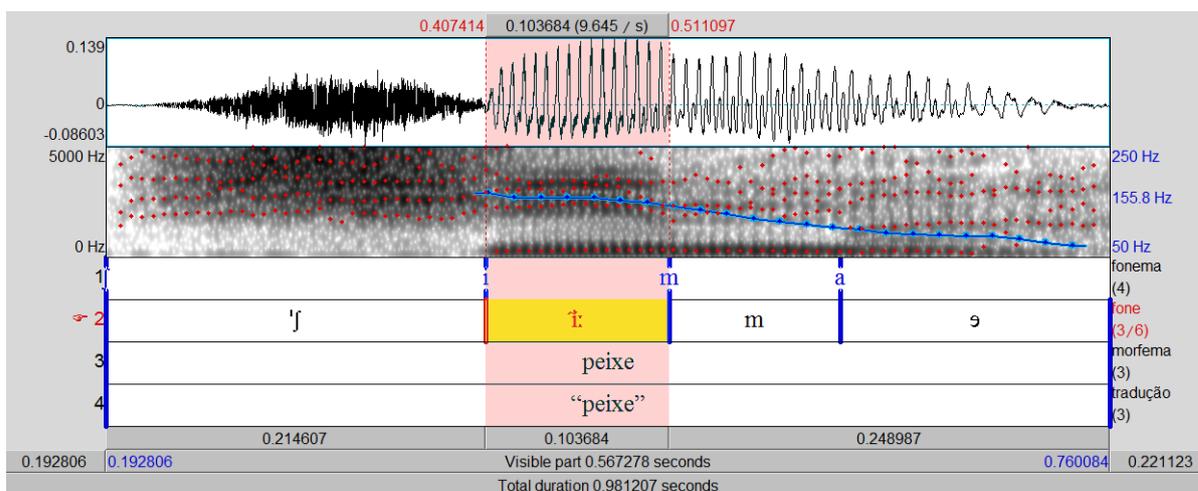
/i/ → [ĩ]:

Altura dos formantes de [ĩ]: F1= 277.0682 Hz, F2 = 1353.2000 Hz

Duração de [ĩ] = 0.1036 ms

(658) a. /ʃi.ma/

‘peixe’

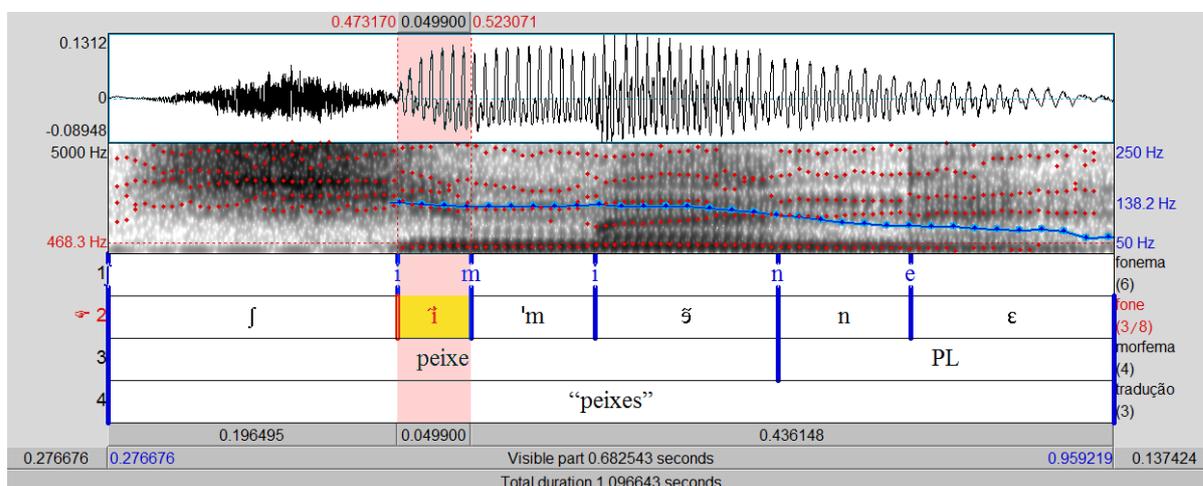
Figura 43 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *peixe* ‘peixe’.

Altura dos formantes de [i]: F1 = 266.4889 Hz, F2 = 2028.7248 Hz

Duração de [i] = 0.0499 ms

b. /ʃi.ma.ne/

‘peixes’

Figura 44 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *peixes* ‘peixes’.

Em (659) demonstramos que o [a] em posição de acento é sempre mais longo que em qualquer outra parte da palavra, mesmo em palavra que tenha sofrido acréscimo de morfemas, pois se a vogal estiver em posição de sílaba tônica, essa vogal normalmente é mais longa que em posição pré ou pós-tônica.

/a/ → [ã:]

Altura dos formantes de [ã:]: F1 = 425.3275 Hz e F2 = 1407.3396 Hz

Duração de [ã:] = 0.1451 ms

(659) a. /ma.na.tʃĩ/

‘corpo’

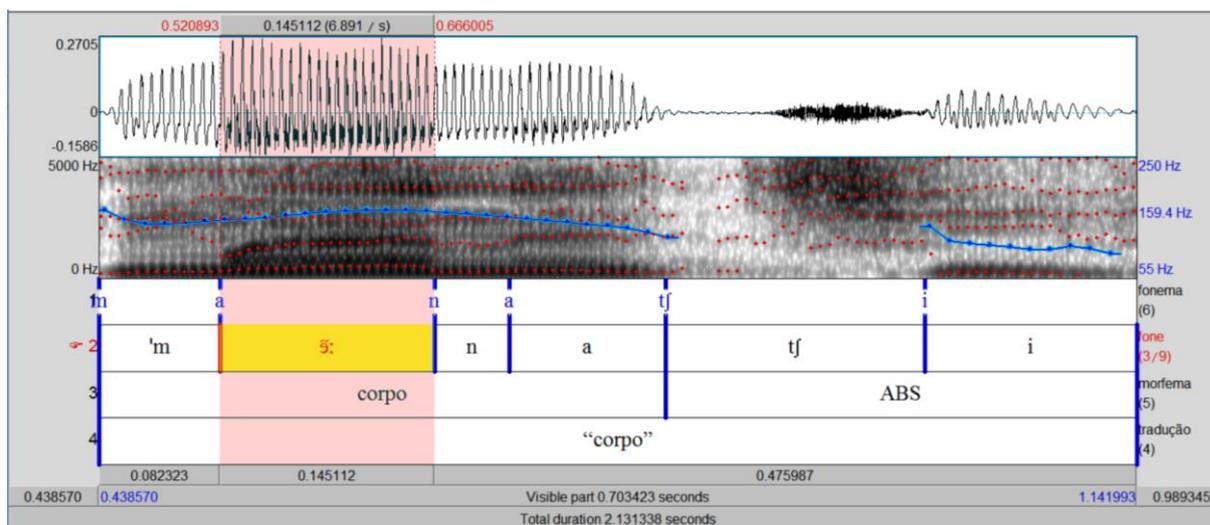


Figura 45 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *manatfi* ‘corpo’.

Altura dos formantes de [a]: F1 = 295.0875 Hz, F2 = 1750.3818 Hz

Duração de [a] = 0.1053 ms

b. /ma.na.tʃĩ/

‘corpo’

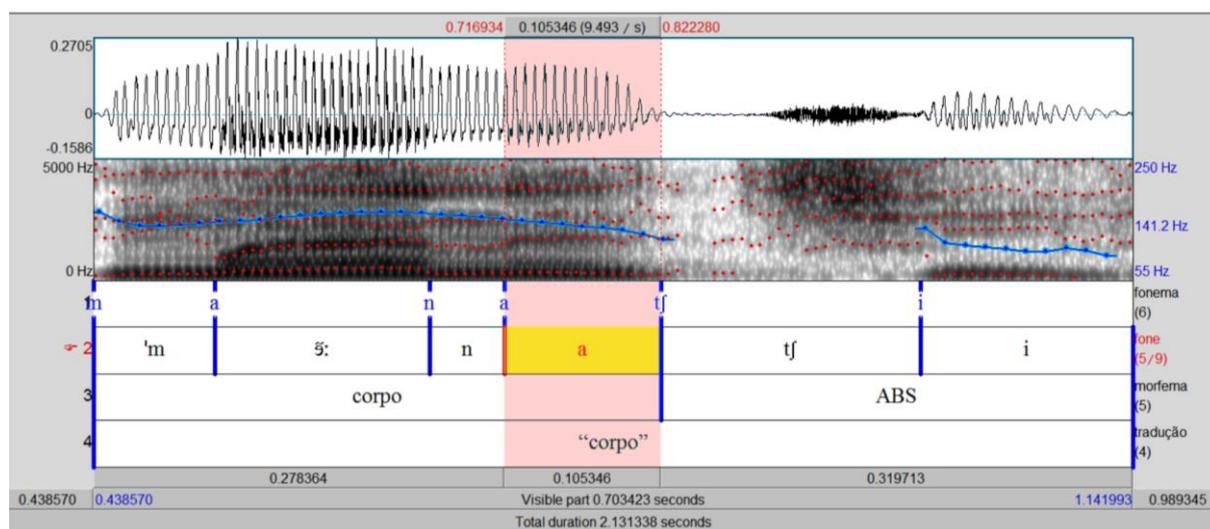
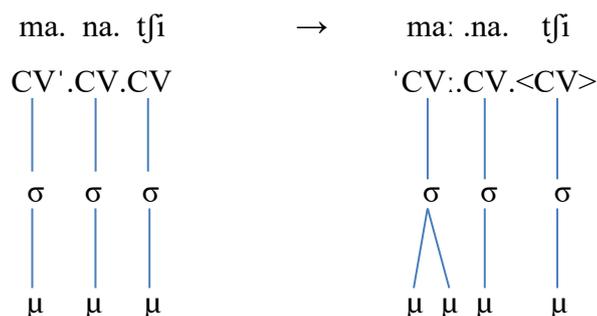


Figura 46 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *manatfi* ‘corpo’.

Os exemplos (659a e 659b) evidenciam também extrametricidade da sílaba (-tʃi.) Esse ‘licenciamento’ do pé métrico, à luz de Hayes (1995, p. 56), ocorre principalmente para distinguir sílabas leves e/ou monomoraica (CV) de sílabas pesadas e/ou bimoraicas (CVC) e (CV:).

Esquemmatizando o caso específico do Manxineru:



Em nossa tese, sustentamos que o sistema da língua cria sílabas pesadas como em (ma:.), para provocar o deslocamento do acento para a antepenúltima sílaba da palavra. Mas, como no padrão acentual e rítmico do Manxineru não há sílaba acentuada fora da penúltima posição, entendemos que se trata de um caso de extrametricidade (cf. HAYES, 1995; LIN, 1997) do (tʃi.). Assim, pede-se manter o padrão acentual e rítmico da língua, que promove também alongamento da vogal da sílaba acentuada.

/a/ → [a:]

Altura dos formantes de [a:]: F1 = 385.7203 Hz, F2 = 1693.4677 Hz

Duração de [a:] = 0.1725 ms

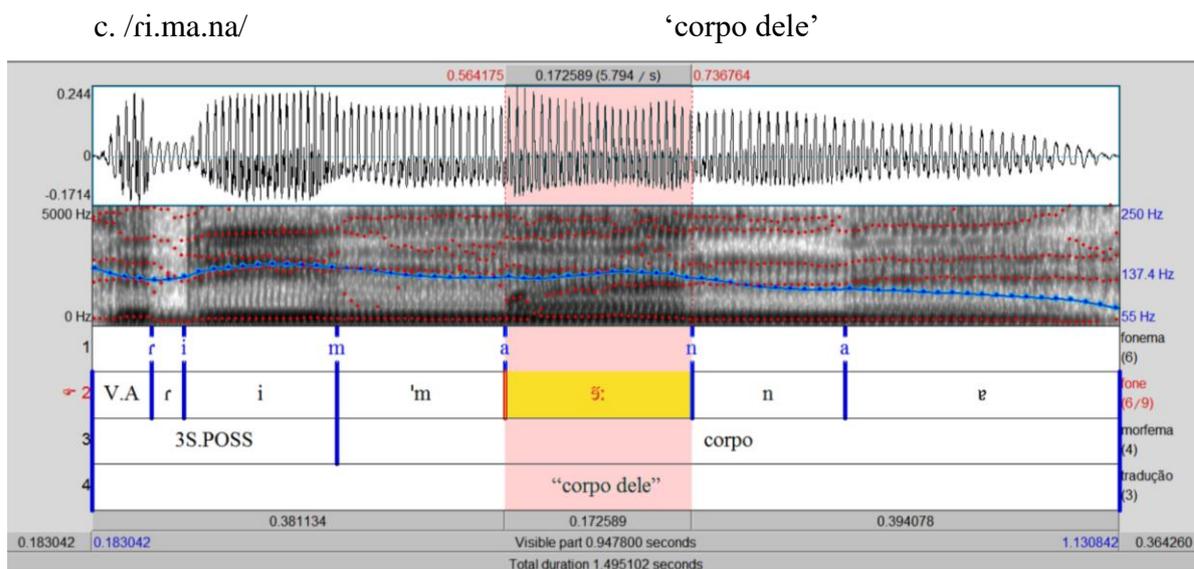


Figura 47 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *rimana* ‘corpo dele’.

Os exemplos citados evidenciam que as vogais, em Manxineru, normalmente são mais longas em posição de acento, independentemente do comprimento da palavra (monossilábica, dissilábica, trissilábica, tetrassilábica, pentassilábica etc.). Acrescentamos ainda que, em Manxineru, o morfema absolutivo/genérico {-tʃi} é extrassilábico, ou seja, esse segmento não é incorporado à estrutura silábica de palavras trissilábicas, o que acarreta, de certa forma, alongamento compensatório da vogal em posição que normalmente não se teria o acento primário da palavra, que sistematicamente ocorre na penúltima sílaba da palavra, como exemplificado em (659a).

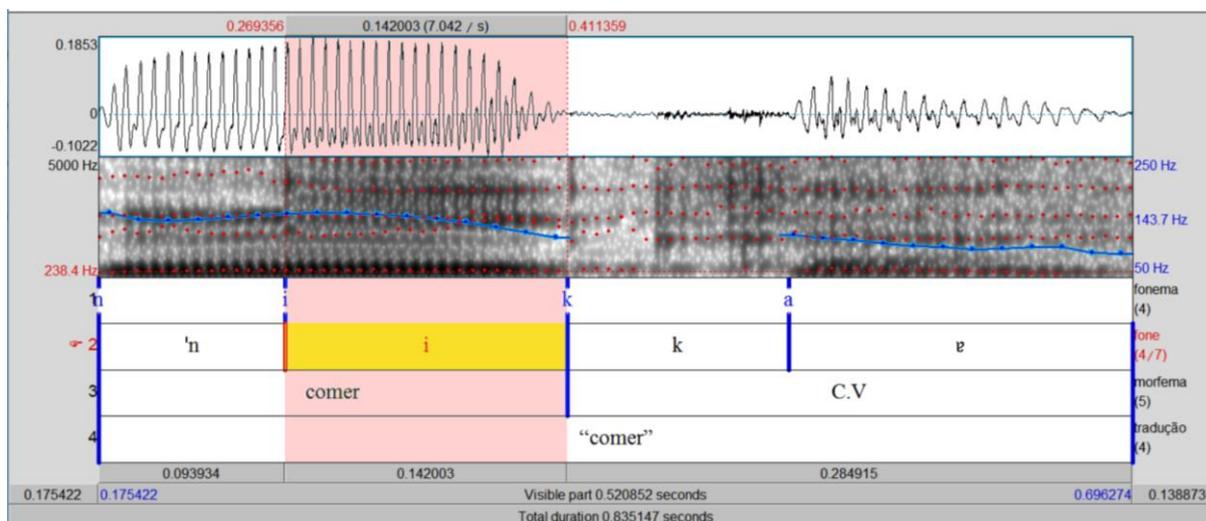
Um dos exemplos mais claros de alongamento compensatório da vogal na língua Manxineru, pois a vogal é extra-longa, está no exemplo seguinte, em que a sílaba (ni.) referente ao prefixo de primeira pessoa do singular {ni-}, ao se agregar a uma base iniciada por sílaba idêntica, é deletada, o que provoca o alongamento do [i] da sílaba inicial para marcar moraicamente, como um AC, a ausência do segmento deletado. No exemplo (660b), fica claro que o [i:] tem duração maior, como pode ser visto em (660a), que está na mesma posição, mas com significado diferente.

Altura dos formantes de [i]: F1 = 290.1595 Hz, F2 = 1924.0265 Hz

Duração de [i]: 0.1420 ms

(660) a. /nika/

'comer'

Figura 48 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *nika* 'comer'.

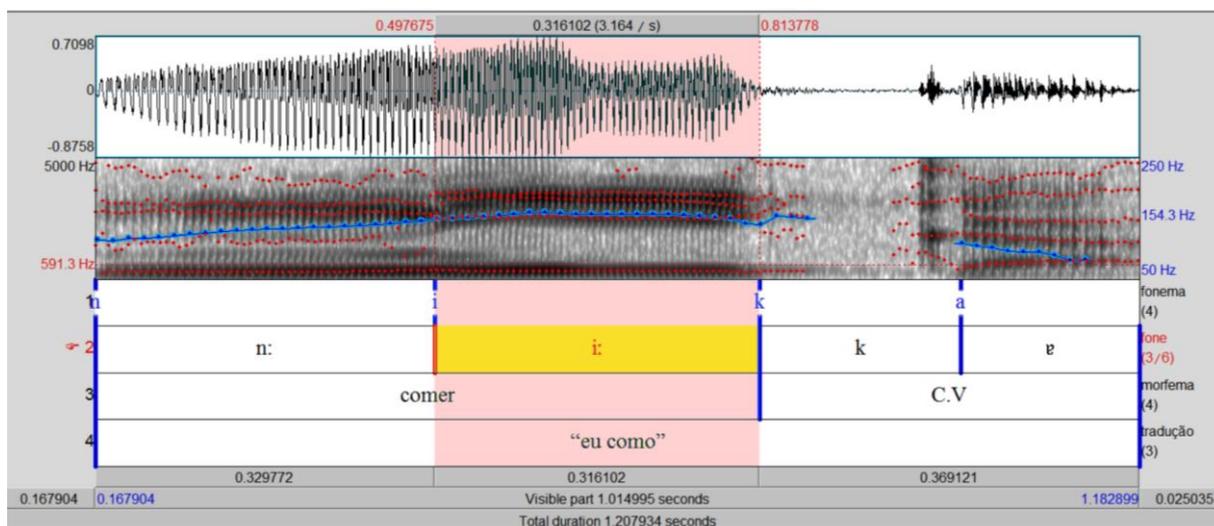
/a/ → /i:/

Altura dos formantes de [i]: F1 = 290.2195 Hz, F2 = 2019.0265 Hz

Duração de [i:]: 0.3116 ms

b. /ninika/

'eu como'

Figura 49 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *nika* 'eu como'.

8.2.4 Enfraquecimento e ensurdecimento vocálico

Em Manxineru, há, principalmente, mas não de forma exclusiva, em palavras tetrassilábica ou com mais sílabas e com acréscimo de morfemas, constante enfraquecimento que provoca, em muitos casos, o ensurdecimento de qualquer vogal em posição final de palavra seguida de silêncio ([_#]), conforme se verifica nos exemplos (661-664), em que se observa no espectrograma a ausência total de *pitch* na realização dessas vogais.

$$\text{Regra fonológica: } \left[\begin{array}{l} +\text{soante} \\ +\text{sonoro} \\ +\text{contínuo} \end{array} \right] \rightarrow [-\text{sonoro}] / \left[\begin{array}{l} -\text{soante} \\ -\text{sonoro} \\ -\text{contínuo} \end{array} \right] _ \#$$

/e/ → [e̞]:

Altura dos formantes de [e̞]: F1 = 557.2478 Hz, F2 = 1923.1945 Hz

Duração de [e̞] = 0.0640 ms

(661) /wi.ka.ju.na.lo.te/

‘nosso pintado (esp. de peixe)’

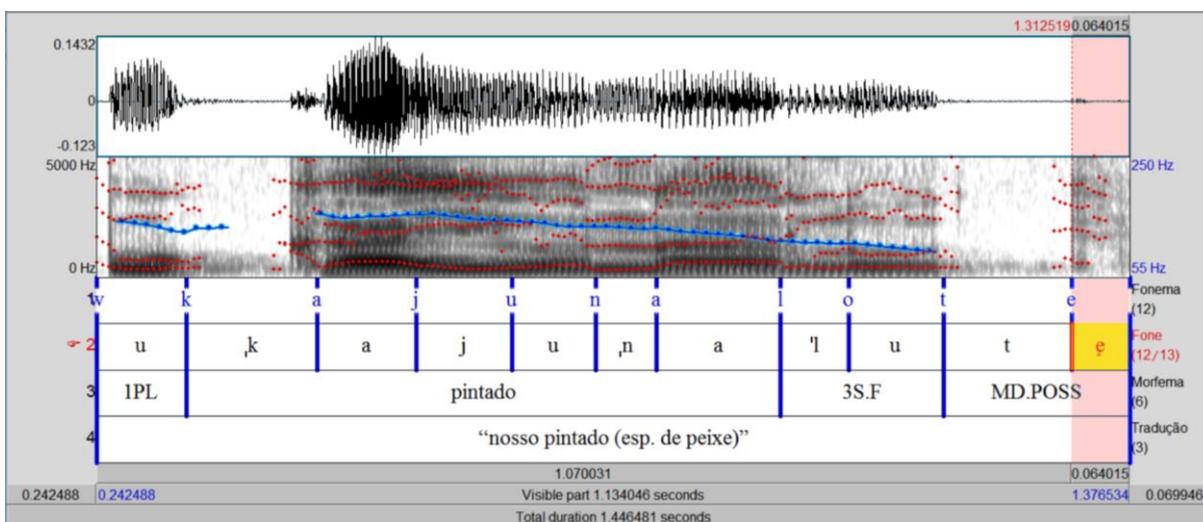


Figura 50 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *wikajonalote* ‘nosso pintado’.

/a/ → [a̞]:

Altura dos formantes de [a̞]: F1 = 564.8281 Hz, F2 = 1421.7430 Hz

Duração de [a̞] = 0.1015 ms

(662) /pi.tʃa ha.pa.haf.ta.ta/

‘você boceja’

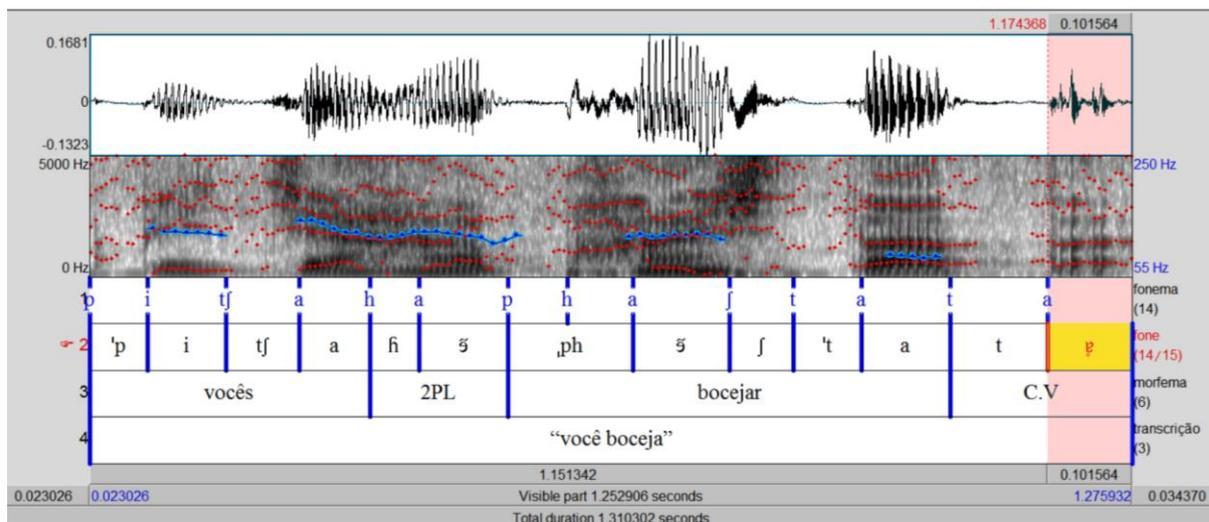


Figura 51 — Espectrograma e forma de onda de banda larga do enunciado *pitʃa hapahafata* ‘você boceja’.

/a/ → [ǣ]:

Altura dos formantes de [ǣ]: F1 = 12.4954 Hz, F2 = 1553.9536 Hz

Duração de [ǣ] = 0.0513

(663) /ra.pa.na.na.ta/

‘ele descansou’

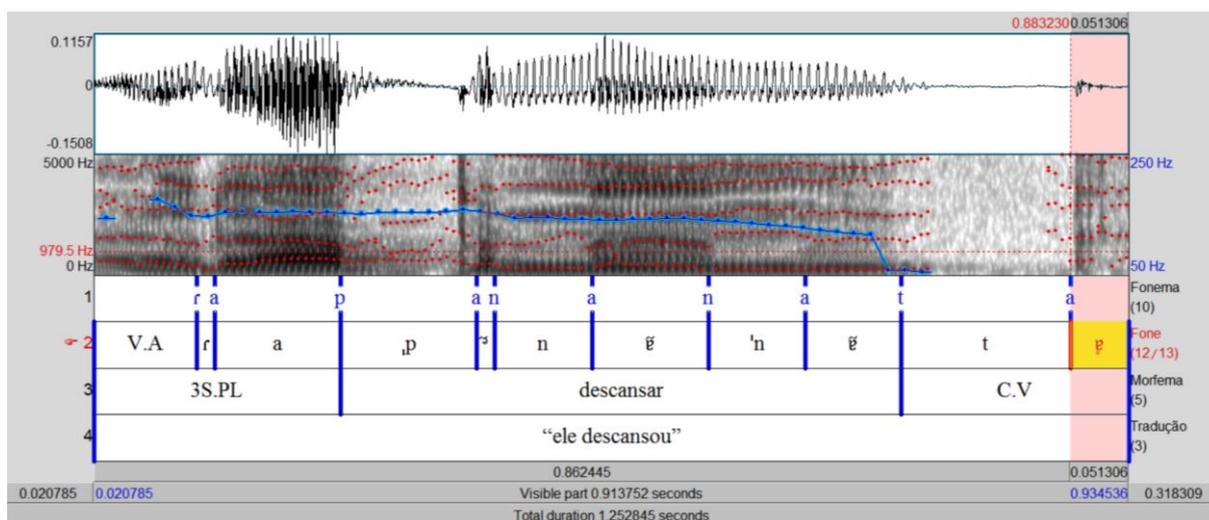


Figura 52 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *rapananata* ‘ele descansou’.

/o/ → [ø]:

Altura dos formantes [ø]: F1= 373.1662 Hz, F2 = 908.3928 Hz

Duração de [ø] = 0.0695 ms

(664) /ka.jo.na.lo/ ‘pintado (esp. de peixe)’

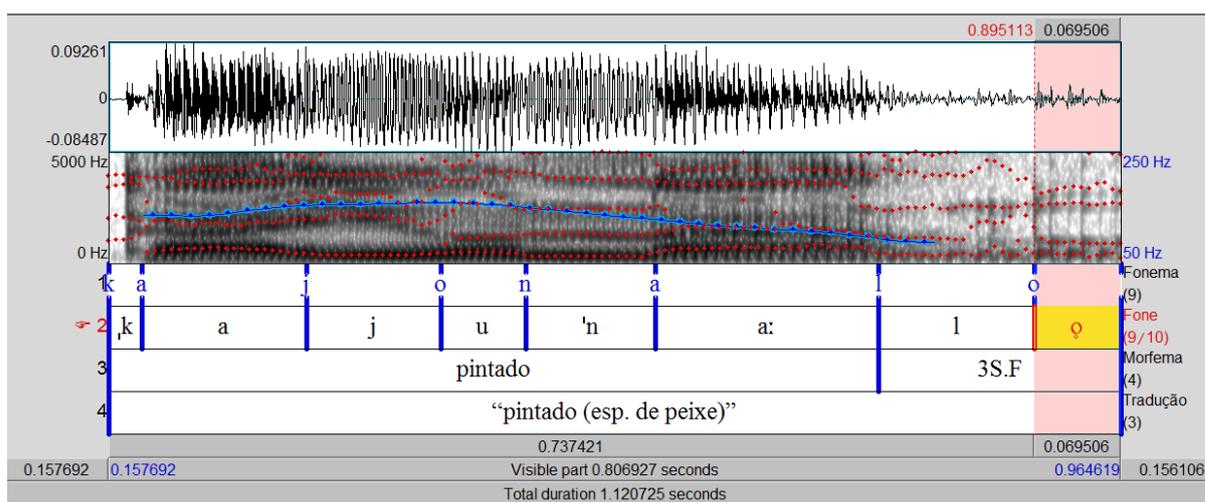


Figura 53 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *kajonalo* ‘pintado (esp. de peixe)’.

Cabe ressaltar que o enfraquecimento e ensurdecimento vocálico só ocorre em posição final de palavra, normalmente em posição precedida por *onset* com consoantes [–soante –contínua –sonora], mas, em raríssimas exceções, de que temos um único exemplo, pode ocorrer ensurdecimento vocálico precedida por consoantes distintas dessas, como exemplificado em (664). Mas isso só acontece, no caso específico dessa palavra, porque a soante lateral /l/ também se enfraqueceu, quando em posição pós-tônica final, como se evidencia com a quase ausência de *pitch*, que é o parâmetro acústico que mostra o vozeamento na fonética experimental, como também se nota no enfraquecimento da área escura do espectro e na mudança da onda sonora.

8.3 APAGAMENTO VOCÁLICO E A FORMAÇÃO DE *CLUSTERS*

Como demonstramos em exemplos anteriores, em Manxineru, pode ocorrer apagamento vocálico na fronteira dos prefixos pessoais. Porém, pode ocorrer também o apagamento vocálico em fronteiras morfológicas e morfossintáticas em outros ambientes da

palavra, o que, em muitos casos, acarreta a formação de *clusters* em outros contextos que não seja somente no início de palavra.

Normalmente, esse apagamento se dá com maior regularidade em fronteira que as consoantes precedentes e seguintes são [-soante -continua -sonora].

Em (665), temos exemplos do apagamento da vogal [a], que ocorre em (665a), e é apagada quando se acrescenta o morfema sufixal {-tʃi} ao tema {-tokana-}, provocando o *cluster* [ntʃi], como vemos no exemplo (665b). Além disso, há o alongamento compensatório da consoante /n/, como discutiremos na seção posterior.

(665) a. /ha.to.ka.na/ ‘voz dele’

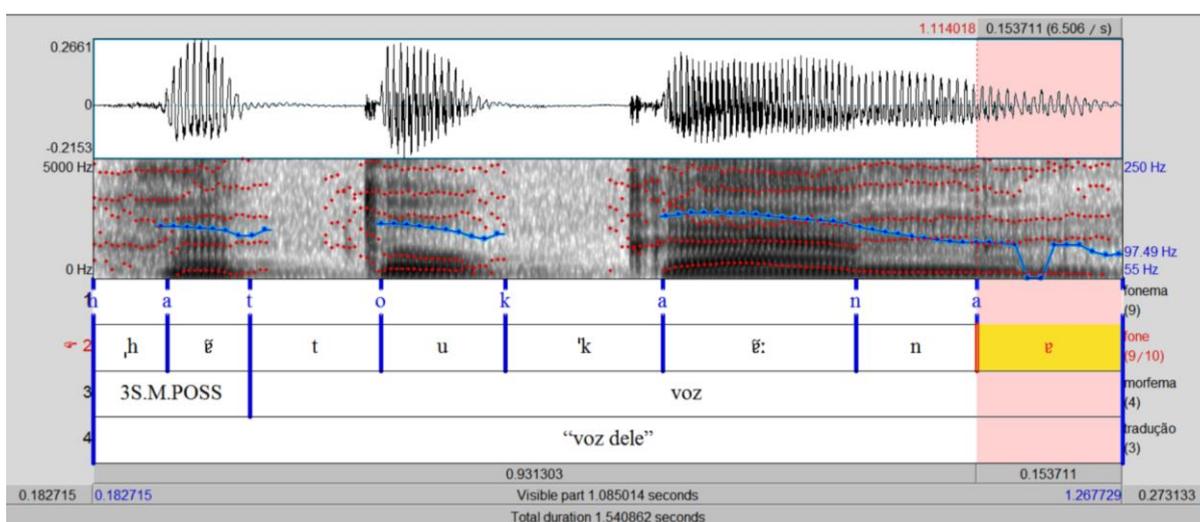


Figura 54 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *hatokana* ‘voz dele’.

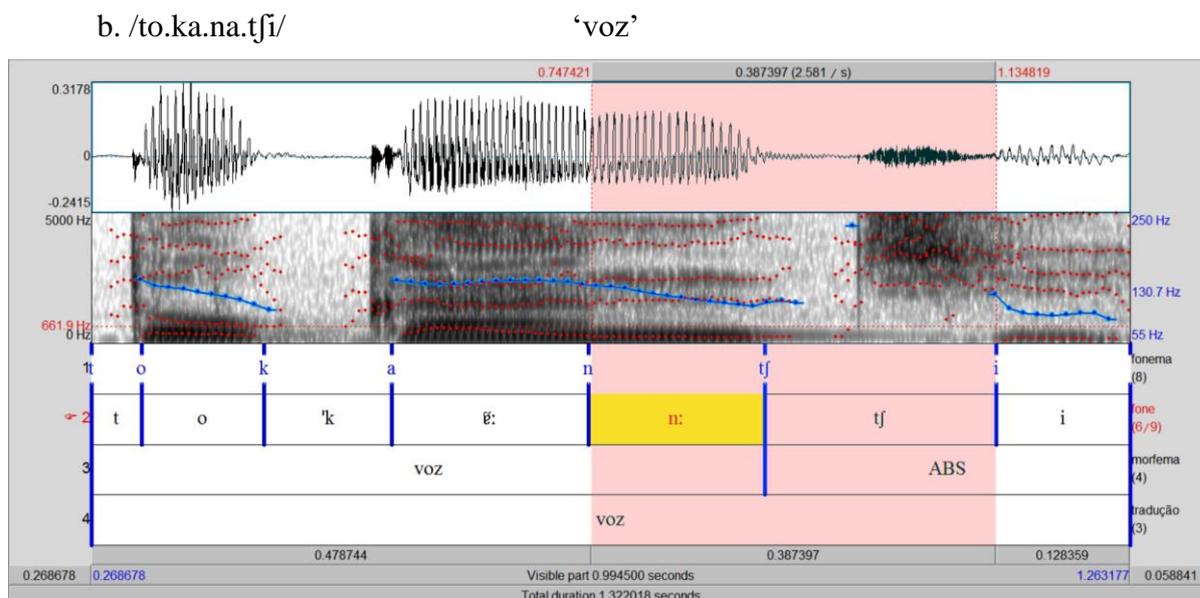


Figura 55 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *tokanatʃi* ‘voz’.

No exemplo seguinte (666), verifica-se que a vogal /i/, de (666a) é apagada ao se acrescentar o morfema sufixal absoluto {-tʃi} ao tema {-haʃi-}, o que acarreta a criação do grupo consonantal (*cluster*) heterossilábico (ʃ.tʃ) (C.C).

(666) a. /na.ʃi/ ‛meu coração’

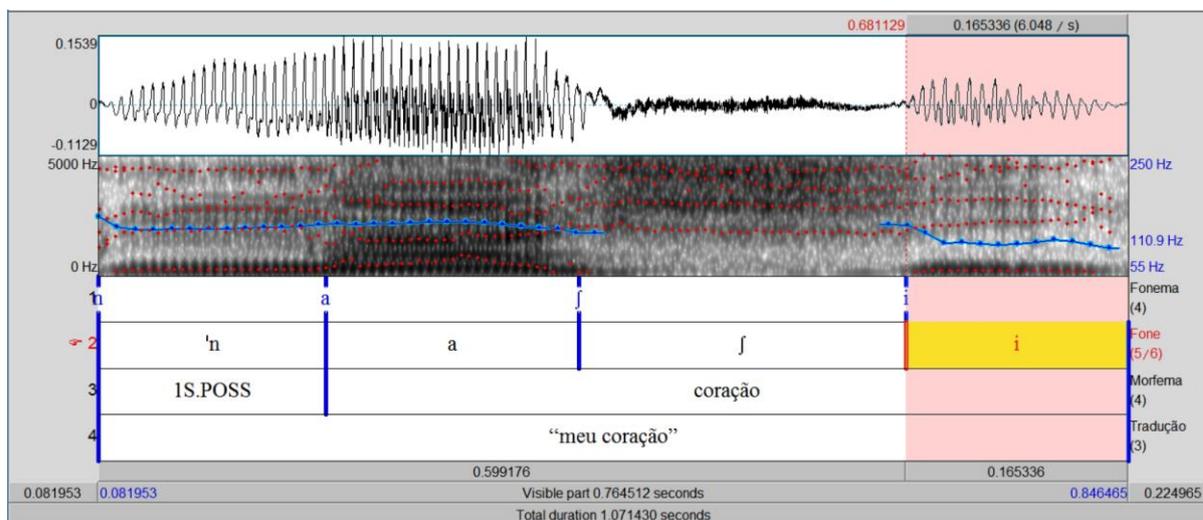


Figura 56 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *naʃi* ‘meu coração’.

b. /ha.fi.tʃi/

‘coração’

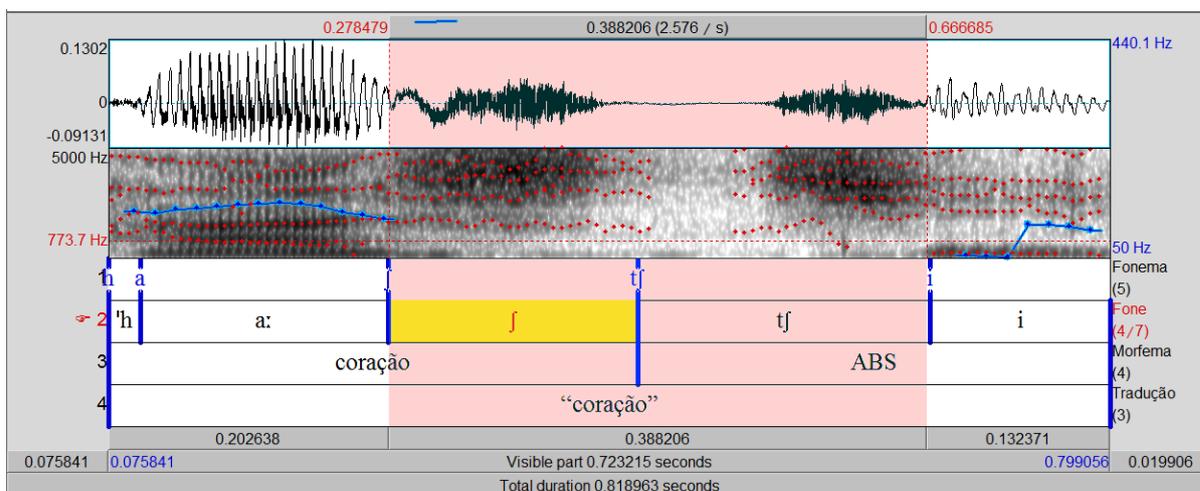


Figura 57 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *haʃitʃi* ‘coração’.

O exemplo (667a) é bastante interessante no que se refere à formação absoluta da base {-pana-}, pois há tanto o deslocamento do acento para a primeira sílaba da palavra, o que mostra a forte interface que há entre a fonologia, morfologia e o ritmo na língua Manxineru, como também o apagamento da vogal [a] da sílaba (na.) para que o acento ocorra na sílaba inicial, o que provoca ainda o AC do [n].

Já em (667b) podemos verificar que na palavra derivada, a vogal [a] é deletada, o que engatilha a criação do *cluster* [pç].

(667) a. /pa.na.tʃi/

‘casa’

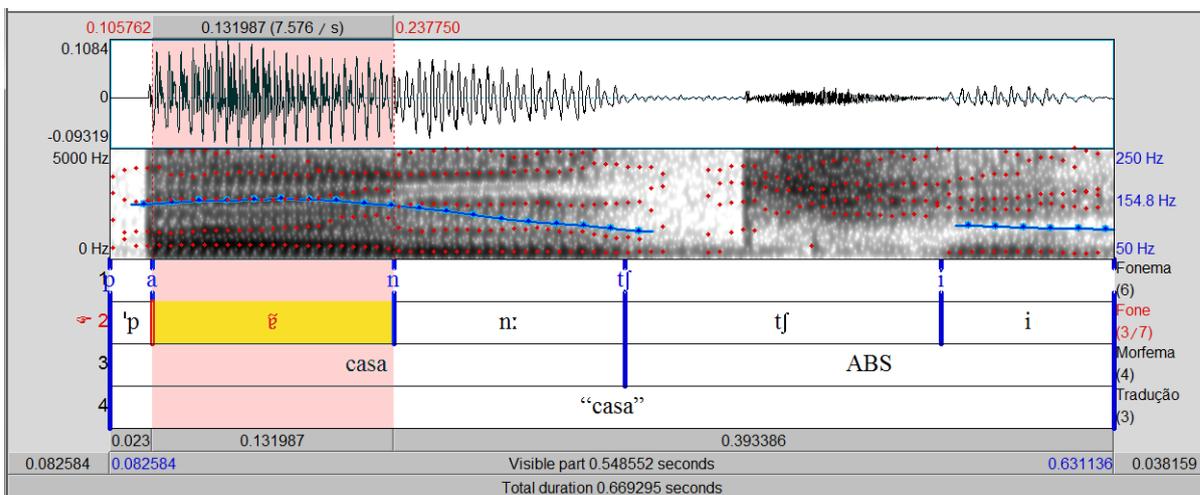


Figura 58 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *panatʃi* ‘casa’.

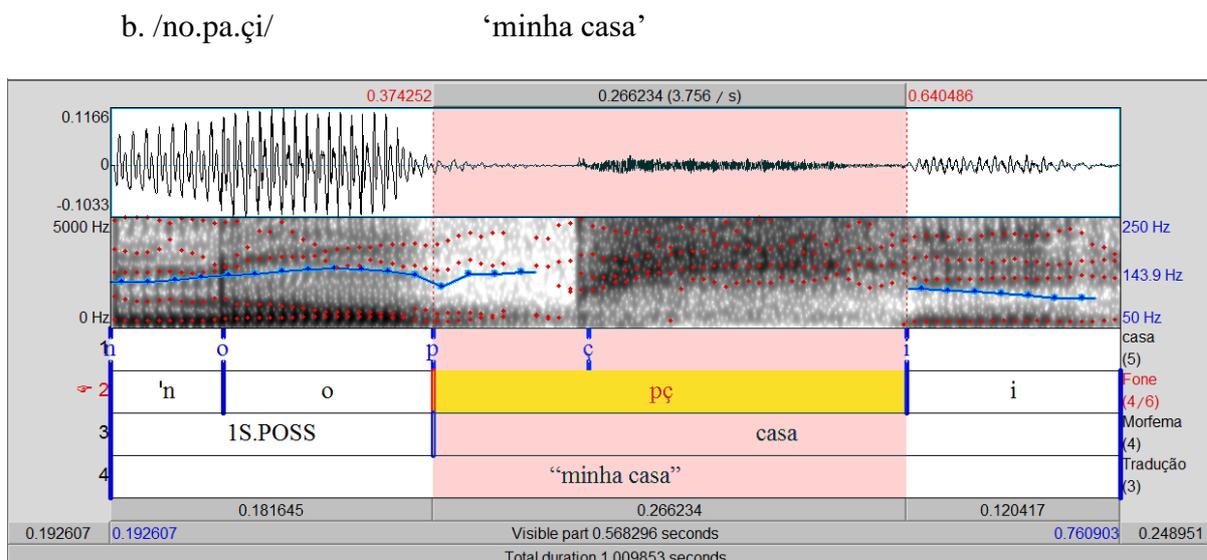


Figura 59 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *nopaçi* ‘minha casa’.

Demonstramos nesta seção algumas formações de *clusters*, em Manxineru, pois nessa língua o apagamento vocálico pode provocar formação de *clusters*, tanto heterossilábico, que é mais comum, quanto tautossilábico.

Como evidenciamos nos espectrogramas acima, na língua Manxineru, a concatenação morfofonológica (e/ou morfosintática) é fator determinante para o apagamento ou a redução vocálica, e muito disso se deve também ao processo de reorganização de ritmo e de acento da palavra, como detalharemos mais à frente, nos capítulos X e XI.

8.4 SILABIFICAÇÃO/VOCALIZAÇÃO DAS APROXIMANTES /w/ e /j/

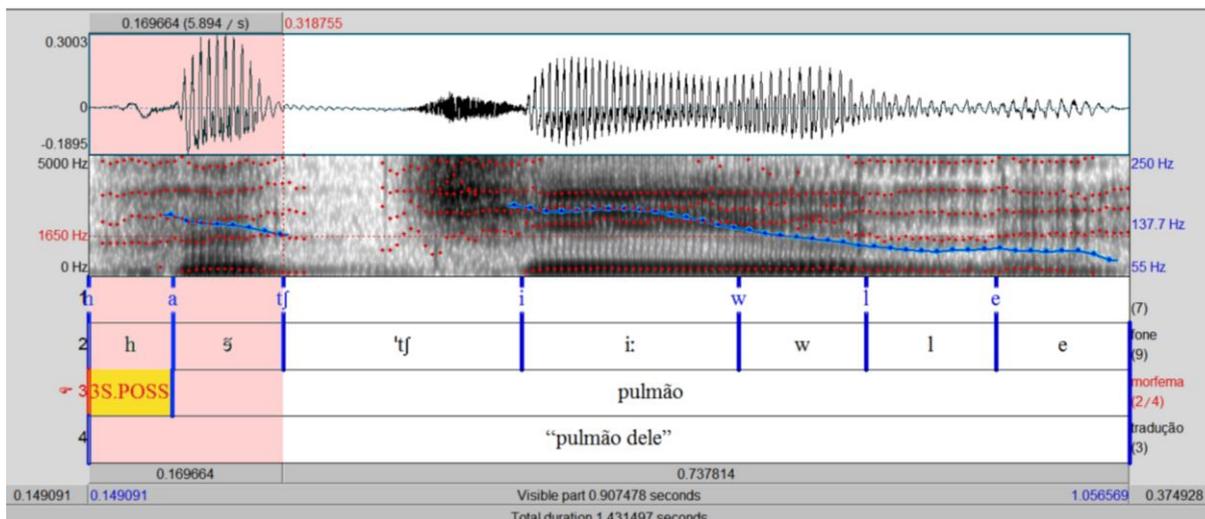
A consoante /w/, do morfema de primeira pessoa do plural {wi-} torna-se [+silábica], quando há apagamento da vogal /i/ e se o tema iniciar por uma consoante [–soante –contínua –sonora], como notamos nos exemplos subsequentes (668b).

$$\text{Regra fonológica: } \left[\begin{array}{l} \text{–silábico} \\ \text{+contínuo} \\ \text{+soante} \end{array} \right] \rightarrow \text{[+silábico]} / \# _ _ + \text{[– silábico]} \text{ ou} \\ _ _ + \text{[– silábico]}$$

Exemplos:

(668) a. /ha.tʃiw.le/

‘pulmão dele’

Figura 60 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *hatʃiwle* ‘pulmão dele’.

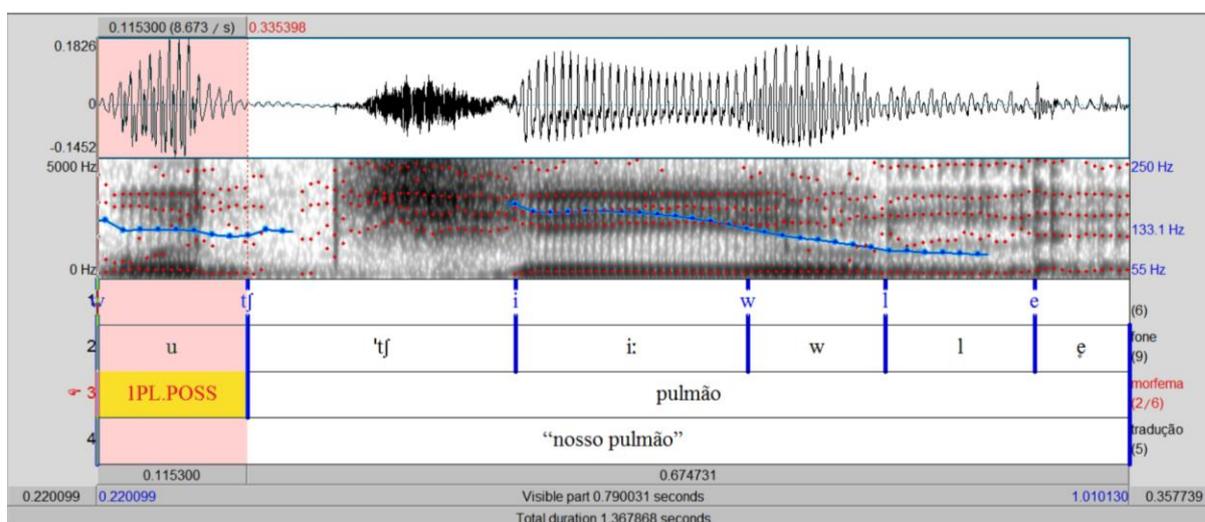
/w/ → [u]:

Altura dos formantes de [u]: F1= 281.6508 Hz, F2 =1817.5064 Hz

Duração de [u] = 0.1153 ms

b. /wi.tʃiw.le/

‘nosso pulmão’

Figura 61 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *witʃiwle* ‘nosso pulmão’.

/w/ → [u]:

Altura dos formantes [u]: F1 = 338.3935 Hz, F2 = 792.9332 Hz

Duração de [u] = 0.1296 ms

(669) /wi.tiw.ne/ ‘nosso sal’

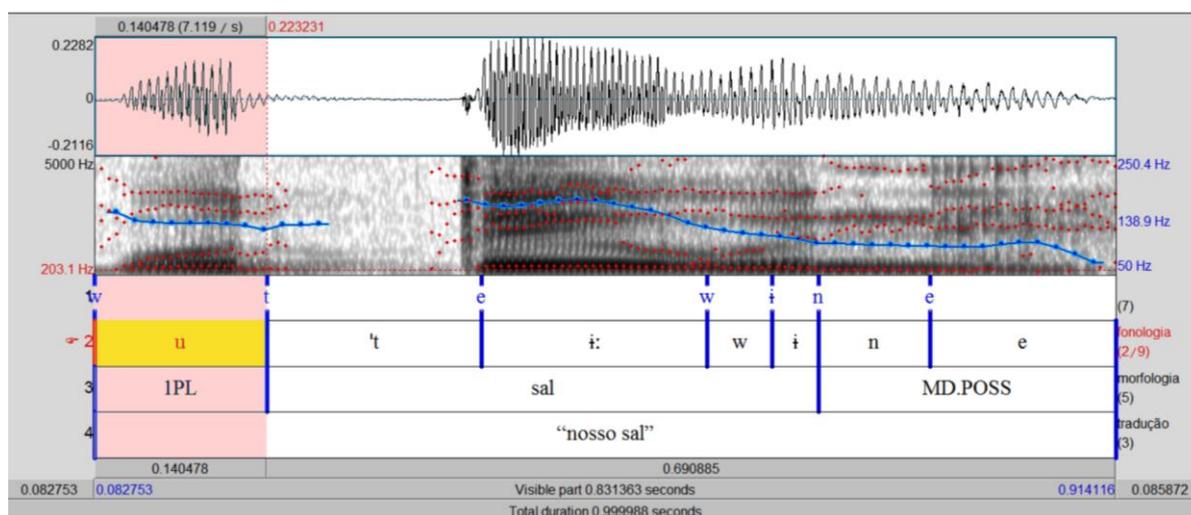


Figura 62 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *witwine* ‘nosso sal’.

Os exemplos (668) e (669) mostram que /i/, do morfema {wi-}, é deletado diante de consontates [–contínua –soante –sonora] [t], [tʃ], [p] e [k]. Esse apagamento vocálico faz com que a consoante /w/ se realize na superfície como [u], se tornando silábica. Os exemplos (670-671) também reafirmam esse fenômeno, como podemos verificar em seguida.

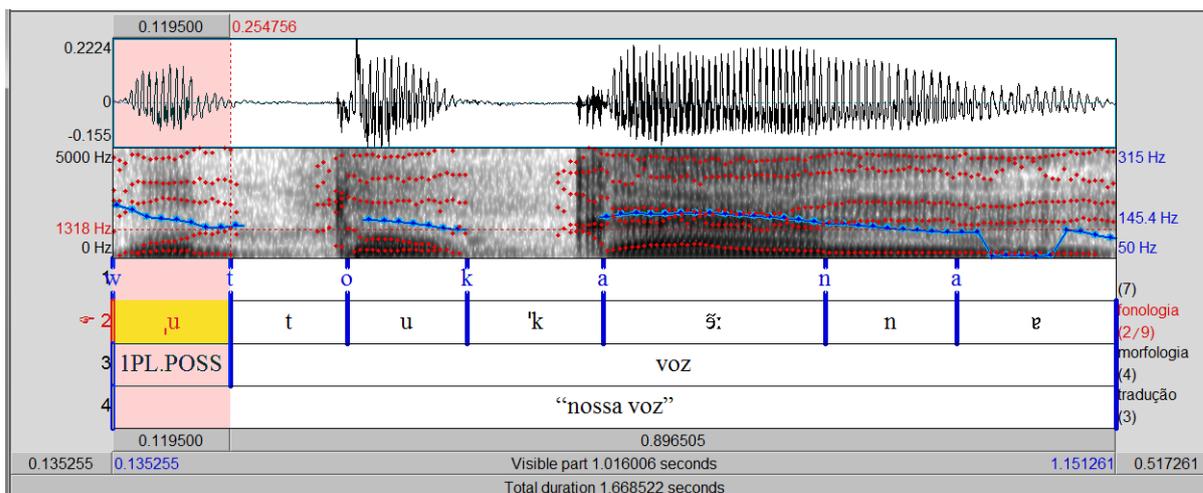
/w/ → [u]:

Altura dos formantes de [u]: F1 = 312.0454 Hz, F2 = 778.7949 Hz

Duração de [u] = 0.1195 ms

(670) /wi.to.ka.na/

‘nossa voz’

Figura 63 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *witokana* ‘nossa voz’.

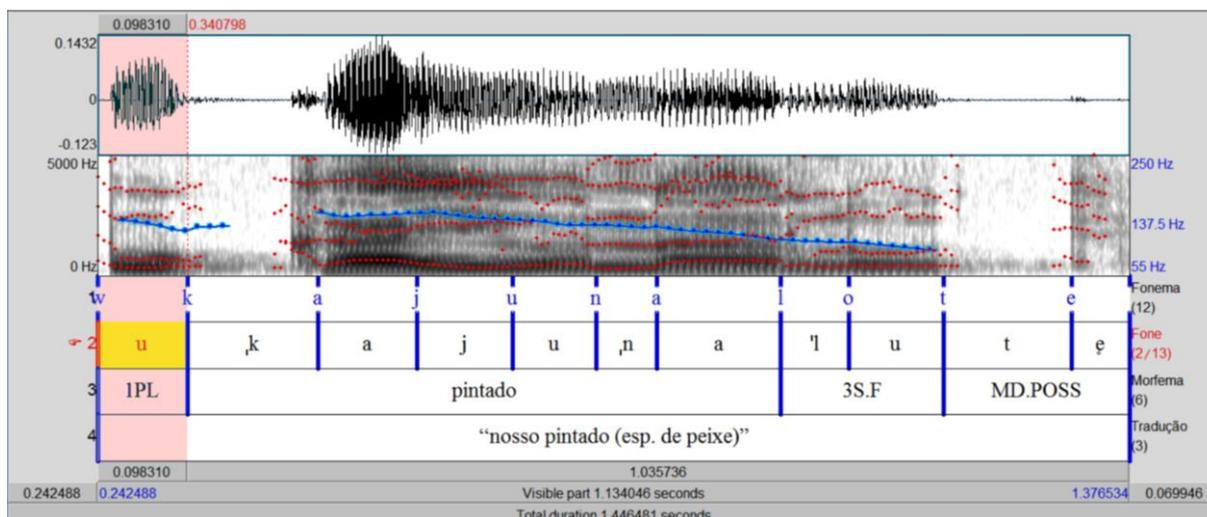
/w/ → [u]:

Altura dos formantes de [u]: F1 = 311.4344 Hz, F2 = 668.4615 Hz

Duração de [u] = 0.0983 ms

(671) /wi.ka.jo.na.lo.te/

‘nosso pintado (esp. de peixe)’

Figura 64 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *wikajonalote* ‘nosso pintado’.

Os exemplos seguintes mostram que /j/ (672a) do tema {-jhale-}, correspondente à palavra olho, na junção fronteira com o prefixo pessoal de primeira pessoa {-no-}, mais comum, se realizando, assim, [j], formando ainda, em posição de coda, um ditongo decrescente, mas quando há a derivação para formar a palavra genérica ‘olho’ (671b), menos comum, ou

seja, na posição *onset*, o /j/ se realiza foneticamente como [i], conforme evidenciamos em seguida.

Altura dos formantes de [j]: F1 = 369.3119 Hz, F2 = 2059.7390 Hz, F3 = 2802.5602

Duração de [j] = 0.1221 ms

(672) a. /noj.ha.le.tʃi/

‘olho’

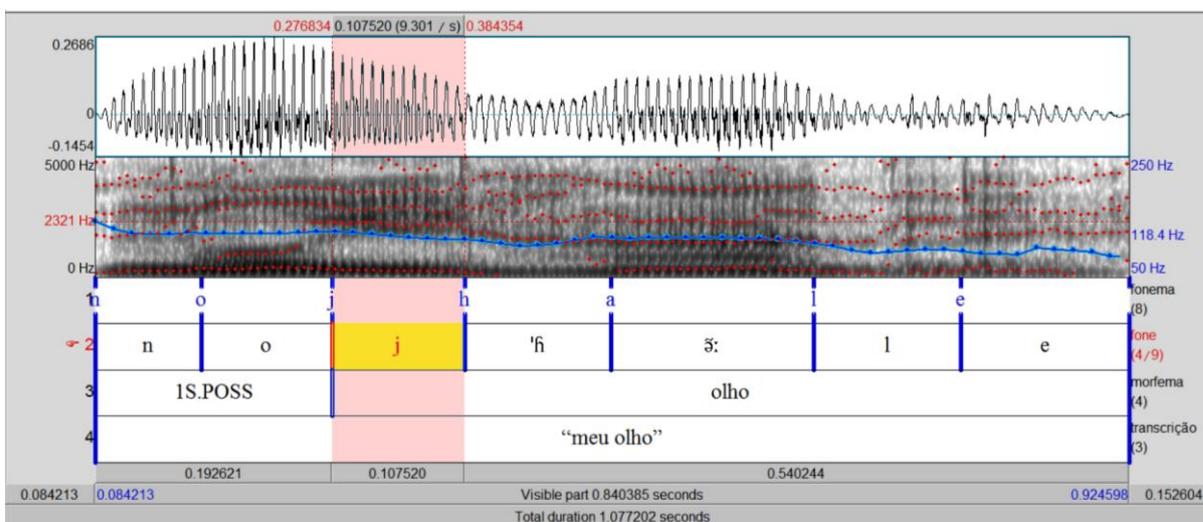


Figura 65 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *nojha* ‘olho’.

[j] → [i]:

Altura dos formantes de [i]: F1 = 235.6558 Hz, F2 = 2053.7011 Hz

Duração de [i] = 0.1380 ms

b. /j.ha.le.tʃi/

‘olho’

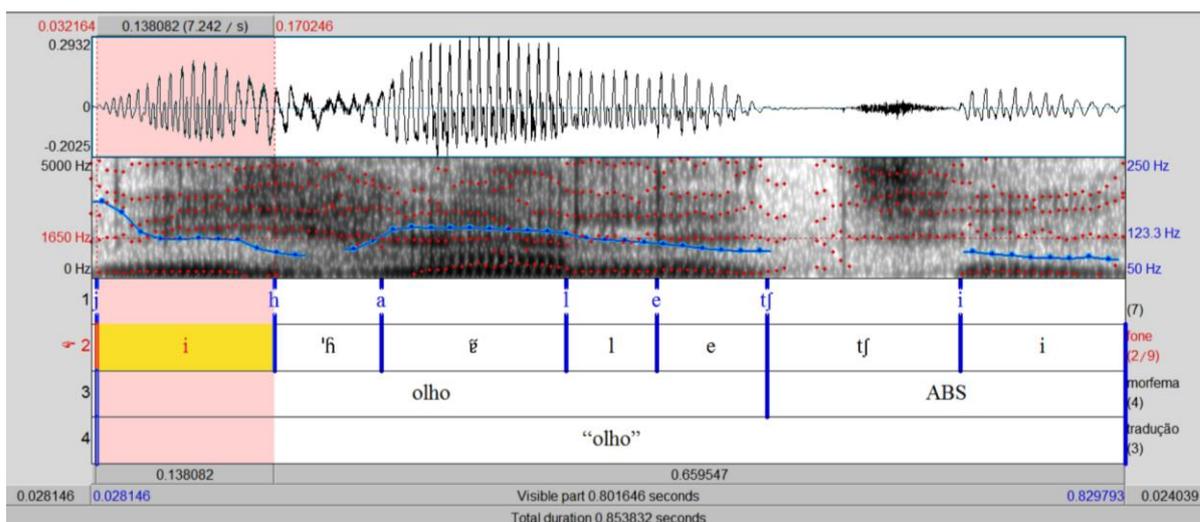


Figura 66 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *jhaletʃi* ‘olho’.

Na língua Manxineru, não há fonologicamente vogais iniciando palavras, mas foneticamente isso ocorre por fatores morfofonológicos e de licença rítmica, como evidenciado nos exemplos desta seção.

8.5 ALONGAMENTO COMPENSATÓRIO E SILABIFICAÇÃO DA CONSOANTE NASAL /n/

Em Manxineru, muitas vezes, além de ocorrer alongamento, enfraquecimento ou apagamento de segmentos vocálicos, em fronteira morfológica, há também o alongamento compensatório da consoante /n/, e, quando em sílaba inicial, essa consoante se torna foneticamente nuclear [+silábica]. Dessa forma, a nossa hipótese para esse fenômeno tem três justificativas principais: (i) o sistema prosódico da língua procura compensar a perda de um fonema da palavra; (ii) há a necessidade de reorganizar o padrão acentual da língua e o alongamento compensa, por exemplo, a perda da mora e (iii) há a necessidade de harmonizar o padrão prosódico (rítmico) da língua.

No exemplo (673a), a consoante [n], que tem média de $F1 = 255.2529$ Hz, $F2 = 255.2529$ Hz e $F3 = 2422.5284$ Hz em posição de *onset* da sílaba (na.), tem a duração = 0.7034 ms, enquanto no exemplo (674b), temos a mesma consoante com duração = 0.2716 ms. Esse alongamento compensatório ocorre porque o morfema {-na}, que marca plural da

terceira pessoa, se funde à sílaba final do tema, que tem as mesmas características acústicas. Assim, o sistema marca, com o alogamento compensatório, a ausência dessa sílaba.

Altura dos formantes de [n]: F1 = 255.2529 Hz, F2 = 1416.6389 Hz, F3 = 2422.5284 Hz

Duração de [n] = 0.7034 ms

(673) a. /ma.na.tʃi/

‘copo’

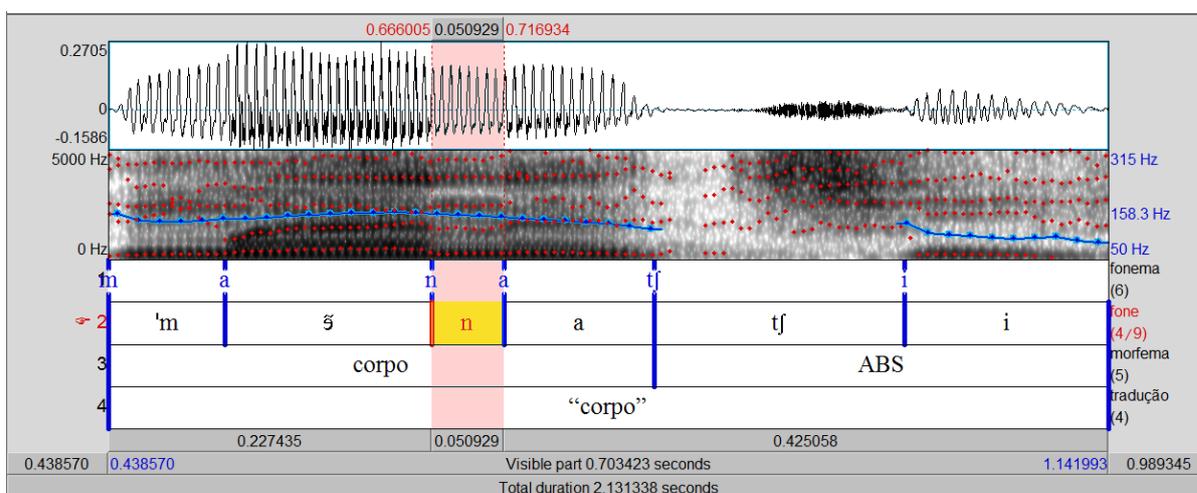


Figura 67 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *manatʃi* ‘copo’.

/n/ → [n:]

Altura dos formantes [n:]: F1 = 231.4956 Hz, F2 = 1816.2956 Hz, F3 = 2457.7895 Hz

Duração de [n:] = 0.2716 ms

b. /hi.ma.na.na/

‘corpo deles’

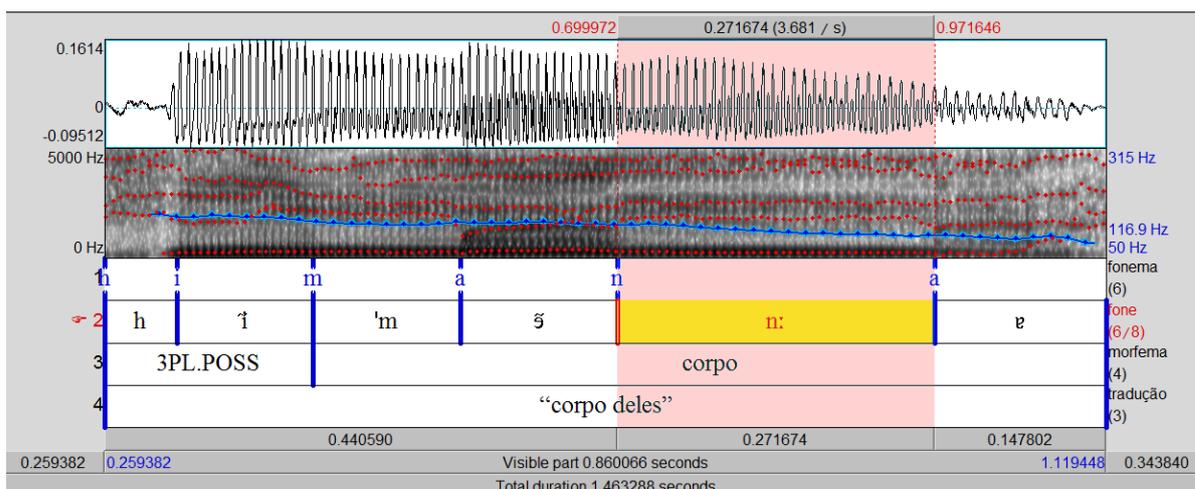


Figura 68 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *himana* ‘corpo deles’.

wanere

O exemplo seguinte (674) demonstra que, quando na fronteira entre o prefixo pessoal possessivo {no-} e o tema, há o apagamento da vogal [o] do prefixo, o que provoca alongamento compensatório, uma vez que /n/ do exemplo (675a) tem a duração = 0.2336 ms, pois há o AC da nasal. O mesmo ocorre em (675), em que o [n:] é mais longo que a média normal, tendo duração = 0.2061ms, como descrito nos exemplos seguintes.

(674) a. /tʃiw.le/

‘pulmão’

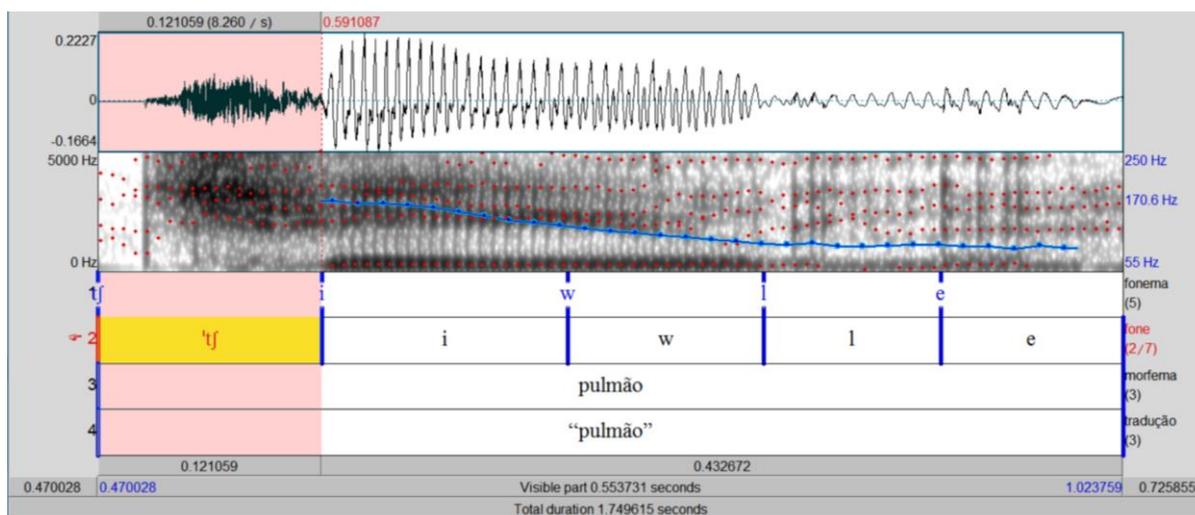


Figura 69 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *tʃiwle* ‘pulmão’

/n/ → [n:]

Altura dos formantes de [n:]: F1 = 255.8268 Hz, F2 = 1982.7730 Hz, F3 = 2646.8078 Hz

Duração de [n:] = 0.2336 ms

b. /ni.tʃiʷ.le/

‘meu pulmão’

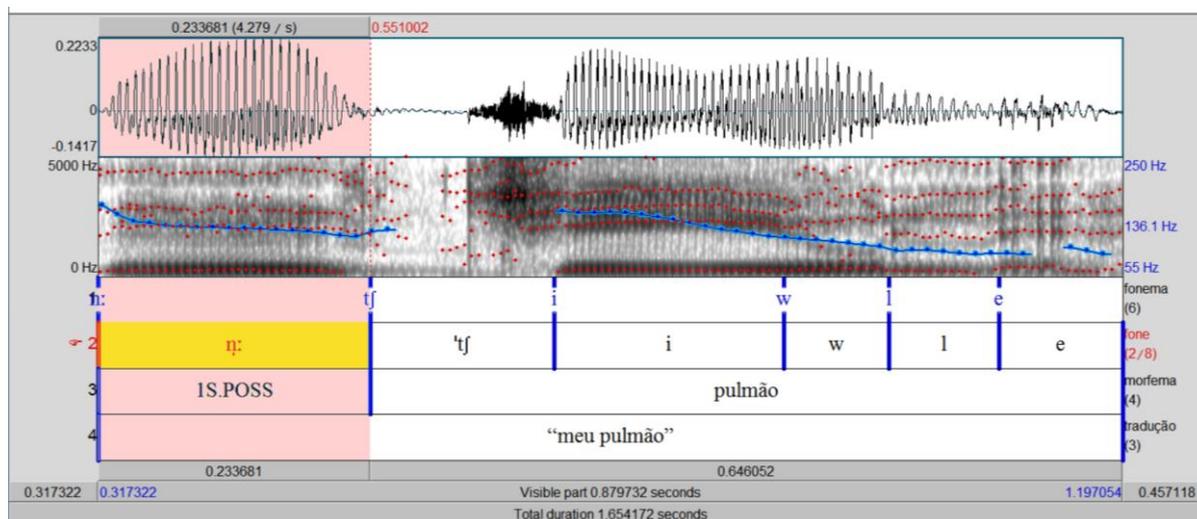


Figura 70 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *niʃiʷle* ‘meu pulmão’

O exemplo (675) também evidencia o alongamento da consonante [n] quando há o apagamento da vogal [o] do morfema sufixal de primeira pessoa possessivo {no-}, o que acarreta ainda a silabificação da consoante, tornando, foneticamente, núcleo de sílaba, como ocorre também em (674b).

/n/ → [n:]

Altura dos formantes de [n:]: F1 = 257.8641Hz, F2 = 1787.0655 Hz, F3 = 2550.7623 Hz

Duração de [n:] = 0.2127 ms

(675) /no.ti.wi.ne/

'meu sal'

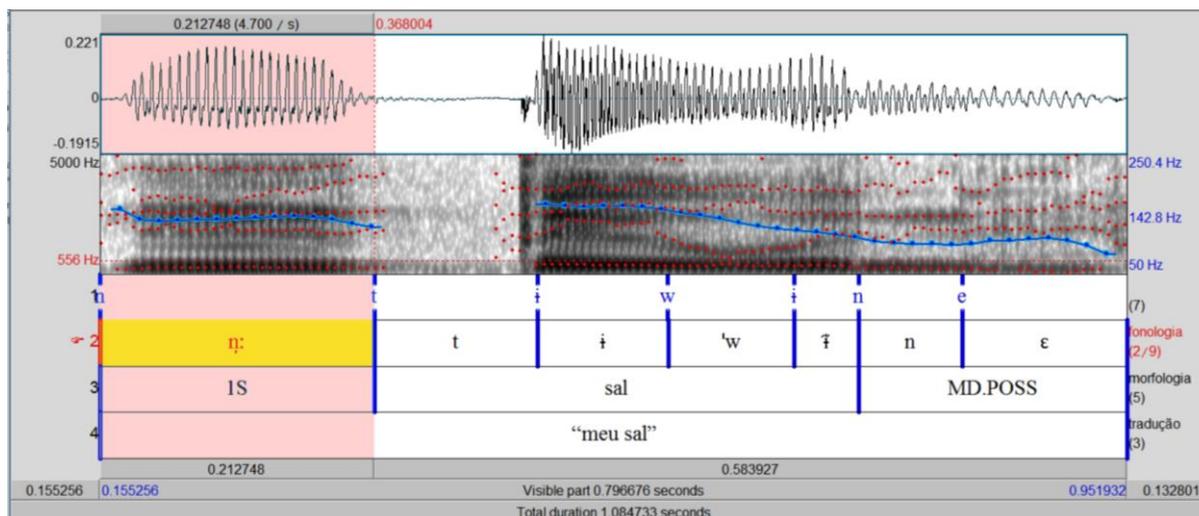


Figura 71 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *notiwine* 'meu sal'.

No exemplo (676a) a consoante /n/, que tem média de $F1 = 330.7141$ Hz, $F2 = 1568.0018$ Hz e $F3 = 426.3647$ Hz e duração de 0.0678 ms na palavra base, mas quando ocorre a derivação, onde se insere o sufixo indicador de plural da terceira pessoa {-na}, na palavra do exemplo (676b), há claramente um processo de Haplologia (cf. HOCK, 1991) para evitar duas sílabas idênticas [**na.na*]. Isso provoca ainda o alongamento compensatório do /n:/ para que seja conservada a mora da sílaba deletada, mantendo-se o ritmo e o acento proeminente da língua.

Altura dos formantes de [n]: $F1 = 330.7141$ Hz, $F2 = 1568.0018$ Hz, $F3 = 2606.8437$ Hz

Duração de [n] = 0.0878 ms

(676) a. /ri.mi.ka.na/ ‘ele vai dormir’

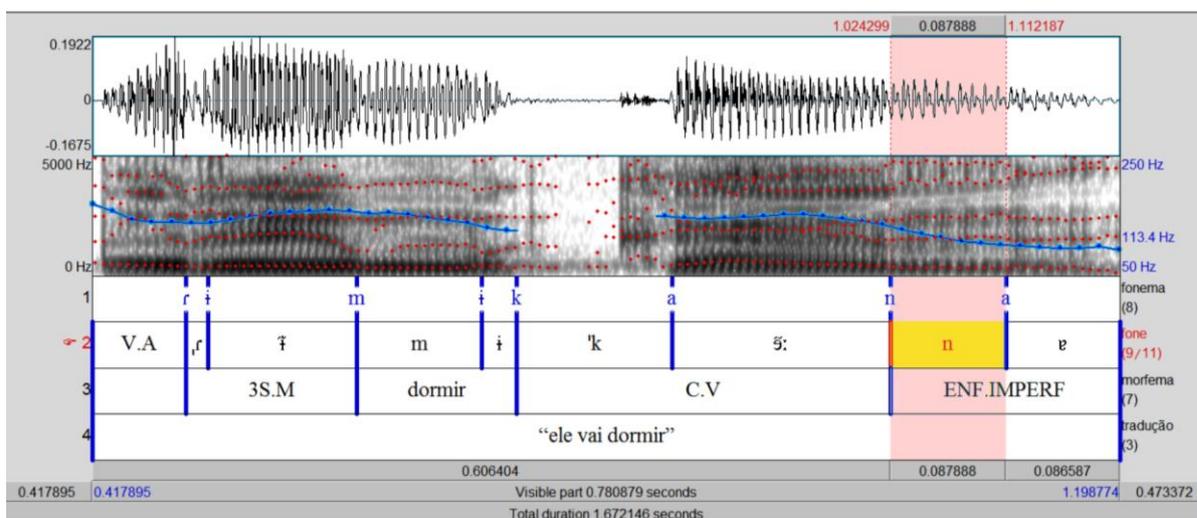


Figura 72 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *rimikana* ‘ele vai dormir’.

/n/ → [n:]

Altura dos formantes [n:]: F1 = 219.6339 Hz, F2 = 1655.6362 Hz, F3 = 2522.3312 Hz

Duração de [n:] = 0.2066 ms

b. /ri.ma.ka.na.na/

‘eles vão dormir’

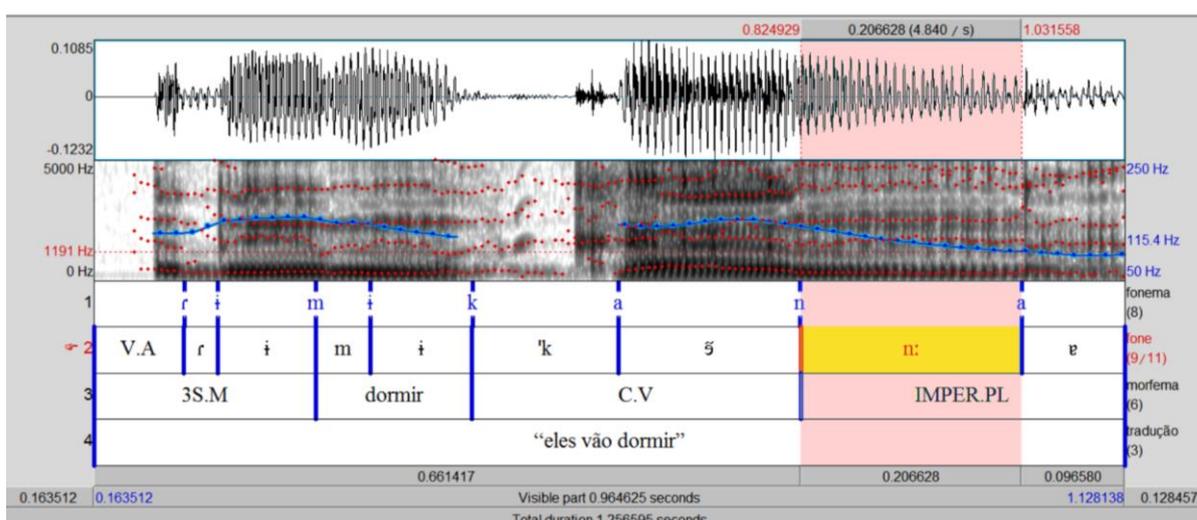


Figura 73 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *rimikana* ‘eles vão dormir’.

Altura dos formantes de [n]: F1 = 285.6706 Hz, F2 = 1559.1717, F3 = 2532.6094 Hz

Duração de [n] = 0.1108 ms

(677) a. /riw.ka.na/ ‘ele vai acordar’

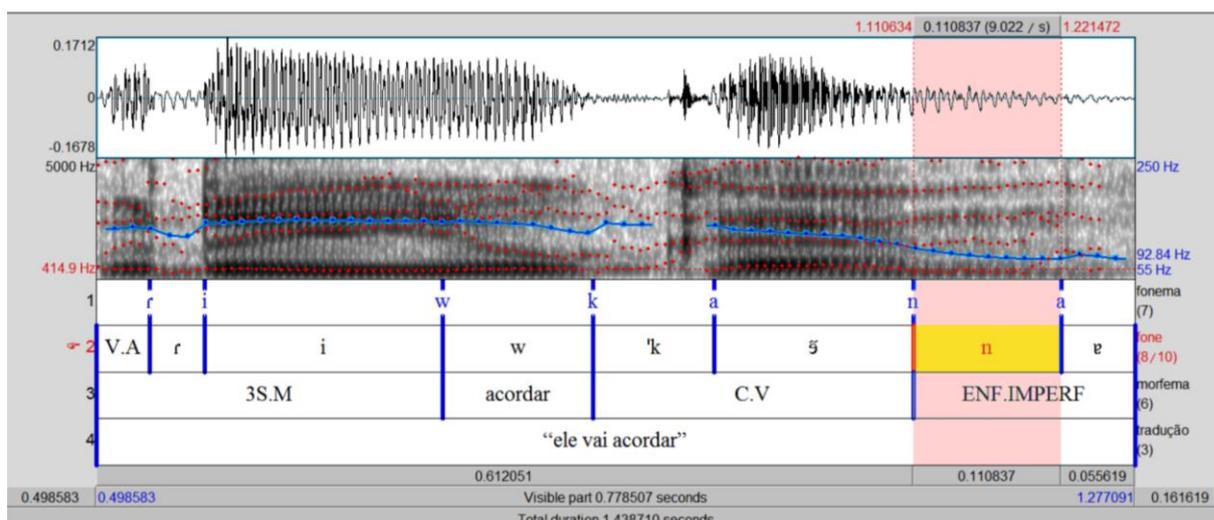


Figura 74 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *riwkana* ‘ele vai acordar’.

/n/ → [n:]

Altura dos formantes de [n:]: F1 = 240.5820 Hz, F2 = 1619.3461Hz, F3 = 2466.2841 Hz

Duração de [n:] = 0.2100 ms

b. /riw.ka.na.na/ ‘eles vão acordar’

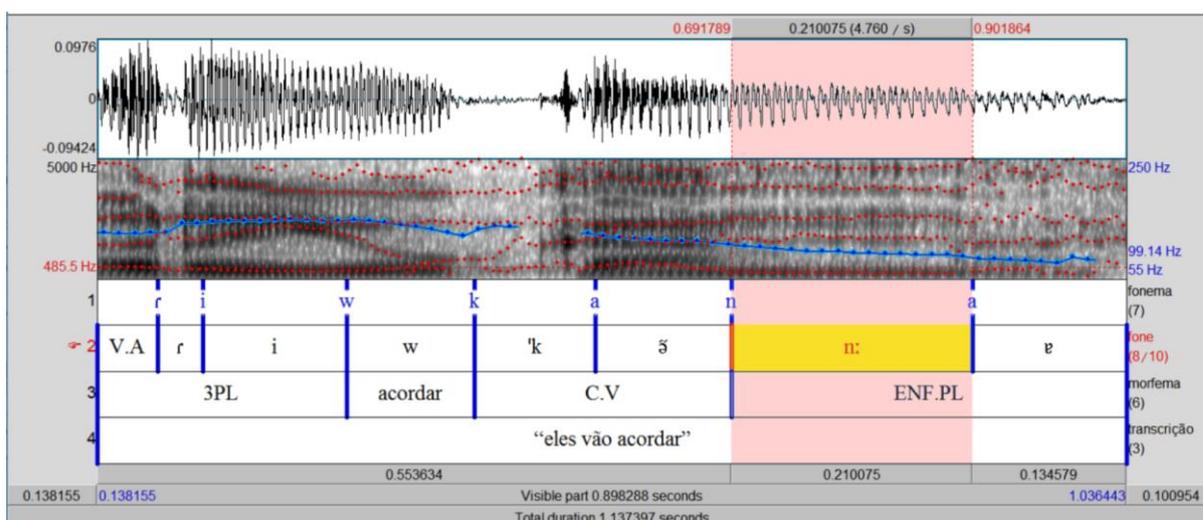


Figura 75 — Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *riwkana* ‘eles vão acordar’.

Cabe salientar que o alongamento compensatório consonantal só ocorre, pelos menos no que pudemos verificar de forma mais clara e mensurável, com a consoante [+nasal +soante

+coronal] , tanto em posição inicial quanto em outros ambientes da palavra. Diferente do que afirma Matteson (1965), não encontramos evidência de alongamento da nasal /m/.

8.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO

A análise e descrição dos fenômenos morfofonológicos deste capítulo nos permitiu demonstrar que há uma relação intrínseca da fonologia com a morfologia que provoca mudanças fonéticas, fonológicas e rítmicas bastante produtivas na língua Manxineru. As junções morfofonológicas e reorganização rítmica provocam, como evidenciamos neste capítulo, redução, apagamento e ensurdecimento vocálico e a formação de *clusters*, o que impacta no padrão acentual e na constituição do molde silábico e do pé métrico da língua.

Descrevemos, também, o processo de alongamento compensatório de elementos vocálicos e consonantais, este último só evidenciado com a nasal /n/, o que influencia diretamente na posição de acento da palavra. Além desses processos, evidenciamos, ainda, o apagamento total de consoantes e sílabas; a realização nuclear da consoante nasa /n/, realização que impacta significativamente no padrão rítmico e acentual das palavras do Manxineru, assim como a realização nuclear das aproximantes /j/ e /w/ ~ [i] e [w], respectivamente.

Alguns desses fenômenos só se tornaram mais claros e/ou possíveis de serem verificados e exemplificados com o intermédio da fonética acústica experimental, sem a qual tornaria ou muito difícil ou praticamente impossível a nossa tarefa de comprovar alguns desses fenômenos morfofonológicos.

Ressaltamos que não descrevemos todos os fenômenos morfofonológicos da língua, mas, percebemos que há a necessidade de se ampliar a pesquisa para que possamos verificar, entender e descrever o máximo possível da estrutura das palavras da língua Manxineru, principalmente no tocante aos aspectos motivados por fenômenos morfofonológicos, o que pretendemos fazer com o avanço posterior de nossa pesquisa.

CAPÍTULO IX

9. ASPECTOS PROSÓDICOS DO YINE (PIRO-MANXINERU)

Neste capítulo, procuramos descrever e evidenciar apenas questões específicas de análise suprasegmental dos vários pontos importantes que os principais autores, que são referências nesta tese, focalizam em seus estudos, de importância fundamental para a descrição de aspectos prosódicos da língua Manxineru (complexo Yine-Piro-Manxineru). Resumimos, assim, em ordem cronológica, o que os autores pertinentes dizem principalmente sobre acento, contorno entoacional e rítmico, com o intuito de contrastar suas respectivas abordagens teóricas, tanto entre eles, quanto com os resultados da análise dos dados do Manxineru, analisados em nossa pesquisa com o auxílio da fonética acústica experimental, que é fator essencial desta tese.

9.1 ACENTO EM MANXINERU: REVISITANDO OS TRABALHOS ANTERIORES

Inicialmente, a língua Piro (variedade do Yine falada no Peru) foi analisada por Matteson (1954, 1965), Lin (1997), Sebastián (2006), Hanson (2010), Couto (2012) e por Silva (2013) como uma língua em que o acento não é fonológico e que sempre ocorre na penúltima sílaba.

9.1.1 Matteson (1954, 1965)

Conforme abordado no Capítulo III, o primeiro trabalho mais detalhado sobre o Yine (variedade Piro) é o de Matteson (1954) e principalmente a gramática de (1965). Neste último trabalho, a autora propõe um padrão de acento que sempre se dá na penúltima sílaba, conforme ilustram os dados abaixo²⁶.

(678)	'nso	'jenipapo'
(679)	'walo	'coelho'
(680)	ru ^ˈ txít ^ˈ xa.	'ele observa o tabu'
(681)	,iya'hata.	'ele chora'
(682)	'salwaye'hkakna.	'eles visitam uns aos outros'

²⁶ Tradução nossa.

(683) 'petsi'hima'tlona. 'sua voz já mudou'

O que se verifica em Piro, segundo a autora, é que, independentemente da extensão da palavra, o acento sempre recai sobre a penúltima sílaba, a não ser em palavras monossilábicas. Essa visão também foi adotada por Hanson (2010).

9.1.2 Lin (1997)

No trabalho de Lin (1997), a preocupação não foi discutir propriamente o acento em Piro, mas sim argumentar sobre questões relacionadas à estrutura silábica com base no trabalho de Matteson (1965). O autor propõe uma análise do padrão silábico da variedade Piro.

Para o referido autor, na variedade Piro, o acento principal ocorre na penúltima sílaba, o que corrobora as afirmações de Matteson (1965), como evidenciado nos exemplos de (684).

(684) a. ni'kaya (LIN, 1997, p. 407, ex.: 3)

b. nikya'waka (LIN, 1997, p. 407, ex.: 3)

Lin (op. cit., p. 410) afirma ainda que o acento principal é sensível à derivação, pois ele se move para formar o padrão de acento na penúltima sílaba, como podemos verificar nos exemplos de (684b).

9.1.3 Sebastián (2006)

Em seu artigo de 2006, Sebastián discute o padrão silábico do Piro formalizando algumas hipóteses sobre o acento. Em resumo, ele diz que:

El acento normalmente cae en la penúltima sílaba. Entonces, cuando se agrega un sufijo, el acento cambia de posición a la próxima sílaba: /'h̃epi/ gepi 'dos', /h̃e'pite/ gepite 'los dos'. Según Matteson (1965), hay acentos secundarios y terciarios. Aquí se presenta un ejemplo con los acentos secundarios indicados: /tapa,luʃakana, wath̃imananutana'tnaka/ tapalushakanawatgimananutana-tnaka 'se dice que su canoa estaba yendo sola otra vez' (MATTESON 1965:21, adaptado al habla de la autora). Véase también a Parker (1989). (SEBASTIÁN, 2006, p. 3).

As afirmações de Sebastián (2006) coadunam com a afirmação de que o acento em Piro tende a ser na penúltima sílaba, como também já afirmaram Matteson (1965) e Lin (1997).

9.1.4 Hanson (2010)

Entre as obras que se propuseram pesquisar o acento em Yine (Piro-Manxineru), está a tese de doutorado de Hanson (2010). A autora se propôs a elaborar uma gramática da língua Yine (Piro) e, nessa obra, propõe (p. 36), de forma não exaustiva, que a atribuição de acento (*stress*) do Yine nunca é contrastante, ou seja, nunca é fonológico. A autora afirma ainda que o aspecto mais consistente de acento em Yine (Piro) é na colocação de acento primário, que sempre cai na penúltima sílaba, o que vai ao encontro de outros trabalhos sobre o Yine (Piro-Manxineru), como o de Matteson (1965) e o de Couto (2012), entre outros. Hanson (op. cit.) reafirma a validade de sua hipótese ao dizer que “[...] os dados analisados são consistentes com a análise em Matteson (1965). É essa a fonte da reputação do Yine como tendo um sistema de acento bidirecional (HANSON, 2010, p. 36)”, conforme ilustrado pelos dados (685-688²⁷).

(685)	ra'watka	‘ele está aqui’
(686)	,rawa'tkana	‘eles estão aqui’
(687)	,raniika'tkana	‘eles foram conduzidos’
(688)	,rawa,nata'tkana	‘eles estavam vivendo lá’

A autora diz ainda que, enquanto o acento principal é inteiramente previsível, o acento secundário apresenta uma variação considerável, uma vez que se verifica que os acentos secundários não seguem o padrão alternado de sílabas como observado em (689-693²⁸).

(689)	,hiyoli,kachri'tnaka	‘ele que se mexe’
(690)	,ranika,na'tkana	‘ele levou eles’
(691)	,ricana,nimtana'tkana	‘os meninos vão comer de novo’
(692)	,tomkahhi,mamtana'tkana	‘ela foi atrás deles’

²⁷ Tradução nossa, baseada na tradução da autora para o inglês.

²⁸ Tradução nossa.

(693) ,rita ,hhimata ,natka 'lona ‘eles viram ela’

A autora demonstra também, conforme os dados em (694-697), que há contraexemplos à generalização de que o acento secundário sempre cai na primeira sílaba da palavra. Nesses exemplos (HANSON, 2010, p. 37)²⁹, o acento ocorre na segunda sílaba.

(694) hi 'yahhima 'tkani ‘e aí!’

(695) as 'timnina 'nika ‘ela ensaboou eles’

(696) he ,tamka ,ta 'tkali ‘você viu a roupa dela’

(697) tʃi ,nakte ,nani 'mtatka ‘ela foi dizendo’

A proposta de Hanson (2010) para o acento primário coaduna com o que já fora proposta por outros trabalhos sobre Yine (Piro-Manxineru), como Matteson (1965), Lin (1997), Sebastián (2006), Couto (2012) e Silva (2013), pelo menos com respeito ao acento principal ocorrer na penúltima sílaba da palavra.

9.1.5 Couto (2012)

Em minha dissertação de mestrado (2012), verifiquei que palavras básicas, normalmente, tinham acento na penúltima sílaba e que a natureza e escopo do acento na língua Manxineru merecia estudos especiais (COUTO, 2012, p. 106-107). Alguns dos exemplos que me levaram a essa constatação mostram a ocorrência de consoantes reduzidas (698); propagação da nasalidade engatilhada pela /h/ (699); alongamento de vogal (700); aspiração (701) e apagamento vocálico (702) entre outros.

(698) ['h^ẽʃo] ‘morcego’

(699) [h^ẽ 'ʃĩni] ‘por cima’

(700) [ni :ka] ‘eu como’

(701) [p^htʃiwlɛ] ‘pulmão dele’

(702) [p^õn :tʃi] ‘casa’

²⁹ Tradução nossa.

Nossa pesquisa também apontava para a afirmação de que operações morfológicas (e morfossintáticas) influenciam nesse processo rítmico e fazem com que o acento se desloque, normalmente, para a penúltima sílaba, o que faz manter o padrão básico do acento em uma grande variedade de dados, entre os quais citamos em seguida (703).

(703)	a1. [ˈno-pçi]	‘minha casa’
	a2. [ˈpẽn-tʃi]	‘casa’
	a3. [pẽnˈtʃi-ne]	‘casas’
	b1. [tˡloː-lo]	‘sapo’
	b2. [tˡloˈlõ-ne]	‘sapos’

Os estudos sobre o acento em Manxineru, de certa forma, mostram unanimidade em seus resultados, uma vez que todos afirmam que o acento primário sempre ocorre na penúltima sílaba da palavra e que o acento não é fonológico.

9.2 PAPEL DA ENTAONAÇÃO E DO RITMO EM YINE (PIRO-MANXINERU)

Nesta seção, procuramos colocar em evidência as hipóteses dos principais autores que se propuseram a estudar o sistema de entoação e de ritmo do Yine (Piro-Manxineru). Nesse caso, destacamos apenas três trabalhos: o de Matteson (1965) e o de Hanson (2010) e Silva (2013), os quais, de forma resumida, apresentamos em seguida.

9.2.1 Matteson (1965)

Em relação ao padrão rítmico e de acento da língua Piro, a autora propõe sete classes de ritmo de contorno de classes. Essas classes podem ser observadas nas sentenças do exemplo (704) (cf. MATTESON, 1965, p. 18)³⁰ (ver também COUTO, 2012, p. 30-32).

³⁰ Dados conforme o original.

(704) 1a. Closure. 1 1 1 2 1
 rasukaktana[†] ‘Eles correm em toda direção’

1b. Inconclusiveness. 1 1 2 1
 twu ksaxiro. ‘Ela é negra’

1c. Suspense. 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1
 rumep-sapletulexeta. wane netyana sutxne. pso swaxi

1 1 1
 ruphxewna.

‘Ele gritou novamente. Então eu vi as mulheres. Ele apareceu apenas um pouco fora.’

1d. Series, Anticipation. 1 1 1 2 2 1 1 2 2
 nikpothimatna. rurhimatna. ‘Eles comeram bem. Eles beberam.’

1 1 1 1 1 1 2 2
 wale hima rali[~]xyana. ‘que ultrapassaram eles.’

2. Imperative. 1 1 1 1 1 1 1 2 2
 txawakni pusanatetano. ‘Agora você planta um campo para mim.’

3. Association of Predication.

1 1 1 1 1 1 1 1 1 2 2 1 1 1 1 1 1 1 2 1
 hiya.himni ral-saxruretinitkana. kostse.kašrehimatatka xexine.

‘portanto, quando eles foram através de estimulação em um círculo, os homens pegaram suas armas’

1 1 1 1 1 1 1 1 2 2
 4. Question. hi he paluka yanta-mu[~]tskonkakleta?[†] ‘Você gosta de lutar?’

1 1 1 1 1 1 1 2
 5. Coaxing. pootaximka wetan.i! ‘Vamos espiar um pouco’

1 1 1 2
 nikanutsi. ‘Vamos comer.’

1 1 1 1 1 1 1 1 1 2
 6- Calling, Exclamation. wa kayinrethimatanaktatkalu.! ‘Ele foi enfeitado’

1 1 1 1 1 1 1
 7- Interruption. makhimakta kamtsi[~] na - -. ‘mas, diz-se, demônio na - -.’

Conforme exemplifica Matteson (1965), o sistema do ritmo em Piro tem o acento silábico (que vai do grau 1, mais baixo, perpassando pelo grau intermediário 2, indo até o grau máximo 3), como no exemplo (705c), intensificado normalmente na penúltima sílaba das sentenças declarativas. Já nas sentenças interrogativas, tem o grau 2 também na última sílaba. Porém o grau 3 normalmente só acontece nas interjeições/exclamativas como em (705c) (MATTESON, 1965, p. 20³¹):

(705)	a.	1 hwu.	‘ok!’
	b.	2 he!	‘surpresa’
	c.	3 jte.	‘vocativo, irmã pequena’
	d.	2 ho.	‘o que pode ser?’

O trabalho de Matteson (op. cit.) já afirmava que as sentenças nucleares em Piro normalmente tendem a ter maior intensidade na penúltima sílaba, o que, de certa forma, condiz com a hipótese que apresentamos no Capítulo XI para o Manxineru.

9.2.2 Hanson (2010)

O contorno entoacional, na visão de Hanson (2010), pode ser resumido em contorno neutro e contorno entoacional, usados em interrogativas básicas. O contorno neutro da sentença declarativa é caracterizada por nível de tom reduzindo gradualmente até as duas últimas sílabas da frase; na penúltima sílaba existe uma inflexão da voz, e isto é seguido pela queda de um tom mais agudo na última sílaba. Já em relação à entoação das exclamativas básicas, incluindo as introduzidas com o clítico interrogativo {he} (exemplo (706)), é caracterizada por um contorno exagerado. Enunciados exclamativos que incluem um sentido de surpresa ou espanto, incluindo aqueles em que a ênclise de foco é usada, têm um contorno distinto, que Hanson (2010) rotula

³¹ Tradução nossa.

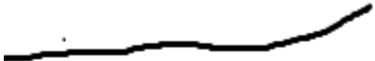
de contorno exclamativo, caracterizado por alta frequência e alongamento opcional no final de sílaba do domínio.

- (706) hi pa hapkaklenanyihe
 hi pa hapkake-nan1-yi=hé
 INTRG NONSPEC good.aim-EXTNS-2SG=MIR
 ‘What a good shot you are (consistently)!’

Hanson (2010, p. 39) afirma também que:

o traço em (492a) ilustra um contorno entonação exclamativo oracional. Como a curva demonstra, o contorno geral começa baixo e é relativamente plano até a sílaba final, quando aumenta acentuadamente. Nesse caso, o bordo do contorno corresponde ao fim da sentença (HANSON, 2010, p. 39). (Tradução nossa).

Hanson (op. cit.) destaca também que no contorno entoacional em sentenças exclamativas (p. 39-40), o *high pitch* (altura do *pitch*) se dá na última sílaba da sentença (707), mas quando se trata de sentenças interrogativas, o contorno é típico de sentenças declarativas, exemplo (708).

- (707) 
 rahlnahimamtatnaka walé:
 r-halna-hima-m-ta-tnaka wale
 3-fly-QUOT-NONDUR-VCL-REIT3SGM
 ‘He flew a bit further again.’

- (708) 
 klatahwistetá: richimata
 klata-hwi-ste-tá: r-hica-hima-ta
 white-flower.of-bumpy-EXCL 3-be/do-QUOT-VCL

‘It was all covered in little white flowers.’

Hanson (2010) destaca também que as sentenças interrogativas, na maioria dos casos, têm a mesma entonação que as sentenças declarativas, contudo elas podem, opcionalmente, ter um contorno entoacional ascendente. Isso significa dizer que é mais comum perguntas polares básicas, que se distinguem das declarações apenas pela entonação (como no exemplo (708)). A autora afirma ainda que o contorno interrogativo é caracterizado por uma inclinada subida de tom ao longo das duas últimas sílabas da sentença, como em (709) (HANSON, 2010, p. 40).

(709) t-apoka-tka (3SGF-arrive-PFV) ‘She has arrived’ becomes the question ‘Has she arrived?’.

Hanson (2010, p. 38) finaliza a discussão sobre a entoação em Yine (Piro), dizendo que “estudos fonéticos que objetivem os correlatos acústicos em destaque no Yine(Piro) seriam especialmente benéfico³²”. Ou seja, para a autora, há a necessidade de estudos acústicos mais aprofundados para melhor se entender e demonstrar os fenômenos prosódicos do Manxineru.

9.2.3 Silva (2013)

Na tese de doutorado de Silva (2013, p. 31), a autora afirma que o acento em Manxineru é previsível, que a última sílaba da palavra é sempre de menor intensidade e a penúltima é sempre de intensidade mais forte, apesar da intensidade não ser fator de distinção de palavras. Sobre o ritmo, a autora discute brevemente a constituição do pé métrico do Manxineru. Em sua análise, ela afirma que identificou o padrão de proeminência inicial em raízes simples (710-712) e em derivadas, como em (713-714). Assim, para a autora, o pé métrico em Manxineru é o troqueu, construído da direita para a esquerda, sendo um sistema com constituintes binários de cabeça à esquerda.

³² Tradução nossa.

- (710) (*
 σ
 twi ‘este’
- (711) (* .)
 σ σ
 je tʃi ‘rede’
- (712) (* .)
 Σ σ
 jo twa ‘peixe cascudo’
- (713) (* .) (* (* .)
 σ σ σ σ σ
 si cço ‘mulher’ → si cço ne ‘mulheres/mulherada’
- (714) (* .) (* (* .)
 σ σ σ σ σ
 xo po ‘canção’ → xo po ne ‘cançãozada’

Silva (2013) finaliza a sua discussão sobre o acento e sobre o pé métrico, afirmando que nos exemplos (710-714) a derivação do sufixo de plural {-ne}, nas raízes nominais, não altera o padrão acentual da língua, contudo cria um pé degenerado com um só constituinte, que é a própria cabeça. Para a autora, a derivação do sufixo de plural {-ne}, assim como a afixação, preserva o padrão acentual paroxítono da maioria dos vocábulos do Manxineru (cf. SILVA, 2013, p. 32).

9.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO

As discussões feitas, até aqui, sobre o acento e o contorno entoacional do Yine nos motivaram a procurar comprovações de que, de fato, na junção de morfemas para formar

palavras em Manxineru, independentemente da quantidade e do tipo do morfema e da extensão da palavra, o acento sempre recai na penúltima sílaba (cf. MATTESON, 1965; SEBASTIÁN, 1996; HANSON, 2010; COUTO, 2012; SILVA, 2013).

Com base nas discussões feitas até então, fazemos, assim, a pergunta: será que as observações e evidências empíricas de oitiva sobre a língua serão comprovadas também por meio de recursos acústicos mensuráveis *pitch*, duração e intensidade? Além disso, impõe-se a verificação de como se dá o ritmo prosódico em Manxineru, em relação às sentenças declarativas e interrogativas e imperativas e suas respectivas realizações negativas, já que a análise a que nos propomos focaliza o comportamento prosódico nessa língua, à luz de aparatos acústicos. Em suma, a questão principal aqui é se a análise acústica comprovará o que as análises de oitiva afirmaram em outros trabalhos.

CAPÍTULO X

10. TRATAMENTO ACÚSTICO DO NÍVEL PROSÓDICO

Análises acústicas se fazem necessárias para os estudos das línguas ao redor do mundo, porque auxiliam o pesquisador a comprovar ou refutar o que se observa em dado sistema fonológico, uma vez que, por mais cuidadoso que seja o levantamento, seleção e análise dos segmentos através de um método de oitiva, certas hipóteses podem necessitar de confirmação experimental. Dessa forma, soma-se a isso que, ainda assim, o sistema fonológico, sob análise, pode influenciar nas decisões do pesquisador, pois se esse relata um determinado fenômeno em uma variedade da mesma língua ou mesmo se o considera em outra língua, sempre poderá argumentar em favor de um determinado sistema fonológico nessa variedade ou nessa outra língua estudada. Por outro lado, análises acústicas por si só não definem e nem constituem a última palavra para descrever os fenômenos da língua, mas são ferramentas extremamente importantes para a análise fonética mensurável. Nesse sentido, é importante observar que as análises dependem da interpretação dos dados realizada pelo autor e mesmo das teorias que ele toma por base em seus trabalhos.

Os estudos sobre a estrutura prosódica têm sido amplamente difundidos, nos últimos anos, pela necessidade de definição dos domínios de regras fonológicas, pelo papel que desempenham na definição dos pontos dos eventos tonais na sequência segmental e pelo seu contributo para o entendimento de certos fenômenos prosódicos, bem como de fenômenos fonológicos (ver, entre outros, NESPOR; VOGEL 1982, 1986; HAYES, 1989, 1995; SELKIRK, 1984a, 1984b, 1995; LADD, 1996), para a análise da fonética acústica (ver, entre outros, LADEFOGED; MADDIESON, 1996; LADEFOGED, 1975, 2001, 2003; MADUREIRA, 1999; STEVENS, 1998; BARBOSA, 1999; BARBOSA; MADUREIRA, 2015). Em todos esses domínios se tem mostrado que é a estrutura prosódica, e não a estrutura sintática, a estrutura adequada para dar conta dos vários fenômenos fonológicos. No entanto, o constituinte fonológico de uma frase, apesar de não ser necessariamente isomórfico ao seu constituinte sintático, é parcialmente determinado por este. Em outras palavras, certos aspectos da sintaxe determinam a estrutura prosódica, embora vários foneticistas e/ou prosodistas defendam a autonomia do nível prosódico como o nível piloto da fala (cf. MADUREIRA, 1999; LADD, 1996).

10.1 ESTUDOS ACÚSTICOS DO ACENTO

Um dos focos principais de nossa pesquisa é demonstrar como se dá o acento em Manxineru. O acento é a proeminência de uma vogal em relação às outras vogais da sentença. A proeminência de acento de uma sentença pode ser realizada por meio da altura (*pitch*), duração e intensidade, fator esse que motiva a nossa necessidade de fazer o estudo acústico desses parâmetros para confirmação de nossa hipótese empírica sobre o acento no Manxineru.

Conforme Ladefoged (1975) e Barbosa e Madureira (2015), os sons podem ser percebidos por três aspectos, a saber: (i) *pitch*, (ii) sonoridade e (iii) qualidade (timbre), ou seja, uma vogal pode ter exatamente o mesmo *pitch* e sonoridade de outra, mas diferente desta como [i] e [u], por exemplo. Segundo Madureira (1999) e Ladefoged (1975), entre os eventos fonético-acústicos mais estudados e modelados em nível prosódico, estão a frequência fundamental (F_0) e a duração. Ladefoged (1975) afirma ainda que a acústica é um dos principais parâmetros para descrever o que nós podemos ouvir. Ou seja, a fonética acústica é uma das principais ferramentas para análise dos elementos naturais da fala (discurso).

É importante reforçar que, nos estudos das línguas, nos deparamos com alguns sons de difícil descrição, pois causa certa confusão e até impossibilidade de descrição precisa (como as vogais) com outros parâmetros, como o articulatório, por meio de raio x, de audição, mas podem ser melhor percebidos e medidos pelos parâmetros acústicos; daí a grande relevância de estudo da fonética acústica para melhor descrever os sons da fala humana (cf. LADEFOGED, 1975; BARBOSA; MADUREIRA, 2015).

10.2 ESTUDOS ACÚSTICOS DA ENTOAÇÃO

A soma de fenômenos que comumente são denominamos de prosódia é tão antiga quanto extensa, razão pela qual, segundo Couper-Kuhlen (1986, *apud* SCARPA, 1999), a confusão terminológica desta área de investigação é tão grande. Ainda de acordo com a mesma autora, o termo remonta aos gregos, que o utilizavam para se referir ao acento de tom ou melódico, ou seja, aspectos da fala que não são representados pela ortografia. Posteriormente (cf. SCARPA, *op. cit.*), o acento tonal ou melódico foi introduzido na escrita por intermédio de signos ortográficos denominados de prosódias. Dessa forma, as sílabas que tinham uma prosódia aguda em grego antigo eram pronunciadas em um tom baixo e as de prosódia circunflexa eram pronunciadas em tom alto seguido de baixo. Séculos mais tarde, os significados melódicos do grego clássico deram lugar ao caráter de acento dinâmico. O termo

prosódia empreendeu uma redução de significado, passando a significar distinção de duração e acento.

Partindo do sentido original usado pelos gregos, os linguistas modernos recuperaram a parte que se refere ao conjunto de fenômenos fônicos que se localiza além ou acima da representação segmental linear dos fonemas. Dessa forma, o termo prosódia tem se combinado ou se alternado com o termo suprasegmental. Conforme afirma Scarpa (1999), o termo prosódia voltou a ser utilizado pela pressão das teorias fonológicas não-lineares e pelo desenvolvimento descritivo e tecnológico efetuado no âmbito da fonética acústica. Atualmente o estudo da prosódia recobre, nos estudos linguísticos, um vasto leque de fenômenos que abarcam, entre outros, os parâmetros de altura, intensidade, duração, pausa, velocidade e estudo do tom.

Ao tratar especificamente de pesquisas sobre prosódico, pelo viés acústico, Moutinho e Coimbra (2010, p. 98) afirmam que “a maioria dos estudos sobre prosódia refere-se à variação de F_0 como o fator determinante na percepção da natureza interrogativa ou declarativa de uma frase, fato esse que nós próprios temos constatado no decorrer de nossa investigação”. Por essa e outras razões, daremos também aqui prioridade aos resultados relativos ao movimento da frequência fundamental.

Para Madureira (1999, p. 54):

O nível prosódico – padrões de acentuação, ritmo e entoação – interage, na maioria dos modelos de derivação prosódica, com o nível linguístico (estrutura sintático-prosódica, estrutura temática e de foco) e com o nível fonético-acústico (duração dos segmentos, de marca das pausas, alterações de frequência fundamental, intensidade, fenômenos de coarticulação, redução vocálica e qualidade de voz).

Assim como Moutinho e Coimbra (2010), Madureira (op. cit.) afirma que, entre os eventos fonéticos de caráter acústicos mais estudados e modelados em nível prosódico, estão a frequência fundamental e a duração, pois esses parâmetros físicos dão conta de questões como, por exemplo, acento e tom (ver Capítulo XI).

Para Ladefoged (1975), os estudos acústicos da prosódia dá ao linguista a possibilidade de entender e descrever os sons que ouvimos do discurso com mais clareza, evitando problemas de confusão que podem ocorrer na investigação dos sons das línguas. Nessa mesma perspectiva, Ladd (1996) afirma que a investigação fonológica da prosódia (no caso, se referindo ao inglês)

pode ser mais bem explicada pela investigação da fonética acústica de F_0 . A esse respeito, Coimbra (2007) afirma que a investigação acústica da frequência fundamental (F_0) permite entender e descrever melhor as modalidades declarativa e interrogativa, no caso específico, se referindo ao português.

Acerca das análises de duração e intensidade para estudos da prosódia, Moutinho e Coimbra (2010, p. 102) dizem:

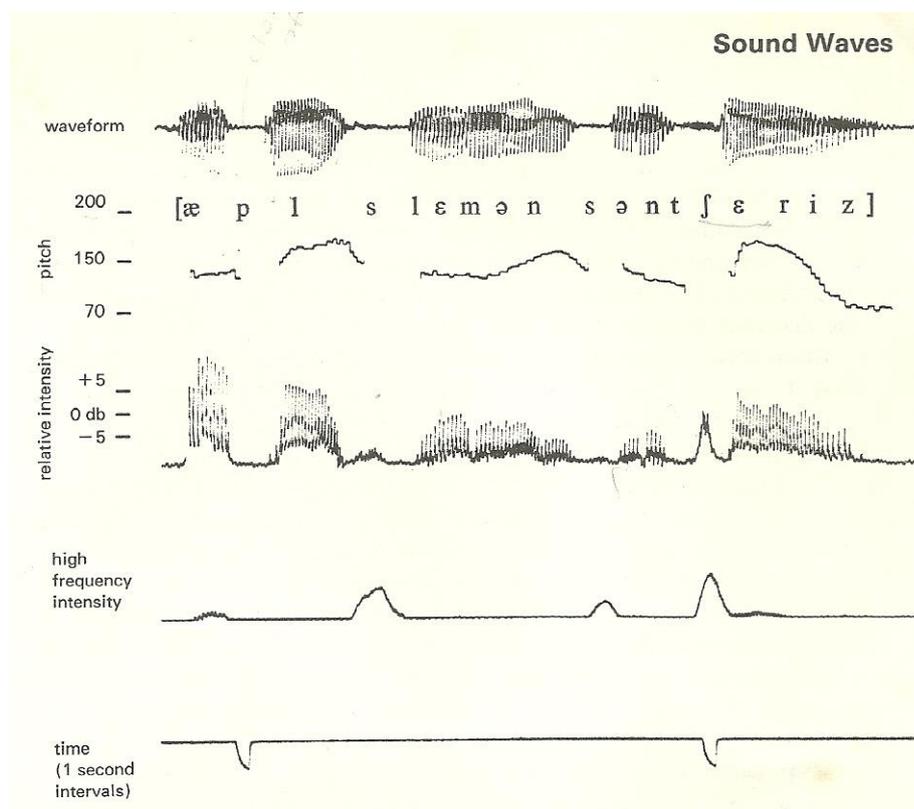
Partindo do pressuposto de que a entoação resulta da organização dos acentos lexicais na frase, ao estudar a entoação é habitual observar a duração das sílabas que constituem as frases em análise. No nosso caso, o projeto AMPER, apenas considera a duração dos segmentos vocálicos e, por isso, apenas a eles nos referiremos. Também a energia é normalmente relacionada com o acento lexical, visto que se considera que o acento em português é caracterizado não só pelo alongamento, mas, também, pelo aumento da energia da sílaba acentuada. Apesar disso, duração e energia, embora sejam apresentadas como fatores relacionados com a entoação, não são normalmente apontados como determinantes.

Em suma, a investigação acústica fornece recursos que permitem ao linguista verificar particularidades da língua que não seriam possíveis de serem verificadas, pelo menos com melhor exatidão, com outros métodos ou técnicas de investigação.

10.3 PARÂMETROS FÍSICOS CONTROLADOS

Entre os parâmetros acústicos dos quais lançamos mão para esta tese, que são de comum utilização para investigação prosódica de entonação de acento no âmbito do discurso, nos interessam particularmente três aspectos: (i) *pitch*; (ii) duração e (iii) intensidade. Esses são os principais parâmetros de análise apontados por Ladefoged (1975), Barbosa (1999), Barbosa e Madureira (2015), Arantes e Barbosa (2006), Madureira (1999) e Ladd (1996), entre outros. Assim, a proposta deste tópico e subtópicos é discutir as principais características destes parâmetros acústicos de fundamental importância para a nossa pesquisa, mas ressaltando que nossa análise não é puramente acústica, pois essa servirá como apoio instrumental para nossas hipóteses na perspectiva fonológica (ver seções 10.3.1-10.3.3).

Figura 76³³ — Representação de dados acústicos: *pitch*, intensidade, frequência e tempo



Fonte: Ladefoged (1975, p. 161).

Como se observa na figura (76), os parâmetros acústicos mais relevantes para o estudo de acento e do contorno entoacional são *pitch*, duração e intensidade, sendo que, a depender da língua, um parâmetro pode ser mais importante que o outro, ou todos eles juntos podem ser determinantes, conforme discutiremos de forma mais detalhada em seções posteriores.

10.3.1 F_0 - *pitch* - Hz

O estudo de F_0 -*pitch* (frequência fundamental) é a faixa de frequência mais baixa da onda complexa, sendo essa frequência de suma importância, pelo viés acústico, para estudos da entoação nas línguas. Conforme Ladefoged (1975), Kent e Read (2015) e Madureira (1999), o *pitch*, que é medido em frequência denominada Hertz, e que comumente é abreviado como Hz,

³³ Essas medidas são representações da gravação das frases em inglês “*Apples, lemons, e cherries,*” da fala de um americano da Califórnia. No topo da linha estão as ondas sonoras (*waveform* em inglês); na segunda linha está a frequência fundamental (que indica o *pitch*); a terceira linha é a intensidade (indicador da sonoridade); a quarta linha é a intensidade de altura da frequência (as fricativas); e o ponto de articulação da linha é a marcação do tempo (cf. LADEFOGED, 1975, p. 161) (tradução nossa).

depende do grau de vibração das cordas vocais. Assim, tem um *pitch* alto, quando há alta frequência de vibração e tem *pitch* baixo quando o som tem baixa frequência de vibração. Ou seja, a produção do *pitch* se dá em cada abertura e fechamento das cordas vocais por causa do pico da pressão do ar na onda sonora. A frequência, em termos de propriedade acústica do som, é o número de repetições completas de vibração na pressão do ar em um segundo (cf. LADEFOGED, op. cit.), ou seja, se as cordas vocais produzem 200 aberturas completas, dizemos que a frequência é de 200 Hz (ver figura (76), segunda linha). Pode-se ainda dizer, que de maneira geral, quanto mais alta a frequência de vibração, mais alto é o *pitch*.

Em termos gerais, é por meio da medição do *pitch* que podemos medir e representar fisicamente o comportamento melódico da fala. Pode-se denominar em português a palavra *pitch* como sinônimo de altura. Dessa forma, o estudo acústico, tendo como base a medição do *pitch*, permite pesquisar, descrever e classificar os sons em uma escala de altura (baixo e alto, e obviamente mostrar posições intermediárias a esses dois padrões). O *pitch* também é muito importante para se estudar línguas tonais, pois os diferentes níveis de *pitch* vão caracterizar os diferentes tipos de tons e obviamente de significado semântico e pragmático na língua em estudo. Sobre o tema, afirma Fox (2000, p. 4), “tom e entoação são baseados no *pitch*, que é controlado pelos músculos da laringe”. Em outras palavras, o *pitch* exerce papel fundamental na análise da entoação.

10.3.2 Duração - ms

A duração (cf. MORAES, 1999; LADEFOGED, 1975; BARBOSA; MADUREIRA, 2015; KENT; READ, 2015 entre outros) é um parâmetro acústico, que é medido em metro por segundo e é usualmente abreviado como ms (ver última linha da figura (76)). Nesses termos, o estudo das variáveis temporais da fala tem grande importância nos estudos fonéticos e fonológicos das línguas, principalmente na necessidade de construir algoritmos que possam tanto simular a duração dos segmentos fônicos quanto para simular a síntese da fala, o que, de certo modo, permite a correta interpretação dos fenômenos linguísticos que relacionam a dimensão temporal da linguagem, o que (cf. MORAES, 1999, p. 69-70) “interessará à análise linguística em geral, e ao reconhecimento da fala em particular”. Ainda nas palavras do autor, a formulação de regras que definam a duração objetiva (intrínseca ou normalizada) dos sons segmentais da fala (sintetizada ou não) não é tarefa fácil, uma vez que os segmentos fônicos são resultados de uma complexa interação de fatores diversos, entre eles: (i) velocidade da fala

(taxa de elocução); (ii) qualidade da fala, (iii) duração das pausas, (iv) posição das palavras na frase, (v) extensão da palavra ou do morfema; (vi) posição da sílaba na palavra, (vii) acento e (viii) entoação. Esses são os principais fatores que devem ser levados em conta na hora de se estabelecer a duração de um segmento fônico. E isso não é tarefa simples, por isso, o foneticista deve adotar o melhor método e técnica possíveis para minimizar ao máximo as possíveis disparidades nesse tipo de medição.

Além desses fatores já citados, é importante também atentar às propriedades intrínsecas de cada segmento da fala, já que há relação clara entre a abertura da vogal e sua duração, como se observa em várias línguas do mundo, como a italiana, a francesa, a alemã, a portuguesa entre outras (ver MORAES, 1999; LADEFOGED, 1975, 1996).

O parâmetro de duração, em investigação acústica, particularmente nos interessa, uma vez que procuramos sustentar a hipótese que a duração da vogal em Manxineru é fator importante também para o acento da palavra nessa língua (ver seção 11.8.1), apesar de que não postulamos, ao contrário do que afirma Matteson (1965), que em Manxineru haja distinção (contraste) fonológica relativa à duração dos sons. Nesses termos, estamos de acordo com as reflexões de Ohala (1987, p. 210), quando ele diz que “certa duração dos sons são determinada pela estrutura silábica subjacente³⁴” (ver também OHALA, 1986). Contudo, postulamos, no caso do acento, como, por exemplo, no português e no galego (cf. MOUTINHO; COIMBRA; REI, 2009), que existe também uma associação entre a duração e a tonicidade.

10.3.3 Intensidade - dB

A intensidade, que é medida em decibéis, usualmente abreviada como dB, como mostra a terceira linha da figura (76) (cf. LADEFOGED, 1975; KENT; READ, 2015; BARBOSA; MADUREIRA, 2015), é um parâmetro acústico que depende da medida da variação da pressão em que ocorre. Ainda nas palavras dos autores, a intensidade é a medida adequada da sonoridade, e é correlata à amplitude dos sons, pois a intensidade tem a ver com a quantidade de energia de uma determinada onda sonora. A amplitude é o parâmetro acústico de medida da magnitude de ocorrência de um ciclo de uma onda sonora. Ou seja, a amplitude está relacionada com a intensidade de um som tem sua unidade de medida, assim como a

³⁴ Tradução nossa.

intensidade, o dB. Mas obviamente essa duração depende em que contexto a vogal está. Em geral as vogais têm maior intensidade que as consoantes.

O que tentamos dizer, além de demonstrar as propriedades físicas de cada um desses parâmetros acústicos, é que o *pitch*, a duração e a intensidade são elementos fonéticos acústicos com papel crucial para a investigação mensurável dos dados empíricos que pretendemos demonstrar aqui. Sustentamos, assim, que esses elementos acústicos são excelentes parâmetros para um caminho mais seguro de observação dos dados gravados. Ou seja, a nossa pesquisa procurou determinar quais desses parâmetros físicos, ou se todos eles em conjunto, são determinantes para marcar o acento em Manxineru. A Curva de F_0 é extremamente importante para a análise e descrição do padrão entoacional das sentenças do Manxineru.

10.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO

Como argumentamos nesta tese, a análise acústica é importante e se faz necessária para o nosso estudo, pois ela é um forte e confiável aparato técnico e metodológico que nos auxilia na nossa pesquisa no intuito de comprovar ou descartar hipóteses formuladas em nossa pesquisa, porque, mesmo que tenhamos experiência e cuidado no levantamento de dados, seleção e análise dos segmentos através da observação (método de oitiva), certas hipóteses precisarão de confirmação experimental. Contudo, apenas a análise experimental, como sugere Ladefoged (1975), não supre toda a análise e nem é a última palavra para afirmação de hipóteses sobre certos fenômenos da língua.

Neste capítulo, mostramos ainda que estudos sobre a estrutura prosódica têm sido amplamente difundidos, nos últimos anos, pela necessidade de definição dos domínios de regras fonológicas, pelo papel que desempenham na definição dos pontos dos eventos tonais na sequência segmental e pela sua contribuição para o entendimento de certos fenômenos prosódicos, bem como de fenômenos fonológicos.

Nesses termos, a pesquisa experimental de análise acústica, principalmente os parâmetros físico controlados, (cf. BARBOSA; MADUREIRA, 2015; LADEFOGED, 1975, 1996; OHALA, 1986) tais como *pitch*, intensidade e duração são extremamente confiáveis para demonstrar elementos da fala que não são tão fáceis de serem percebidos apenas pela análise perceptual. Ou seja, a nossa escolha pela análise acústica experimental tem como foco principal a de minimizar dúvidas e comprovar hipóteses elencadas em nossa pesquisa ou na de outros que propuseram descrever a língua Manxineru.

CAPÍTULO XI

11. ANÁLISE ACÚSTICA DA PROSÓDIA DA LÍNGUA MANXINERU

Neste capítulo, procuramos descrever as ocorrências prosódicas da língua Manxineru. Ou seja, a nossa preocupação foi a de demonstrar, por meio da fonética acústica experimental e à luz da teoria prosódica métrica e entoacional, a nossa hipótese sobre o acento e entoação da língua em tela. Para isso, procuramos, não só mostra a análise, mas também expor, de forma mais clara possível, a metodologia utilizada para a nossa pesquisa sobre o estudo prosódico do Manxineru. Ou seja, tentamos evidenciar, neste capítulo, como e quais foram os passos que demos durante a pesquisa—escolha dos dados, gravação, configuração e descrição – que nos levaram à análise do *corpus* evidenciado nesta tese.

11.1 CORPUS FORMADO

Na obtenção de medidas físicas do *corpus* para esta análise, nos preocupamos não só em gravar os dados em ambiente controlado (como em estúdio e/ou ambiente insonorizado) que evitasse, ao máximo, interferências externas que pudessem prejudicar os dados para a análise acústica, como também nos preocupamos em criar contextos para obtenção de dados que nos permitissem a análise do comportamento do acento e da entoação em razão dos seguintes fatores:

- (i) Natureza de duração da vogal – longa ou curta;
- (ii) Grau de tonicidade da vogal – tônica ou átona;
- (iii) Extensão da palavra – monossilábica, dissilábica, trissilábica...;
- (iv) Posição da palavra na sentença;
- (v) Modalidade entoacional – declarativa, interrogativa, imperativa.

Para a análise acústica, contamos com 20 palavras fonológicas para verificação do acento, no Manxineru, além de 20 sentenças para verificação do contorno entoacional, conforme exemplificamos no quadro (23).

Quadro 23 — *corpus* que forma os dados analisados

Ord.	Dados para análise do acento		Dados para a análise do contorno entoacional	
	1.	<i>hafitfi</i>	‘coração’	<i>rapokatakana</i>
2.	<i>hafitfine</i>	‘corações’	<i>honaha ralika hireta</i>	‘ele quer beber água’
3.	<i>rihi</i>	‘dente dele’	<i>ralika hiretali honaha</i>	‘ele quer beber água’
4.	<i>hiihina</i>	‘dente deles’	<i>lokas fimani kafita</i>	‘Lucas pegou o peixe’
5.	<i>tololo</i>	‘sapo’	<i>lokas kotfohata</i>	‘Lucas pescou’
6.	<i>tololone</i>	‘sapos’	<i>fima nihikafita lokas</i>	‘o peixe, Lucas pescou’
7.	<i>notololotene</i>	‘meus sapos’	<i>hiralika hireta</i>	‘ele não quer beber’
8.	<i>koko</i>	‘tio’	<i>hiralika hiretali honaha</i>	‘ele não quer beber água’
9.	<i>kokojmaro</i>	‘ela (está) com o tio.’	<i>lokas hiripiratali honaha</i>	‘Lucas não quer beber água’
10.	<i>kokonejmaro</i>	‘ela (está) com os tios.’	<i>ralika hiretahe?</i>	‘ele quer beber?’
11.	<i>talahwa</i>	‘sapo de chifre’	<i>lokas lahakafita fima?</i>	‘Lucas pescou o peixe?’
12.	<i>talahwane</i>	‘sapos de chifre’	<i>lokas lahehonaha halika hireta?</i>	‘Lucas quer beber água?’
13.	<i>talahwanikaka</i>	‘muitos sapos de chifre’	<i>lokas hikafitalo fima?</i>	‘Lucas não pescou o peixe?’
14.	<i>tsapata</i>	‘goiaba’	<i>fima hikafita lokas?</i>	‘o peixe, o Lucas não pescou?’
15.	<i>hitsapatane</i>	‘goiabas dele’	<i>hiralika hireta?</i>	‘ele não quer beber?’
16.	<i>nika</i>	‘comer’	<i>rimakahe?</i>	‘ele dormiu?’
17.	<i>nikaja</i>	‘eu como lá’	<i>lokas honaha pirata</i>	‘Lucas, beba água’
18.	<i>nikajawaka</i>	‘local onde se come algo’	<i>lokas fima kafitana</i>	‘Lucas, pesque o peixe’
19.	<i>rasika</i>	‘correr’, ‘ele corre’	<i>fima pikafitana lukas</i>	‘pesque o peixe, Lucas’
20.	<i>rasikamatakaka</i>	‘ele fez ele correr’	<i>lukas hipirana honaha</i>	‘Lucas, não beba água’

A seleção ampla e prévia dos dados específicos para a análise foi muito importante, como forma de evidenciar dados adequados e descartar outros que não eram adequados para a análise específica.

11.2 PERFIL DO LOCUTOR

A gravação dos dados foi feita junto a três colaboradores indígenas: uma mulher, Mariana Souza Samarra Manchineri (25 anos) e dois homens, Leudo Artur Brasil Manchineri (18 anos) e Lucas Artur Brasil Manchineri (32 anos). Todos esses colaboradores são falantes bilíngues (Manxineru-Português), com um bom domínio da língua portuguesa. Para a gravação em estúdio e/ou em outros ambientes controlados, como forma de produzirmos dados específicos para a análise acústica, participou apenas Lucas Artur Brasil Manchineri, que é pesquisador do LALLI-UnB e aluno de mestrado em seustentabilidade da UnB, uma vez que não dispusemos de recursos suficientes para arcar com os gastos da vinda de mais colaboradores ao LALLI-UnB. Assim, não possível, por exemplo, produzir dados para contrastar fala feminina e masculina e/ou de adulto e de criança. Algo que pretendo fazer em pesquisa de pós-doutorado.

11.3 PROTOCOLO DE COLETA DE DADOS

A formação dos *corpora* foi realizada em vários momentos durante três pesquisas de campo feitas por mim e em colaboração com Lucas Arthur Brasil Manchineri, sob a orientação da Professora Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral e do professor Dr. Aryon Dall'Igana Rodrigues, conforme já mencionado anteriormente, em julho de 2011, janeiro e julho de 2012, no estado do Acre. Também fizemos mais cinco gravações no LALLI/UnB em outros três momentos: março e novembro de 2012, setembro de 2014, outubro de 2015 e por último em abril de 2016. Estas duas últimas, com o propósito de formar o *corpus* específico para análise experimental para a presente tese, foi feita no laboratório de rádio do curso de Comunicação da UnB, que possui três estúdios e 4 ilhas de gravação e edição de áudio.

Na primeira oportunidade de gravação dos dados (março de 2012), fizemos gravações baseadas em lista de palavras com cerca de 1.700 itens, posteriormente ampliamos esses dados (novembro de 2012) e por último (abril de 2016), com novas gravações, principalmente, com o propósito de análise de dados acústicos específicos para esta análise. Somados os dados, contamos com uns *corpora* constituídos de palavras soltas, sentenças e narrativas. As palavras

soltas foram levantadas com base em uma lista lexical e que somam hoje cerca de 2000 itens – que foram transcritos, revisitados e testados com os falantes para confirmação ou não das hipóteses e melhoramento das análises. As gravações fora do estúdio foram todas feitas utilizando o gravador digital Zoom H 4, cuja imagem está na figura (77).

Figura 77 — imagem do gravador digital Zoom H4



Todos os dados, com a exceção das gravações feitas em estúdio, foram gravados para a nossa análise acústica foram formados seguindo o seguinte protocolo: (i) seleção escrita do *corpus* com base em uma avaliação empírica das palavras, (ii) transcrição desses dados em uma nova lista e (iii) era lido, em português, as palavras ou frases e posteriormente repetida, pelo colaborador indígena, sempre duas vezes para que pudéssemos ter a oportunidade de não só confirmar os itens como também evitar a perda com ruído de uma única gravação.

11.4 TAMANHO DO CORPUS OBTIDO

Os *corpora* de nossos dados foram gravados de forma digital em formato *Wav*, com taxa de gravação de 48 kHz e 24 bites que somam cerca de 36 horas de gravação, formado aproximadamente 2000 itens lexicais entre palavras, frases e textos. Para a análise acústica do acento foram gravadas cerca de 100 palavras (ou enunciado), mas com a finalidade de controlar (filtrar) os resultados obtidos com os dados, construímos uma segunda lista – a partir da primeira lista – que foi elaborada com 40 palavras (e/ou sentenças), sequencialmente: dissilábicas, trissilábicas e assim por diante nas modalidades declarativa e interrogativa e imperativa nas formas afirmativa e negativa, de maneira a nos permitir não só verificar os

resultados percentualmente, mas também como também aplicar a configuração analítica dos dados nos programas Praat³⁵ e Python (x,y)/Spyder 2.7.6.1. Dessa lista, nós utilizamos 20 palavras para análise de acento, por serem os melhores dados em termos de representação da proposta e com menores ruídos acústicos. Para a descrição e análise acústica do contorno entoacional em Manxineru, contamos também com 20 sentenças. Dessas sentenças, utilizamos para a análise 9 frases declarativas afirmativas (dessas, 3 são negativas); 7 frases interrogativas, sendo que 3 são negativas e 4 frases imperativas, sendo 1 (uma) negativa. Além disso, procuramos selecionar sentenças que contrastassem a ordem dos constituintes, principalmente aquelas que oportunizassem colocar elementos em função/posição de foco, para verificar o comportamento entoacional nesses contextos.

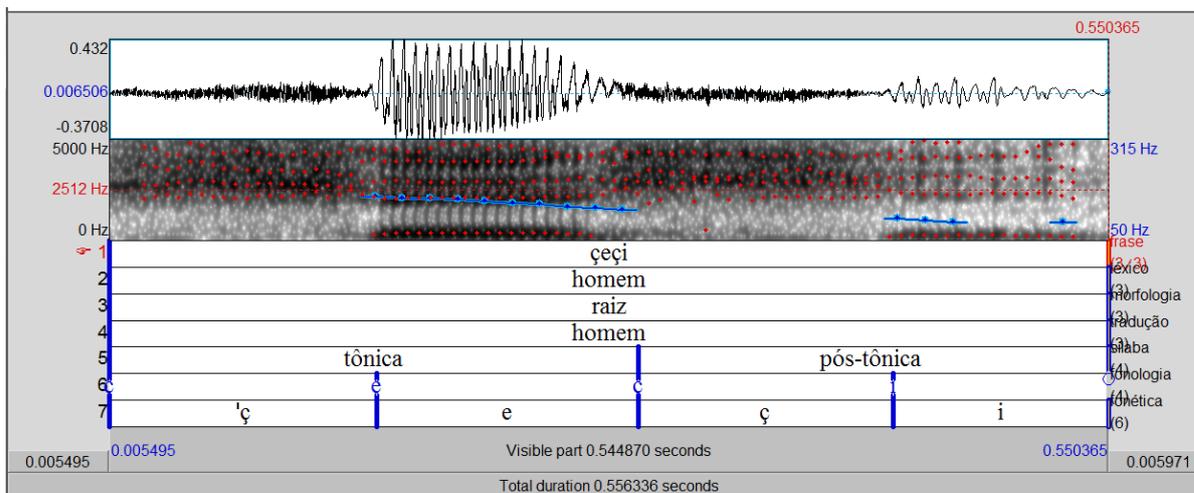
11.5 SEGMENTAÇÃO DOS DADOS

Para gravação, segmentação e organização do *corpus* analisado, procedemos da seguinte maneira: (i) todos os dados foram gravados utilizando o gravador digital Zoom H 4 (ver figura (77)); (ii) os arquivos de som foram inicialmente convertidos em arquivo *Wav*; (iii). Os *Textgrids*, para ler juntamente com o Praat, levam o mesmo nome do arquivo de som com a extensão *TextGrid*, como, por exemplo: *Wav 001. TextGrid 001*; (v) os *Textgrids* têm 7 níveis, que se organizam da seguinte maneira: (i) frase no nível 1; (ii) léxico no nível 2; (iii) morfologia no nível 3, (iv) tradução (aproximada) no nível 4, (v) sílaba no nível 5 para marcar as tonicidades, (vi) fonologia no nível 6 e (vii) fonética no nível 7 (transcrito com base nos símbolos fonéticos do ³⁶*International Phonetic Alphabet -IPA*), conforme exemplificamos na figura (78).

³⁵ O manual para iniciantes do Praat encontra-se disponível na Internet por Sidney Wood, no site: <<http://www.ling.lu.se/persons/Sidney/praaate.frames.html>>. Ou ainda em: <<http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>>

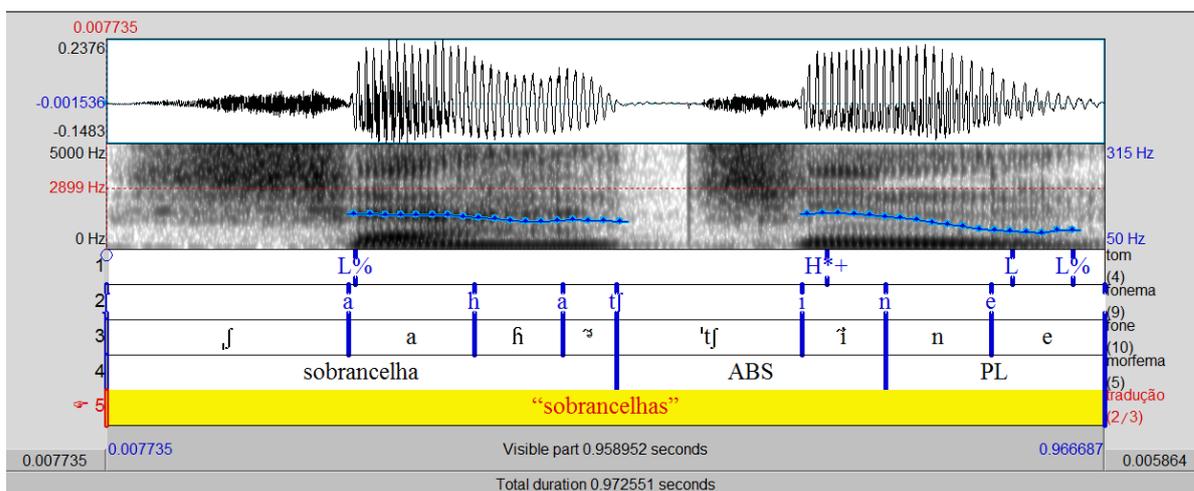
³⁶ Conforme tabela disponível em Anexo.

Figura 78 — Amostra de espectrograma e forma de onda de procedimento de organização metodológica dos arquivos dos TextGrids



Para descrição do padrão entoacional, os *TextGrids* foram organizados em 4 níveis, a saber: (i) tom no nível 1; (ii) fonema no nível 2; (iii) fone no nível 3, (iv) morfema no nível 4 e (v) tradução (aproximada) no nível 5, conforme exemplificamos na figura (79).

Figura 79 — Exemplo de procedimento e organização metodológica dos arquivos dos TextGrids

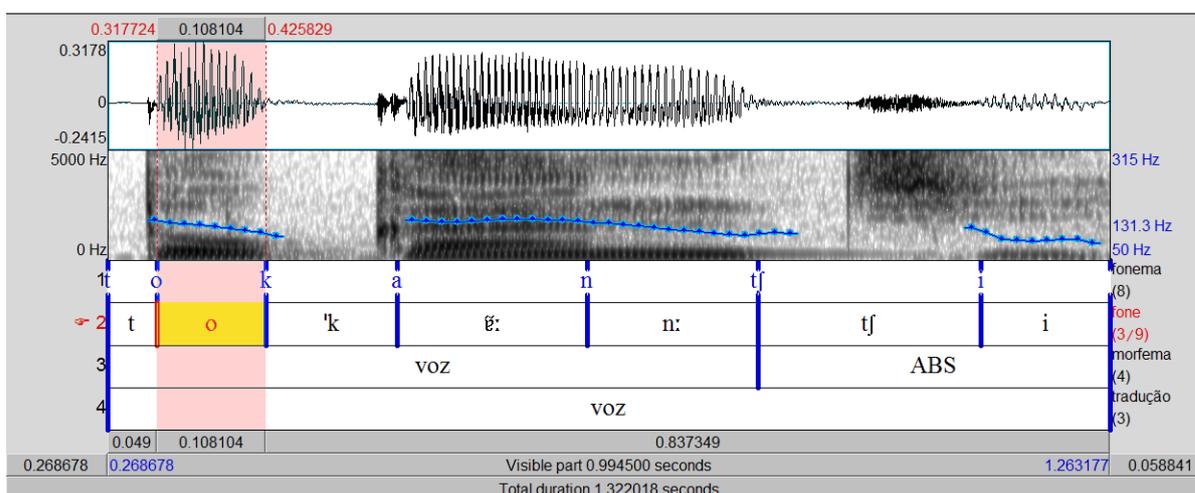


Todos os dados para análise acústica no *software* Praat foram gravados ou em ambiente com isolamento acústico ou em ambiente que tivesse o mínimo de interferência sonora externa (ambientes insonorizados).

11.6 TOMADAS DE MEDIDAS FÍSICAS

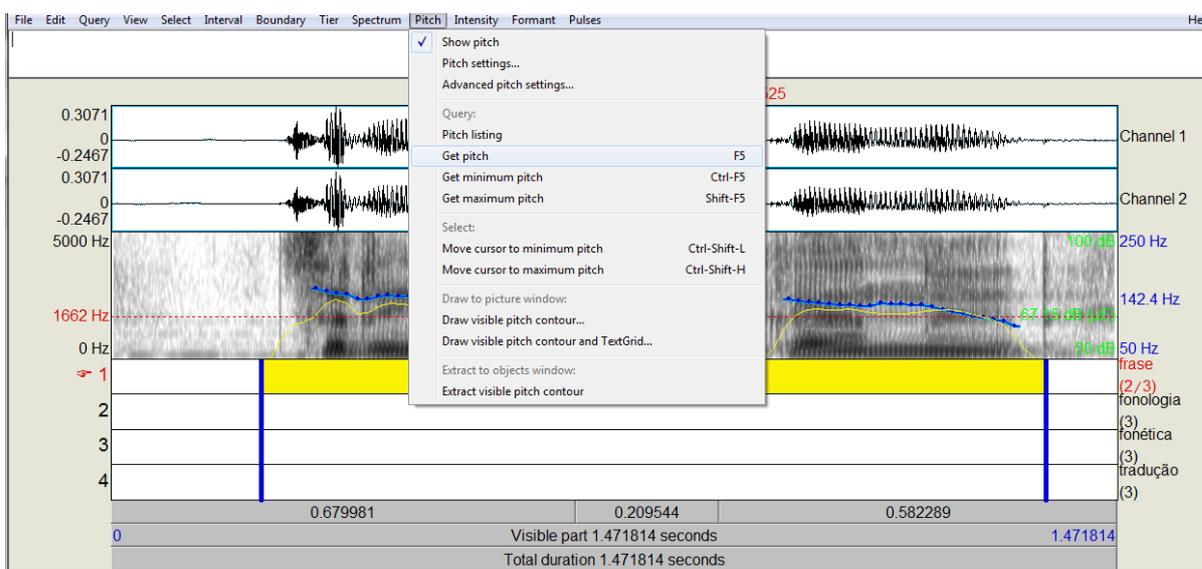
Para a medição dos dados físicos, procedemos da seguinte forma: para a obtenção dos dados intrínsecos (média normalizada) do *pitch* (F_0), da duração (tempo) e da intensidade, foi feita a média de cada aspecto observando em toda extensão da vogal, no software livre *Praat*, sendo que procuramos marcar esse comprimento (apesar de termos alguma dificuldade em definir o início e término de algumas vogais com precisão) com base na linha de *pitch*, forma da onda, percepção auditiva e principalmente na qualidade dos formantes das vogais para todas as análises, como destacamos no exemplo da figura (80).

Figura 80 — Amostra do espectrograma, forma de onda e modelo de segmentação para obtenção da extensão das vogais



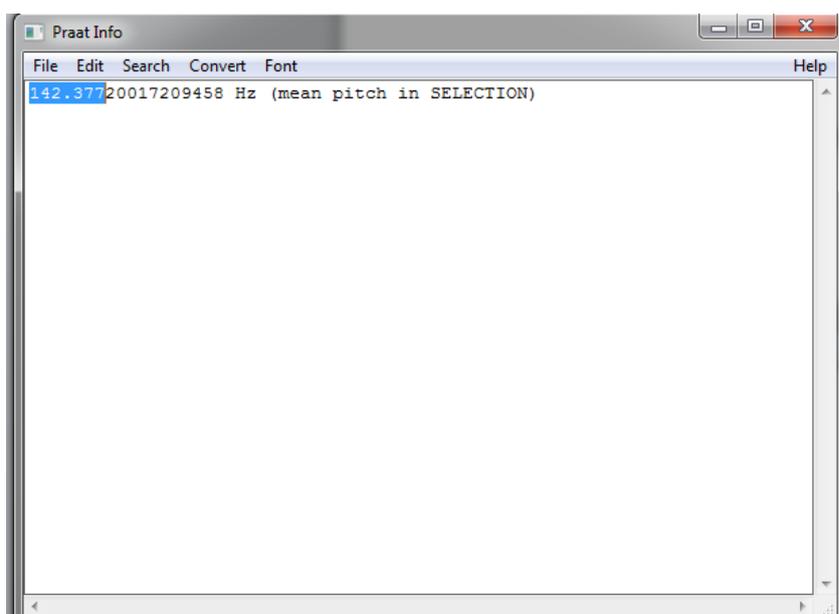
Apesar da formulação de regras que definam a duração objetiva dos segmentos fônicos na fala sintetizada ou que a interpretem na fala natural, essa tarefa não é fácil (cf. LADEFOGED, 1975; BARBOSA; MADUREIRA, 2015), por isso procuramos reduzir ao máximo as possíveis discrepâncias de obtenção e análise dos dados, assim, posteriormente aferimos a média de cada medida física (*pitch*, intensidade e duração) que o próprio *Praat* fornece (ver figura (81)).

Figura 81 — Amostra de janela para a seleção de média dos dados no Praat



O Praat forneceu os valores médios dos elementos em destaque, com base no que selecionamos. Para visualização dos dados numéricos, selecionamos os dados numéricos até a terceira casa decimal após a vírgula (cf. figura (82)). Esse procedimento foi padrão para todos os dados físicos mensuráveis.

Figura 82 — Amostra da janela da obtenção da média das vogais no Praat



Por fim, fizemos a normalização de cada um desses elementos acústicos no Python (x, y) 2.7.6.1, conforme descrito na seção seguinte.

11.7 TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Para análise de média e de tratamento estatístico do acento em Manxineru, tivemos a fundamental ajuda do matemático e foneticista professor titular da Ciência da Computação da Universidade de Brasília-UnB, Dr. Jorge C. Lucero, que sugeriu todo o procedimento metodológico e o programa para a obtenção das médias dos dados acústicos (*pitch*, intensidade e duração) de cada vogal (núcleo da sílaba) no programa Praat e a configuração gráfica no programa Python(x,y) 2.7.6.1. Seguindo as orientações do professor, nós pegamos as médias de cada vogal e de cada palavra e dividimos os parâmetros acústicos (intensidade, duração e *pitch*) das sílabas de cada palavra pela média correspondente a essa palavra. Isso possibilita diminuir diferenças/variações entre as sílabas das palavras em questões, tais como: (i) velocidade da fala, (ii) aproximação do microfone e (iii) intensidade de voz (cf. NAVAS; HERNÁNDEZ, 2010). Assim, o parâmetro normalizado foi adquirido com base na seguinte equação (algoritmo):

$$M = \frac{\sum_{i=1}^n x_i}{n}$$

$$\bar{x}_i = \frac{x_i}{M}$$

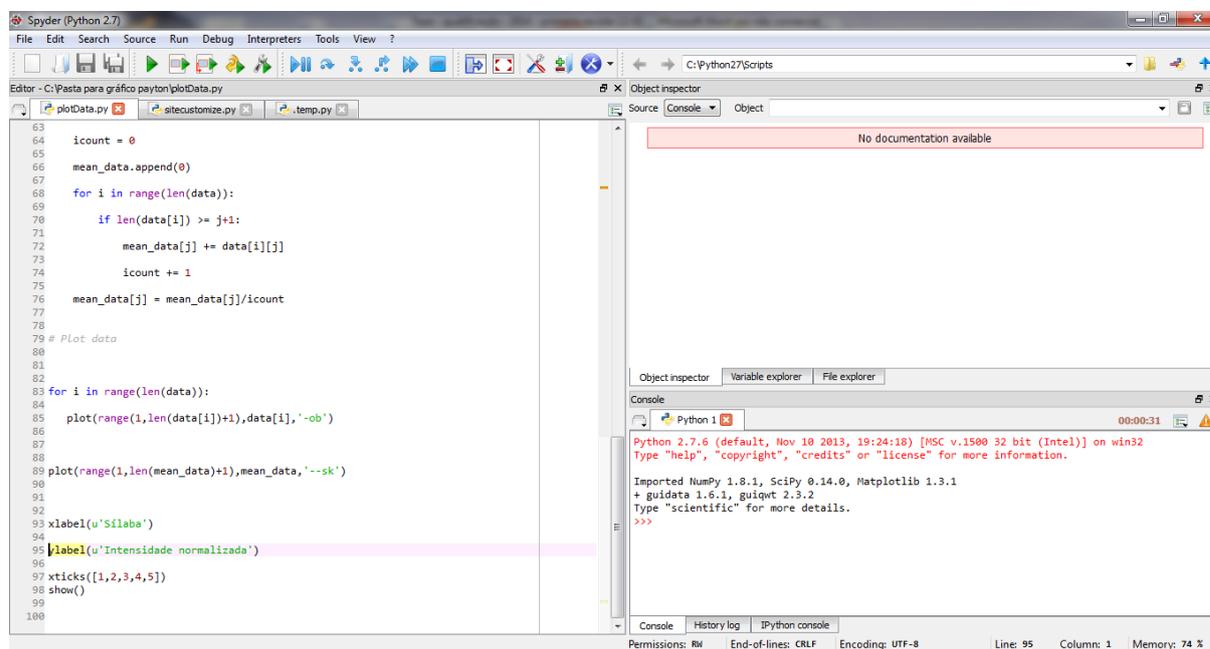
Onde (i) n representa o número de sílabas da palavra; (ii) x_i representa o valor da sílaba i ; (iii) \sum (sigma) representa o somatório dos n valores das sílabas da palavra; (iv) M representa a média aritmética dos n valores das sílabas da palavra; (v) \bar{x}_i é o valor normalizado da sílaba i .

Tanto a média final quanto a criação dos gráficos foram obtidos utilizando o Software Python (x, y) Home 2.7.6.1 (ver figuras (83) e (84)).

Figura 83 — Amostra da tela inicial do Software Python(x,y) 2.7.6.1

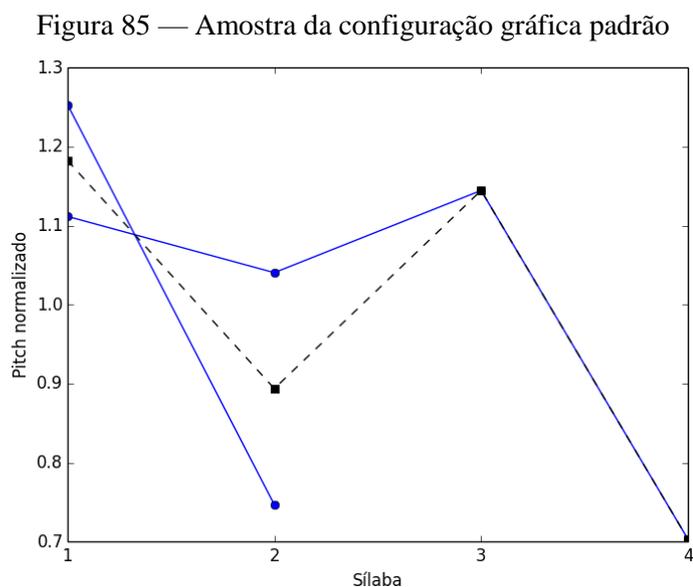


Figura 84 — Amostra da tela inicial da fórmula de obtenção de média dos dados físicos



Em relação aos gráficos sobre o acento em Manxineru (ver seção 11.1), devemos interpretá-los da seguinte maneira: (i) as linhas contínuas representam a configuração das palavras; (ii) os pontos nas linhas contínuas representam as sílabas; (iii) a linha pontilhada representa a média das sílabas de todas as palavras do grupo derivado; (iv) a numeração na

linha horizontal demonstra a quantidade de sílabas e (v) a linha vertical mostra a escala dos valores normalizados das sílabas de cada palavra. No caso exemplificado abaixo, são duas palavras com um número mínimo de duas sílabas (dissilábicas) e o máximo com quatro (tetrassilábica), conforme exemplificamos na figura (85).



Assim sendo, para análise e descrição dos aspectos gerais e gramaticais da língua (fonética, fonologia, morfologia, sintaxe etc.) formamos *corpora* com mais ou menos 2000 itens lexicais (entre palavras soltas, sentenças e texto); para a obtenção de dados para a análise acústica de acento e contorno entoacional, contamos com lista inicial de 100 palavras e enunciados, chegando a uma lista final com 20 palavras para análise do acento e 20 frases para análise da entoação.

11.8 ANÁLISE PROSÓDICA DO MANXINERU: ACENTO E CONTORNO ENTOACIONAL

Com já abordado no Capítulo V, observado apenas de oitava, é percebido, salvo pelas sílabas extrassilábicas, que sempre o acento ocorre na penúltima sílaba e que a duração é um fator muito importante para a composição rítmica do Manxineru. Dessa forma, para que tenhamos outro olhar e outro parâmetro de análise, propomos discutir e formular hipótese para o padrão acentual e entoacional neste capítulo, visto que o foco principal desta tese é

analisar, descrever e propor uma hipótese sobre a forte interação do ritmo, acento, contorno entoacional para as mudanças fonéticas, fonológicas e morfofonológicas da língua.

11.8.1 O ACENTO EM MANXINERU

Apresentamos, nesta seção, a nossa proposta de análise do sistema de acento no Manxineru, com o aparato de análise acústica para a aferição mais fidedigna dos dados a serem interpretados e compreendidos. Nessa análise, demonstramos, entre outros aspectos, que a derivação (acréscimo de afixos), seja na margem direita ou esquerda da palavra, normalmente não afeta o acento primário da palavra (ou tema), ou seja, o acento recai na penúltima sílaba da palavra, salvo em questões extrassilábicas (cf. HAYES, 19981, 1995; LIN, 1997).

Como já postulado em outros trabalhos sobre o Yine (Piro-Manxineru) (cf. MATTESON, 1965; LIN, 1997; SEBASTIÁN, 2006; HANSON, 2010; COUTO, 2012; SILVA, 2013), o acento em Manxineru não é fonológico, pois não é contrastivo na língua.

O aspecto mais consistente de tensão em Manxineru está na colocação de acento primário, que sempre ocorre na penúltima sílaba. Proeminências secundárias frequentemente ocorrem na primeira sílaba e em sílabas alternadas da esquerda para a direita, excetuando-se a sílaba adjacente ao acento primário. Dados esses que já foram ilustrados por Hanson (2010) e Couto (2012), citando Matteson (1965), conforme os exemplos³⁷ (715-718).

(715)	ra'watka	‘ele estava lá’
(716)	rawa'tkana	‘eles estavam lá’
(717)	ra,niika'tkana	‘ele comeu lá’
(718)	,rawa,nata'tkana	‘eles estavam vivendo lá’

A seguir, descrevemos dados gráficos estatísticos sobre a ocorrência normalizada do *Pitch*, da Intensidade e da duração na derivação da palavra, ou seja, procuramos exemplificar dados que sustentem nossa hipótese empírica de que o acento (*stress accent* em inglês) em Manxineru sempre tem proeminência na penúltima sílaba, independentemente da quantidade de morfemas (prefixos e sufixos ou outros morfemas) que são acrescentados à palavra (e/ou ao

³⁷ A tradução nossa para o português é baseada na de Rebecca Hanson (2010), que traduziu o exemplo do Manxineru para o Inglês.

tema). Padrão esse, que acarreta várias mudanças e fenômenos no sistema da língua, como foi possível verificar, por exemplo, nos capítulos (V) e (VIII).

Os dados dos gráficos (2, 3 e 4) – do exemplo (719) – e (5, 6 e 7) – do exemplo (720) – demonstram o comportamento do acento e as medidas da intensidade, duração e *pitch* na variação da palavra com acréscimo de até dois morfemas à direita do tema.

(719) a. [ˈhõʃtʃi]

haʃi-tʃi

coração-ABS.

‘coração’

b. [hõʃˈtʃĩne]

haʃi-tʃi-ne

coração-ABS-PL

‘corações’

Gráfico 2 — Intensidade normalizada [ˈhõʃtʃi] e [hõʃˈtʃĩne]

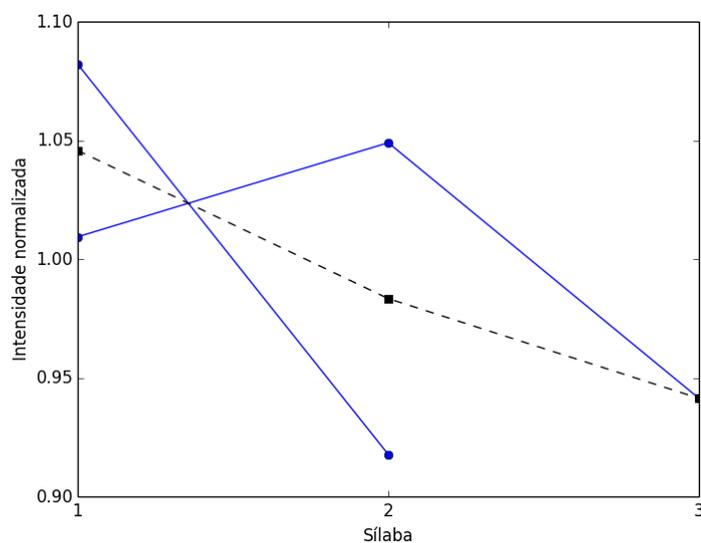
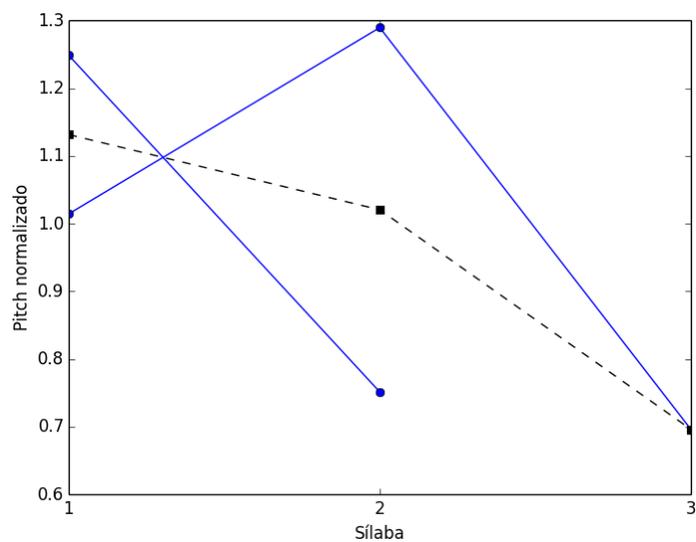
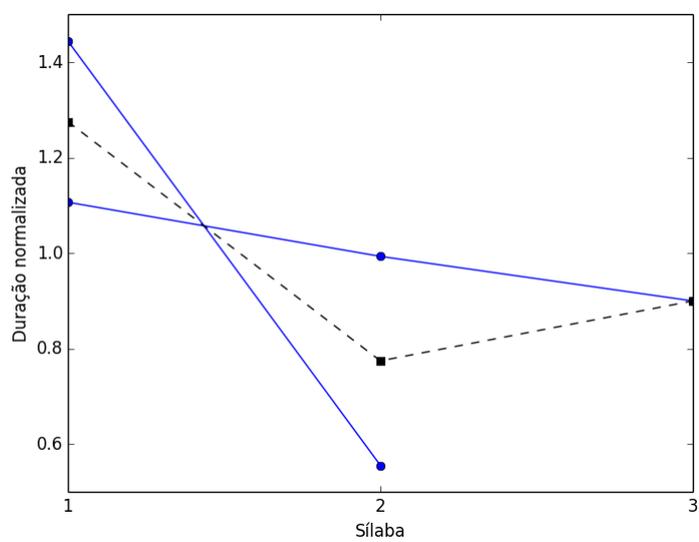


Gráfico 3 — *Pitch* normalizado ['hõʃtʃi] e [hõʃˈtʃĩne]Gráfico 4 — *Duração* normalizada ['hõʃtʃi] e [hõʃˈtʃĩne]

(720) a. ['rihĩ]

r-ih̃i

3S.M.POSS-dente

'dente dele'

b. [,hĩ'fĩnɐ]

hi-ih̃i-na

3PL.POSS-dente-PL

'dente deles'

Gráfico 5 — Intensidade normalizada ['rihĩ] e [hĩ'fĩnɐ]

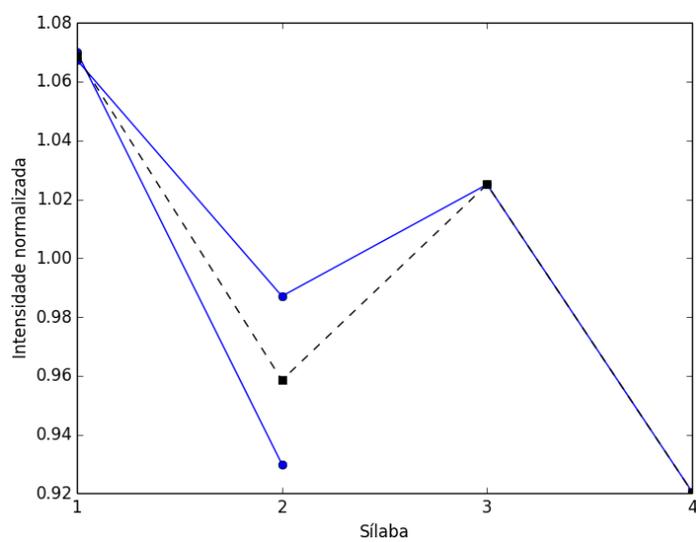


Gráfico 6 — Pitch normalizado ['rihĩ] e [hĩ'fĩnɐ]

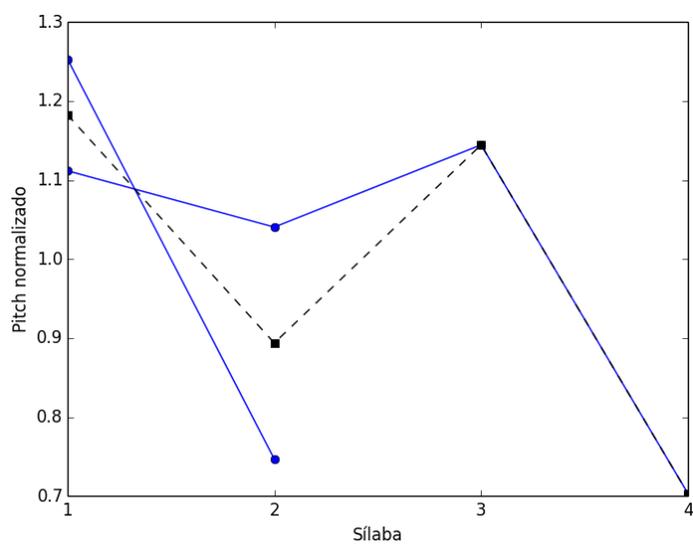
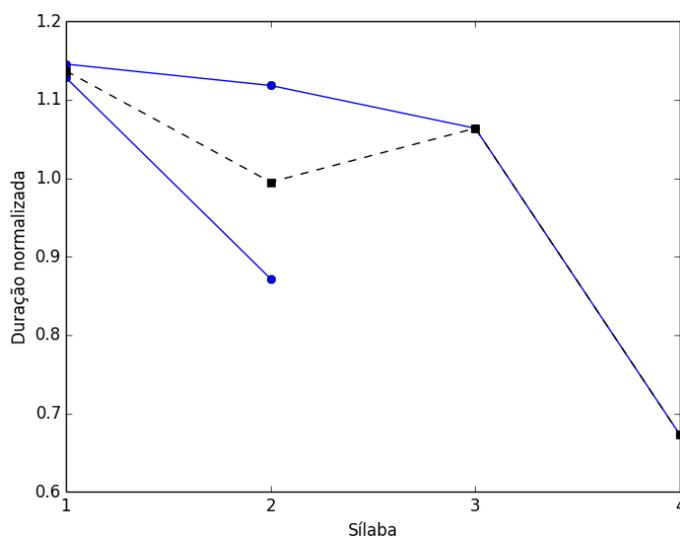


Gráfico 7 — Duração normalizada ['rifĩ] e [,hĩĩ'fĩne]



Os gráficos (8, 9 e 10) – do exemplo (721) – demonstram o comportamento do acento em palavra que recebeu um, ou até três sufixos. Assim, procuramos descrever a ocorrência dos correlatos acústicos do acento nas relações morfofonológicas e morfossintáticas, com morfemas concatenados tanto à esquerda quanto à direita do tema primitivo.

(721) a. [t^ololo]

tolo-ro

sapo-3S.F

‘sapo’

b. [t^olo'lõ-ne]

tolo-lo-ne

sapo-3S.F-PL

‘sapos’

c. [n^ot^ololotêne]

no-tolo-ro-te-ne

1S-sapo-3S.F-MD.POSS-PL

‘meus sapos’

Gráfico 8 — Intensidade normalizada [t° lolo]; [t° lo'lõne]
e [n° t^o.lolo'tẽne]

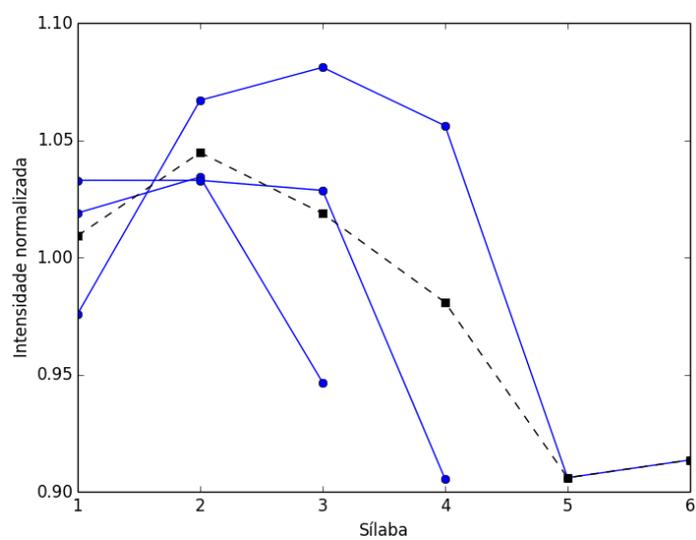


Gráfico 9 — *Pitch* normalizado nas palavras [t° lolo]; [t° lo'lõne]
e [n° t^o.lolo'tẽne]

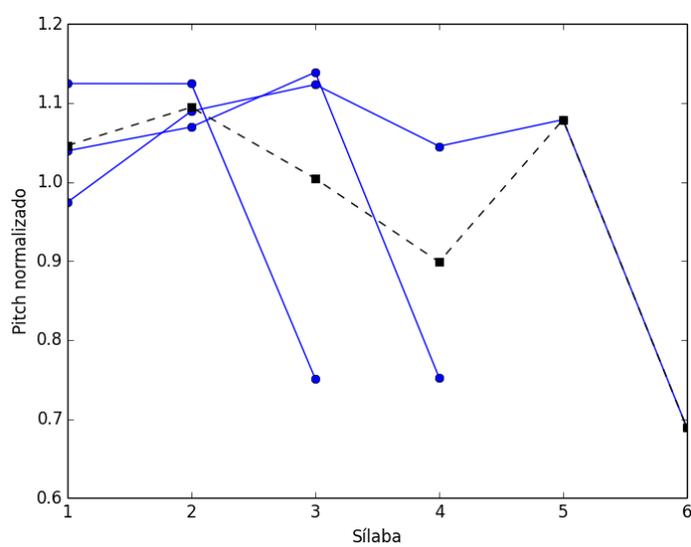
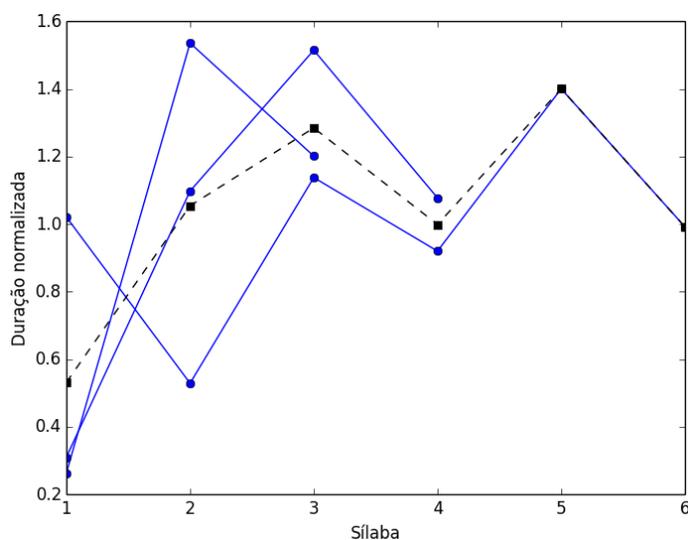


Gráfico 10 — Duração normalizada [^ot^ololo]; [t^olo'lõne]
e [n^ot^o,lolo'têne]



Os gráficos (08 09 e 10), do exemplo (721), demonstram que o acréscimo de elementos morfológicos (afixos) tanto à direita quanto à esquerda da palavra não interferem suficientemente no padrão de acento, isto é, o acento primário continua proeminentemente na penúltima sílaba, apesar de que tanto o *pitch*, que normalmente é o melhor parâmetro para verificação de acento (LADEFOGED, 1975), quanto a intensidade não são os parâmetros mais regulares na proeminência do acento, mas sim a duração, como já postulamos inicialmente no Capítulo V (ver também MATTESON, 1965; LIN, 1997).

A respeito da importância da duração para a definição do acento perceptual em Manxineu, Matteson (1965) e Lin (1997) afirmam que em Piro a duração é um fator muito importante na fonologia da língua, uma vez que ela pode definir questões gramaticais e morfofonológicas como, por exemplo, em [^onikə] que, quando breve, significa ‘comer’ e [^oni:kə], quando longa, significa ‘eu como’ ou em [u^oni:kə] ‘nós comemos’ que, segundo os autores, a duração define a posição lexical do acento. Além do exposto, é salutar dizer que a duração da vogal em Manxineru é normalmente proeminentemente mais longa na sílaba acentuada, mesmo que esse alongamento não implique a altura do *pitch*.

Em palavras com acréscimo de sufixos (derivação) e também de temas, o mesmo padrão ocorre: o acento principal acontece na penúltima sílaba. Mas para confirmar esse domínio, assim como ocorreu nos exemplos de (721), não basta observar a curva de *pitch*, mas também, e, principalmente, a duração (ver HAYES, 1995, 1981; LADD, 1996; SELKIRK, 1984, entre outros) como exemplificamos a seguir, em (722), nos respectivos gráficos (11, 12 e 13).

Exemplos:

(722) a. ['koko]

koko

tio

‘tio’

b. [ko,ko-j'ma-ru]

koko=jma=ro

tio=COM=3SF

‘ela está com o tio’

c. [ko,kõ-ne-j'ma-ru]

koko-ne=ima=ro

tio-PL=COM=3S.F

‘ela está com os tios’

Gráfico 11 — Intensidade Normalizada ['koko]; [ko,koj'maru]
e [ko,kõnej'maru]

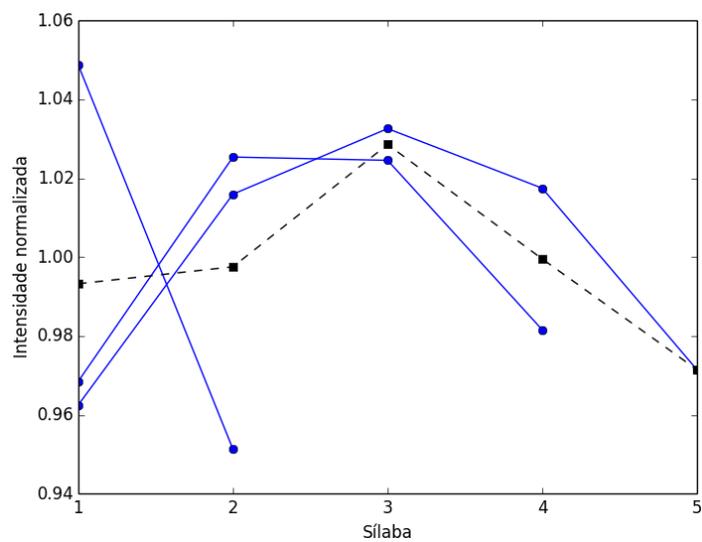


Gráfico 12 — *Pitch* normalizado ['koko]; [ko, koj' maru]
e [ko, kōnej' maru]

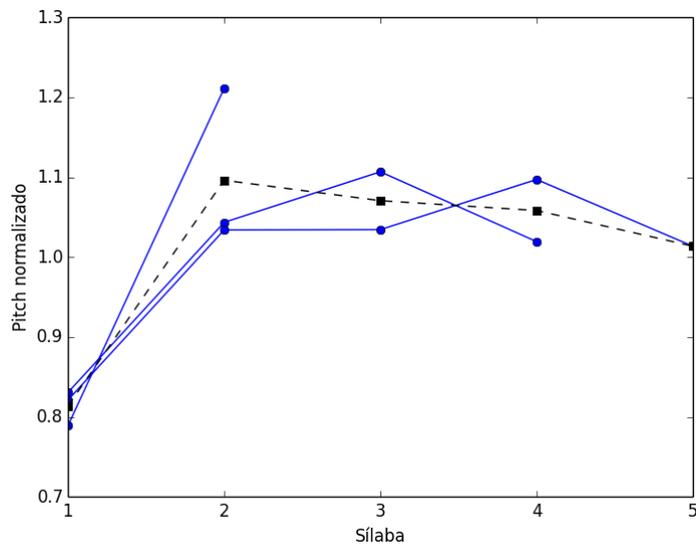
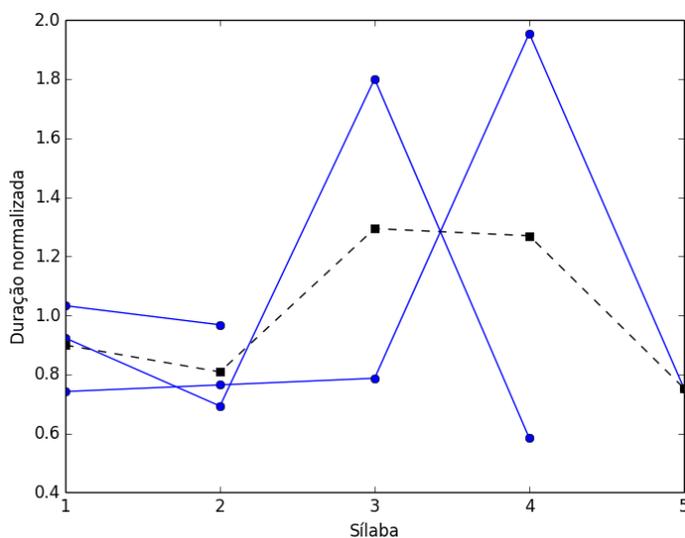


Gráfico 13 — *Duração* normalizada ['koko]; [ko, koj' maru]
e [ko, kōnej' maru]



Os gráficos (11, 12 e 13) - exemplo (722) – evidenciam, ainda mais, a proeminência do acento na penúltima sílaba da palavra, uma vez que tanto o *pitch* quanto a duração são maiores nessa posição.

Ao acrescentarmos outros tipos de morfemas à direita da raiz/tema, também, apesar de menos claro que os exemplos em (722), há a proeminência do acento na penúltima sílaba da palavra derivada, conforme observamos nos gráficos (14, 15 e 16), do exemplo (723).

(723) a. [tʰla-hwə]

tala-hwə

sapo-chifre'

'sapo de chifre'

b. [tʰla'hwẽne]

tala-hwa-ne

sapo-chifre-PL

'sapos de chifre'

c. [tʰla, hwẽne='kakə]

tala-hwa-ne=kaka

sapo-chifre-muitos-QUANT

'muitos sapos de chifre'

Gráfico 14 — Intensidade normalizada [tʰlahwə]; [tʰla'hwẽne]
e [tʰla, hwẽne'kakə]

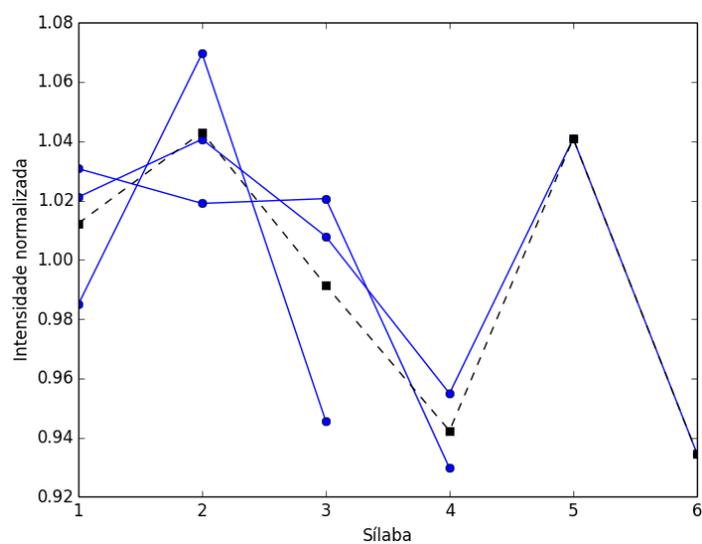


Gráfico 15 — *Pitch* normalizado [tʰlahwə]; [tʰla'hwẽne]
e [tʰla,hwẽne'kakə]

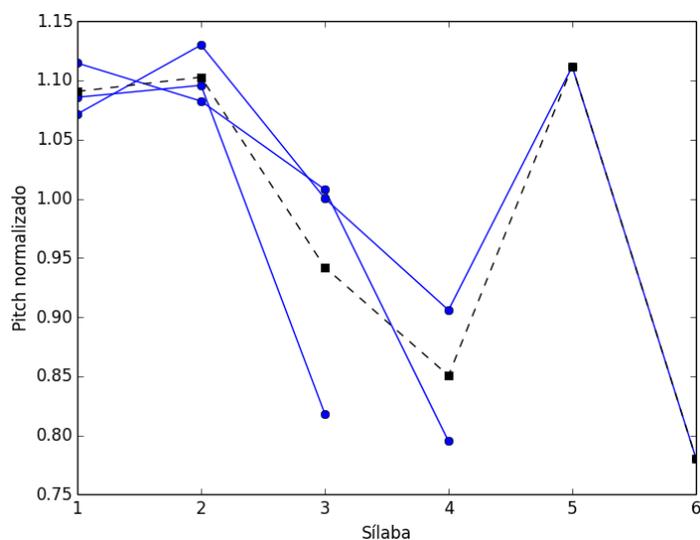
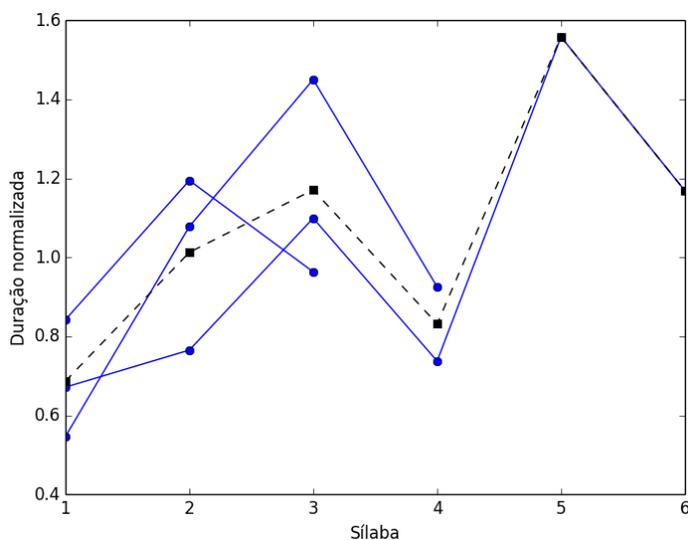


Gráfico 16 — *Duração* normalizada [tʰlahwə]; [tʰla'hwẽne]
e [tʰla,hwẽne'kakə]



Em palavras em que há o acréscimo de um prefixo e um sufixo, como demonstramos no exemplo (724), respectivamente gráficos (17, 18 e 19), o mesmo padrão ocorre: os parâmetros acústicos demonstram maior proeminência na penúltima sílaba da palavra. Especificamente nesse caso, todos os parâmetros demonstram isso, diferentemente, do que ocorreu em alguns dos exemplos anteriores, onde nem todos os parâmetros físicos comprovam o acento na penúltima sílaba.

Exemplos:

(724) a. ['tspatə]

tsapata

goiaba

‘goiaba’

b. [hĩ́ tspa'tẽne]

hi-tsapata-ne

3S-goiaba-MD.POSS

‘goiaba dele’

Gráfico 17 — Intensidade normalizada ['tspatə] e [hĩ́ tspa'tẽne]

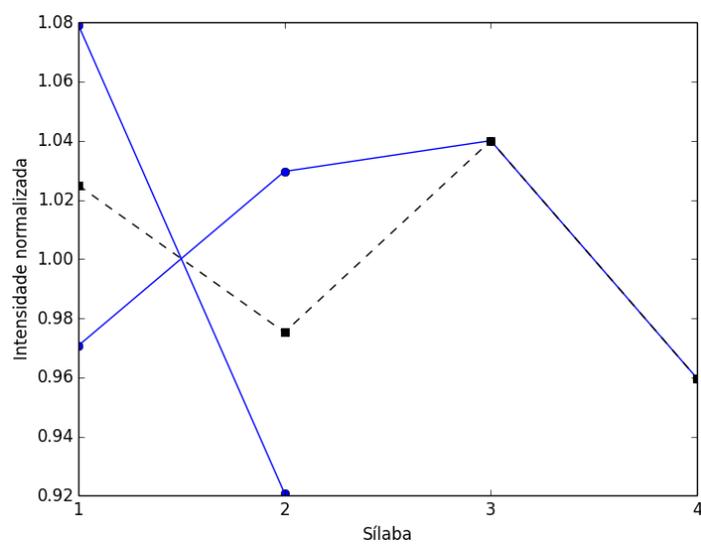
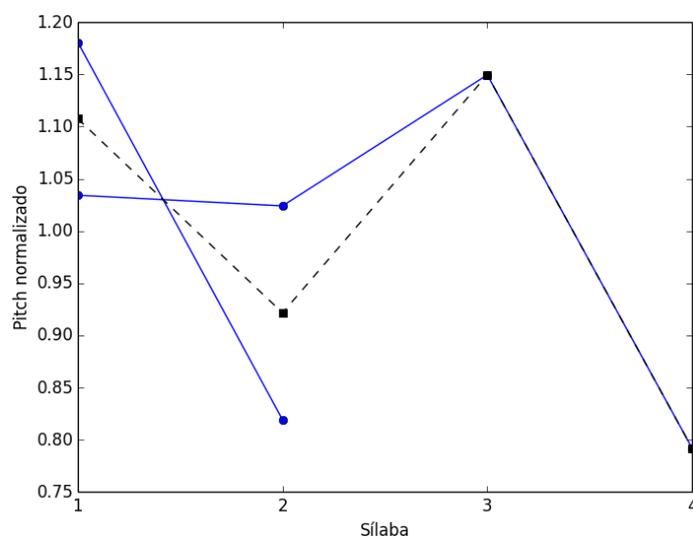
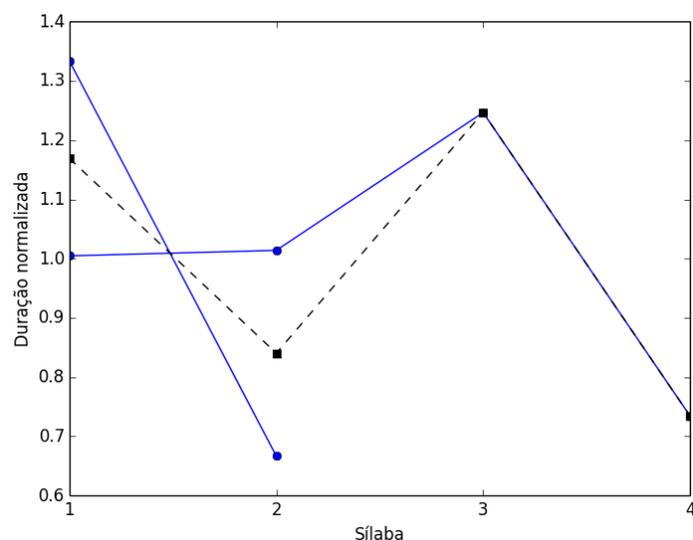


Gráfico 18 — *Pitch* normalizado ['tspatə] e [hĩ,tspa'tẽne]Gráfico 19 — *Duração* normalizada ['tspatə] e [hĩ,tspa'tẽne]

O comportamento do acento em palavras que recebem pelo menos um prefixo e um ou até dois sufixos, o padrão acentual assemelha-se ao do padrão dos exemplos anteriores, ou seja, o sistema prosódico (rítmico) se organiza de forma que o acento se mantenha na penúltima sílaba. Mas apesar desse padrão, nos exemplos (725a-725c) – cujos gráficos respectivos são (20, 21 e 22) –, a concorrência (‘competição’) de acento entre as sílabas constitutivas da palavra é maior, pois, como já afirmado por Matteson (1965) e Lin (1997), quando há o encontro de duas sílabas idênticas como (ni.), que indica a primeira pessoa do singular, e o (ni.) que inicia a raiz da palavra, há o alongamento do segmento, para marcar a primeira pessoa do discurso, que teve seus segmentos apagados, conforme exemplificamos abaixo.

Exemplos:

(725) a. ['nikɐ]

∅-ni-ka

1S-comer-C.V

‘comer’

b. [ni:'kajɐ]

∅-ni-ka=jɐ

1S-comer-C.V-LOC

‘local onde comeu’

c. [ni,kjɛ'wakɐ]

∅-ni-ka=ja=waka

1S-comer-C.V-LOC-LOC

‘local onde se come algo’

Gráfico 20 — Intensidade normalizada ['nikɐ]; [ni:'kajɐ]
e [ni:,kjɛ'wakɐ]

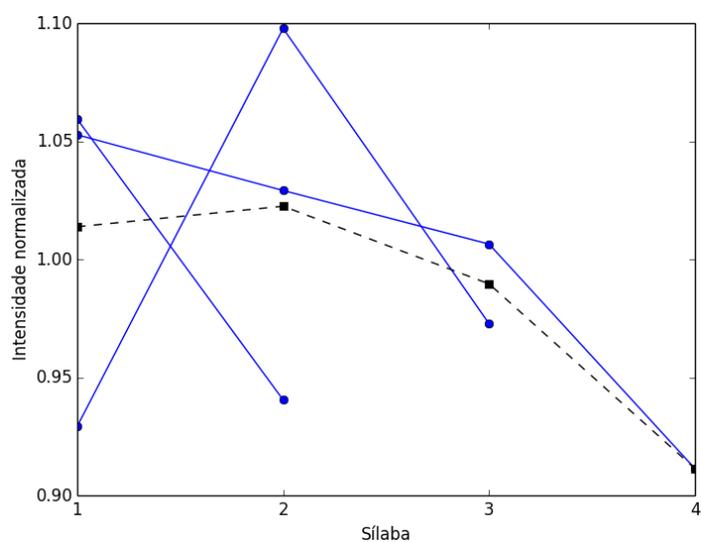


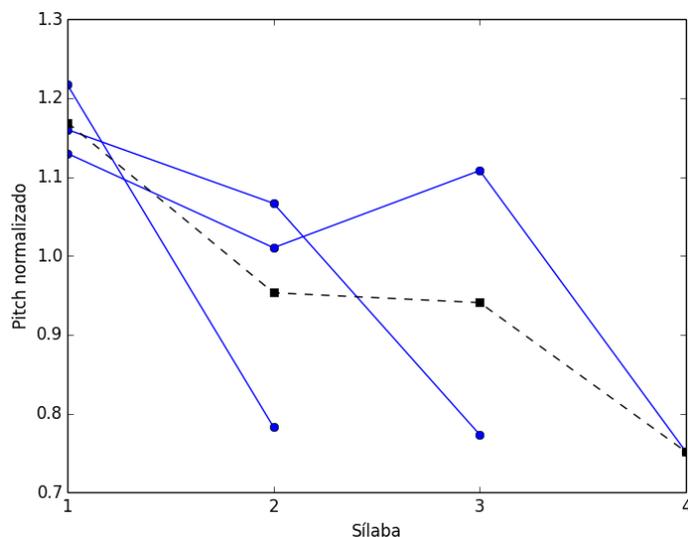
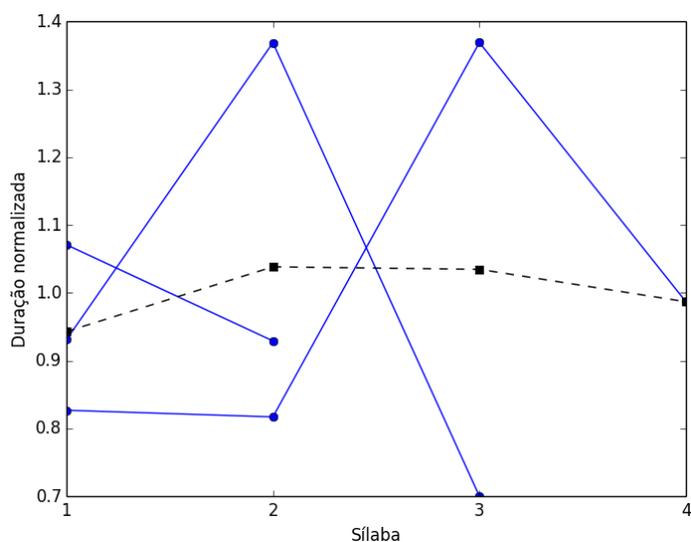
Gráfico 21 — *Pitch* normalizado ['nikɐ]; [ni:'kajɐ] e [ni:,kje'wakɐ]

Gráfico 22 — Duração normalizada ['nikɐ]; [ni:'kajɐ] e [ni:,kje'wakɐ]



Nos exemplos (726), observa-se que o *pitch* de (726a) é maior na antepenúltima sílaba e não na penúltima. Isso pode ser explicado pela qualidade de vozeamento e pela proeminência de maior duração e de energia que há na produção do [a] (cf. LADEFOGED, 1975; LADEFOGED; MADDIESON, 1996) do que em outras. Além disso, contribui para essa ocorrência a origem acentuada da sílaba do tema inicial, fonte para a derivação.

Exemplos:

(726) a. [ra'sikə]

r-asi-kə

3S.M-correr-C.V

‘ele corre’

b. [ra,sikəm'kakə]

r-asi-ka-maka-ka

3S.M-correr-C.V-FRUST-CAUS

‘ele fez ele correr’

Gráfico 23 — Intensidade normalizada [ra'sikə] e [ra,sikəm'kakə]

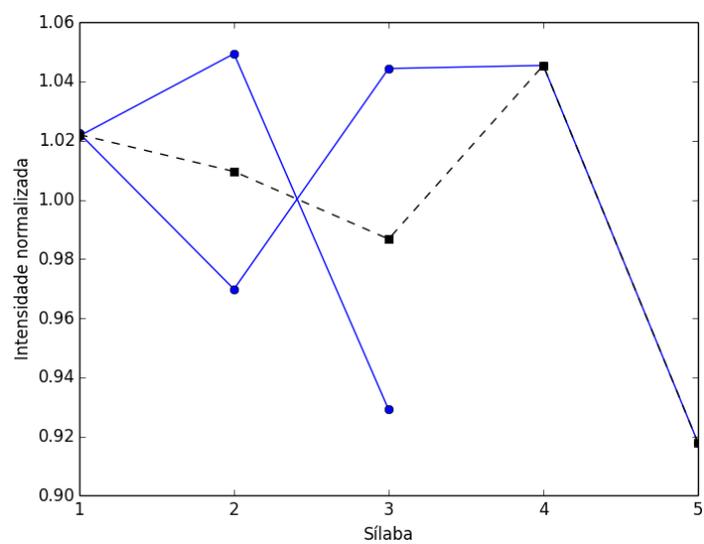
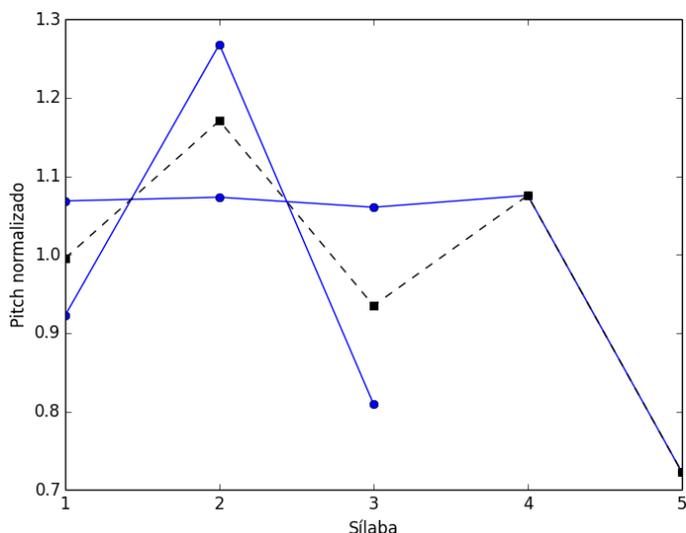
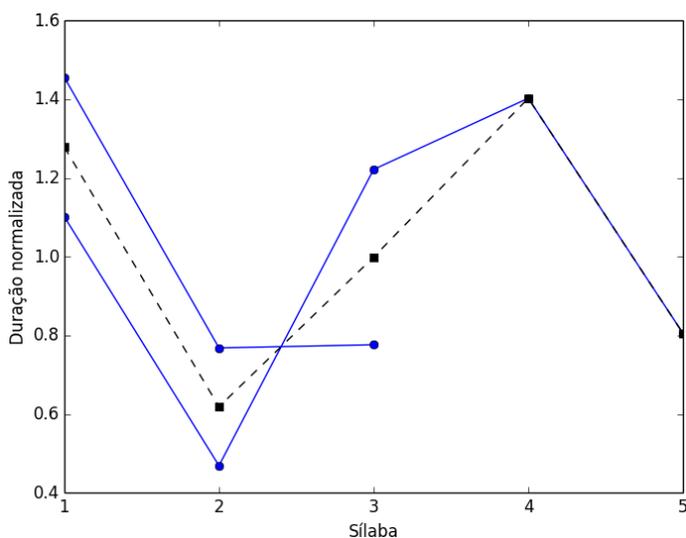


Gráfico 24 — *Pitch* normalizado [ra'sikə] e [ra,sikẽm'kakə]Gráfico 25 — *Duração* normalizada [ra'sikə] e [ra,sikẽm'kakə]

Os dados apresentados nos levam a acreditar que o parâmetro acústico que marca o acento lexical não é apenas o ³⁸*pitch*, mas que esse interage com outros (duração e/ou intensidade) – sendo que o correlato acústico do acento é a duração, pois esse é um parâmetro muito importante nesse processo (ver LIN, 1997; MATTESON, 1965), visto que é observável *no corpus* exemplificado que, na maioria dos casos, a vogal é mais longa em posição de acento – e a marcação final de acento interage com o acento de cada frase fonológica (ϕ) ou frase

³⁸ Nossa hipótese coaduna com que diz Ladd (1996, p. 46), quando ele afirma que nem sempre só o *pitch* define o acento (*stress accent*), mas sim um complexo amálgama de F_0 : duração e intensidade (...). Sobre o mesmo tema, Hayes (1995, p. 6) afirma que o estímulo para verificação do *stress* contorno é: (i) sonoridade, duração e *pitch*.

entoacional (I). Os únicos exemplos que a duração normalizada da vogal não é mais longa em posição de acento estão em (719b), (720b) e (726b), que correspondem a 3 palavras entre as 20 analisadas nesses exemplos. Issa, exceção, pode ser explicada, em parte, pelo fato, nos três casos, de que a vogal mais longa (duração maior) é um [a], que intrinsicamente é mais longa que a vogal [i] (cf. LADEFOGED; MADDIESON, 1996), das respectivas palavras analisadas. Além disso, é importante frisar que a vogal está na sílaba que recebe o acento primário, quando tema original, o que corrobora a duração maior na palavra derivada.

Também observamos que, na maioria das palavras, o *pitch* é mais alto na penúltima sílaba. Somente nas palavras dos exemplos (721c), (722a), (723b) e (725b), ou seja, 16 das vinte palavras analisadas não têm o *pitch* mais alto na penúltima sílaba.

Os argumentos expostos até aqui nos permitem depreender que os dados selecionados e analisados, descritos nos gráficos, nos mostram que não importa a quantidade de elementos mórficos acrescentados à raiz (tema), pois o acento sempre se mantém na penúltima sílaba, apesar de que nem sempre o *pitch* é o fator unânime para definir o acento no sistema da língua, mas sim um complexo (F₀): sendo a duração a mais importante, seguida do *pitch*, e, de forma menos proeminente, a intensidade (ver HAYES, 1995; LADEFOGED, 1975).

11.8.2 Notas iniciais sobre a teoria prosódica da entoação

Para os sintagmas prosódicos, utilizamos a notação tradicional de Nespor e Vogel (1986), cuja proposta – denominada de Fonologia Prosódica – é definida pelas autoras como a teoria que organiza uma determinada cadeia da linguagem em uma série de constituintes fonológicos hierarquicamente organizados, que por sua vez formam os contextos nos quais se aplicam regras fonológicas para o sistema prosódico. Os constituintes, dentro dessa regra, se organizam em 7 (sete) domínios (op. cit., p. 16), conforme representamos na quadro (24).

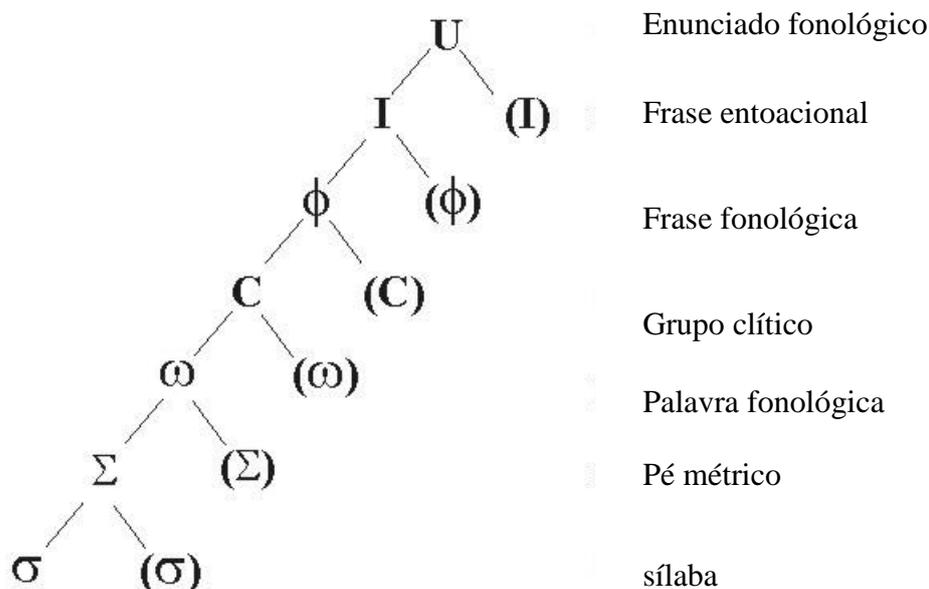
Quadro 24 — Phonological constituents and phonological rule types

SPAN	JUNCTURE (DOMAIN D_j)							LIMIT	
	σ	Σ	ω	C	ϕ	I	U		
DONAIN (D_i)								+	
Syllable	(σ)	+	-	-	-	-	-	-	+
Foot	(Σ)	+	+	-	-	-	-	-	+
phonological word	(ω)	+	+	+	-	-	-	-	+
clitic group	(C)	+	+	+	+	-	-	-	+
phonological phase	(ϕ)	+	+	+	+	+	-	-	+
intonational phase	(I)	+	+	+	+	+	+	-	+
phonological utterance	(U)	+	+	+	+	+	+	+	+

Fonte: Nespor & Vogel (1986, p. 16).

Nos extremos do quadro acima, que representa a regra da hierarquia fonológica, cujo domínio se dá sequencialmente, temos em uma extremidade a sentença fonológica (U), que é o constituinte prosódico mais alto na hierarquia e em outro extremo, a sílaba (σ), que é a menor categoria prosódica nessa hierarquia. Dessa forma, para as autoras, a estrutura prosódica de um enunciado não depende da sua estrutura sintática, mas sim das regras de construção dos constituintes acima – que são universais – em cada língua específica, como também podemos verificar na representação arbórea seguinte (figura (86)).

Figura 86 — Hierarquia prosódica de Nespor & Vogel (1986)



Além da sílaba (σ), a Palavra Prosódica (ω), e, principalmente, a Frase Fonológica (ϕ) e a Frase Entoacional (I) serão os domínios prosódicos considerados, a princípio, para este estudo, pois, esses são, em nossa hipótese, os domínios mais relevantes para a investigação prosódica do Manxineru, mas isso não significa dizer que não lançaremos mão de outros domínios caso haja necessidade.

Para um modelo de notação que se propuseram a sistematizar e organizar a fonologia entonacional, nos baseamos no modelo teórico da fonologia autosegmental métrica, iniciada por Pierrehumbert (1980), no início da década de 80, mais precisamente com a publicação de sua tese em (1980) e difundida por outros autores como Ladd (1996). Esse modelo, que foi uma proposta de análise e descrição entonacional para a língua inglesa, é um sistema que tem como base a representação abstrata de entoação. Esse sistema, segundo Pierrehumbert (op. cit.), possibilita a descrição dos padrões de entoações e, obviamente, de seus aspectos contrastivos. Além disso, esse sistema ajuda ainda na análise de regras que norteiam e transformam as representações fonológicas que subjaz às representações fonéticas.

A proposta de análise autosegmental de base fonológica proposta por Pierrehumbert (1980) serviu e serve de apoio teórico e metodológico para outros pesquisadores.

Na mesma linha teórica de Pierrehumbert (1980), destacamos os trabalhos de Ladd (1996), que sugere que a F_0 deva ser interpretada como uma sequência de eventos fonológicos discretos - tem como primeira representação canônica e base do modelo a inflexão tonal de dois tons: H (*high*) e L (*low*), também encontrados na literatura brasileira e que, para o espanhol, é descrito em A (alto) e B (baixo).

Além disso, vale lembrar que os tons podem ser classificados como acentos tonais (*pitch accents*) e tons de fronteira (*boundary tones*). Segundo Ladd (op. cit.), a notação deve acompanhar o desenho da curva melódica. Para um movimento entonacional ascendente, ou seja, que começa com o F_0 baixo e sobe, temos uma representação bitonal (L+H). Se o movimento for contrário, ou seja, o F_0 começa em um pico e cai, realizando um movimento descendente, teremos a notação H+L.

A esse respeito, Tenani (2002) afirma que o primeiro tipo de evento tonal é definido como o tom que é associado à sílaba acentuada, cuja proeminência é, de algum modo, definida independentemente do contorno entonacional. Formalmente, essa notação tonal é indicada por um asterisco (*). Desta forma, se uma sílaba acentuada estiver ocupando uma posição alta, ela será representada pelo tom H*, ou por L*, se estiver em posição baixa. Dessa forma, temos, então, tons simples altos (H) ou baixos (L) ou tons complexos, formado por dois tons (LH, HL).

A esse respeito, Ladd (1996) destaca que há duas dificuldades potenciais no estudo da altura: (i) o fato de ela ser mais relativa do que outras propriedades fonéticas, pois pode diferir de falante para falante e de um momento para outro e (ii) o fato de ela ser claramente ligada a um código vocal paralinguístico. Essas dificuldades fornecem informações a respeito do sexo, idade, estado emocional do falante e têm importantes funções linguísticas que podem ser comprovadas nas línguas tonais, como chinês e tailandês, em que a altura do tom foi capturada para uso no sistema fonêmico da língua.

Ladd (op. cit.) afirma também que nessas línguas (se referindo às tonais) é muito simples identificar um pequeno inventário de elementos fonológicos (os tons), os quais são foneticamente baseados na altura (*pitch* na acústica). O autor afirma ainda que esses elementos são bastante semelhantes aos fonemas segmentais. Contudo, a altura nas línguas tonais também tem funções paralinguísticas. Dessa forma, a particularidade principal da altura nas línguas é que ela também é usada universalmente na paralinguagem, apesar de fornecer informação análoga ao sistema puramente linguístico. Dessa forma, as afirmações do autor nos permitem postular a distinção entre funções linguísticas e paralinguísticas de altura do tom, além de propor que a entonação tem função linguística.

Para nossa investigação, também foi de suma importância, para fundamentar nossa análise, Selkirk (1982, 1994), no que diz respeito tanto às discussões com relação aos apontamentos sobre a relação entre a sintaxe e a prosódia como também para explicar o acento (*stress accent*) e ainda para explicar o contorno entoacional motivado pela estrutura sintática e morfológica da sentença. Isso porque ³⁹“a descrição do acento (*pitch* acento) requer, primeiramente, a representação de organização da sentença (sintaxe) dentro de um ‘padrão métrico’, a representação dessa organização com a respectiva grade métrica” (SELKIRK, 1994, p. 13) (grifo do autor).

Entre vários outros aspectos, o autor teoriza sobre a relação estreita e dependente que existe entre a sintaxe e a fonologia prosódica (ou rítmica), ou seja, para Selkirk (1994, 1982), a organização, reorganização ou mudança na superfície sintática afeta o caminho (interpretação) da fonologia. O que podemos entender que o mapeamento sintático-fonológico sempre fornece uma representação prosódica em hierarquia de constituintes (cf. NESPOR; VOGEL, 1986).

³⁹ Tradução nossa com base no original (p. 13).

Sobre o quadro teórico que adotamos para esta tese, a notação proposta inicialmente por Pierrehumbert (1980)⁴⁰, denominada de ToBI⁴¹, Sistema de anotação de tons (Tones) e índices de rupturas (Break Indices), inicialmente usado para descrever o inglês americano e que de forma rápida passou a ser generalizado e utilizado por vários estudiosos como, por exemplo, Selkirk (1984) e Ladd (1996), que também são referências teóricas para nossa pesquisa. Dessa forma, é importante reproduzir o que os referidos autores postulam sobre modelos de análises, uma vez que eles afirmam que um contorno entoacional se configura – fonologicamente – de sequência de unidades discretas (ou eventos tonais) que por conseguinte são originados a partir de dois níveis de tons primitivos ou alvos de altura: que são representados como alto H (do inglês *high*) ou baixo L (do inglês *low*). A representação fonética dessa cadeia de representações tonais é dada pelo contorno da frequência fundamental – F_0 do sinal acústico –; os eventos tonais são definidos em pontos (locais) específicos e constituem blocos de contorno e associando-se a lugares (pontos) específicos na cadeia de segmentos.

Os eventos tonais de maior relevância na descrição da variação da cadeia tonal de (F_0) em Manxineru são os acentos tonais e os tons relacionados a fronteiras. Para os referidos autores, os acentos tonais são blocos tonais associados a sílabas proeminentes da cadeia segmental, isto é, a mudança de altura tonal tem como alvo uma sílaba portadora de acento lexical, que pode ser configurada em estruturas simples, também chamadas de monotonais (L^*) ou (H^*), ou complexas, também chamadas de bitonais, (H^*+L); ($H+L^*$), (L^*+H) ou ($L+H^*$) (Ver também TENANI; FERNANDES-SVARTMAN, 2008). Por sua vez, os tons relacionados à fronteira são blocos tonais associados a fronteiras, que podem ser de dois tipos: tons de fronteira ($L\%$) ou ($H\%$) de domínios prosódicos, isto significa dizer que a mudança de altura (*pitch* tonal) tem como alvo uma fronteira do constituinte (ver também HAYES, 1995).

Estudos entoacionais para representação do português brasileiro possuem pesquisas pautadas na teoria métrica e também possuem pesquisas que propõem forma própria de notação entonacional para o Português Brasileiro (doravante PB). Lucente e Barbosa (2010) têm pesquisas na área, inclusive propuseram uma adaptação do sistema ToBI, do pioneiro trabalho de Pierrehumbert (1980), para o sistema denominado de ToBIPI (*Transcription of Brazilian*

⁴⁰ Com o propósito de analisar a entoação do inglês, em sua tese de doutorado, Pierrehumbert (1980) apresenta um novo modelo de análise entonacional. Esse modelo de perspectiva gerativa, também chamado de teoria autosssegmental (AM), teve a intenção de investigar e estabelecer os contrastes melódicos da língua inglesa, com o intuito de verificar ainda as regras que transformam as representações fonológicas nas representações fonéticas, utilizando para isso, a análise das realizações fonéticas com base no contorno da frequência fundamental (F_0).

⁴¹ Além da consulta à obra de Pierrehumbert (1980) e de outros autores, também se pode ter maiores informações sobre o Sistema ToBI no site: < <http://www.ling.ohio-state.edu/~tobi/>>

Portuguese Intonation). Esse sistema foi elaborado pelos autores para ser possível descrever a curva entonacional do PB. Para isso, eles se utilizaram de notação com tons e diacríticos, como os descritos em seguida: (*) tom alinhado à sílaba tônica: (+) tom anterior ou posterior à sílaba tônica; (!) *downstep* de tom (H); (j) *upstep* de tom (H) e (%) fronteira entoacional. Desta forma, na proposta desses autores, podemos sumarizar a notação entoacional do PB com o seguinte formato: L*, H*, L+H*, L*+H, H+L*, H+!H*, para *Pitch accents* (acento de *pitch*) e L%, H% para *Boundary tones* (tons de fronteira).

Observa-se, a partir da discussão até aqui feita sobre sistema de notação para a entonação, que não há nem consenso nem notação própria para a língua que descrevemos na presente tese, dessa forma, mesmo com a diferença entre o inglês e o Manxineru, nos utilizarmos da proposta de notação feita inicialmente por Pierrehumbert (1980) e seus respectivos seguidores (LADD, 1996; SELKIRK, 1984).

Outro ponto importante a esclarece é que, ao analisarmos fonologicamente a entoação do Manxineru, fizemos não apenas em isolamento, mas também em ambientes sintáticos variados, pois esses contextos são necessários para determinarmos o parâmetro ou parâmetros acústicos relevantes para a atribuição de domínio fonológico de entoação e de acento.

11.8.3 PADRÃO MELÓDICO DO MANXINERU: análise preliminar

Objetivamos nesta seção obter confirmação fonética de determinadas distinções fonológicas no âmbito do contorno entoacional, mais especificamente no que diz respeito à frase entoacional, ao parâmetro da altura vocálica e àquele da zona de articulação.

Os dados coletados partiram de uma lista-teste com cerca de 100 palavras e frases que posteriormente foram selecionadas até chegarmos ao total de 20 sentenças que foram gravadas em ambiente sem interferências externas no áudio (conforme já detalhado no Capítulo X). O *corpus* final para a análise acústica foi manipulado a partir de uma lista pré-preparada para que o falante pronunciasse as palavras de forma que pudéssemos controlar a qualidade da gravação específica para análise acústica.

A língua Manxineru, assim como a língua portuguesa, é essencialmente entoacional. Entretanto, ela não é tonal, pois o tom não é fator distintivo nem no nível lexical nem no nível gramatical (cf. MATTESON, 1965; HANSON, 2010; COUTO, 2012), diferentemente do Tikuna (ou Ticuna) e do Chinês, que são línguas tonais. Por outro lado, a entoação é fator importante no Manxineru, pois distingue tipos frásicos e expressões de emoções e modo.

Nesta seção de nossa tese, nos preocupamos brevemente com questões relacionadas à natureza prosódica por meio de investigação acústica, pois o nosso principal foco é descrever e analisar o padrão entoacional do contorno de sentenças declarativas, interrogativas e imperativas e suas respectivas realizações negativas, especificamente no que se refere à investigação da relação entre atribuição de eventos tonais ao contorno entoacional e à formação de domínios prosódicos. Além disso, procuramos comparar os resultados obtidos para o padrão entoacional dos dados do Yine (Piro-Manxineru) já descritos em trabalhos anteriores (cf., por exemplo, MATTESON, 1965; HANSON, 2010), tanto para a variedade Piro, quanto para a variedade Manxineru.

A hipótese principal para presente seção é a de que a prosódia e a entoação podem apontar objetivamente a incidência funcional de marcador discursivo em contextos sintáticos específicos. Conseqüentemente, a entoação garante o apontamento de relações pragmáticas e seus respectivos correlatos acústicos:

- (i) a variação no tempo de articulação dos segmentos conforme a velocidade de elocução (duração);
- (ii) a implementação de proeminências e inflexões (acentos);
- (iii) a atribuição de tons associados à cadeia segmental (entoação).

Para garantir melhor propriedade técnica e investigativa dos dados, os resultados obtidos nesta tese foram feitos por meio de investigação e descrição de dados acústicos que confirmam a nossa hipótese, segundo a qual, quando a palavra (morfema) se associa à oração, integra-se prosodicamente a essa oração, constituindo com ela uma frase entoacional (I), apresentando contorno entoacional descendente; por outro lado, quando se associa à porção textual à direita e constitui sozinha uma frase (I), apresentando contorno entoacional ascendente na penúltima sílaba, com grande queda entoacional na (L%) na última sílaba da (φ) ou da (I). O seu fim coincide com uma pausa acústica, ou simplesmente com a percepção de uma nova frase entoacional (I) que lhe é posterior.

Assim, para a verificação da entoação do Manxineru, nos baseamos em dados de frases-controladas. Assim, a fala gravada se refere à geração de sinais a partir de uma representação textual da mensagem, utilizando-se de um sistema de repetição de palavras e enunciados pré-selecionados.

Observe-se que, entre os eventos fonético-acústicos mais relevantes em nível prosódico/entoacional está a frequência fundamental (F_0) (cf. LADEFOGED, 1975, 2001; LADD, 1996; SELKIRK, 1984; BARBOSA; MADUREIRA, 2015).

Esse é o modelo paramétrico particularmente importante de análise acentual de nível prosódico, sendo que o correlato fisiológico da frequência fundamental (F_0) diz respeito ao número de vibrações das cordas vocálicas. Note-se que o correlato perceptual é o *pitch*⁴², pois a entoação compreende padrões, que tem forma, função e domínios próprios. Finalmente, é no *pitch* que encontramos a melhor representação das inflexões tonais da fala, apesar da reconhecida influência das outras propriedades: intensidade e duração, por exemplo.

11.8.3.1 Análise preliminar do contorno entoacional

Somente o contorno de F_0 não consegue dar conta das diferenças ocorridas nas sílabas acentuadas e não acentuadas, como vimos em seção anterior (11.8.1), porém é suficiente para diferenciar entoações de sentença declarativas das interrogativas, por exemplo. Assim, normalmente, nas sentenças declarativas, o contorno de F_0 é ascendente no início da sentença e descendente no final. Já nas interrogativas, a F_0 inicia-se baixo ou alto no início, se elevando no final da sentença conforme verificaremos mais à frente.

Assim, nesta seção, pretendemos analisar e demonstrar, de forma preliminar, o contorno entoacional em Manxineru.

No atual estágio de nossa pesquisa, percebemos que o contorno entonacional do Manxineru é usado na produção de sentenças declarativas (afirmativas e negativas), imperativas e interrogativas. De forma geral, o padrão entoacional do Manxineru pode ser dividido em três (exceto quando se trata de foco, pois nesse caso há a proeminência de aumento da curva entoacional nos termos focalizados):

(i) contorno levemente descendente em quase toda a sentença, mas com um leve aumento à direita da sentença nas frases declarativas afirmativas, o que coincide com o acento da palavra;

⁴² “The intonation of a sentence is the pattern of *pitch* changes that occurs (...)” (LADEFOGED, 1975, p. 93). Selkirk (1984, p. 252) diz, entre outras afirmações, “(...) to characterize the phonetic interpretation of the contours, i.e., to characterize the relation between the intonation contour, phonologically defined, and the attested pitch contour (the fundamental frequency or F_0 contour).”

(ii) contorno levemente alto à esquerda da sentença, com queda contínua e leve até a penúltima sílaba da palavra, onde se dá um aumento na curva entonacional nas sentenças interrogativas, sendo que nessas, quando negativas, há também um aumento da inflexão no prefixo negativo;

(iii) nível de tom reduzido gradualmente até que nas penúltimas sílabas da frase ocorra uma inflexão da voz (aumento de F_0), o que é seguido pela queda de tom na última sílaba e, conseqüentemente, na fronteira da frase (ϕ) ou da sentença entoacional (I) (ver seções 11.8.3.2-11.8.3.4).

11.8.3.2 Entoação declarativa

Existem três tipos de entoação declarativa analisadas em nossa pesquisa: sentenças declarativas básicas (neutra), declarativas com elementos em foco e declarativas negativas. Em termos gerais, as frases declarativas neutras são caracterizadas por um leve aumento entoacional inicial (*de pitch*), independentemente da extensão (dissilábica, trissilábica, tetrassilábica...) da palavra, se mantendo mais ou menos regular até a queda mais acentuada, mas não repentina, na última sílaba da frase junto à marca a fronteira da frase fonológica (ϕ) ou da sentença entoacional (I).

A nossa proposta foi analisar as sentenças do Manxineru em várias estrutura e contextos de realização, ou seja, sentenças de em ordem direta, indireta, negada, com elemento em foco, com um verbo, como dois verbos, curta, breves entre outros, como forma de verificar o comportamento da curva entoacional nessas várias realizações.

Inicialmente descrevemos o padrão das sentenças declarativas (727-735).

Exemplos:

(729) $[[(\text{ralika})\omega(\text{hiretali})\omega(\text{honaha})]\phi]I$
 $\begin{array}{cccc} | & | & | & | \\ L+H^* & L+L^* & H^*+L & L\% \end{array}$

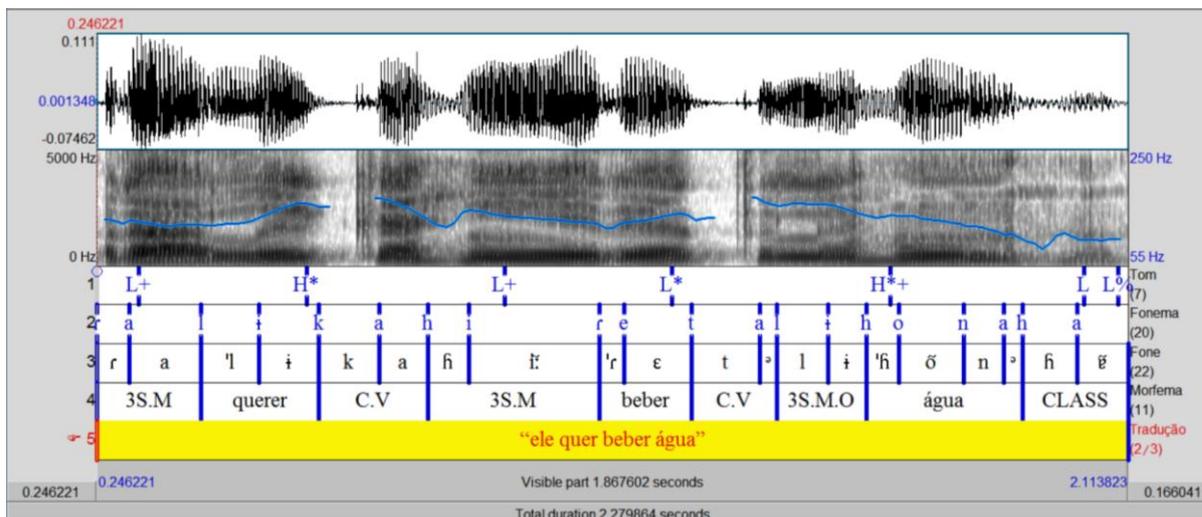


Figura 89 — Curva do contorno entoacional do enunciado *ralika hiretali honaha* ‘ele quer beber água’ na construção de ordem linear Sujeito-Verbo-Objeto.

(730) $[[(\text{lokas})\omega(\text{fïmani})\omega(\text{kafïta})\omega]\phi]I$
 $\begin{array}{cccc} | & | & | & | \\ H^*+H & H^*+H & H+L^* & L\% \end{array}$

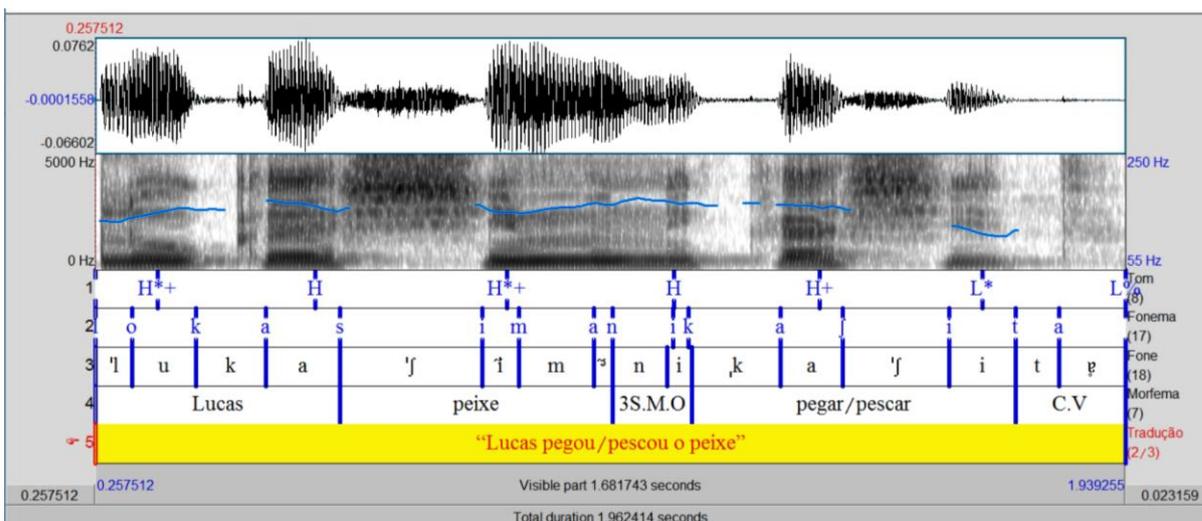


Figura 90 — Curva do contorno entoacional do enunciado *lokas fïmani kafïta* ‘Lucas pegou/pescou o peixe’, na construção de ordem linear Sujeito-Objeto-Verbo.

$$(731) \quad [[(\mathbf{l}okas)\omega(kotfohata)\omega]\phi]I$$

$$\quad \quad \quad | \quad \quad \quad | \quad \quad \quad |$$

$$\quad \quad \quad H^*+H \quad H+L^* \quad L\%$$

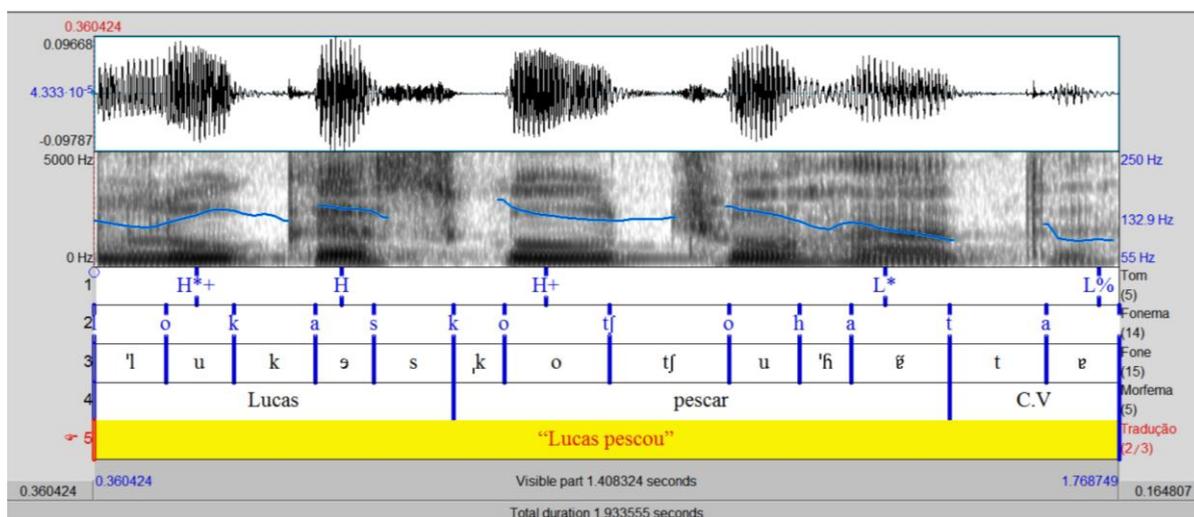


Figura 91 — Curva do contorno entoacional do enunciado *lokas kotfohata* ‘Lucas pescou’, na construção de ordem linear Sujeito-Verbo.

Como em Manxineru as palavras recebem o acento principal na penúltima sílaba, é natural que haja o aumento significativo de F_0 nessa sílaba, como se pode ver com mais clareza em (732).

$$(732) \quad [[(\mathbf{f}ima)\omega(nihika\mathbf{f}ita)\omega(\mathbf{l}okas)\omega]\phi]I$$

$$\quad \quad \quad | \quad \quad \quad | \quad \quad \quad | \quad \quad \quad |$$

$$\quad \quad \quad H^*+L \quad L+H^* \quad H^*+L \quad L\%$$

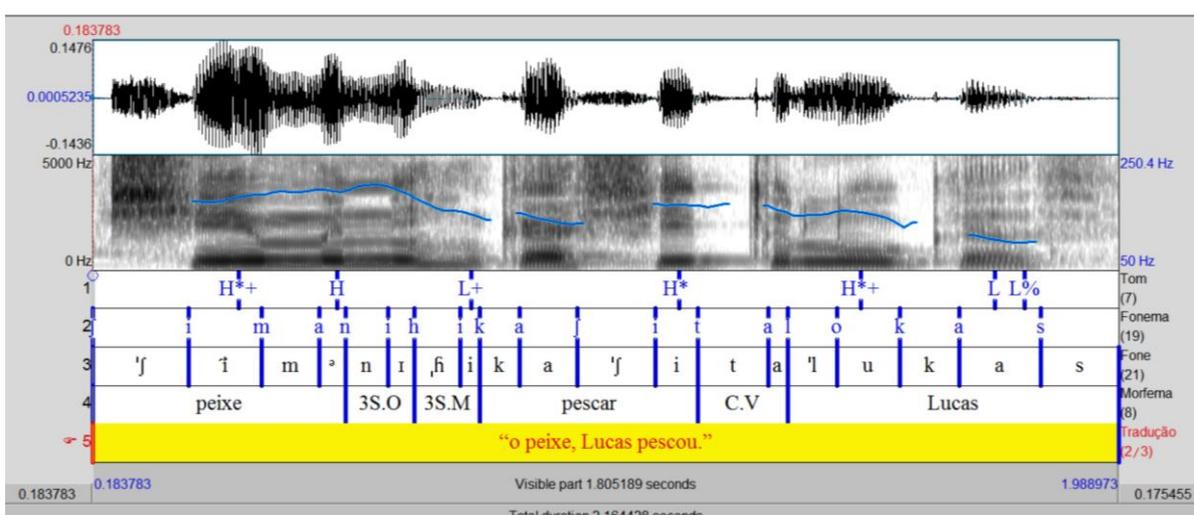


Figura 92 — Curva do contorno entoacional do enunciado *fima nihika fita lokas* ‘o peixe, Lucas pescou’, na construção de ordem linear Objeto-Verbo-Sujeito.

Em frases que têm o ⁴⁴foco em seu início (informação nova mais à esquerda), a curva entoacional tem pico mais alto no elemento em foco. Isso pode ser explicado, em parte, pelo fato que o falante destaca, nas inflexões da fala (elementos extralinguístico cf. LADD, 1996), o termo focalizado: como é o caso da palavra *ĩma* (objeto em foco no exemplo (732)) e *hõnahĩ* (do exemplo (729)). Acerca de sentença com elemento em foco, Hanson (2010) afirma que em Piro, o *pitch* normalmente é alto no termo focalizado, principalmente quando se trata de adjetivo.

O faixa de F₀ dos dados analisados nesta pesquisa normalmente não são tão altos, principalmente por se tratar de falante masculino. A esse respeito, Ladd (1996) e Ladefoged (1976) afirmam que, normalmente, a frequência varia de 60 Hz a mínima e 250 Hz a máxima nos homens e a taxa é 100 Hz a mínima e 350 Hz a máxima nas mulheres. Isso justifica, em parte, a baixa taxa de F₀ dos nossos dados. Porém, podemos notar que nas declarativas com o elemento em foco (dado novo) a frequência é mais alta se comparada à declarativa neutra. Nessas sentenças, há média aproximada de pico de 180 Hz, o que interpretamos como uma curva entoacional relativamente linear e estável, assemelhando-se a um contorno neutro, conforme aponta Hanson (2010), quando se refere ao mesmo tema em Piro.

Todas as sentenças declarativas negativas se caracterizam por início relativamente alto na sentença, com queda na última sílaba, coincidindo com o tom de fronteira da (ϕ) ou da (I), que normalmente é baixo.

⁴⁴ Conforme afirma Ladd (1996, p. 226), há casos que o acento do *pitch* se dá claramente na palavra em foco, como nas frases do inglês “I did it for HIM, onde é facilmente notado que “HIM” está em foco na sentença, ou em “I did it FOR him” em que o foco está em “FOR”. Corrobora essa questão Selkirk (1984, p. 251), quando afirma que é comum (referindo-se ao inglês) o aumento do *pitch* nos elementos que estão em foco na sentença.

Exemplos de declarativas negativas:

(733) $[[(\text{hiralika})\omega(\text{hireta})\omega]\phi]I$
 $\begin{array}{c} | \qquad | \qquad | \\ \text{H}+\text{H}^* \quad \text{H}+\text{L}^* \quad \text{L}\% \end{array}$

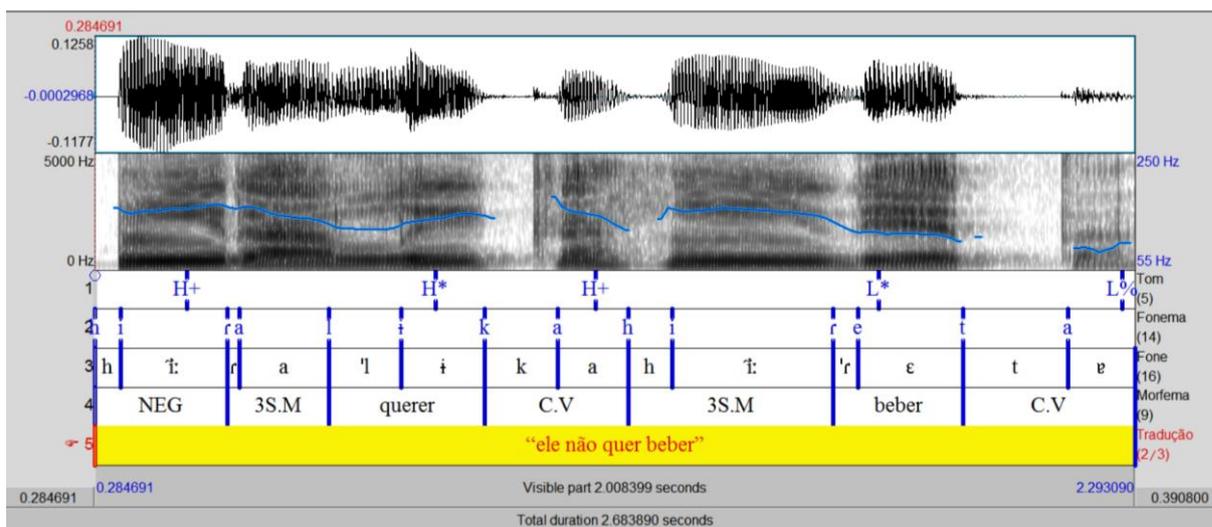


Figura 93 — Curva do contorno entoacional do enunciado *hiralika hireta* ‘ele não quer beber’, na construção de ordem linear Negação-Sujeito pronominal-Verbo1-Verbo 2.

(734) $[[(\text{hiralika})\omega(\text{hiretali})\omega(\text{honaha})\omega]\phi]I$
 $\begin{array}{c} | \qquad | \qquad | \qquad | \qquad | \\ \text{H}+ \text{H}^* \quad \text{H}+\text{H}^* \quad \text{H}^*+\text{L} \quad \text{L}\% \end{array}$

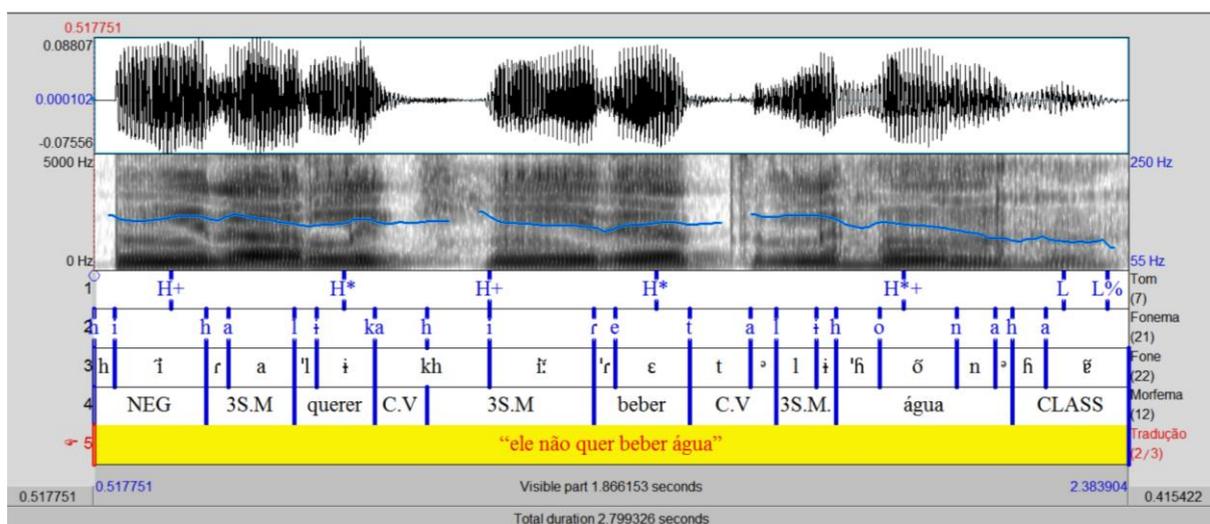


Figura 94 — Curva do contorno entoacional do enunciado *hiralika hiretali honaha* ‘ele não quer beber água’, na construção de ordem linear Negação-Sujeito pronominal-Verbo 1-Sujeito pronominal/Verbo 2-Objeto.

(735) [[**(lukas)**ω(hihiripiratali)ω(**honaha**)ω]φ]I
 | | | |
 H*+H H+H* H*+L L%

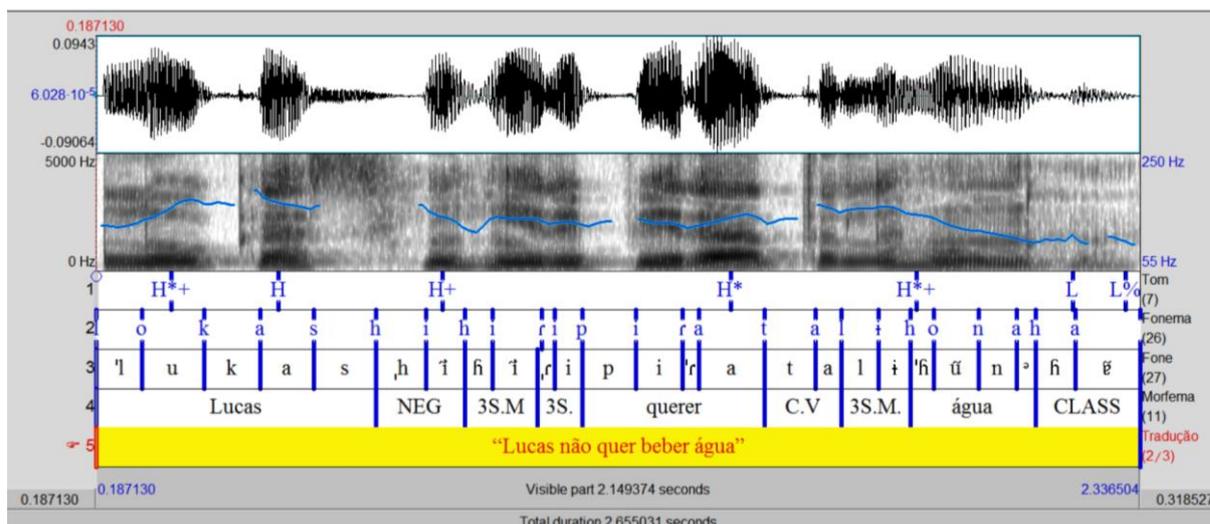


Figura 95 — Curva do contorno entoacional do enunciado *lokas hihiripiratali honaha* ‘Lucas não quer beber água’, na construção de ordem linear Sujeito-Negação-Verbo1-Sujeito pronominal/Verbo 2-Objeto.

Quando a sentença declarativa é negativa, há frequentemente, mesmo que sutil, o aumento da curva de *pitch* na partícula negativa (/hi/ ~ [hĩ] ~[hĩ]) quando comparado à declarativa básica (neutra), como é ilustrado em (733-735). Isso nos permite interpretar que se trata de ênfase (ou foco) na negação, o que se assemelha às frases com elemento em foco, como exemplificamos anteriormente. Salientamos que, quando a declarativa negativa têm uma estrutura linear (Sujeito-Negação-Verbo1-Sujeito pronominal-Verbo 2-Objeto), sendo o sujeito um nome independente e mais à esquerda da sentença, o *pitch* ocorre com valores mais altos nesse contexto, provocando ainda mais inflexões na curva entoacional se comparada à declarativa neutra.

11.8.3.3 Entoação interrogativa

Na maioria dos casos, as questões interrogativas em Manxineru têm maior proeminência de aumento tonal (*pitch*) na penúltima sílaba da palavra (ω) o da (φ) do que o normal, manifestação que é típica das sentenças interrogativas em muitas línguas, como o próprio português. O aumento mais proeminente na penúltima sílaba de sentenças interrogativas se explica também por causa do aparecimento, na grande maioria das sentenças, do clítico interrogativo {he} (/he/ ~ [hẽ]) que, quando ocorre, fica na parte final da sentença

(737) $[[(\mathbf{l}okas)\omega(lahakafita)\omega(\mathbf{f}ima)\omega]\phi]I$
 $\begin{array}{cccc} | & | & | & | \\ H^*+H & H+H^* & H^*+L & L\% \end{array}$

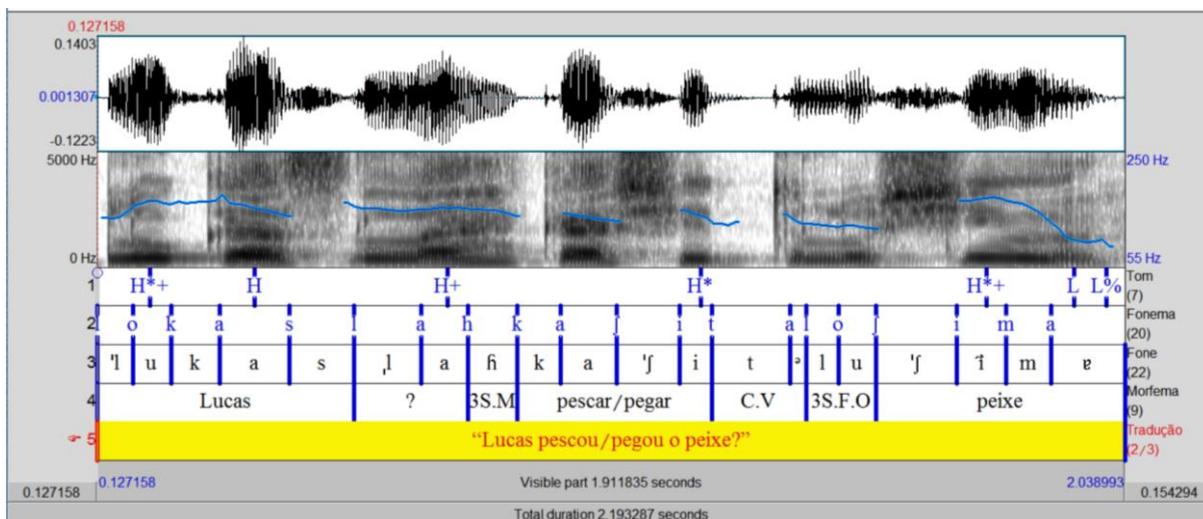


Figura 97 — Curva do contorno entoacional do enunciado *lokas lahakafita fima?* ‘Lucas pescou/pegou o peixe’, na construção de ordem linear Sujeito-Verbo-Objeto.

(738) $[[(\mathbf{l}okas)\omega(lah\mathbf{e}honaha)\omega(halika)\omega(hireta)\omega]\phi]I$
 $\begin{array}{ccccc} | & | & | & | & | \\ H^*+L & H+H^* & H+L^* & L+H^* & L\% \end{array}$

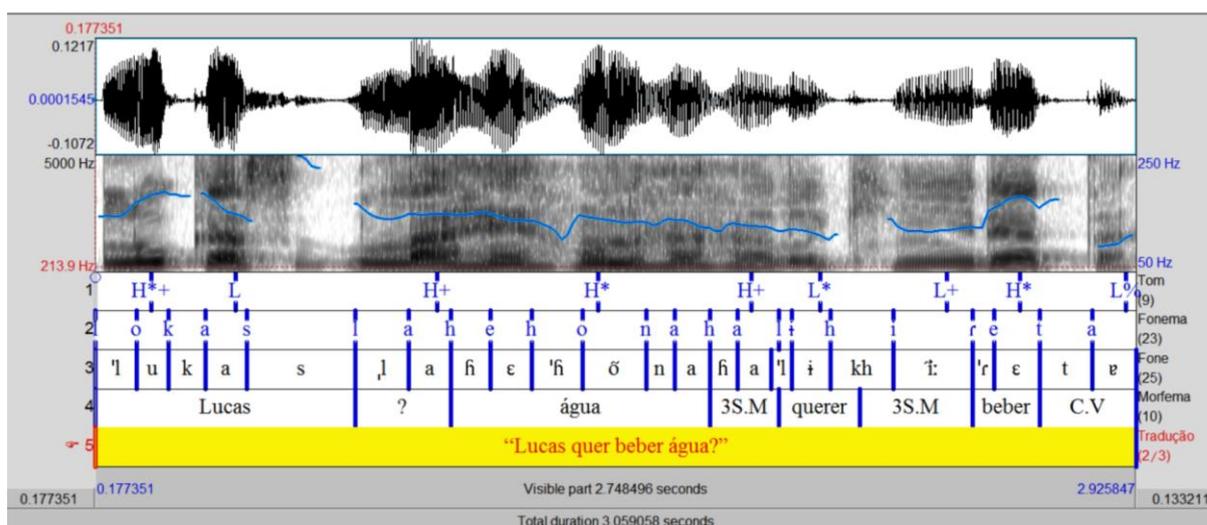


Figura 98 — Curva do contorno entoacional do enunciado *lokas lahehonaha halika hireta?* ‘Lucas quer beber água?’, na construção de ordem linear Sujeito-Objeto-Verbo1-Verbo 2.

Assim como nas declarativas, quando a sentença interrogativa é negativa, há também a inflexão levemente mais alta no prefixo negativo {hi-} (/hi/ ~ [hî]) como uma forma de

focalizar a negação, agregando-se à frase fonológica (ϕ) e à sentença entoacional (I), sendo que a entoação segue a mesma estrutura da interrogativa afirmativa no restante do enunciado. Ou seja, há a queda da curva acentual até o pico do *pitch* na penúltima sílaba da (ϕ), seguida de uma forte queda da curva entoacional no final do enunciado, que marca a fronteira da frase fonológica (ϕ) ou da frase entoacional (I), conforme demonstramos nos exemplos (737-739). Contudo, quando a sentença interrogativa se inicia com o sujeito à esquerda da sentença (em foco) e/ou quando a partícula interrogativa não se realiza morfologicamente (ex.: 738), há mudança significativa na estrutura da curva entoacional e na altura dos tons, que são bem mais altos nas duas extremidades que nos outros tipos de sentenças, como evidenciado em (739-740).

(739) [[**(l**okas) ω (hika**f**ita) ω (**f**ima) ω] ϕ]I
 | | | |
 H*+H L+H* H*+L L%

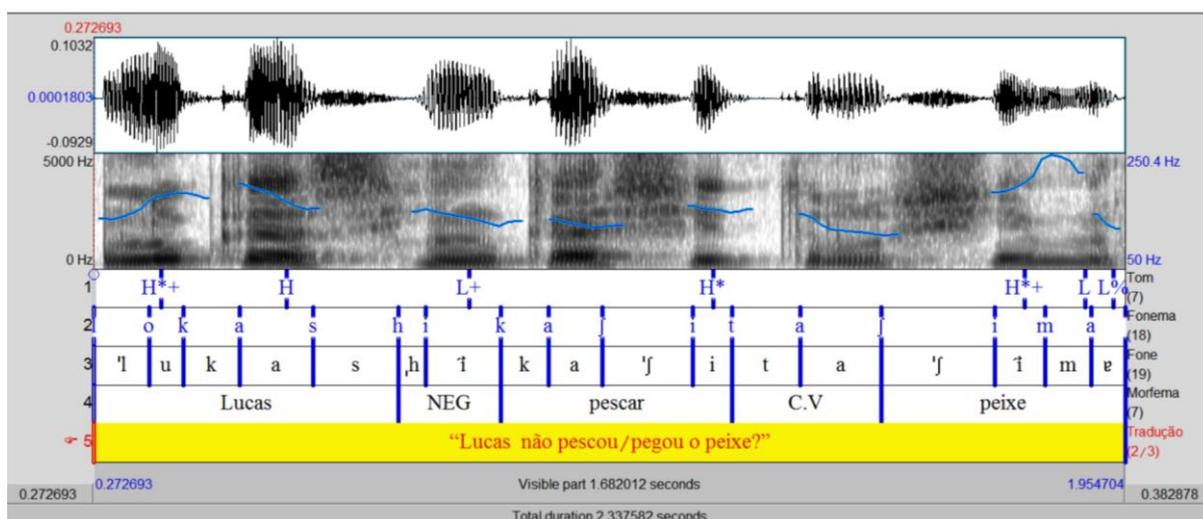


Figura 99 — Curva do contorno entoacional do enunciado *lokas hikafita fima?* ‘Lucas não pescou/pegou o peixe?’, na construção de ordem linear Sujeito-Negação-Verbo-Objeto.

Nas sentenças interrogativas negativas com palavra em posição de foco (e/ou ênfase), o pico ocorre na palavra em destaque e na penúltima sílaba da frase (ϕ), ou seja, há um contorno ascendente bem mais alto no final da sentença (I), como verificamos em (739-101), se comparado à interrogativa básica, como fica melhor evidenciado no exemplo (742). Ou seja, na língua Manxineru, o foco é marcado fortemente no correlato acústico da curva de F_0 , ocorrendo, nesse tipo de sentença, um alinhamento antecipado.

(740) $[[(\mathbf{fima})\omega(\mathbf{hikafita})\omega(\mathbf{lokas})\omega]\phi]I$
 $\begin{array}{cccc} | & | & | & | \\ \mathbf{H^*+H} & \mathbf{L+L^*} & \mathbf{H^*L} & \mathbf{L\%} \end{array}$

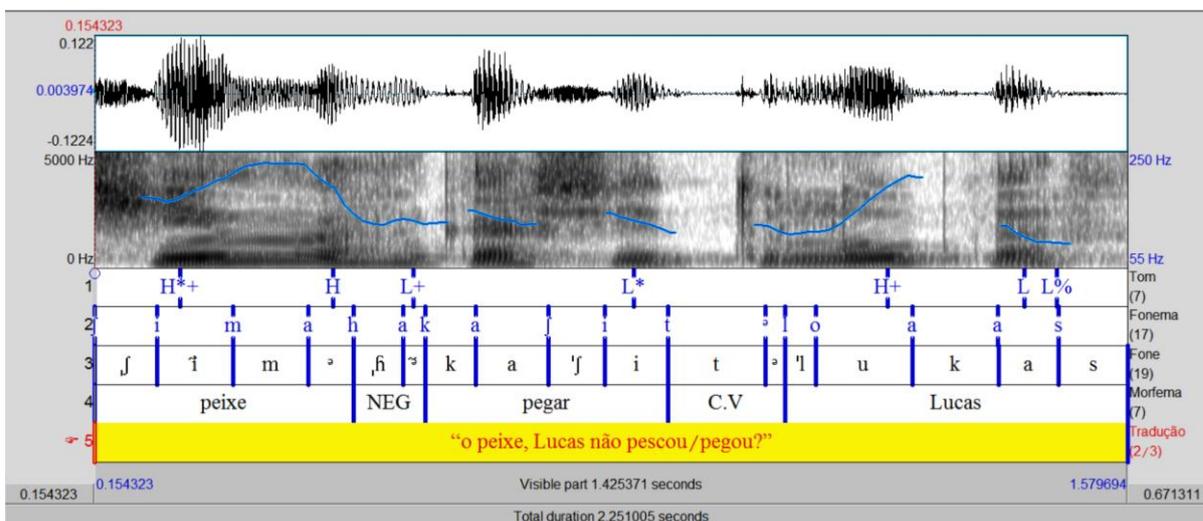


Figura 100 — Curva do contorno entoacional do enunciado *fima hikafita lokas?* ‘o peixe, o Lucas não pescou?’, na construção de ordem linear Objeto/Foco-Negação-Verbo-Sujeito.

(741) $[[(\mathbf{hiralika})\omega(\mathbf{hireta})\omega]\phi]I$
 $\begin{array}{ccc} | & | & | \\ \mathbf{H+L^*} & \mathbf{L+H^*} & \mathbf{L\%} \end{array}$

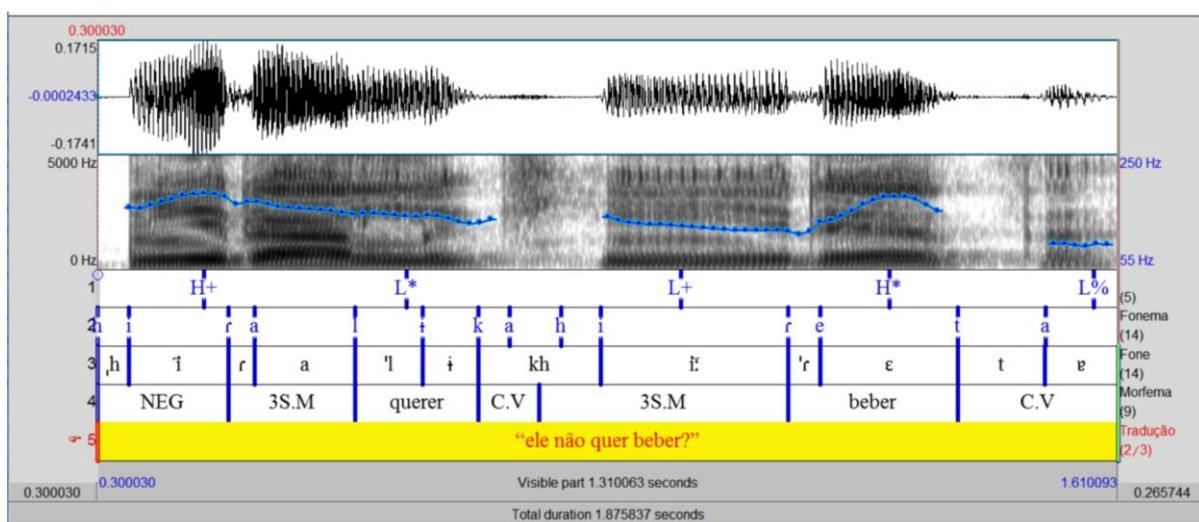


Figura 101 — Curva do contorno entoacional do enunciado *hiralika hireta?* ‘ele não quer beber?’, na construção de ordem linear Negação-Sujeito pronominal-Verbo1-Verbo 2.

(742) [[(rimak~~ka~~he)ω]φ]I
 | |
 H*+L L%

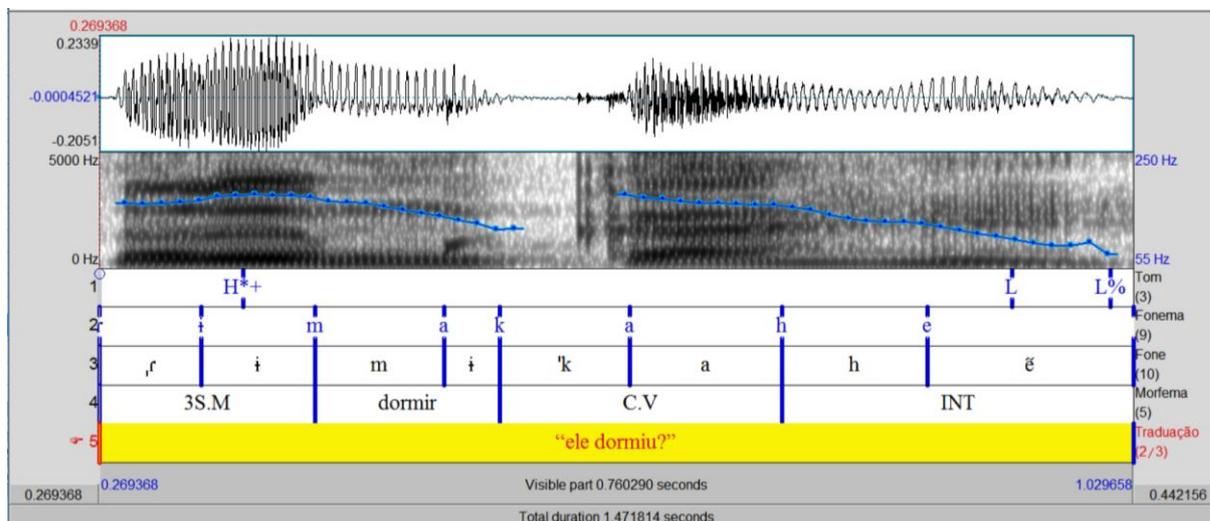


Figura 102 — Curva do contorno entoacional do enunciado *rimakaha?* ‘ele dormiu?’, na construção de ordem linear Sujeito pronominal-Verbo-Interrogação.

11.8.3.4 Entoação imperativa

O movimento do *pitch* nas sentenças imperativas é claramente mais elevado, quando comparado às outras sentenças (declarativas e interrogativas) e também se caracteriza pela alta ocorrência de subida e decida dos tons. O que nos obrigou a modificar a taxa de configuração do *Pitch* (*Advanced Pitch Setting do Praat*), pois a frequência se realiza próximo dos 220 Hz de pico ascendente e 55 Hz (ver exemplo (744-745)) como descendente, diferentemente do que ocorre nas outras sentenças (declarativas e imperativas), que possuem, na sua maioria, faixa de 150 Hz a 180 Hz como pico máximo.

(743) $[[(\mathbf{l}ukas)\omega(\mathbf{h}onaha)\omega(pirana)\omega]\phi]I$
 $\begin{array}{cccc} | & | & | & | \\ H^*+L & H^*+H & H^*+L & L\% \end{array}$

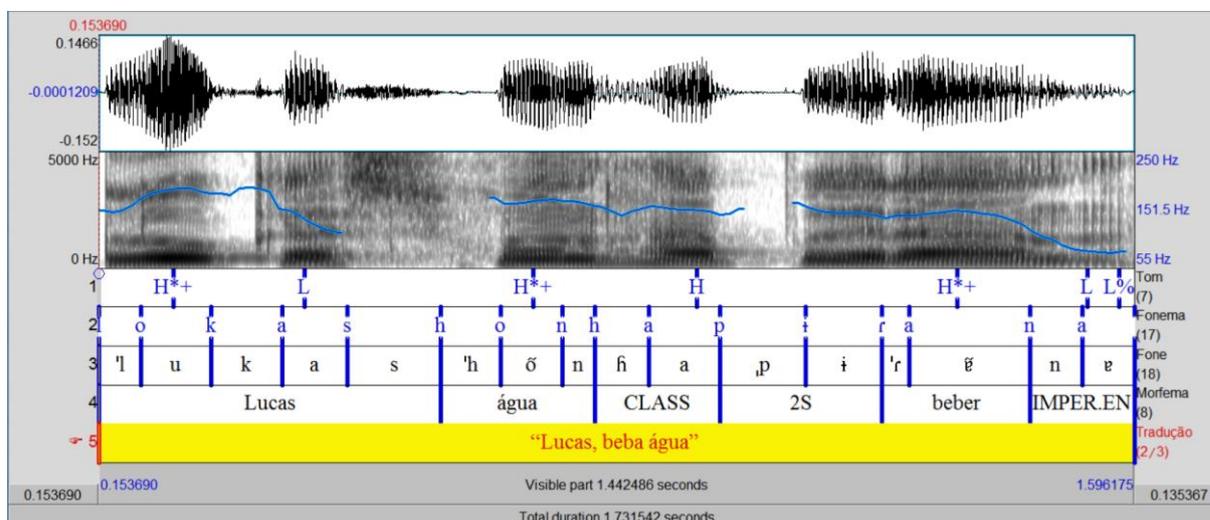


Figura 103 — Curva do contorno entoacional do enunciado *lokas honaha pirana* ‘Lucas, beba água’, na construção de ordem linear Sujeito/Vocativo-Objeto-Verbo.

(744) $[[(\mathbf{l}okas)\omega(\mathbf{f}ima)\omega(ka\mathbf{f}itana)\omega]\phi]I$
 $\begin{array}{cccc} | & | & | & | \\ H^*+L & H^*+H & H+L^* & L\% \end{array}$

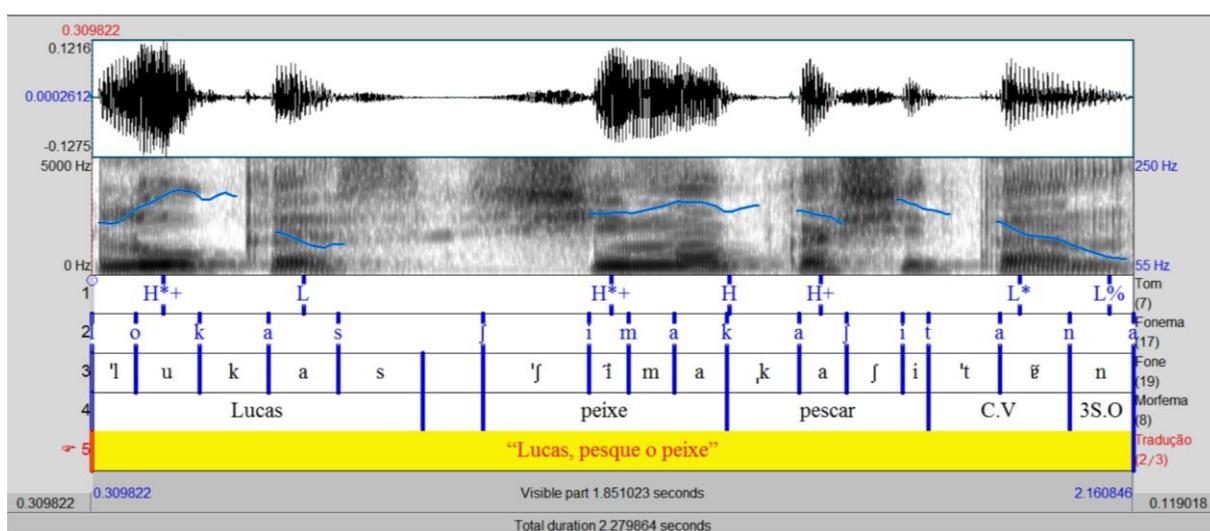


Figura 104 — Curva do contorno entoacional do enunciado *lokas fima kafitana* ‘Lucas, pesque o peixe’, na construção de ordem linear Sujeito/Vocativo-Objeto-Verbo.

(745) [[(fima)ω(pikajitana)ω(lukas)ω]φ]I
 | | | |
 L*+H H+H* H*+L L%

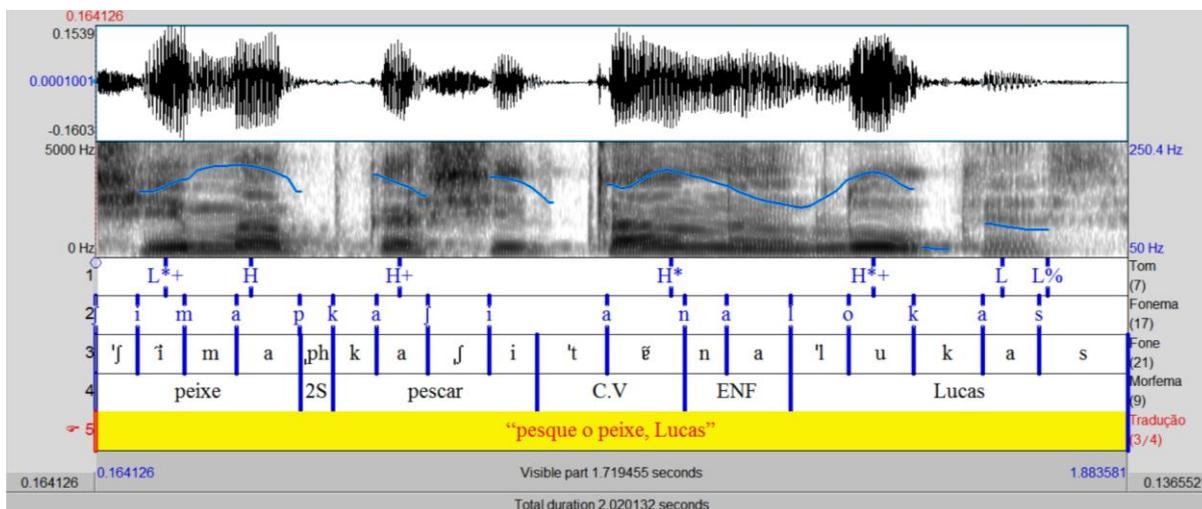


Figura 105 — Curva do contorno entoacional do enunciado *fima pikajitana lukas* ‘peixe, Lucas’, na construção de ordem linear Objeto-Sujeito pronominal-Verbo-Sujeito/Vocativo.

Como a oscilação de sequência alto-baixo (HL) e/ou baixo-alto (LH) da curva de F₀ é o que parece identificar as sentenças imperativas, em relação aos outros tipos de sentenças. A ordem das palavras e também a inserção da negação não alteram significativamente a curva entoacional nesse contexto, como ocorre nas declarativas e interrogativas (ver exemplo (740-741)).

(746) [[**(lukas)**ω(hipirana)ω(**honaha**)ω]ϕ]I
 | | | |
 H*+L H+H* H*+L L%

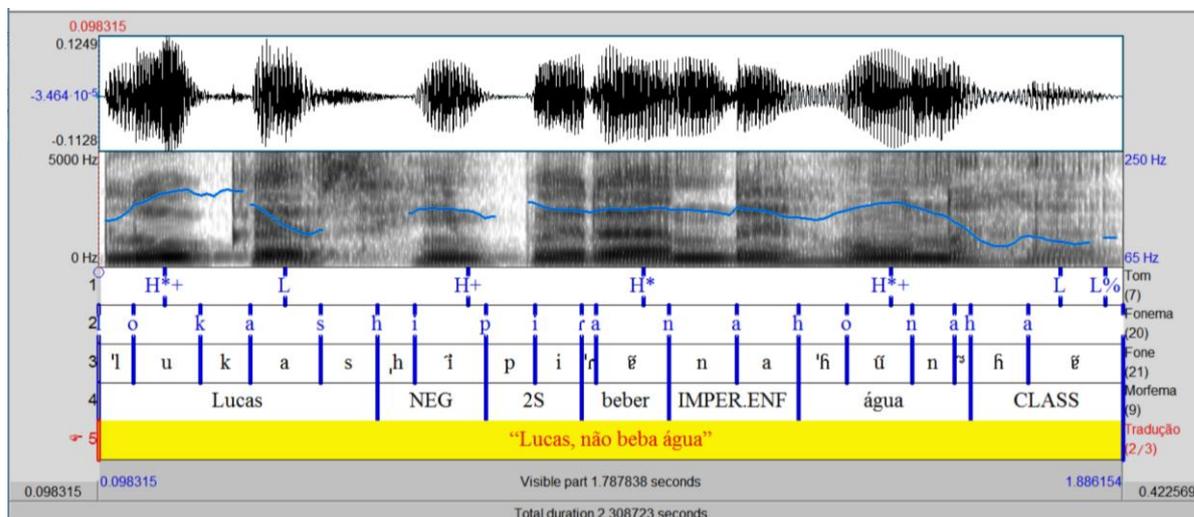


Figura 106 — Curva do contorno entoacional do enunciado *lukas hipirana honaha* ‘Lucas, não beba água’, na construção de ordem linear Sujeito/Foco-Negação-Verbo-Objeto.

O correlato acústico do acento no sintagma prosódico (I) (frase prosódica), a subida ou descida do parâmetro acústico *pitch* (Hz), parece ser o que define a posição acentual prosódica da sentença (I) na maioria dos enunciados em Manxineru. A subida desse parâmetro na penúltima sílaba ao final de cada frase fonológica (ϕ) e sua posterior queda no fim da frase fonológica (ϕ) seguinte é o que delimita a fronteira entre ambas. A descida abrupta do de F_0 marca a fronteira do enunciado da frase fonológica (ϕ) ou sentença entoacional (I).

Com base no estudo feito até aqui sobre a prosódia entoacional das sentenças do Manxineru com base a curva entoacional de F_0 , podemos ilustrar, de forma genérica e resumida, o padrão melódico do Manxineru, conforme descrito no quadro (25).

Quadro 25 — Síntese das características prosódicas e de notação fonológica da curva de F_0 das modalidades do Manxineru, considerando a (ϕ) e/ou a (I).

Características do Contorno de F_0	Notação	Modalidade: contexto de uso
 <p>Início médio/alto da curva e queda gradual de F_0 no final da (ω) ou da (ϕ), coincidindo com o tom de fronteira, que é sempre (L%). Essa é a modalidade com curva de F_0 mais linear e/ou neutra. Taxa máxima de Hz normalmente baixa (160 Hz).</p>	H+L* (L%)	Declaração. Fala normalmente menos marcada, usada frequentemente para anunciar ou explicar algo.
 <p>Início da curva de F_0 mais alto no objeto em foco (dado novo) da sentença, seguida de queda medial até o acento da (ω) com da sílaba pós-tônicas final da (ϕ), menos acentuada, que a declarativa sem elemento em foco. Fronteira final sempre (L%).</p>	H*+L (L%)	Declaração com objeto em foco/informação nova.
 <p>Pico inicial de F_0 alto, mantendo-se regular até o alinhamento com a sílaba acentuada da (ω) com queda da curva no final da (ϕ) menos acentuada que a declarativa e interrogativa não-negativas. Tom de fronteira sempre (L%).</p>	H+H* (L%)	Declaração negativa.
 <p>Início da curva de F_0 é normalmente mais alto que na declaração com sequência de descida-subida-descida alinhada à sílaba acentuada. Fronteira final sempre (L%).</p>	H+H* (L%)	Interrogativa. Perguntas polares, ou seja, aquelas que têm como resposta um sim ou um não.
 <p>Pico inicial e final de F_0 mais alto que na declaração com sequência de descida-subida-descida alinhada à sílaba acentuada da (ϕ) e (I) seguida de queda repentina na fronteira final, que é sempre baixa (L%). Assim como a imperativa, a taxa de <i>pitch</i> é mais alta que as declarativas.</p>	H+H* (L%)	Interrogativa negativa sem marcação gramatical (morfológica).
 <p>Pico de F_0 inicial, seguido de oscilações alto-médio-baixo até aumento na sílaba acentuada da (ω), seguida de queda de F_0 na sílaba final de fronteira da (ϕ). Fronteira final sempre (L%).</p>	H*+L (L%)	Imperativa. Fala que denota pedido ou ordem direta.

 <p>Pico inicial alto de F_0, seguida de oscilações de baixo-alto menos intensas que na imperativa com vocativo no final. Aumento na sílaba acentuada da (ϕ), seguida de queda de F_0 na sílaba final, porém essa queda é mais acentuada que as da outras sentenças. Fronteira final sempre (L%).</p>	H*+L (L%)	Imperativa com vocativo no início.
 <p>Início com sequência alto-baixo de F_0 com fortes oscilações até queda abrupta na sílaba final pós-tônica, juntamente com a fronteira final da (ω) e/ou (ϕ). Taxa Hz máxima mais alta que as outras modalidades. Pico 240 Hz em média. Fronteira sempre (L%).</p>	H+ H* (L%)	Imperativa com vocativo no final.
 <p>Pico inicial mais alto que nas outras modalidades (declarativa e interregativa) com alinhamento à sílaba acentuada da (ω) e/ou (ϕ), seguida de queda de F_0 na fronteira final da (I) que é sempre (L%).</p>	H+H* (L%)	Imperativa negativa.

11.9 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CAPÍTULO

Nossa análise na perspectiva métrica da entoação com base na curva de F_0 do Manxineru segue duas hipóteses principais (cf. LADD, 1996, p. 75): (i) a entoação se dá de forma contínua e gradual; (ii) a entoação se dá por combinação em degrau por combinação de *H pitch* e *L pitch*. Assim, mesmo que não tão regular em Manxineru, a segunda perspectiva se aplica melhor às modalidades do Manxineru, com a exceção de alguns exemplos das frases declarativas, pois alguns exemplos de sentenças declarativas têm o padrão entoacional mais *liner*, formando, em boa parte dos dados, um única palavra fonológica (ω), frase fonológica (ϕ) e/ou sentença entonacional (I), com tom simples (ex.: (727)). Também optamos, mesmo que seja possível analisar dois ou mais H^* ou L^* (acento) para uma mesma (I), preferencialmente, analisar apenas um acento principal para a frase (ϕ) e/ou sentença (I), uma vez que as palavras e frases em Manxineru são polissintéticas e aglutinantes, o que acarreta, normalmente, em ter apenas (na entoação da frase entoacional (I)) um acento principal. Isso também explica nossa

preferência por descrever o padrão em forma binária: L+H, H+L e todas as possibilidades de ocorrência combinatória que o tom (*pitch*) possa aparecer.

Por essa análise, postulamos que as frases entoacionais em Manxineru seguem as seguintes tendências principais no padrão entonacional, em detrimento da frase neutra, quando não se trata de foco:

(i) nas declarativas o padrão entoacional neutro, em geral, tende a ter a sequência H* (ou Strong-S) + L (ou Weak-W) (cf. LADD, 1996; SELKIRK, 1984; PIERREHUMBERT, 1980), em que há um aumento de F₀ na penúltima sílaba da palavra seguida de queda da curva de F₀ na última sílaba da margem direita da frase (I), sendo bem mais rara a sequência H + L*;

(ii) nas interrogativas, a proeminência segue quase o mesmo padrão das declarativas, porém a queda de F₀ é menor nestas sentenças e também o pico de F₀ é mais acentuado na penúltima sílaba, quando não há marca morfológica de interrogação (I);

(iii) nas declarativas negativas e interrogativas negativas, a proeminência se dá pela sequência H (na negação) + H* seguida de queda na fronteira da frase (ϕ) e/ou de (I);

(iv) nas declarativas e interrogativas negativas, nota-se que, quando há a ausência do morfema sufixal interrogativo {he}, há um aumento mais significativo no final da palavra fonológica (ω), frase fonológica (ϕ) e/ou do enunciado entoacional (I);

(v) nas sentenças imperativas a curva de F₀ é mais irregular, ou seja, há uma relação de sequência alta e baixa com melhor clareza e quantidade. Essas sentenças também se caracterizam por ter a frequência de (Hz) maior que nas outras modalidades (declarativa e interrogativa).

A nossa proposta de padrão entoacional marcado por tom H e L foi formulada, apesar de, em alguns casos, termos dificuldades de estabelecer a altura de H ou de L, (por exemplo (734 e 737) ou limite da palavra fonológica de sentença declarativas, por exemplo, uma vez que a curva é quase neutra. Talvez a solução para tal problema seja adotar um tom médio (M) como postulado por Hayes (1995), porém adotamos para a nossa análise somente os tons (H e L).

No que se refere ao acento em Manxineru, torna-se evidente, pelos exemplos gráficos, que a *pitch* e principalmente a duração exercem influência clara para a marcação e percepção do acento principal nessa língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa desenvolvida no âmbito desta tese nos permitiu não só revisar o sistema fonético e fonológico do Manxineru, como também, descrever alguns dos aspectos morfofonológicos e morfossintáticos fundamentais da língua, formulando, de forma preliminar, hipóteses sobre a forte interação entre a fonologia, a morfologia, a morfossintaxe e a estrutura prosódica Manxineru.

Assim, descrevemos para o sistema fonológico da língua Manxineru 16 fonemas consonantais e 5 vocálicos, entre os primeiros, destaca-se o /l/, tratado como alofone de /r/ em outros trabalhos sobre a variedade Manxineru em pauta. Também se destaca a nossa descrição do fonema /h/, que é tratado por outros autores como /x/ (SILVA, 2008, 2013) ou como /h̃/ (cf. MATTESON, 1965; SEBASTIÁN, 2006; HANSON, 2010). Em nossa pesquisa, foi possível, ainda, reafirmar a existência dos fonemas /ç/ e /çç/. A nossa proposta para a fonologia do Manxineru também se diferencia de outros trabalhos sobre a fonologia do complexo Yine (Piro-Manxineru), principalmente no que se refere às consoantes nasais e às aproximantes longas /m:/, /n:/, /y:(j)/ e /w:/, pois nos trabalhos de Matteson (1954, 1965) essas consoantes longas são descritas como fonemas, o que não evidenciamos em nossa pesquisa, porque a nossa hipótese não considera consoantes longas com valor distintivo.

Nosso trabalho também se diferencia de outros antecedentes, pois identificamos cinco fonemas vocálicos, sendo que Matteson (op. cit.) considera 10 fonemas, cinco são longos e cinco são breves. Além disso, a nossa descrição fonológica se diferencia da postulada por Sebastián (2006), já que ele considera as vogais /a/ e /u/ para o Piro. Segmentos essas que não encontramos nos dados do Manxineru.

Outro ponto importante de nossa pesquisa foi descrever o fenômeno de *Rhinoglottophilia* (tipo de nasalidade espontânea) (QUINTINO, 2012; RODRIGUES, 2003), que ocorre na realização da fricativa glotal /h/, o que provoca a propagação da nasalidade para a vogal imediatamente à sua direita, o que a diferencia da propagação engatilhada pelas nasais /m/ e /n/, pois estas propagam nasalidade para as vogais imediatamente à esquerda.

Ainda sobre a fonologia, verificamos que os empréstimos do português sofrem adaptações fonológicas quando integram o sistema da língua Manxineru. Muitos desses empréstimos nos permitiram refutar algumas hipóteses e confirmar outras. Nesse sentido, verificamos que não há consoantes fonológicas oclusivas sonoras /d/ e /b/ ou a fricativa surda /f/ e sonora /v/, uma vez que essas sofrem adaptações fonológicas, mudando respectivamente para /t/ e /p/, que integram o sistema fonológico nativo, como em *tiejro* de ‘dinheiro’ e *poj* de

‘boi’ e as duas últimas mudam para /w/, como em *warja* de ‘farinha’ e *waka* de ‘vaca’. Os empréstimos também nos permitiram reafirmar que o padrão CV é o preferencial na língua, pois palavras como ‘cedro’, que, na inserção no léxico do Manxineru, recebe uma vogal, se realiza como *setero*. As palavras *hiskola* ‘escola’ e *hiskejro* ‘isqueiro’ evidenciam a realização de sílaba de padrão CVC. O estudo sobre empréstimos nos possibilitou também confirmar o padrão acentual das palavras, que tende a ser sempre na penúltima sílaba.

Nossa pesquisa sobre o padrão acentual do Manxineru nos possibilitou verificar que o acento principal da palavra é proeminente na penúltima sílaba, mas, caso isso não ocorra, o sistema de licenciamento métrico (cf. HAYES, 1981, 1995; LIN, 1997) permite interpretar a sílaba da margem final da palavra como extrassilábica. Além disso, o estudo da fonologia métrica do Manxineru nos permitiu verificar o alto grau de ressilabificação que ocorre no sistema para que a língua siga o padrão rítmico inerente à língua (cf. também afirma LIN, 1997).

Com base no estudo da fonologia métrica do Manxineru, foi possível, ainda, formular a hipótese de padrão fonológico canônico de molde C(C)V(C). Propomos também que o pé métrico da língua Manxineru é o troqueu silábico, mesmo que de forma não coerente, pois ressaltamos e demonstramos a intensa interação do peso silábico para a formação do pé e atribuição de acento, argumentando que a mora tem forte influência na construção rítmica do Manxineru.

A característica aglutinante e polissintética do Manxineru faz com que haja frequentemente concatenação morfofonológica e morfossintática, o que promove a realização de vários fenômenos fonológicos e morfológicos.

Para a nossa pesquisa, foi essencial o auxílio técnico e metodológico da fonética acústica experimental, juntamente com a análise gráfica e estatística, pois nos permitiram verificar os correlatos acústicos do acento e da entoação (duração, *pitch* e intensidade), além de verificar realizações físicas que só ficaram evidentes aos lançarmos mão da fonética acústica (cf. LADEFOGED, 1975, 2003; KENT; READ, 2015; BARBOSA; MADUREIRA, 2015), considerando que a fonética experimental permite verificar, com maior riqueza de detalhes, os fenômenos que ocorrem nas línguas do mundo. Nessa perspectiva, demonstramos, com análise e ilustração gráfica, que a duração exerce forte influência para a definição do acento em Manxineru, sendo esse o correlato acústico mais importante para o acento.

Dessa maneira, com auxílio da fonética acústica, pudemos, de forma preliminar, na perspectiva métrica da entoação em F₀ do Manxineru, e à luz da Teoria Fonológica Métrica (cf. LADD, 1996; SELKIRK, 1978, 1984, 1995) propor a hipótese sobre o padrão entoacional do

Manxineru. Também decidimos sobre a entoação, mesmo sendo possível analisar dois ou mais H* ou L* (acento) para uma mesma sentença entoacional (I), analisar apenas um acento principal para a frase (ϕ) e/ou (I), uma vez que as palavras e frases em Manxineru são polissintéticas e aglutinantes, o que permite que haja, normalmente, apenas (na entoação da sentença (I)) um acento principal.

Por essa análise, verificamos que as frases entoacionais em Manxineru seguem os seguintes padrões: (i) nas declarativas o padrão entoacional, em geral, tende a ter a sequência H* + L (cf. LADD, 1996; SELKIRK, 1984), em que há um aumento de F₀ na penúltima sílaba da palavra seguida de queda na última sílaba da margem direita da sentença (I), sendo bem mais rara a sequência H + L*; (ii) nas interrogativas, a proeminência segue quase o mesmo padrão das declarativas, porém a queda de F₀ é menor nestas sentenças e também o pico de F₀ é mais acentuado na penúltima sílaba, quando não há marca morfológica de interrogação na frase fonológica (ϕ) e/ou na sentença entoacional (I); (iii) nas declarativas negativas e interrogativas negativas, a proeminência se dá pela sequência H (na negação) + H* seguida de queda na fronteira da frase fonológica (ϕ) e/ou da sentença entoacional (I); (iv) nas declarativas e interrogativas negativas, nota-se que, quando há a ausência da partícula interrogativa {he}, há um aumento mais significativo no final da palavra fonológica (ω), frase fonológica (ϕ) e/ou do enunciado fonológico (I); (v) nas sentenças imperativas, a curva de F₀ é mais irregular, ou seja, há uma relação de sequência alta e baixa com maior clareza e quantidade. Essas sentenças também se caracterizam por ter a taxa de Hz maior que nas outras modalidades de sentenças (declarativa e/ou interrogativa).

Por fim, reafirmamos, nesta tese, que em Manxineru há relação intrínseca da fonologia com a morfologia, com a sintaxe e com o ritmo. Essa estreita conexão provoca mudanças fonéticas, fonológicas e morfofonológicas bastante produtivas na língua Manxineru. Nessa perspectiva, as concatenações morfológicas, juntamente com a reorganização rítmica provocam, como evidenciamos na nossa pesquisa, redução e apagamento vocálico, criação de *clusters*, apagamento consonantal, assimilação, ressilabificação, deslocamento do acento, alongamento compensatório de consoante e de vogal, dessoantização de /l/ e /r/, vocalização entre outros fenômenos característicos da língua.

Para a estrutura das palavras do Manxineru, destaca-se a divisão característica da língua, em que há nomes relativos e nomes absolutos. Foi importante também verificar que a atribuição de gênero nos nomes tem forte motivação nos aspectos socioculturais do povo.

Sobre a estrutura dos predicados, verificamos que o alinhamento do Manxineru é ativo-estativo e que os verbos se dividem em transitivos e intransitivos. Outro ponto importante dos predicados do Manxineru é a noção de aspecto progressivo, perfectivo e imperfectivo, que são marcados na língua por morfemas sufixais. Algo que é comum às línguas da família Aruák. Outro ponto importante é a ausência gramatical de marca de tempo, pois, em Manxineru, essa noção é feita lexicalmente de forma analítica.

Para realização desta tese, foi de extrema importância, entre outros, o apoio teórico fundamentado em Pike (1943,1947), Jakobson (1952); Trubetzkoy ([1939] 1976)), Chomsky e Halle (1968), Clements e Hume (1995), Halle e Vergnaud (1987), Nespor e Vogel (1986), Bisol (2010) e Hayes (1995, 1981, 1991), nas análises e discussões de naturezas fonológicas e morfofonológicas. Para as considerações sintáticas e morfossintáticas, nos apoiamos em Conseriu (1972), Dixon (1979, 1995) e Comrie (1976, 1985). Acerca de questões tipológicas, seguimos principalmente Aikhenvald (1999a, 1999b), Rodrigues (1953, 2002, 2003), Aikhenvald e Dixon (1999) e Ramirez (2001). Pierrehumbert (1980), Ladd (1996) e Nespor e Vogel (1995) foram importantes na análise preliminar da entoação. Para uma primeira abordagem da prosódia, utilizamos o Modelo da Teoria Métrica de Hayes (1981, 1995) e seus seguidores Selkirk (1978, 1984, 1995) e Ladd (1996), considerando, ainda, o que dizem Matteson (1965) e Lin (1997) sobre a fonologia e a prosódia do Yine. Quanto à fonética acústica experimental, consideramos, principalmente, os princípios teóricos de Ladefoged (1975, 1995, 2001), Ladefoged e Maddieson (1996), Kent e Read (2015), Stevens (1998), Barbosa e Madureira (2015).

Cabe salientar que não foi possível exaurir todos os fenômenos linguísticos da língua, algo que pretendemos aprofundar em futuras pesquisas, contudo foi importante percebermos um grande número de processos, que, em muitos casos, só foram possíveis de serem evidenciados por meio da fonética acústica experimental.

Esta tese contribui, assim, para conhecimento mais aprofundado dessa língua da família Aruák e para enriquecer o conhecimento linguístico das línguas da Amazônia brasileira. O estudo preliminar da prosódia e da fonética acústica, assim como de aspectos morfofonológicos e morfossintáticos do Manxineru, aqui apresentado, é um passo importante para que se possa elaborar uma gramática mais completa dessa variedade do Yine, com o que pretendo contribuir doravante.

REFERÊNCIAS

AIKHENVALD, Alexandra Y. *The Arawak language family of The Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press. 1999b, p. 65–106.

_____. Evidentiality in grammar. In: BROWN, Keith (Ed.). *Encyclopedia of Language and Linguistics*. pp. 320-5, Volume 4, 2 edition. Elsevier: Oxford, 2006.

_____. DIXON, R. M. W. (Org.). *The Amazon languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999a, p. 107 – 124.

ARANTES, Pablo; BARBOSA, P. A. Secondary stress in Brazilian Portuguese: the interplay between production and perception studies. In: *Speech Prosody 2006*, 2006, Dresden, Alemanha. Proceedings of the Speech Prosody 2006 Conference. Dresden, Alemanha: Technische Universität Dresden Press, 2006. p. 73-76.

BARBOSA, Plínio Almeida. Revelar a estrutura rítmica de uma língua construindo máquinas falantes: pela integração de ciência e tecnologia de fala. In: *Estudo de Prosódia*. SCARPA, Ester M. (org). Campinas: UNICAMP, 1999. p. 21–43.

_____; MADUREIRA, Sandra. *Manual de fonética acústica experimental: aplicações a dados do português*. São Paulo: Cortez, 2015.

BISOL, Leda (org.). *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 5. ed. Porto Alegre: ediPUCRS, 2010.

BLAKE, Barry J. *Case*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. 229 pp.

BRANDÃO, Ana Paula Barros. *Verb morphology in Paresi-Haliti (Arawak)*. Texas: The University of Texas, 2010.

CABRAL, A. S. A. C.; MANXINERY, L. A.; COUTO, F. P. ; MANCHINERI, M. S. Bases culturais para atribuição de gênero em Manxineru. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 7, p. 321-341, 2015.

CAMPBELL, Lyle. Typological characteristics of South American indigenous languages. In: *The indigenous languages of South America: a comprehensive guide*. Berlin/Boston: Radboud University Nijmegen, 2012.

_____; GRANDONA, Verónica. *The indigenous languages of South America: a comprehensive guide*. Berlin/Boston: Radboud University Nijmegen, 2012.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. *The Sound Pattern Of English*. Evanston, and London: Harper & Row, 1968.

CLARK, Eve V. Morphology and Language Acquisition. In: *The Handbook of Morphology*. SPENCER, Andrew; ZWICKY, Arnold (org.). Stanford University and Ohio State University, 2007. p. 259-328.

CLEMENTS, G. N.; HUME, Elizabeth V. *The Internal Organization of Speech Sounds*. 1995. _In: GOLDSMITH, John A. *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Massachusetts: Blackwell, 1995.

COIMBRA, Rosa Lúcia; TEIXEIRA, António Joaquim; PEREIRA, Mário Martins; MOUTINHO, Lurdes de Castro – ‘Relação Acento Prosódia no Corpus AMPER-POR’. In: GONZÁLEZ GONZÁLEZ, Manuel; FERNÁNDEZ REI, Elisa; GONZÁLEZ REI, Begoña (coords), *III Congreso Internacional de Fonética Experimental*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2007, p. 195-203.

COMRIE, Bernad. *The World's Major Languages*. 2. ed. USA: Routledge, 2009.

_____. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

_____. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

_____. *Language universals and linguistic typology: syntax and morphology*. 2. ed. Chicago: University of Chicago, 1981.

_____. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Tokyo: Mugishobo, 1976.

_____. 1978. Ergativity. In: *Syntactic typology*, ed. by Winfred P. Lehmann. Austin: University of Texas Press, 1978.

_____; THOMPSON, Sandra A. Lexical nominalization. In: SHOPEN, T. (ed.). *Language typology and syntactic description*. Cambridge University Press: Cambridge, 1985. p. 349-398. v. 3.

CORREIA, Cloude de Souza; COSTA, Eliza Mara Lozano; VIVAN, Jorge Luiz. *Etnozoneamento da Terra Indígena Mamoadate: relatório final*. Rio Branco, SEMA, 2005.

COSERIU, E. Sobre las categorías verbales (partes de la oración). *Revista de Lingüística Aplicada*. Concepción, 1972. p.7-25.

COUTO, Fabio Pereira. *Considerações Preliminares sobre os processos de vozeamento, nasalidade e dessoantização em Manxineru (Aruák)*. In: *Linguística*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014, p. 135-148.

_____. *Contribuições para a Fonética e fonológica da língua Manxineru (Aruák)*. [Dissertação de Mestrado]. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

CRYSTAL, David. *Dicionário de linguística e fonética*. Trad. de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1988.

DIXON, R. M. W. *Ergativity Language*. n. 55, p. 59-138, 1979.

_____. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1995.

_____. *Where have all the adjectives gone? - and other essays in semantics and syntax*. Mouton Publishers: Berlin, New York, Amsterdam, 1981.

DUBOIS, Jean et. ali. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cutrix, 2006.

FACUNDES, Sidney da Silva. *The language of the Apurinã people of Brazil (Maipure/Arawak)*. New York: University of New York at Buffalo, 2000. [Tese de Doutorado]. 693 p.

FOLEY, William A.; VAN VALIN JR., Robert D. *Functional Syntax and Universal Grammar*. New York: Cambridge University Press, 1984.

FOX, Anthony. *Prosodic features and prosodic structure: the phonology of suprasegmentals*. Oxford: Oxford press, 2000.

FUNAI (Fundação Nacional do Índio). *Jaminaua e Machineri do Alto Rio Iaco*. Brasília: Núcleo de História Indígena e do Indigenismo, Fundação Nacional do Índio, Ministério do Interior, 1977.

GOLDSMITH, John A. Phonological Theory. _In: GOLDSMITH, John A. *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Massachusetts: Blackwell, 1995.

GONÇALVES, M. A. *Acre: história e etnologia*. Rio de Janeiro: Núcleo de Etnologia Indígena, UFRJ, 1991.

HALLE, Morris; VERGNAUD, J. R. *An essay on stress*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1987.

HANSON, M. A Rebecca. *A Grammar of Yine(Piro)*. Bundoora, Victoria, Australia: 2010. [Tese de Doutorado]. pp. 382.

HYMES, D. The Ethnography of Speaking. In_: Gladwin, T. & Sturtevant, W.C. (eds), *Anthropology and Human Behavior*, The Anthropology Society of Washington, (Washington), 1962, p. 13-53.

HAYES, Bruce. *A Metrical Stress Theory os Stress Rules*. Tese (Doutorado, PhD). Cambridge, Mass: MIT, 1981.

_____. *Metrical Stress Theory*. Chicago: The University of Chicago, 1995.

_____. *Metrical Stress Theory: principles and case studies*. Los Angeles, University of California, 1991.

_____. Inalterability in CV phonology. *Language*. Baltimore, MD, v. 62, n. 2, p. 321-352, 1986.

_____. *Compensatory lengthening in moraic phonology*. LI 20, 1989, p. 253-306.

HASPELMATH, Martin. *Understanding Morphology*. New York: Oxford University Press, 2002.

HAVERROTH, M. *Relatório da Viagem à Terra Indígena Mamoadate*. Rio Branco: Comissão Pró-Índio. Programa de Saúde Sujo, Limpo e Contaminado. Capacitação de Agentes de Saúde em Higiene e saneamento Ambiental e Assistência Primária de Saúde, 1999.

HOCK, Hans Henrich. *Principles of Historical Linguistics*. 2. ed. Berlin; New York, Mouton de Gruyter, 1991.

_____. *Compensatory lengthening*: In defense of the concept Mora. *Folia Linguistica* 20, 1986.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). *Censo Demográfico de 2010: Características Gerais dos Indígenas - Resultados do Universo*. Rio de Janeiro, 2010.

ITÔ, Junko. *Syllable theory in Prosodic Phonology*. Tese (Doutorado, PhD). University of Massachusetts, 1986.

JAKOBSON, Roman; HALLE, Fant. *Fundamentals of Language*. Mouton: The Hague, 1956.

_____. Para a estrutura do fonema. In R. Jakobson. *Fonema e Fonologia*. [Trad. e notas de J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro]. Copenhagen: 1939 [1972a] Livr. Acadêmica, pp.15-52 (conferência em Copenhagen 1939).

JESPERSEN, Otto. *The philosophy of grammar*. London: G Allen & Unwin, 1924.

KAGER, René. *The Metrical Theory of Word Stress*. 1995. In: *The Handbook of Phonological Theory*. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1995.

KENT, Ray D.; READ, Charles. *Análise Acústica da Fala*. Alexsandro Meireles (trad.). São Paulo: Cortez, 2015.

KIEFER, Ferenc. Morphology and Pragmatics. In: *The Handbook of Morphology*. SPENCER, Andrew; ZWICKY, Arnold (org.). Stanford University and Ohio State University, 2007.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change*. Volume 1: Internal factors. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

LADD, D. Robert. *Intonational Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

LADEFOGED, Peter. *On dividing phonetics and phonology*: comments on the papers by Clements and by Browman and Goldstein. In J.Kingston & M.E.Beckman (eds). *Papers in Laboratory Phonology I. Between the grammar and physics of speech*. Cambridge/UK: Cambridge University Press, 1990b, p. 398-405.

_____. *Vowels and Consonants: an Introduction to the Sounds of Languages*. Malden/MA, USA: Blackwell Publishing, 2001.

_____. *A Course in Phonetics*. California, Los Angeles: Harcourt Jovanovich, Inc. 1975.

_____. *Phonetic Data Analysis: An Introduction to Fieldwork and Instrumental Techniques*. Malden/MA, USA: Blackwell Publishing, 2003.

_____; Peter e MADDIESON, Ian. *The Sounds of the World's Languages*. Massachusetts-USA: Cambridge, 1996.

LEWIS, M. Paul. *Ethnologue: Languages of the World*. Dallas, TX: SIL International, ed. 2009. Disponível em: <URL <http://www.ethnologue.com>>. Acesso em: 19 de abr. de 2016.

LIBERMAN, Mark; PRINCE, Alan. *On stress and linguistic rhythm*. Linguistic Inquiry, Cambridge, Mass., v.8, n.2, p.249-336, 1977.

_____. *The intonational system of English*. Tese de doutorado, MIT, Distribuído por IULC. 1975.

LIN, Yen-Hwei. Syllabic and Moraic Structures in Piro. In: *Phonology*, Vol. 14, n. 3 (1997), pp. 403-436.

LUCENTE, L. DaTo: Um sistema de notação entoacional do português brasileiro baseado em princípios dinâmicos. *Ênfase no foco e na fala espontânea*. Dissertação de Mestrado. Unicamp, 2008.

_____; BARBOSA, P. A. The role of alignment and height in the perception of LH contours. *Proceedings of Fifth Conference on Speech Prosody*. Chicago, 2010.

_____; BARBOSA, P. A. Estudo-Piloto de uma notação entoacional para o português brasileiro: ToBI or not ToBI? In: *Anais do 6º encontro CELSUL - Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*. Florianópolis: UFSC, 2004. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/06/Coordenadas/27.pdf>>. Acesso em 30 de maio de 2016.

MADUREIRA, Sandra. Entonação e síntese de fala: modelos e parâmetros. In_ *Estudo de Prosódia*. SCARPA, Ester M. (org). Campinas: UNICAMP, 1999. p. 56–63.

MATTESON, Esther. *Piro myths*. 4. Berkeley: Kroeber Anthropological Society Papers. 1951.

_____. *Piro phonemes and morphology*. 11. Berkeley: Kroeber Anthropological Society Papers, 1954.

_____. *Analyzed Piro text: a boy and a jaguar*. 12. Kroeber Anthropological Society Papers, 1955.

_____. *The Piro (Arawakan) language*. California, USA: University of California, 1965.

MORAES, João Antônio de. Um algoritmo para a correção/simulação da duração dos segmentos vocálicos em português. In_ *Estudos de Prosódia* (SCARPA, Ester M. Org.), Campinas, SP: Unicamp, 1999.

MOUTINHO, Lurdes de Castro; COIMBRA, Rosa Lidia. Variação entoacional no português europeu no âmbito do AMPER-Por. In: *Revista Intercâmbio*, v. XXII, p. 95-105, 2010. São Paulo: LAEL/PUC.

_____; COIMBRA, Rosa Lúcia; REI, Fernández Elisa. Novos contributos para o estudo da fronteira prosódica entre o galego e o português europeu. In: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa*, n. 39, p. 67-78, 2009.

NAVAS, Eva & HERNÁEZ, Inmaculada. In: *IEEE Transactions on Multimedia*, vol. 12, nº. 6, October, 2010, Feature Analysis and Evaluation for Automatic Emotion Identification in Speech Iker Luengo, University of the Basque Country Alda. Urquijo s/n 48013 Bilbao Spain, pp. 490-501.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

OHALA, John J. Experimental Phonology. In: *Berkeley Linguistic Society*, California, University of California, 1987, p. 207-222.

_____. Consumer's guide to evidence in phonology. In: *Phonology Yearbook 3*, University of California, 1986, p. 03-26.

PALMER, F. R. *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PARKER, Stephen. *Datos de la lengua Iñapari*. Lima/Peru: Instituto Lingüístico de Verano, 2008.

PAYNE, David L. Classification of Maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical retentions. In: derbyshire, D. C.; pullum, G. K. (Eds.). *Handbook of Amazonian languages*. v. 3, PIERREHUMBERT, J. *The Phonology 1991*, p. 355-499 and *Phonetics of English Intonation*. Ph. D thesis, MIT, 1980.

PIERREHUMBERT, J. *The phonology and phonetics of English intonation*. Doctoral dissertation. Massachusetts Institute of technology, 1980.

PIKE, Kenneth. *Phonetics a Critical Account of Phonetic Theory and a Technique for the Pratical Description of Sounds*. Ann Arbor. The University of Michigan Press, 1943.

_____. *Phonemics a Technique for Reducing to Writing*. Ann Arbor. The Universite or Michigan Press, 1947.

QUINTINO, Wellington Pedrosa. *Aspectos da fonologia Xavante e questões relacionadas: rinoglotofilia e nasalidade*. [Tese de Doutorado]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

RAMIREZ, Henri. *Línguas Arawak da Amazônia Setentrional: comparação e descrição*. Manaus, Universidade do Amazonas, 2001.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *Morfemas do Verbo Tupi*. Curitiba: Separata de ‘Letras’, 1953.

_____. *Relações Internas na Família Linguística Tupi-Guarani*. São Paulo: Revista de Antropologia, 1984/1985.

_____. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *Silêncio, nasalidade e laringalidade em línguas indígenas brasileiras*. Letras de Hoje, v. 38, n. 4. Porto Alegre, 2003. p. 11–24.

_____; CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara (Orgs.). *Novos Estudos Sobre Línguas Indígenas*. Brasília: UnB, 2005.

SANTOS, I. M. *Terras Indígenas: Mamoadate, cabeceira do rio Acre e Caeté*. Revisão do componente indígena do EIA-RIMA BR-317. (Brasília – Assis Brasil). Rio Branco, 2001.

_____. MANXINERU, S., MANXINERU, R. *Relatório de viagem à terra indígena Mamoadate*. Rio Branco: 1991.

SEBASTIÁN, Rittma Urquía. *Yine: Ilustraciones fonéticas de lenguas ameríndias*. In: MARLETT, Stephen A. Lima: SIL International y Universidad, 2006.

SELKIRK, Elisabeth. On prosodic structure and its relation to syntactic structure. In : T. Fretheim (ed.), *Nordic prosody*, vol. 2. Trondheim: TAPIR, 1978, p. 111–140.

_____. On the major class features and syllable theory. In M. Aronoff and R. T. Oehrle (eds.), *Language Sound Structures*. Cambridge, MA : MIT Press, 1984a, p. 107–136.

_____. *Phonology and Syntax: the relation between sound and structure*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1984b.

_____. *Sentence Prosody : Intonation, Stress, and Phrasing*. In: GOLDSMITH, John A. The Handbook of Phonological Theory. Cambridge, Massachusetts: Blackwell, 1995. pp. 550–569.

SILVA, Edineide dos Santos. *Fonética e análise fonológica preliminar da língua MANXINÉRI*. [Dissertação de Mestrado]. Brasília: Universidade de Brasília, 2008. p. 32.

_____. *Aspectos gramaticais da língua indígena Manxinéri (Aruák)*. Brasília: Universidade de Brasília, 2013. [Tese de Doutorado]. p. 128.

SILVA, Glauber Romlin da. (2013). *Morfossintaxe da Língua Paresi-Haliti (Arawak)*. 2013. 603 p. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística). Rio de Janeiro: UFRJ.

_____. *Fonologia da Língua Paresi-Haliti (Arawak)*. Rio de Janeiro: UFRJ/ FL, 2009 [Dissertação de Mestrado]. p. 319.

STEVENS, Kenneth N. *Acoustic Phonetics*. Massachusetts, USA: Massachusetts Institute of Technology, 1998.

TENANI, Luciani Ester; FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani. Prosodic phrasing and intonation in neutral and subject-narrow-focus sentences of Brazilian Portuguese. In: *Proceedings of Fourth Conference on Speech Prosody 2008*. 2008. p. 445-448.

TESNIÈRE, Lucien. *Éléments de syntaxe Structurale*. Paris: Éditions Klincksieck, 1969.

TIMBERLAKE, Alan. 2007. Tense, aspect and mood. In: Shopen, Timothy (ed.). *Language Typology and Syntactic Description*, 2 ed. v., Cambridge: CUP, 2007.

TRUBETZKOY, N. S. *Principles of Phonology*. (Translated by Christiane A. M. Baltaxe). Los Angeles: University of California Press, 1969.

WHALEY, L. *Introduction to typology: the unity and diversity of language*. Newbury Park: Sage Publications, Inc, 1997.

VAN VALIN JR., Robert D. *An introduction to Syntax*. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2004.

ANEXO I — ALFABETO FONÉTICO INTERNACIONAL

THE INTERNATIONAL PHONETIC ALPHABET (2005)

CONSONANTS (PULMONIC)

	Bilabial	Labio-dental	Dental	Alveolar	Post-alveolar	Retroflex	Palatal	Velar	Uvular	Pharyngeal	Epi-glottal	Glottal
Nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ	ŋ	ɴ			
Plosive	p b	ɸ β		t d		ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ	ʔ̚
Fricative	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	ħ̥ ʕ̥	h ɦ
Approximant		ʋ		ɹ		ɻ	j	ɰ				
Trill	ʙ			r					ʀ		ʀ̥	
Tap, Flap		ⱱ		ɾ		ɽ						
Lateral fricative				ɬ ɮ		ɮ̥	ç̥	ɣ̥				
Lateral approximant				l		ɭ	ʎ	ʟ				
Lateral flap				ɭ		ɮ̥						

Where symbols appear in pairs, the one to the right represents a modally voiced consonant, except for murmured *f*. Shaded areas denote articulations judged to be impossible. Light grey letters are unofficial extensions of the IPA.

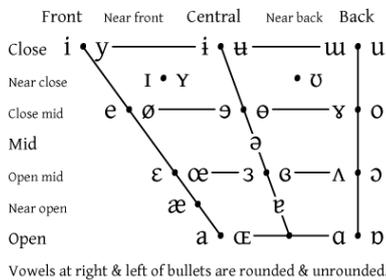
CONSONANTS (NON-PULMONIC)

Anterior click releases (require posterior stops)	Voiced implosives	Ejectives
⊙ Bilabial fricated	ɓ Bilabial	ʼ <i>Examples:</i>
ɮ Laminar alveolar fricated ("dental")	ɗ Dental or alveolar	ɸ' Bilabial
ɰ Apical (post)alveolar abrupt ("retroflex")	ɟ Palatal	t' Dental or alveolar
ɱ Laminar postalveolar abrupt ("palatal")	ɠ Velar	k' Velar
ɮ Lateral alveolar fricated ("lateral")	ʄ Uvular	s' Alveolar fricative

CONSONANTS (CO-ARTICULATED)

- M Voiceless labialized velar approximant
- W Voiced labialized velar approximant
- ɥ Voiced labialized palatal approximant
- ɕ Voiceless palatalized postalveolar (alveolo-palatal) fricative
- ʑ Voiced palatalized postalveolar (alveolo-palatal) fricative
- ɧ Simultaneous x and ʃ (disputed)
- kp̚ ts̚ Affricates and double articulations may be joined by a tie bar

VOWELS



SUPRASEGMENTALS

- ˈ Primary stress ˌ Extra stress Level tones Contour-tone examples:
- ˈ Secondary stress [ˌfoʊnəˈtʃən]
- eː Long eˑ Half-long ẽ ˩ Top ẽ ˩ Rising
- e Short ẽ Extra-short é ˩ High é ˩ Falling
- Syllable break ˌ Linking (no break) ē ˩ Mid ē ˩ High rising
- INTONATION ˊ Low ˊ Low rising
- ˊ Minor (foot) break ˊ Bottom ˊ High falling
- ˊ Major (intonation) break Tone terracing ˊ Low falling
- ˊ Global rise ˊ Global fall ˊ Upstep ˊ Peaking
- ˊ Downstep ˊ Dipping

DIACRITICS

Diacritics may be placed above a symbol with a descender, as ɲ̥. Other IPA symbols may appear as diacritics to represent phonetic detail: ɾ̥ (fricative release), b̥ (breathy voice), ʔ̥ (glottal onset), ʔ̥ (epenthetic schwa), ɔ̥ (diphthongization).

SYLLABICITY & RELEASES	PHONATION	PRIMARY ARTICULATION	SECONDARY ARTICULATION
ɲ̥ ɳ̥	Syllabic ɲ̥ ɳ̥	Voiceless or Slack voice ʈ̥ ɖ̥	Dental t̥ ɖ̥
ɸ̥ ɸ̥	Non-syllabic ɸ̥ ɸ̥	Modal voice or Stiff voice ʈ̥ ɖ̥	Apical t̥ ɖ̥
t̥ h̥ t̥	(Pre)aspirated ɲ̥ ɳ̥	Breathy voice ʈ̥ ɖ̥	Laminar t̥ ɖ̥
d̥ n̥	Nasal release ɲ̥ ɳ̥	Creaky voice ʈ̥ ɖ̥	Advanced t̥ ɖ̥
d̥ l̥	Lateral release ɲ̥ ɳ̥	Strident ʈ̥ ɖ̥	Retracted ʈ̥ ɖ̥
t̥ ʔ̥	No audible release ɲ̥ ɳ̥	Linguolabial ʈ̥ ɖ̥	Centralized ʈ̥ ɖ̥
ɸ̥ β̥	Lowered (β̥ is a bilabial approximant)	Raised (ɹ̥ is a voiced alveolar non-sibilant fricative)	

ANEXO II — A ORTOGRAFIA YINE: PIRO-MANXINERU

A ortografia padrão atual para o Manxineru (variedade falada no Brasil) se diferencia em alguns pontos da ortografia da variedade Piro (falada no Peru) somente nas consoantes, não havendo divergência no que se refere à ortografia das vogais. As consoantes diferem apenas na representação das consoantes africadas alveolares e alveopalatais. O sistema utilizado nesta gramática difere ligeiramente de ambos, como seguimos uma ampla transcrição com base no IPA, em vez de uma convenção ortográfica na apresentação dos exemplos. Uma comparação dos três sistemas é apresentada na tabela (5). Sendo que esta tabela foi organizada de acordo com a ordem alfabética convencional.

Segundo os Manxineru, a diferença ortográfica entre as duas variedades já foi maior, mas atualmente eles estão se organizando para que tanto Piro quanto Manxineru possuam um só padrão ortográfico, apesar da interferência da língua espanhola na língua Piro e da língua portuguesa influenciar a variedade Manxineru.

Representamos na tabela (6), a título de comparação, o alfabeto das variedades Piro e Manxineru e a respectiva correspondência no alfabeto fonético internacional.

Tabela 6 — Comparando a ortografia Yine: Piro-Manxineru

Alfabeto Piro	Alfabeto Manxineru	IPA
A	A	a
B	B	b
C	C	k
E	E	e
G	H	h
I	I	i
Ç	J	ç
K	K	k
L	L	l
M	M	m
N	N	n
O	O	o
P	P	p
R	R	r/r
S	S	s
T	T	t
U	U	ï
W	W	w
Y	Y	j
Ch	X	tʃ
Ts	Tsh	ts
Sh	Sh	ʃ

A configuração do quadro acima é importante, uma vez que podemos visualizar que, apesar das diferenças de registro ortográfico, foneticamente os sons das duas variedades se correspondem.

ANEXO III — FOTO DO LOCAL DE GRAVAÇÃO DE ÁUDIO COM O COLABORADOR MANXINERU NO ESTÚDIO DA UNB

Imagem 03 — Foto minha com o colaborador indígena Manxineru, Lucas Artur Brasil Manchineri, no estúdio da faculdade de Comunicação da UnB, fazendo gravação para construção de dados para análise acústica experimental.



Fonte: Fábio Pereira Couto

ANEXO IV — FOTO DE PROFESSORES INDÍGENAS MANXINERU

Imagem 04 — Foto dos participantes da oficina pedagógica realizada pelos próprios professores Manxineru na T.I. Mamoadate.



Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri

Imagem 05 — Foto dos participantes da oficina pedagógica realizada pelos próprios professores Manxineru na T.I. Mamoadate.



Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri

**ANEXO V — FOTO DA ALDEIA EXTREMA: LOCAL DE PESQUISA DE CAMPO
COM FAMÍLIA DO LUCAS ARTUR BRASIL MANCHINERI**

Imagem 06 — Foto panorâmica da aldeia Extrema, na T.I. Mamoodate, onde vivem o colaborador Artur Brasil Manchineri e sua família.



Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri

ANEXO VI — FOTO DA FAMÍLIA DO LUCAS ARTUR BRASIL MANCHINERI:

Imagem 07 — Foto do colaborador Artur Brasil Manxineri (falante nativo da língua Yine, variedade Manxineru, falada no Brasil) com sua família: filhas e esposa.



Fonte: Lucas Artur Brasil Manxineri